DESAFIANDO O RIO-MAR

NAVEGANDO O TAPAJÓS II

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra, 6ª fase do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar - Navegando o Tapajós II*", presta um justo tributo ao patrono dos engenheiros militares brasileiros

Os leitores, certamente, ao conhecerem a vida e a obra do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, entenderão a homenagem que a ele presto humilde e respeitosamente nesta obra.

A conduta irrepreensível de Ricardo Franco como cidadão e soldado foi muito bem caracterizada pelo Capitão-General, João Carlos de Oyenhausen e Grevenburg ao comunicar a morte do herói do Forte Coimbra:

"*O zelo, inteligência e conhecimentos que o distinguiram, os serviços feitos a S.A.R. e, finalmente, os sentimentos de piedade que acompanharam a sua agonia e a particular amizade com que eu estimava este honrado oficial, são outros tantos títulos que justificam a mágoa com que faço esta comunicação a V. Exª*".

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Cuieiras

(Felisbelo Sussuarana)

I

São afamadas, são procuradas
As belas cuias de Santarém!
Cuias bordadas, cuias pintadas
Como estas minhas, ninguém as tem. Ah!

Para um presente de namorado
Que coisa linda, meu bom senhor!
Serviço limpo, bem acabado,
Arte, bom gosto, puro lavor.

Para tomar-se um mingau a gosto,
Para tomar-se um bom tacacá,
Só numa cuia, vaso bem posto
E preferido no meu Pará!

II

Um vinho grosso, roxo e gostoso
Do conhecido, belo açaí,
É mais suave, mais saboroso
Se numa cuia se bebe aqui. Ah!

Cuias bordadas, cuias pintadas
Como estas minhas, ninguém as tem.
São afamadas, são procuradas
As belas cuias de Santarém!

Fordlândia

Há mais pessoas que desistem, do que pessoas que fracassam! (Henry Ford)

Henry Ford

Henry Ford nasceu em uma fazenda em Wayne County, perto de Greenfield, Michigan, em 30.07.1863, e faleceu em Dearborn, Michigan, a 07.04.1947. Seu pai, William Ford, nasceu na Irlanda e a mãe, Mary Litogot Ford, filha de imigrantes belgas, nasceu nos EUA.

O interesse de Ford pelos motores teve início na fazenda de seu pai onde ele observava com interesse os equipamentos, estudando o funcionamento das máquinas. Ford tinha aversão às tarefas agrícolas e almejava diminuir o trabalho manual através da mecanização.

Ford Motors Company

No dia 16.06.1903, aliado a Alexander Y. Malcolmson, empresário de carvão de Detroit e a mais dez investidores, fundou a Ford Motor Company, com um capital de 150 mil dólares, sendo que 28 mil (valores da época) eram do próprio Ford.

Ford investiu em inovações técnicas e de negócios, instituindo um sistema de franquias que criou concessionárias nas principais cidades dos EUA, e nas maiores cidades do planeta, consagrou o chamado "*fordismo*", que nada mais é do que a aplicação do princípio da "*linha de montagem*", que permitia fabricar um carro a cada 98 minutos.

Ford não inventou a "*linha de montagem*", ele próprio afirmava que teve a ideia de manter os trabalhadores no mesmo lugar, executando uma tarefa específica, ao observar uma "*linha de desmontagem*" nos matadouros de Chicago e Cincinnati, onde os açougueiros retalhavam as carcaças que passavam diante deles penduradas em ganchos.

Também não foi dele a ideia de tornar as peças intercambiáveis, mas Ford foi o responsável pela aplicação destes dois princípios em uma fábrica, transformando-a num sistema complexo de processos de submontagem cada vez mais integrados.

Ford estabeleceu com seu carro recém planejado um novo recorde de velocidade terrestre (147 km/h), em uma exposição sobre o gelo do Lago Saint Clair, percorrendo uma milha em 39,4 segundos.

Em 1914, maravilhou o mundo com o que ele denominava de "*wage motive*" ([1]), passando a pagar cinco dólares por dia aos seus operários, mais que duplicando o salário da maioria dos trabalhadores.

O resultado foi que os melhores profissionais de Detroit foram contratados pela Ford, aumentando a produtividade e minimizando os custos de treinamento.

Aplicou, também, o uso da integração vertical que também provou ser bem sucedida na gigantesca fábrica da Ford, onde entravam matérias-primas e de onde saíam veículos totalmente prontos. Ford produzia, na época, 1.200 automóveis por dia, e empregava mais de cem mil operários em suas fábricas.

---

[1] Wage motive: salário de motivação.

Exposição Industrial Ford

Em 1927, a General Motors (GM) oferecia aos seus clientes carros com dezenas de alternativas de cores e variadas opções de estofamento, ao passo que os carros Ford só eram fabricados em verde, vermelho, azul e preto, ainda assim, um número maior do que nos anos anteriores, quando Ford afirmava que seus clientes poderiam ter os carros na cor que escolhessem, "*desde que fosse preta*".

Os usuários viviam uma época de prosperidade e graças a um crédito acessível, tinham se tornado mais exigentes e buscavam modelos mais luxuosos. Forçado pela competitividade, Ford decidiu suspender a fabricação do Modelo "*T*", em maio de 1927, jogando todos os seus trunfos no modelo "*A*", cujo primeiro carro foi montado em outubro do mesmo ano.

Era uma tentativa de recuperar sua participação no mercado automobilístico. A Exposição Industrial Ford, realizada em janeiro de 1927, no Madison Square Garden, atraiu mais de um milhão de visitantes interessados em conhecer os diversos estilos do novo Modelo "*A*", disponível em vários tipos de carrocerias e cores, e do "*Lincoln Touring Car*" que Ford havia adquirido seis anos antes, com a intenção de entrar para o mercado de carros de luxo sem ter a necessidade de reconfigurar suas próprias fábricas.

O resultado surpreendeu até mesmo aqueles que não acreditavam que a Ford conseguisse superar a crise motivada pela concorrência com a GM. A exposição exerceu um efeito catalisador que levou dez milhões de americanos a visitar as concessionárias Ford locais e a encomendar 700 mil unidades do Modelo "*A*".

No dia 09.01.1927, Henry Ford, acompanhado de seu amigo Thomas Edison e de seu filho Edsel, passeava pela Exposição assediado por inúmeros jornalistas. Mais que uma mostra de automóveis, a exposição pretendia fazer uma demonstração visual da operação das indústrias Ford, desde as matérias primas até o produto acabado. Ford anunciou, na oportunidade, que voaria até a Amazônia para inspecionar sua nova plantação de seringueiras.

Cartelização da borracha

A indústria automotiva dependia muito da borracha vulcanizada, pois usava o látex processado não só nos pneus, mas também nas mangueiras, válvulas, gaxetas e fios elétricos. Setenta por cento da borracha importada era utilizada somente para a produção de pneus e, embora a quilometragem das estradas pavimentadas norte-americanas tivesse aumentado significativamente depois da I Guerra Mundial, diminuindo o desgaste dos pneus, e o aperfeiçoamento técnico na sua manufatura tenha aumentado a vida média dos mesmos, para mais de seis vezes, a demanda havia saltado para cerca de cinquenta milhões de unidades por ano.

O látex extraído das seringueiras asiáticas era monopólio inglês que mantinha o preço da borracha em alta, único insumo em que Ford não exercia qualquer controle e pretendia alcançar a independência em relação aos fornecedores. Durante décadas, as indústrias americanas haviam importado a borracha, sem grandes problemas, das colônias europeias holandesas, francesas, e sobretudo britânicas, do sudeste asiático. Quando os preços começaram a cair, em 1919, Winston Churchill, Secretário de Estado para

as Colônias, aprovou uma proposta para regular a produção de borracha bruta a fim de assegurar que a oferta não ultrapassasse a demanda. O aumento na demanda da indústria automotiva americana pela borracha deu nova vida ao colonialismo europeu enfraquecido pela I Guerra Mundial. A receita da borracha ajudou Londres, Paris e Amsterdã a manter suas colônias e a pagar suas dívidas de guerra. O Secretário do Comércio Herbert Hoover, que mais tarde seria Presidente dos EUA, alertou aos empresários norte-americanos de que eles dependiam demais da "*Europa Imperialista*" e que poderiam ficar sujeitos a preços abusivos caso os holandeses e franceses se aliassem ao Cartel proposto pelos britânicos.

Em fevereiro de 1923, Firestone convocou, no Willard Hotel, em Washington, uma conferência nacional de fabricantes de borracha, de veículos automotores e de acessórios. Além de Henry Ford, compareceram mais de duzentos empresários do setor que não se mostraram sensíveis às preocupações de Firestone e à sua ideia de criar a "*American Cooperative Association*" cujo objetivo seria estabelecer plantações de seringueira na América Latina. Outros esforços, sem sucesso, foram tentados e, em 1926, Ford, que não era um homem habituado a sociedades, resolveu produzir seu próprio látex, determinando a seu secretário Ernest Liebold que descobrisse qual o melhor lugar para se cultivar a borracha. As pesquisas de Liebold levaram-no a concluir que a Hevea deveria ser cultivada na sua origem e isso significava na Amazônia. A escolha do Vale do Tapajós para implantação do projeto levou em conta de que de lá tinham sido colhidas as sementes pirateadas por Henry A. Wickham e a região ser considerada o berço das melhores árvores da seringa do planeta.

A Negociata de Villares

Se Lima, muito citado na imprensa brasileira sobre o sucesso do encontro em Dearborn, era a face pública da campanha para atrair Henry Ford para a Amazônia, Jorge Dumont Villares tinha um papel mais furtivo. Villares, pertencente a uma família de ricos cafeicultores e com boas ligações políticas, havia chegado a Belém, a capital do Estado do Pará, no início dos anos 1920. Apesar do colapso da economia da borracha, ainda havia dinheiro a ser ganho nos muitos esquemas criados para reanimar o comércio. Como sobrinho do famoso aviador Santos Dumont, o homem que, para os brasileiros, inventou o voo a motor, mas teve o crédito roubado pelos irmãos Wright, Villares que gostava de ternos de linho e chapéus Panamá, era relativamente bem conhecido nos círculos da elite. Ele era alto, magro e um pouco inquieto, e era dissimulado. Pouco depois de sua chegada, ele começou a formar uma espécie de confederação de políticos, diplomatas e representantes da Ford, todos interessados em atrair Henry Ford para o Brasil. (GRANDIN)

Henry Ford, em julho de 1925, depois do almoço, em sua casa em Dearborn, com Harvey Firestone, em que discutiram a proposta britânica de formação de um cartel, concedeu uma audiência ao Inspetor Consular do Brasil, em Nova York, diplomata José Custódio Alves de Lima.

Lima fora autorizado pelo Governador Dionysio Bentes, do Pará, a oferecer "*incentivos especiais*" na esperança de que Ford instalasse seu projeto no Estado e ajudasse a reanimar a economia regional deprimida, desde 1910, com a perda do monopólio da borracha para as colônias asiáticas. Na oportunidade, Ford quis saber qual era o salário pago aos seringueiros e Lima respondeu que era de 36 a 50 centavos de dólar por dia.

O empresário respondeu "*que pagaria até 5 dólares por dia para um bom trabalhador*" e que sua maior preocupação não era o número de horas trabalhadas e sim a produtividade. Segundo Greg Grandin:

> O primeiro e mais importante aliado de Villares para fazer com que as coisas andassem foi William Schurz, adido comercial de Washington no Rio, embora, para o aborrecimento do embaixador dos EUA, ele passasse a maior parte do tempo na Amazônia.
>
> "*Gerações de homenzinhos têm mordiscado, como ratos, as bordas da Amazônia*", escreveu Schurz mais tarde em um livro sobre o Brasil – uma observação que poderia ser tomada como autobiográfica.
>
> Schurz havia ingressado no Departamento de Comércio no início da década de 1920, quando Herbert Hoover, o Secretário, ampliava muito sua influência. Hoover triplicou orçamento do Departamento e acrescentou três mil funcionários, muitos deles adidos como Schurz, vendedores da crescente ambição econômica da América.
>
> Esses "*cães de caça*" dos negócios americanos, como Hoover os chamava, tendiam a ignorar a geopolítica geral que tanto ocupava os diplomatas do Departamento de Estado. Em vez disso, faziam "*lobby*", muitas vezes de forma muito agressiva, em favor de uma gama mais estreita de interesses específicos de corporações americanas – e também de si mesmos. Schurz tinha sido membro da comissão organizada em 1923 pelo Departamento do Comércio de Hoover, de estudo da possibilidade de reviver a produção da borracha na Amazônia como parte da campanha de Hoover para neutralizar o cartel proposto por Churchill.

Era muito provável, pela experiência de Schurz na comissão, que ele tenha se dado conta das possibilidades de lucro, em especial depois da declaração de Dionysio Bentes, Governador do Pará, em 1925, de que ofereceria gratuitamente terras na floresta a qualquer pessoa disposta a cultivar seringueiras. Como diplomata dos EUA, Schurz não podia solicitar terras diretamente; assim, aliou-se a Villares, com a ideia de usar a cruzada de Hoover para vender sua concessão a uma corporação americana.

Junto com Schurz e Villares estava Maurice Greite, um inglês que vivia em Belém e se auto-intitulava "*Capitão*", embora ninguém soubesse do quê. Antigo residente da Amazônia sempre em busca de uma grande chance fosse uma mina de chumbo ou um esquema de terras, Greite em pouco tempo tornou-se mais ônus do que um ativo para Villares. Mas prestou um serviço útil. Apresentou Villares a Antônio Castro, Prefeito de Belém, e ao Governador Bentes, dois homens cuja lealdade precisaria ser assegurada para que o plano tivesse possibilidade de sucesso. Em troca de uma parcela do dinheiro, ambos os governantes prometeram seu apoio. O Prefeito prometeu não se opor à transação e o Governador, em setembro de 1926, concedeu a Villares, Schurz e Greite uma opção sobre pouco mais de 10 milhões de hectares no Baixo Vale do Tapajós – um dos muitos lugares que os especialistas consideravam adequado para o cultivo de seringueiras em larga escala.

Os três homens tinham três anos para desenvolver a propriedade ou vendê-la. Caso deixassem de fazer uma coisa ou outra, perderiam sua opção e as terras reverteriam para o Estado. Inicialmente Schurz tentou, da embaixada no Rio, interessar Harvey Firestone.

Mas, quando este optou pela Libéria, ele voltou sua atenção para a Ford Motor Company, escrevendo cartas para Henry Ford e Ernest Liebold, seu secretário, exagerando as possibilidades da borracha na Amazônia.

Como adido comercial, Schurz tinha acesso à pesquisa sobre a borracha realizada com recursos do governo americano, que ele repassou a Liebold antes que o Departamento do Comércio pudesse processá-la e colocá-la à disposição de outros possíveis investidores. Ao mesmo tempo, ele e Villares entraram em contato com dois homens, W. L. Reeves Blakeley e William McCullough, que Ford havia enviado a Belém depois de seu encontro com Lima para pesquisar locais em potencial para uma plantação de seringueiras. Não há evidências de que Blakeley recebeu dinheiro, mas documentos indicam que McCullough o fez. Villares prometeu lhe pagar US$18 mil por qualquer ajuda que pudesse dar para que o acordo fosse em frente.

Na Amazônia, Villares também começou a recrutar os serviços de John Minter, Cônsul dos EUA em Belém. Neste caso, não foi oferecido nenhum dinheiro. Mas o ar conspiratório de Villares conseguia atrair confidentes. Cochichou a Minter que estavam em desenvolvimento planos para infectar as plantações de seringueiras do Sudeste Asiático com uma praga sul-americana, um fungo nativo da Amazônia que, com frequência, era letal para as seringueiras. Bastaria uma epidemia no Ceilão ou na Malásia, disse Villares ao diplomata americano, para devolver ao Brasil o domínio do mercado global. "*Para bom entendedor, meia palavra basta*", disse Villares ao Cônsul.

Ele passava a Minter fragmentos de informações a respeito de suas negociações com corporações

americanas, inclusive os contatos que havia feito com a Ford Motor Company, atraindo o diplomata para suas intrigas. Disse que tinha "*plantado secretamente 500 mil mudas em terras devolutas adjacentes àquelas que Ford deverá assumir*", para que ele contasse com um estoque já pronto de Hevea e começasse a plantar tão logo iniciasse o projeto. A razão pela qual as mudas precisavam permanecer em segredo, disse Villares, era o fato de poderosos interesses locais estarem conspirando contra o fechamento do acordo.

Em pouco tempo, Minter estava telegrafando para seus superiores no Departamento de Estado, dizendo-lhes que estava pondo seu escritório e seu pessoal a serviço de Villares em seus negócios com Ford. O passo seguinte de Villares, no fim do verão de 1926, foi viajar a Dearborn para levar sua proposta diretamente a Henry e Edsel Ford, tendo assegurado sua atenção provavelmente por intermédio de McCullough ou Blakely, com quem Villares fizera amizade.

Villares era um bajulador talentoso e, em seu encontro com pai e filho, oscilou entre o medo e a lisonja para defender seu ponto de vista. Apresentou a eles um mapa rascunhado da propriedade, que incluía duas cidadezinhas denominadas "*Fordville*" e "*Edselville*". Partindo do trabalhado preliminar de Schurz, pintou um quadro fantástico daquilo que poderia ser realizado na Amazônia, "*a mais fértil e saudável região do mundo tropical*".

O brasileiro elaborou um contrato nomeando-o executor do projeto e concedendo à empresa o direito irrestrito de extrair ouro, petróleo, madeira e até mesmo diamantes. Villares também prometeu a Ford que ele poderia construir hidrelétricas, importar e exportar qualquer material com isenção de

impostos e tarifas e construir estradas, inclusive duas que subiriam 480 km em ambas as margens do Tapajós "*para dentro das florestas virgens de seringueiras*" das cabeceiras do Rio, o que daria a Ford um monopólio completo sobre a produção de látex do Vale.

Ele disse a Henry e Edsel que preferia entregar as terras a um americano mas, caso não houvesse acordo, poderia ser forçado a transferi-las a outros interessados antes que expirasse sua opção. Era doloroso, disse Villares a Ford, até mesmo:

> pensar que uma parte da minha pátria vá para as mãos de japoneses, britânicos ou alemães.

O apelo foi ouvido. Disse Villares concluindo sua apresentação:

> e a maior garantia de que o empreendimento será um sucesso é que o primeiro a responder ao apelo foi Ford. Ele nunca recua. Nunca fracassa.

O encontro deixou Villares esperançoso. Do Cadillac Hotel em Detroit, ele escreveu ao seu colega conspirador Greite e pediu-lhe que fosse paciente: "*Não diga nada*", pois as coisas estão indo bem em Dearborn. "*Rasgue esta carta*", instruiu ele ao Capitão.

Ford parecia fisgado. Contudo, Villares estava ansioso. Foi de Detroit para Nova York, onde escreveu outra carta, desta vez para Blakely. Se Ford não agisse depressa, contou ele ao aliado mais próximo da empresa, "*logo alguém descobrirá*". "*Quando você esteve aqui*", perguntou ele:

> percebeu uma coisa curiosa: A fé que todos têm em Ford? A magia desse nome penetrou nos corações dos mais humildes e também no meu. Eles têm fé em Ford e eu também. Milhares esperam por sua vinda; ele virá.

Ford permanecia indeciso, mas seu encontro com Villares levou-o a enviar ao Brasil Carl D. La Rue, botânico do campus de Ann Arbor da Universidade de Michigan, para "*encontrar em algum lugar uma boa área para plantar seringueiras*". La Rue estivera uma vez na Amazônia, em 1923, chefiando a Expedição patrocinada pelo Departamento de Comércio de Herbert Hoover para a busca de locais para a produção de borracha em longa escala, a mesma da qual participou o adido comercial William Schurz.

Naquela viagem, o botânico cobriu um raio de mais de 40.000km e suas descobertas, juntamente com aquelas de outras expedições, identificaram vários locais adequados espalhados às margens do Tapajós, um grande afluente do Amazonas que cruzava as terras de origem das seringueiras silvestres.

Em grande parte tratava-se de terras públicas, que Ford poderia ter obtido diretamente por concessão governamental, com pouco ou nenhum custo. Mas desta vez La Rue não visitou nenhum dos locais anteriormente explorados; limitou-se a percorrer uma linha reta de 80 km ao longo da margem Leste do Tapajós, parte das terras para as quais Villares, Schurz e Greite tinham uma opção.

Mais tarde, quando foram divulgados os detalhes do acordo – pelo qual Ford essencialmente comprou terras que provavelmente teria conseguido de graça, – começaram a circular boatos de que o professor de Michigan fazia parte da conspiração. La Rue negou as alegações, mas Ford não voltou a confiar nele.

"*Não pense que iríamos nos beneficiar usando-o*", foi o comentário escrito por Ford na margem da subsequente oferta de La Rue para ajudar a colocar em operação a plantação de seringueiras. [...]

Em junho de 1927, delegou procurações a dois de seus funcionários, O. Z. Ide e W. L. Reeves Blakeley, e os enviou ao Brasil. Eles foram encarregados de negociar uma concessão de terras com o Governador do Estado do Pará, a jurisdição em que estava localizada a propriedade recomendada por La Rue, e a incorporação de uma empresa subsidiária pelas leis brasileiras para supervisionar a plantação.

Ide e Blakeley, ambos com 37 anos de idade, e suas esposas viajaram até Nova York no final de junho. [...] Em Manhattam, os emissários de Dearborn foram conduzidos em um Lincoln pelo Sr. Leahr, da filial, que os ajudou a obter seus vistos e a se prepararem para a partida no SS Cuthbert, da British Booth Line. [...]

Em 07 de julho, o Cuthbert entrou na Baía de Marajó, uma das muitas embocaduras do Rio Amazonas, tão enorme que só viu terra no dia seguinte. [...] Mais adiante da água, havia uma fileira da casas exportadoras, lojas e residências de comerciantes, atrás da qual, na rua Gaspar Viana, a Ford Motor Company abriria um escritório para coordenar a chegada de cargas de Dearborn e a contratação de trabalhadores.

Na praia esperavam, para saudar a delegação da Ford, John Minter, o Cônsul americano, e Gordon Pickerell, um revendedor local que havia acabado de se aposentar depois de 13 anos como Cônsul dos EUA. Também estava presente Jorge Villares, a quem Blakeley cumprimentou cordialmente, fato que Ide achou estranho, uma vez que não se lembrava do parceiro ter mencionado qualquer contato que não fosse com Pickerell e Minter em sua viagem anterior. Blakeley fez as apresentações, mas de uma forma desajeitada, apenas murmurando o nome de Villares. [...]

A despeito dessas maquinações ou, como Ide logo percebeu, por causa delas, as discussões com os funcionários do governo brasileiro transcorreram sem problemas. Villares, Blakeley e Ide se reuniram com o Governador Dionysio Bentes – homem que havia concedido a Villares, Schurz e Greite a opção para as terras em questão – para começar as negociações. Não havia muito o que negociar. Curvando-se, assentindo e sorrindo para superar a barreira do idioma, Bentes disse aos homens que eles poderiam ter qualquer coisa que a Ford desejasse. A concessão exigia a aprovação do legislativo estadual, mas isso garantiu ele, era mera formalidade. [...]

Uma das primeiras coisas que eles precisavam fazer era elaborar uma descrição legal do imóvel designado. Para isso foram falar com Antônio Castro, Prefeito de Belém, que Ide achou "*parecido com um macaco*". Castro tinha a promessa de Villares de algum dinheiro, mas ficou feliz em oferecer seus serviços de engenheiro civil por uma taxa adicional.

Ide não conhecia a propriedade – ficava a seis dias de barco de Belém. Mas, no seu encontro com Castro, desdobrou um mapa do vale do Tapajós, e com um lápis preto, traçou uma linha de 120 quilômetros Rio acima, depois uma de uns outros 120 terra adentro e outra paralela à primeira, finalmente voltando ao ponto de partida. Um total de 14.562 quilômetros quadrados. É um "*montão de terra*", exclamou o Prefeito, surpreso. "*Não é problema seu*", retrucou Ide. "*Quero apenas que você nos dê uma descrição*". O passo seguinte era uma reunião com Samuel McDowell, o advogado do revendedor Ford local, para elaborar os termos do contrato. Num bloco de papel amarelo, Ide, Blakeley e Villares escreveram "*exatamente o que queriam na lei que iria ao legislativo*".

Tinham somente instruções vagas de Dearborn; então pediram tudo o que poderiam pensar; direito de exploração da madeira e reservas minerais, direito de construção de uma ferrovia e pistas de pouso, de erigir qualquer tipo de edificação sem a supervisão do governo, abrir bancos, organizar uma força policial privada, dirigir escolas, extrair energia de quedas d'água e "*represar o Rio de qualquer maneira que necessitarmos*". A empresa foi isenta de impostos de exportação, não apenas sobre borracha e látex, mas também sobre quaisquer produtos e recursos que a empresa quisesse enviar para o exterior:

> peles e couros, óleo, sementes, madeira e outros produtos e artigos de qualquer natureza. Pensamos em muitas coisas das quais nunca havíamos ouvido falar.

Disse Ide e:

> à medida que avançávamos, nós as íamos adicionando.

Em troca da generosidade de Bentes, os negociadores da Ford obrigaram a empresa a apenas plantar 400 hectares de seringueiras no período de um ano. Eles fizeram isso para preservar a "*simetria e o equilíbrio*" do contrato e dar uma demonstração de boa-fé de que a Ford pretendia realmente cultivar seringueiras e não apenas minerar a terra em busca de ouro ou fazer perfurações em busca de petróleo. Blakeley supunha que seria nomeado gerente da propriedade e que poderia facilmente limpar e plantar 1.200 hectares em poucos meses. Então McDowell "*colocou o contrato na linguagem correta*" e mandou que fosse traduzido para o português. Quando a equipe passou-o ao Governador Bentes, esperava que ele recusasse algumas solicitações.

> Mas ele apresentou a lei ao legislativo sem qualquer comentário, com tudo aquilo que tinha sido pedido pela equipe da Ford. "*Muito mais*", escreveu Ide, "*do que esperávamos obter*". [...]
>
> Bentes era homem de palavra e, em 30.09.1927, o legislativo estadual ratificou a concessão exatamente como havia sido composta pelos homens de Ford. [...]
>
> Resumindo, o Estado do Pará cedeu a Ford pouco mais de um milhão de hectares, um pouco menos que aquilo que o advogado de Dearborn havia delineado no mapa mas, sendo quase do tamanho do Estado de Connecticut, um vasto território. Metade dele provinha da reivindicação de Villares, pela qual a Ford deveria pagar US$125 mil, uma ninharia considerando-se a enorme riqueza da família. A outra metade era de terras públicas, que Ford recebeu de graça. (GRANDIN)

Villares lucrou na negociata 125 mil dólares em terras que o governo Paraense pretendia doar à empresa americana. O projeto começara mal e, antes de Ford partir para a concretização de seu grande projeto amazônico, foi informado de que o cartel da borracha estava desmoronando, porque os holandeses não haviam aderido a ele, mesmo assim o destemido empresário manteve sua decisão.

Fordlândia, fruto de um golpe arquitetado por um corrupto brasileiro, seria implantada em um terreno montanhoso e impróprio para seringueiras, próxima à Cidade de Santarém, no Estado do Pará, à margem direita do Rio Tapajós, na bacia do Rio Cupari, nos municípios de Aveiro e Itaituba, numa comunidade denominada Boa Vista.

Fordlândia

O primeiro cuidado dos engenheiros encarregados foi lançar as primeiras fundações, tendo-se agasalhado parte deles na antiga casa de Boa Vista, que foi remodelada. Depois mandaram construir o Barracão Central que serve de escritório, consultório médico e dentário, farmácia, armazém de mercadorias, refeitório, etc., iluminado a luz elétrica, com telefone e ventiladores elétricos. (COHEN)

Blakeley e Villares, agora membro da equipe da Ford, montaram um acampamento próximo à Vila de Boa Vista. O local permitiria, futuramente, a construção de um futuro cais sem a necessidade de dragagem do Rio e o terreno alto levava a supor que estariam livres dos mosquitos e outros insetos.

Depois de resolverem os problemas legais de desapropriação de 125 famílias que moravam na área da concessão, além de alguns grupos indígenas esparsos, deram início ao desmatamento.

O empreendimento trazia consigo um alento de esperança para o desenvolvimento daquela região tão esquecida, baseado na admiração que todos nutriam pela indústria americana e do aporte de capital que adviria.

Em contrapartida, havia certa desconfiança em relação às reais intenções de Washington pois, enquanto Ford arquitetava seu megalômano Projeto, os fuzileiros navais americanos invadiam e ocupavam a Nicarágua, o Haiti e a República Dominicana. Ontem, como hoje, os políticos entreguistas só pensam nas benesses que podem auferir sem considerar os prejuízos que suas ações podem acarretar à soberania nacional.

O Cruzeiro — 28 de Novembro de 1931

O HOMEM DOMADOR DA NATUREZA

UMA CIDADE QUE NASCE NA FLORESTA

A FORDLANDIA

Imagem 01 – O Cruzeiro – Edição n° 04, 28.11.1931

12 de Dezembro de 1931 O Cruzeiro 7

O HOMEM DOMADOR DA NATUREZA
UMA CIDADE QUE NASCE NA FLORESTA
A FORDLANDIA

Imagem 02 – O Cruzeiro – Edição n° 06, 12.12.1931

8 O Cruzeiro 12 de Dezembro de 1931

Imagem 03 – O Cruzeiro – Edição n° 06, 12.12.1931

O Cruzeiro

O HOMEM DOMADOR DA NATUREZA
UMA CIDADE QUE NASCE NA FLORESTA A FORDLANDIA

Uma aula na escola da Fordlandia.

O hospital da Fordlandia.

Imagem 04 – O Cruzeiro – Edição n° 07, 19.12.1931

8 — O Cruzeiro — 19 de Dezembro de 1931

compensar os esforços que estão sendo dispendidos com ella, o Amazonas, nessa segunda phase da sua vida economica, poderá novamente transformar-se no El Dorado do Brasil. Então os que ainda nutrem duvidas e acolham no coração suspeitas contra as intenções civilizadoras de Henry Ford desbravando a selva amazonica, reconhecerão os motivos superiores que convenceram o interventor Barata de que era seu dever patriotico dispensar ao grande pioneiro o apoio da sua administração".

1—O dr. Bruno Lobo á porta do Laboratorio da Fordlandia, em conversa com o interventor federal.

2—O commandante Castro Silva, capitão do porto do Pará, sr. Joaquim Eulalio, dr. Bruno Lobo e capitão Magalhães Barata, a caminho do Aveiro, numa lancha a motor cedida pelo Ministro do Trabalho.

3—A loja da Fordlandia.

4—Uma habitação de seringueiro na Boa Vista, antes da fundação da Fordlandia.

5—Quando o Ministro do Trabalho falava aos trabalhadores da Fordlandia no campo de football.

6—Uma enfermaria.

7—Visita do Ministro do Trabalho ao armazem de materiaes.

8—Um aspecto do advento da civilização nas selvas amazonicas.

9—Uma ampla estrada de rodagem na Fordlandia.

Imagem 05 – O Cruzeiro – Edição n° 07, 19.12.1931

Revista O Cruzeiro, n° 04

Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 28.11.1931

O Homem Domador da Natureza

Uma Cidade que Nasce na Floresta

A Fordlândia

As entusiásticas palavras com que o Capitão Magalhães Barata, Interventor Federal no Pará, revelou ao País o que estava ocorrendo nas florestas do Alto Tapajós, nas regiões outrora ínvias ([2]) da concessão Ford, agitaram a opinião e serviram de prefácio à sensacional entrevista do Sr. Austregésilo de Athayde, emissário dos "*Diários Associados*" aos Estados Unidos, que se avistou em Detroit com o famoso criador de riquezas, Henry Ford, e à qual se seguiram o convite dirigido pelo Ministro do Trabalho ao magnata norte-americano para visitar o Brasil como hóspede da nação, e a recente visita do Sr. Lindolfo Collor ao Pará e ao Amazonas.

Esta viagem, tornada possível pelas comunicações ultrarrápidas da navegação aérea, colocou na presença do Ministro do Trabalho e de um jornalista da envergadura do Sr. Assis Chateaubriand, propugnador veemente da cooperação da técnica e dos capitais estrangeiros nos nossos maiores empreendimentos industriais, o próprio palco formidável da selva amazônica, onde a iniciativa, a ciência, o

---

[2] Ínvias: impenetráveis.

método e o capital norte-americanos estão executando uma das maiores façanhas agroindustriais do nosso tempo, comparável à da irrigação do Egito, e à do saneamento e fertilização da campina romana.

É necessário ter presente que para a cultura e exploração dos seringais asiáticos se associaram formidáveis capitais de várias origens: ingleses, norte-americanos e holandeses, para se compreender a impossibilidade de se conseguir com os únicos e modestos recursos nacionais levar a cabo uma obra da qual apenas um fragmento custou em 4 anos a um dos mais opulentos e poderosos industriais do mundo, uma somava global de 120.000 contos.

Se o Brasil – como toda a América, incluindo os próprios Estados Unidos – não tivessem tido a cooperação dos capitais, dos braços e das iniciativas europeias na construção das suas vias férreas, dos seus portos, das suas frotas marítimas e das suas indústrias, muito longe estaríamos de atingir o nível de progresso em que atualmente contribuímos para a obra ativa da civilização universal.

Pensar que, sozinhos, isolados entre as nossas riquezas naturais, poderíamos submeter ao nosso domínio as florestas amazônicas, converter em trilhos e máquinas as montanhas de ferro e manganês de Minas Gerais, transformar em energia dinâmica as cataratas brasileiras, conduzir as nossas linhas ferroviárias do Extremo Sul ao Extremo Norte do nosso País, tão grande como a Europa, seria uma utopia calamitosa. Somos ainda, apenas, 40 milhões de seres humanos disseminados por um território de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados. Se desses 40 milhões descontarmos as mulheres, as crianças, os velhos, os inativos, chegaremos à conclusão de que o gigantesco Brasil, com todos os seus formidáveis encargos de civilização, repousa sobre o

esforço de 8 a 10 milhões de produtores, de trabalhadores e de contribuintes.

É depois de se ponderar estas circunstâncias que se fica mentalmente preparado para compreender na sua significação patriótica e no seu alcance o entusiasmo com que o Interventor no Pará, o Ministro do Trabalho e o Diretor dos "*Diários Associados*", contemplaram a Fordlândia, a cidade improvisada no habitat da hevea pela iniciativa e o dinheiro de Henry Ford.

É com os elementos de informação e de análise trazidos por essas testemunhas, que O CRUZEIRO encetará nos seus próximos números a narrativa do extraordinário empreendimento que consiste em transformar uma selva em uma zona habitada, em disciplinar agricolamente a seringueira, em domesticar a árvore nativa e bravia, produzindo seringais submetidos à mesma disciplina do cafezal e do laranjal.

Os artigos de O CRUZEIRO, despidos de quaisquer pretensões técnicas, serão amplamente ilustrados por uma instrutiva documentação fotográfica. (O CRUZEIRO, N° 4)

Revista O Cruzeiro, n° 06
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 12.12.1931

O Homem Domador da Natureza

Uma Cidade que Nasce na Floresta

A Fordlândia

Quando os engenheiros e agrônomos de Henry Ford desembarcaram na margem do Tapajós, no local previamente escolhido para sede da futura povoação, centro do gigantesco empreendimento agroindustrial, encontraram-se perante a floresta amazônica, apenas palmilhada pelos rudes seringueiros.

A Natureza era dona absoluta e inviolada da região feraz ([3]) concedida pelo governo do Pará à empresa Ford, que se propunha substituir o sistema extrativo do seringal silvestre pela grande cultura agrícola da seringueira, ordenada e disciplinada.

Foi preciso começar por disputar à selva o terreno destinado à habitação e à atividade do homem. O fogo foi incumbido, como flagelo insuperável, de abrir uma vasta clareira na floresta. As queimadas encheram os dias de fumo e as noites de clarões ardentes, afugentando os répteis e os insetos. Começou logo após a obra viril da implantação da civilização.

Construíram-se as habitações, o hospital, a serraria, a usina: rasgaram-se as estradas; instalou-se a radiotelegrafia, o telefone, a luz elétrica, assentaram-se os trilhos das vias férreas. Em quatro anos, em Boa Vista, o capital e a ciência norte-americanos, manejados pela organização Ford, improvisaram o rudimento modelar de uma cidade de trabalhadores, onde os mais avançados recursos da higiene, da física e da mecânica foram utilizados.

Ventos nesta página um aspecto da festa dedicada ao Ministro do Trabalho, ao Interventor no Pará e às suas comitivas no Clube dos Onerários de Boa Vista, crismada de Fordlândia.

---

[3] Feraz: fértil, fecunda.

No local onde, há cinco anos, se aventuravam apenas os intrépidos seringueiros, que afrontavam a mataria, a solidão asfixiante da floresta e a mordedura venenosa dos ofídios, vemos, ao clarão da luz elétrica, vestidas como nas mais elegantes reuniões sociais de Nova York ou do Rio de Janeiro, as esposas dos funcionários da empresa Ford. Fordlândia tem atualmente 4.000 habitantes, uma escola, um hospital modelo, um mercado, avenidas, um campo de futebol, um cais de atracação e desembarque. Em volta da cidade recém-nascida, para lhe garantir o desenvolvimento e a prosperidade, há já 350.000 pés de heveas plantadas e viveiros com 650.000 mudas. Quase meio século após que no Oriente os engenheiros agrônomos de Kew-Gardens ([4]) iniciaram as plantações da seringueira amazônica, que iriam fazer baquear a hegemonia da hevea silvestre brasileira, Ford, um dos capitães da indústria norte-americana, comanda a contraofensiva da Amazônia, preparando o campo de batalha onde vai travar-se a grandiosa luta, que por ser incruenta não deixa de ter suas perspectivas empolgantes.

Decerto, seria inocência supor-se que Ford poderá ou que a Ford convirá assumir o encargo e as responsabilidades de toda a obra gigantesca que exige a ressurreição da hegemonia brasileira no mercado mundial da borracha. Esta é uma campanha nacional que reclama muitos capitães da sua estatura. Mas Ford está abrindo o caminho, garantindo para as suas indústrias, liberta do monopólio asiático, a borracha brasileira de que precisa. Do êxito do seu colossal empreendimento em grande parte dependerá o ritmo, acelerado ou vagaroso, com que vai iniciar-se o aproveitamento intensivo da Bacia Amazônica.

---

[4] Kew-Gardens: Reais Jardins Botânicos de Kew, localizados na periferia sudoeste de Londres.

O CRUZEIRO não tem a pretensão de analisar dentro do panorama da economia universal as condições em que se ferirá o prélio entre as culturas da hevea brasileira e as culturas asiáticas da Inglaterra e da Holanda.

Os interesses em choque são formidáveis e teria sido incomparavelmente mais fácil impedir a concorrência do que combatê-la no apogeu.

Queremos apenas oferecer aos nossos leitores a documentação fotográfica da infância de uma cidade – a mais jovem cidade brasileira, – que vai ser o primeiro baluarte da grande e futura batalha da hevea amazonense contra a hevea asiática.

No próximo número completaremos, com novos documentos, a nossa instrutiva reportagem, que será como que o comentário ilustrado das narrativas e das opiniões do Ministro do Trabalho, do Dr. Bruno Lobo e do Sr. Assis Chateaubriand, diretor dos "*Diários Associados*", que recentemente contemplaram e examinaram, no próprio berço, o prodígio da Fordlândia recém-nascida. (O CRUZEIRO, N° 6)

Revista O Cruzeiro, n° 07
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 19.12.1931

O Homem Domador da Natureza

Uma Cidade que Nasce na Floresta

A Fordlândia

O CRUZEIRO não pretendeu descrever a cidade recém nascida, que a Companhia Ford substituiu no matagal de Boa Vista, mas apenas juntar ás narrativas do Dr. Bruno Lobo e Sr. Assis Chateaubriand e às calorosas opiniões do Ministro do Trabalho e do Interventor no Pará, divulgadas pelos "*Diários Associados*", o elucidativo comentário fotográfico.

Dezenas de fotografias ficaram ainda por publicar, mas as que reunimos sucessivamente nos últimos números de O CRUZEIRO são suficientes para documentar o trabalho de civilização operado no Tapajós pelos engenheiros, pelos agrônomos e pelos funcionários de Henry Ford, auxiliados pelos brasileiros, que mais uma vez demonstraram de quanto são capazes quando superiormente dirigidos. De fato, aquela obra surpreendente seria impraticável se, ao dinheiro e aos recursos de civilização dos norte-americanos, não estivessem associadas as qualidades e as capacidades de resistência, de dedicação, de experiência, de aclimação ao meio ambiente dos trabalhadores nacionais.

Nada encontramos para melhor fecho da nossa reportagem fotográfica do que as palavras com que Austregésilo de Athayde, o grande jornalista, que teve a honra de entrevistar Henry Ford em Detroit, assinalou as consequências da viagem do Ministro do Trabalho Amazônia:

A viagem do Ministro Collor e do diretor dos "*Diários Associados*", Sr. Assis Chateaubriand, ao vale do Amazonas terá consequências esplêndidas para os destinos daquela região misteriosa, onde a imaginação dos sábios localizou a derradeira vibração da humanidade no fim dos tempos.

O Ministro poderá dizer aos seus colegas do governo o que é o extremo Norte brasileiro, para que eles se convençam de que não é uma terra que mereça o abandono em que a deixaram durante tantos anos, entregue ao seu mau destino, como a parte ruim de um corpo em vésperas de ser amputada.

O Sr. Chateaubriand dirá ao povo, através dos seus jornais, com a agudeza de uma visão jornalística desconhecida na modorra da imprensa nacional, as extraordinárias impressões que colheu não somente da natureza incomparável, como sobretudo da obra realizada pelo homem debaixo do Equador e das infinitas possibilidades que se descortinam para o Brasil com o audacioso empreendimento de Henry Ford em Boa Vista.

Se as plantações do Tapajós derem os resultados que os seus iniciadores sonharam, então começará o segundo ato do drama amazônico e às margens do Rio gigantesco surgirá uma civilização milagrosa, de recursos infinitos, talvez para encerrar na sua história a aventura suprema da raça brasileira.

Os capitalistas norte-americanos acompanham o desenvolvimento da concessão do Tapajós com um interesse crescente, e se a tentativa recompensar os esforços que estão sendo dispendidos com ela, o Amazonas, nessa segunda fase da sua vida econômica, poderá novamente transformar-se no El Dorado do Brasil.

Então os que ainda nutrem dúvidas e aninham no coração suspeitas contra as intenções civilizadoras de Henry Ford desbravando a selva amazônica, reconhecerão os motivos superiores que convenceram o interventor Barata de que era seu dever patriótico dispensar ao grande pioneiro o apoio da sua administração”. (O CRUZEIRO, N° 7)

O fato de Ford ser obrigado a plantar seringueiras em somente 400 hectares, dos mais de um milhão concedido, levou algumas pessoas a sugerir que o "ianque milionário" estava na realidade interessado não em látex, mas em petróleo, ouro e influência política. Grande parte destas críticas iniciais era, na verdade, um ataque ao homem que dera a concessão, o Governador Dionysio Bentes, um poderoso político local com muitos amigos, alguns inimigos e aspirações políticas mais altas. Foram criticados o sigilo sob o qual a concessão havia sido negociada e as generosas isenções fiscais. Foi observado que o banco autônomo, as escolas e a força policial da propriedade violavam a soberania do Brasil. Era, diziam, como se Ford tivesse o direito de governar a Fordlândia como um estado separado. (GRANDIN)

Blakeley havia se instalado, com certo conforto, em uma velha fazenda nos arredores de Boa Vista, seus capatazes em um barracão improvisado e os trabalhadores dormiam em redes, ao relento, ou em improvisados tapiris. Blakeley e Villares haviam iniciado, precariamente, os trabalhos de desmatamento na época das chuvas e precisavam usar grande quantidade de querosene para queimar a mata derrubada. Alguns incêndios duravam dias.

Aquilo me aterrorizou. Parecia que o mundo todo estava sendo consumido pelas chamas. Uma grande quantidade de fumaça subia ao céu, cobrindo o Sol e tornando-o vermelho. Toda a fumaça e as cinzas flutuavam pela paisagem, tornando-a extremamente assustadora e opressiva. Estávamos a três quilômetros de distância, do outro lado do Rio, mas mesmo assim cinzas e folhas em chamas caíam sobre nossa casa. (FRANCO)

Os Igarapés próximos haviam sido transformados em depósitos de lixo onde os insetos proliferavam.

Blakeley foi, finalmente, dispensado e sua partida para Dearborn provocou uma crise de autoridade que gerou uma série de desavenças no acampamento.

A incompetência dos encarregados, a falta de equipamento adequado, as péssimas condições de trabalho, o ataque de animais peçonhentos, as doenças e a alimentação deteriorada culminaram com uma revolta, e os trabalhadores armados de facões e machados perseguiram os americanos, que se refugiaram na mata.

A calma foi restabelecida e Villares tentou convencer os americanos que o mérito era seu, mas os americanos estavam cada vez mais convencidos que Villares era um grande e incompetente falastrão.

Em 1929, a imprensa nacional trouxe a história dos subornos a público, resultando no afastamento definitivo do sobrinho de Santos Dumont da Ford Company. Ford enviou os navios Lake Ormoc e o Lake Farge, embarcações de setenta e cinco metros de comprimento por quinze de largura, para o Pará.

O Lake Ormoc serviria de base de operações durante a construção de Fordlândia e estava equipado com hospital, laboratório, frigoríficos, lavanderia, biblioteca, sala de estar e camarotes.

O Farge, transformado em barcaça, foi usado para transportar víveres, uma escavadeira, geradores, tratores, uma britadeira, máquina de fazer gelo, equipamento hospitalar, betoneiras, uma serraria, bate-estacas, destocadores, rebocadores, lanchas, locomotiva, trilhos, prédios pré-fabricados, material de construção, de escritório e mudas de seringueira.

Ao chegarem à Foz do Tapajós, os comandantes foram informados de que o Rio tinha somente noventa centímetros de calado, na época da seca, impedindo que os navios chegassem ao porto de Fordlândia. O Capitão Einar Oxholm, que havia assumido o comando na ocasião da chegada dos navios ao Brasil, decidiu, então, transportar o material em balsas alugadas. A transferência atrasou tendo em vista que os guindastes necessários para realizar a operação tinham sido carregados primeiro e estavam sob todo o resto da carga dos navios. A propalada "*eficiência*" americana mais uma vez dava mostras de sua fragilidade tanto sobre a omissão de informações importantes sobre as condições de navegabilidade do Rio como no carregamento dos navios.

Oxholm era um homem honesto, mas não tinha qualquer experiência em botânica ou gerência. Os operários orientados, agora, por Oxholm, iniciaram a construção da Cidade que, em pouco tempo, se transformaria na terceira mais importante Cidade da Amazônia. Uma das embarcações foi preparada para suprir temporariamente a Aldeia de energia e servir de hospital.

Grande parte da área foi ocupada pelos seringais, divididos de maneira extremamente regular. As condições de trabalho e o salário superior ao de outras cidades da região, pago quinzenalmente em espécie, provocou uma verdadeira corrida ao posto de recrutamento da empresa. A mídia convocava trabalhadores, mas metade deles não passava no exame médico. Mas, apesar disso, a rotatividade dos milhares de empregados contratados por Oxholm era muito grande, forçando os gerentes e capatazes a perder muito tempo no treinamento dos novos funcionários.

Os trabalhadores, assim que juntavam algum dinheiro, voltavam para suas famílias e suas plantações.

Oxholm tinha problemas para manter aceso o cordão de lâmpadas penduradas sobre as poucas ruas sujas que ele havia tirado da selva. Equipamentos e ferramentas descarregados do Ormoc e do Farge estavam espalhados pelo chão, e não houve nenhuma tentativa de fazer um inventário ou estabelecer um sistema de inspeção. Os roubos eram desenfreados. Oxholm não tinha construído uma doca permanente ou um edifício central de recebimento; assim, os materiais adicionais enviados de Belém ou Dearborn se amontoavam na margem do Rio, igualmente sem supervisão.

Sacos de cimento jaziam na margem "*duros como pedra*". As árvores tinham sido cortadas na margem do Rio, mas os arbustos permaneciam intocados. Nos poucos mais de 400 hectares desmatados e queimados para plantar, tocos carbonizados que Oxholm não se deu ao trabalho de arrancar se misturavam, como túmulos escuros, às mudas de seringueira que cresciam, fazendo com que a plantação parecesse um cemitério. O Capitão havia construído algumas casas, mas em quantidade insuficiente para atender às necessidades dos trabalhadores ou dos gerentes e suas famílias. O edifício do hospital tinha "*afundado sobre seus alicerces e apresentava muitas rachaduras*". [...]

Os madeireiros descobriram em pouco tempo que as árvores potencialmente lucrativas nunca estavam grupadas, mas espalhadas por toda a floresta. E a floresta era tão densa de árvores, trepadeiras e cipós que teriam de ser cortadas quatro ou cinco árvores antes de ser aberta uma clareira para uma queda livre.

> “*Custa caro demais*”, lembrou um madeireiro, “*ir aqui e ali pela floresta para obter uma espécie de madeira que valha a pena. Não se consegue andar três metros nesta selva sem ter de abrir seu próprio caminho. Isto é uma massa de árvores e cipós*”. [...]
>
> Oxholm começou a comprar madeira para suas necessidades de construção, e queria dizer que a plantação não só estava deixando de gerar receita com madeira, mas também perdia dinheiro para comprá-la. [...]
>
> A Ford Motor Company podia estar trazendo para a Amazônia as técnicas de produção industrial em massa, sincronizada e centralizada mas, ao menos por algum tempo, baseou-se em lenhadores na selva usando pouco mais que machados para suprir sua futura plantação com madeira. (GRANDIN)

Aos trancos e barrancos, a Cidade foi crescendo e a enorme caixa d’água de 50 metros de altura e com capacidade de 570 mil litros, símbolo da presença do Ford na Amazônia, foi colocada em ponto estratégico de onde pudesse ser vista por todos que chegassem à Fordlândia.

No final de 1929, tinham completado a limpeza e o plantio de 400 hectares, bem aquém da especificada pelos administradores da Companhia Ford Industrial do Brasil. Nos dois anos que se sucederam, mais 900 hectares foram desmatados. Apesar disso, as coisas evoluíam ainda que lentamente.

A Cidade possuía o melhor sistema de saúde da região e as casas dos administradores, na Vila Americana, jardins cuidados, gramados para golfe, quadras de tênis, piscina, campos de futebol, clube e cinema.

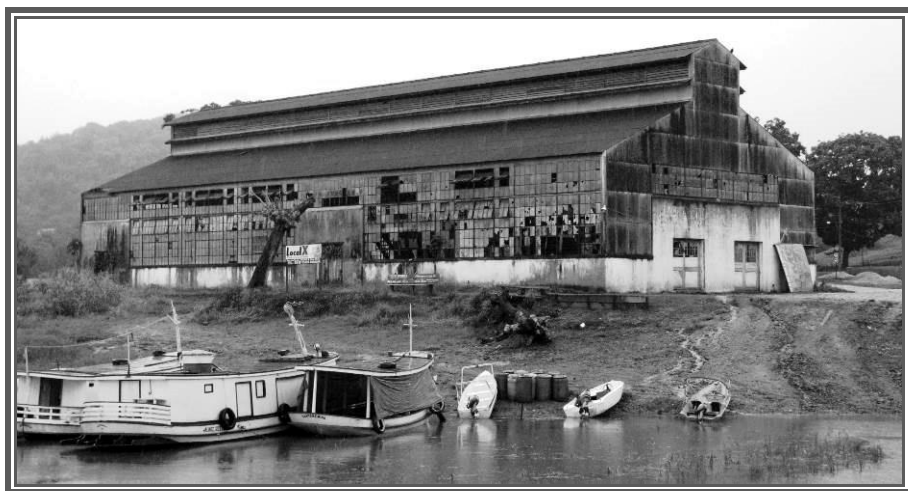



Imagem 06 – Refeitório de Fordlândia

A Revolução "*Quebra-panelas*"

No final de 1930, Fordlândia parecia ter superado os principais óbices, a maior parte das instalações tinha sido concluída, a limpeza de novas áreas estava em andamento, estradas construídas e a plantação de mudas de seringueiras prosseguiam. No entanto, os trabalhadores brasileiros não estavam satisfeitos com o regime espartano imposto pelos capatazes americanos o que provocava uma enorme rotatividade entre os trabalhadores.

A pontualidade, a proibição da ingestão de bebidas alcoólicas no perímetro da empresa, a alimentação tipicamente norte-americana, e a sujeição a uma forma de gestão a que não estavam habituados, gerava conflitos e diminuía a produtividade. Os brasileiros, acostumados a organizar sua jornada de trabalho, de acordo com o Sol e seguindo o ritmo determinado pelos períodos de chuva ou estiagem, tinham dificuldade de se habituar aos horários ditados por uma estridente sirene e o controle rígido dos cartões de ponto.

Em cada detalhe ficava clara a falta de compreensão entre os dois mundos. Os trabalhadores solteiros foram proibidos de sair da propriedade para frequentar bares e bordéis. Em Fordlândia, era vedado o uso de bebidas alcoólicas, a "*lei seca*" fora exportada para a Amazônia. O jeitinho brasileiro, incrementado pelo repentino influxo de dinheiro, deu origem ao estabelecimento, nas cercanias da Cidade "*americana*", de bares, casas de jogos e bordéis. Os solteiros de Fordlândia usavam de todo o tipo de artifício para contrabandear bebidas e dar uma "*fugida*" até a "*Ilha dos inocentes*" onde encontravam bebidas e prostitutas vindas de Santarém e de Belém.

Não tardou para que a insatisfação com as normas americanas provocasse uma grande confusão. O conflito teve início no novo refeitório, uma estrutura de teto baixo, construída de metal, piche e amianto, mal ventilada, que se assemelhava a um verdadeiro forno.

Contrariando o acordado na ocasião do contrato, os administradores decidiram que os operários teriam de pagar pelas refeições cuja dieta, estabelecida pelo próprio Ford, era constituída de farinha de aveia e pêssegos enlatados para o desjejum, e espinafre enlatado, arroz e trigo integral para o jantar. A espera na fila era demorada tendo em vista que os funcionários do escritório tinham de registrar o número dos distintivos dos funcionários.

> Os cozinheiros tinham problemas para manter o fluxo de comida e os escriturários levavam tempo demais para anotar o número dos distintivos. Lá fora, os trabalhadores se empurravam, tentando entrar. Dentro, aqueles que esperavam pela comida se juntavam em torno dos atribulados servidores que não conseguiam colocar o arroz com peixe nos

pratos com rapidez suficiente. Foi então que Manuel Caetano de Jesus, um pedreiro de 35 anos, do estado do Rio Grande do Norte, forçou sua entrada no refeitório e enfrentou. [...] Ostenfeld mandou Jesus voltar para a multidão e disse:

> Tenho feito tudo por você; agora você pode fazer o resto. [...]

A reação foi furiosa, lembrou um observador, como "*atear fogo a gasolina*". O "*terrível barulho*" de panelas, copos, pratos, pias, mesas, cadeiras sendo quebradas serviu de alarme, chamando mais homens para o refeitório, armados de facas, pedras, canos, martelos, facões e porretes. Ostenfeld, juntamente com Coleman, que havia presenciado a cena sem saber nada de português, pulou em um caminhão para fugir. [...] Com Ostenfeld em fuga, a multidão ficou enlouquecida. Depois de demolir o refeitório, destruíram "*tudo que pudesse ser quebrado que estivesse no seu caminho, o que os levou ao prédio do escritório, à usina de força, à serraria, à garagem, à estação de rádio e ao prédio da recepção*".

Cortaram as luzes do resto da plantação, quebraram as janelas, atiraram uma carga de caminhão de carne no Rio e inutilizaram medidores de pressão. Um grupo de homens tentou arrancar os pilares do píer, enquanto outros atearam fogo à oficina, queimaram arquivos da empresa e saquearam o depósito. Em seguida, os desordeiros voltaram os olhos para as coisas mais intimamente associadas a Ford, destruindo todos os caminhões, tratores e carros da plantação. Para-brisas e faróis foram espatifados, tanques de gasolina perfurados e pneus cortados. Vários caminhões foram empurrados para dentro de valas e pelo menos um foi jogado no Tapajós. Depois eles se voltaram para os relógios de ponto e os despedaçaram. [...]

> Ladeado por soldados brasileiros armados, Kennedy reuniu os trabalhadores da plantação e lhes pagou "*por todo o tempo até 22 de dezembro*". Em seguida, demitiu toda a força de trabalho, com exceção de umas poucas centenas de homens. Com a Fordlândia em ruínas e danos estimados em mais de 25 mil dólares, ele aguardou que Dearborn lhe dissesse o que fazer. (GRANDIN)

Fracasso

A comercialização de madeira nobre, das áreas desmatadas, inicialmente, reduziu, o ritmo da limpeza das áreas. A madeira excedente que deveria ser exportada para a Europa e Estados Unidos, depois de ser beneficiada na maior serraria instalada na América Latina foi considerada de aproveitamento caro demais e os administradores optaram pela compra de toras extraídas da mata pelos ribeirinhos. A falta de critério técnico na escolha da área com topografia montanhosa e solo pobre e pedregoso dificultavam o cultivo mecanizado, elevando o custo de implantação do seringal.

A despreocupação em relação ao setor agrícola era patente se observarmos a relação dos técnicos que vieram, em 1927, para a implantação do Projeto: havia engenheiros, médicos, contabilistas, eletricistas, desenhistas, mas nenhum agrônomo, botânico ou fitotecnista fazia parte da equipe inicial. Os gerentes da Ford desconheciam os procedimentos elementares para a plantação de seringueiras, o plantio muito próximo das mudas, a umidade elevada facilitou a disseminação das pragas agrícolas e principalmente do seu maior inimigo, o "*Mal das Folhas*", doença causada pelo fungo "*Microcyclus ulei*". Estudos anteriores à implantação de Fordlândia indicavam que a floresta era capaz de proteger a árvore dessa praga.

Isso porque a distância entre uma seringueira e outra diminuía a intensidade do ataque. Além da topografia e do clima, Fordlândia estava a quatro dias de barco de Belém e, no período da estação seca, o Rio Tapajós baixa o nível de suas águas, não permitindo a entrada ou saída de grandes navios até o porto da Companhia.

Belterra

Só em 1932, depois do fracasso da baixa produtividade, a companhia decidiu contratar um especialista no cultivo de borracha, o botânico James R. Weir, que havia trabalhado na American Rubber Mission. James reportou, em seu relatório inicial, uma série de omissões em aspectos elementares de gestão agrícola, e sugeriu, como medida de urgência, a importação do Sudeste Asiático, de clones de alta produtividade garantida e sugeriu a troca da área de Fordlândia por uma nova área, de 281 mil hectares, em Belterra, a 48 quilômetros de Santarém e que permitia a navegação regular de navios de grande calado durante todo o ano. Em Belterra, o terreno possuía uma melhor drenagem, era mais ventilado e menos úmido – condições menos favoráveis à propagação do "*Mal-das-folhas*". Seis anos depois de ter chegado a Fordlândia, a Companhia reiniciava do zero seu projeto de produzir borracha na Amazônia.

> Weir ensinou o pessoal a fazer enxertos da forma correta. Mas o verdadeiro problema, disse o patologista, era que a Fordlândia não tinha espécimes seguros de onde tirar enxertos. Assim Edsel concordou com o pedido de Weir de viajar ao sudeste da Ásia, para Sumatra e Malásia, a fim de encontrar espécimes garantidos. Weir partiu, em junho de 1933, e obteve rapidamente 2.046 troncos enxertados de

> uma seleção garantida de árvores de alto rendimento. Embalados em serragem esterilizada, eles deixaram Cingapura no fim de dezembro, cruzaram o oceano Índico, passaram pelo Canal de Suez no início de 1934, atravessaram o Mediterrâneo e o Atlântico e subiram o Amazonas. (GRANDIN)

Em 1934, chegaram os 53 clones selecionados por Weir. Apesar da melhor localização, salubridade e seleção das mudas, o seringal também foi atacado pelo "*Mal das Folhas*". Mas graças à utilização de práticas de manejo, seleção de sementes, emprego de mudas mais resistentes, enxertia de copa e controle com fungicidas, permitiram que o seringal passasse a conviver com o Microcyclus.

Em 1941, as primeiras seringueiras plantadas em Belterra começaram a ser exploradas, mas a produtividade era extremamente baixa e os trabalhadores continuavam reclamando da alimentação e das normas americanas. Uma vila vizinha fazia o papel de "*Ilha dos inocentes*".

Fim da Segunda Guerra Mundial

O surgimento de novas tecnologias que utilizavam os derivados do petróleo para a fabricação de pneus inviabilizou totalmente a desastrosa experiência de Ford na Amazônia tendo como resultado um prejuízo de mais de vinte milhões de dólares.

> Com o fim da 2ª Guerra Mundial, muita coisa havia mudado. O principal – e determinante – fator para o fim do sonho de Ford no Brasil foi o surgimento da borracha sintética, que passou a ser largamente produzida em países como Japão, Alemanha e Rússia e que tornou a borracha natural menos interessante.

Além disso, a ideia de terceirização surgia e já não era mais necessário se preocupar com o todo da produção de um automóvel. Em 1945, Henry Ford, sem nunca ter pisado em suas terras brasileiras, resolveu deixar de lado a Amazônia e vendeu por 250 mil dólares as cidades ao governo brasileiro, com tudo o que restava nelas. Hoje, Fordlândia está praticamente abandonada, tomada pelo mato. Belterra, pela proximidade com Santarém, tornou-se um Município um tanto maior, com cerca de 17 mil habitantes. (ZIEGLER)

A Retirada

Foram dezoito anos em que a Companhia exerceu os direitos de concessão de uso de um milhão de hectares na Amazônia, quando resolveu se retirar "*entregando*" terras e benfeitorias ao Governo Brasileiro. Pelo Decreto Lei 8.440, de 24.12.1945, o Governo Federal estabeleceu normas para a aquisição do acervo da Companhia Ford Industrial do Brasil, operação que se efetivou através do Banco de Crédito da Borracha S.A., atual Banco da Amazônia, pagando por ele o preço simbólico de cinco milhões de cruzeiros [250 mil dólares]. Segundo Warren Dean, valor que a empresa devia a seus trabalhadores de acordo com as leis brasileiras relativas ao aviso prévio. Segundo estimativas, as duas plantações custaram à Companhia Ford um investimento de mais de vinte milhões de dólares. Por esse valor simbólico, o Governo Federal recebeu seis escolas [quatro em Belterra e duas em Fordlândia], dois hospitais, patrulhas sanitárias, captação, tratamento e distribuição de água nas duas cidades, usinas de força, mais de 70 quilômetros de estradas bem conservadas; dois portos; estação de rádio e telefonia; duas mil casas para trabalhadores; trinta galpões; centros de análise de doenças e autópsias; duas unidades de beneficiamento de látex; vilas de

casas para a administração; departamento de pesquisa e análise de solo. Além de mais de cinco milhões de seringueiras plantadas: 1.900.000 em Fordlândia e 3.200.000 em Belterra. (SENA)

Destino I

(Tenório Nunes Telles)

Para te saudar a manhã luminosa derrama sua torrente de cores. Fiapos áureos são tecidos pelas horas e o tempo com seu olhar fosforescente esculpe teu rosto terno.

A vida é uma tapeçaria de acontecimentos e circunstâncias cotidianas como um quadro que se inscreve na memória teus dias e destino se desenrolam.

Nessa travessia em que tudo se esvai só a lembrança que guardo de ti há de ficar – como a borboleta amarela que pousava nos arbustos que margeavam os caminhos da infância [...]

Imagem 07 – Fordlândia, PA

Imagem 08 – Fordlândia, PA

Imagem 09 – Fordlândia, PA

Imagem 10 – Fordlândia, PA

Imagem 11 – Fordlândia, PA

Imagem 12 – Fordlândia, PA

O Lado Negro de Fordlândia

Salários Aviltados e Insalubridade

As revoltas dos operários em Fordlândia reivindicando melhores salários, condições de trabalho e denunciando a insalubridade da região foram sistematicamente acobertadas pelas autoridades federais e estaduais capciosamente cooptadas pelos empreendedores americanos que "*curiosamente*" contaram com o apoio de um brasileiro o Sr. Raymundo Monteiro.

Pacotilha, n° 292
S. Luís, MA – Segunda-feira, 10.12.1928

O Caso da Fordlândia

BELÉM, 10 – Pessoa que conhece de perto o movimento da Empresa Ford, em Tapajós, refere que as intenções e os projetos do milionário "*yankee*" são excelentes. Quem não presta é o brasileiro Raymundo Monteiro, amazonense e alto funcionário da Fordlândia, o qual rebaixou os salários dos trabalhadores, que eram pagos pelos americanos, à razão de 8 a 10 mil réis por dia, dizendo que o caboclo não está acostumado a ganhar mais de 3&000 diários. Adianta o informante que o Sr. Monteiro reduziu também a alimentação dos operários para a pior espécie, citando, por exemplo, que os americanos haviam determinado o fornecimento de 60 gramas de banha para cada trabalhador e o Sr. Monteiro reduziu a 25, porque o mais era estrago ([5]). (PACOTILHA, N° 292)

---

[5] Estrago: desperdício.

Correio da Manhã, n° 1.026
Rio de Janeiro, RJ – Quarta-feira, 21.08.1929

O que se Passa nas Terras de Ford, na Região do Tapajós

Belém, 20 [Rádio – Havas] Chegou a este porto, procedente da Fordlândia, na Região do Tapajós, o vapor "*Jurupari*", ao comando do Sr. Nemésio Cordeiro. O representante da Agência Havas esteve a bordo, para apurar se houve greve, como de dizia, nas terras da concessão do milionário americano Henry Ford. Os 36 trabalhadores que se achavam a bordo declararam que o trabalho era demasiado para a diária de 5$000, com derrubadas de matas em terreno elevado, colinas e serras, por isso, tinham resolvido pedir o aumento da diária para 8$000.

O gerente da Empresa Ford não atendeu a essa solicitação e declarou que podia deixar o serviço quem não estivesse satisfeito.

A Notícia da reclamação dos trabalhadores chegou a Santarém, onde se julgou que se tratava de uma greve, razão pela qual o Coronel Ursulino França não permitiu que o vapor atracasse.

O estado sanitário da Fordlândia – acrescentaram os operários – é péssimo; o impaludismo e a pneumonia grassam por ali com intensidade, fazendo vítimas diariamente. Além dessas doenças, outra de aspecto esquisito está atacando os homens que trabalham na terra. O enfermo começa a sentir dormência no corpo, perdendo as energias para sucumbir pouco depois. (CORREIO DA MANHÃ, N° 1.026)

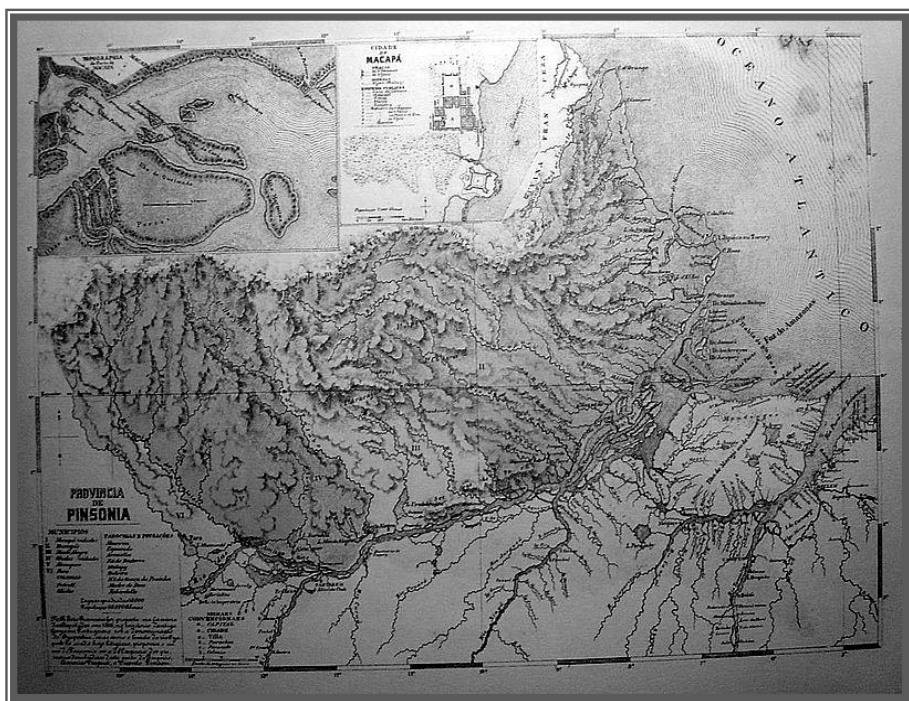



Imagem 13 – Província de Pinsonia (ALMEIDA)

O Imparcial, n° 2.540
S. Luís, MA – Terça-feira, 17.02.1931

O Caso da Fordlândia

Andaram atacando os governos passados do Pará, por terem feito às multifárias e multimilionárias empresas norte-americanas dirigidas por Henry Ford a concessão de uma bela e riquíssima Província talhada na Carta Geográfica do vizinho Estado pela mão do Sr. Dionísio Bentes, com a despreocupação de quem corta, num bom queijo, com uma faca afiada, uma bela fatia.

O sonho de Cândido Mendes ([6]) de uma Terceira Província Amazônica, formada pela Guiana Brasileira, não se realizou ao jeito do que imaginava o velho e doutíssimo maranhense, mestre dos mestres da geografia brasileira.

Da Pinsonia ([7]) idealizada pelo consolidador da cartografia do Brasil fizeram os sucessores do Império a famigerada Clevelândia, aborto do despotismo republicano. Sibéria paradoxal sob o Equador, conspurcando o "*El Dorado*", terra maldita onde a polícia do Rio de Janeiro lançava as levas dos seus condenados. [...]

A concessão dos vastos territórios do Tapajós provocou as mais graves censuras da imprensa. Sobre a cabeça do Sr. Dionísio Bentes e, depois, a calva precoce do seu herdeiro no trono paraense, o Sr. Eurico Valle, desabou muita música de pancadaria. Esbulho, venda indecente de um trecho de terra brasileira, por um prato de lentilhas, aos Estados-Unidos, monopólio escandaloso obtido pelo dinheiro corruptor de New York, negociata perigosa que, de futuro, poderia trazer ao Brasil a perda da Amazônia, – ia por estas alturas a atoarda ([8]), acompanhada, à socapa, dos cálculos <u>sobre</u> <u>o</u> <u>lucro</u> <u>líquido</u> <u>dos</u> <u>governadores</u> <u>na</u> <u>transação</u>. [...]

Houve, na Fordlândia, um levante de trabalhadores, que os jornais atribuíram à fome, aos maus tratos e ao exíguo salário, humanitariamente proporcionados pelo norte-americano aos nacionais e cujo braço é ali empregado para a exploração da terra bravia, com que, naturalmente, os negros antilhanos não podem medir-se sem derrotas flagrantes para o homem.

---

[6] Cândido Mendes: Cândido Mendes de ALMEIDA.
[7] Pinsonia (ou Oiapoquia): elevação do Território Setentrional da Província do Grão Para à categoria de Província.
[8] Atoarda: boataria.

Imagem 14 – Careta, RJ, Edição 1.159, 1930

O governo mandou abafar o motim inconveniente e tratou de confabular com Ford, para que este não retirasse daqueles empreendimentos seus vastos capitais, seus hábeis técnicos, suas possantes máquinas, todos os elementos eficientes de valorização para lá canalizados pela pletórica ([9]) riqueza e a proverbial iniciativa de Tio Sam. [...] Uma cidade com ruas e praças, edifícios modernos. Água, luz e esgotos, hospitais e oficinas, mercados e hotéis, bombeiros, polícia americanizada, tudo nos moldes de um centro urbano do Michigan – uma Chicago em ponto pequeno a quase meio caminho de Belém a Manaus, surgirá nas hirsutas regiões da concessão. Pelos modos, já ninguém condenará os Srs. Bentes e Valle por terem inaugurado a já famosa Rodésia ([10]) do Tapajós.

---

[9] Pletórica: abundante.

[10] Rodésia: possessão britânica conquistada pelo empresário e mercenário Cécil Rhodes no Sul da África.

Eles já recebem do presente a coroa de louros a que fazem jus os estadistas de largo descortínio. E quem sabe se, no futuro que a visão destes governadores previu, Ford City, não se denominará, pela justiça dos seus habitantes, Dyonísia ou Bentonia, com o hábito que os americanos tem de ligar as cidades que fundam aos nomes dos grandes beneméritos do povo que vive à sombra augusta da "*star-sprangled banner*" ([11]). (O IMPARCIAL, N° 2.540).

A Manhã, n° 99
Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 18.08.1935

A Miséria da Fordlândia

A Verdadeira Finalidade das Pesquisas da Empresa – Explorado o Trabalhador Brasileiro pelo Agente Imperialista Johnson – Vencimentos Fabulosos

⇨ AOS CHEFES ESTRANGEIROS ⇦

Fordlândia, julho [Especial para "*A MANHÃ*"]: As explorações da Empresa Ford têm servido de pretexto para as expansões derramadas de muitos, que nunca vieram a estas paragens e não conhecem a situação de pobreza em que vivem os seus trabalhadores e a verdadeira finalidade das pesquisas realizadas. Apesar de fracasso da Fordlândia, ainda permanece aqui grande número de trabalhadores que, por falta de meios, não puderam deixar as terras marginais do Tapajós e que, duramente explorados pela cólera do Sr. Johnson, sofrem as maiores arbitrariedades.

---

[11] Star-sprangled banner: A Bandeira Estrelada.

Se o governo deste País quisesse se certificar em que consiste a exploração da terra para "*fins agrícolas*" e o que tem sido as atividades dos magnatas americanos, orientadas no sentido de pesquisa de ouro e de pedras preciosas, ao lado das sondagens do subsolo, com visível indiferentismo pela sorte dos operários nacionais que mourejam ([12]) nessa indústria – era só mandar abrir um inquérito para constatar a falsidade dos processos falazes com que os agentes imperialistas escravizam os operários, dada a sua ignorância e boa-fé.

Os salários desses trabalhadores, decrescendo sempre, criaram-lhes urna situação dolorosa, pois, mal chegam para atender às despesas indispensáveis a uma alimentação rudimentar. E, agora, a Empresa Ford acanha-se, suspendendo os seus trabalhos, certamente porque os seus objetivos falharam e, com o seu fracasso, impera aqui o "*regímen*" de opressão e de miséria, entre os operários, enquanto os "*vampiros*" do dinheiro, de Mr. Ford levam vida de nababos, capitalizando avaramente os seus gordos vencimentos.

Os milhares de dólares que o capitalista Ford inverteu é consumido, não em proveito dos objetivos proclamados. O que se deu foram gastos suntuários ([13]), sem aplicação para a economia do país, o que vem provar que a administração, só visa conseguir lucros imediatos, dentro do menor prazo possível. [...]

For esse motivo o "*financismo*" do Sr. Johnson se verificou somente em extorquir os pobres trabalhadores, pois, não admite que um operário gaste mais de 60$ com as despesas domésticas.

---

[12] Mourejam: trabalham sem descanso.
[13] Suntuários: exorbitantes.

Ora, 60$ para um trabalhador com família, atender às suas despesas numa região onde a vida se tornou caríssima, por motivos que ninguém ignora.

Os administradores estrangeiros, porém, ganham dezenas de dólares, têm suas habitações luxuosamente instaladas, onde não faltam: pianos de cauda, rádio, geladeiras, água quente e fria e janelas teladas, para evitar a invasão dos mosquitos que semeiam impaludismo entre os trabalhadores indefesos e que percebem salários de 4$, 5$ e 6$ por dia, e muitos, sem trabalho, pois os serviços atualmente feitos são apenas de conservação.

Angustiosa e grave se vem tornando a situação dos trabalhadores da Fordlândia. Um especialista que esteve ultimamente aqui, com o fabuloso ordenado de 30:000$, achou que o operário rural brasileiro trabalha pouco e ganha muito e que a empresa Ford deveria adotar o processo usado pelos ingleses nas Índias, onde o trabalhador ganha pouco e produz muito.

Como esse, pensam todos os chefes estrangeiros, igualmente bem pagos, pois, vencem 6, 8, 10; 12, e 15 contos por mês. Aliás, não era preciso que aquele especialista fizesse essa revelação, uma vez que os operários aqui são tratados como nativos colonizados.

Eis aí o que vêm sendo as "*realizações*" da Empresa Ford e, com tal afirmativa, temos, mais uma vez comprovado, que a grandeza dos Países imperialistas depende, exclusivamente, da exploração escravagista dos nativos que trabalham desesperadamente para manter o luxo de uma classe parasitária.

É esta a realidade da Fordlândia. (A MANHÃ, N° 99)

Prostituição e Tráfico de Mulheres

Jornal do Comércio, n° 9.097
Manaus AM – Domingo, 17.08.1930

O Que Vai pelo Mundo
Amazon, Western, Rádio, etc
Nacionais – Pará

BELÉM, 16 – Os jornais denunciam o tráfico de mulheres na Fordlândia. (JC, N° 9007)

Pacotilha, n° 188
S. Luís, MA – Quinta-feira, 21.08.1930

A Dissolução dos Costumes na Fordlândia

RIO, 20 – Em veemente e judiciosa local, "*A Noite*" chama a atenção do Governo Federal para a Região Amazônica explorada pelo milionário Ford, que se transformou num valhacouto ([14]) de prostituição. (PACOTILHA, N° 188)

Excelsior, n° 32
Rio de Janeiro, RJ – Setembro de 1930

Notas e Comentários

[14] Valhacouto: antro.

> BELÉM, 18 [A. B.] – Chegam aqui notícias do Município de Santarém, sobre a organização da prostituição na zona do Tapajós, próxima à Fordlândia. Ao que informa um jornal daquele Município, trata-se de uma verdadeira empresa, perfeitamente organizada, com seus agenciadores e capitalistas, estando também algumas mulheres envolvidas como associadas na execução de um programa completo.
>
> Pelo momento, os exploradores estão montando as casas públicas com o material humano local. As preferidas são as jovens tapuias, cuja miséria e ignorância são exploradas pela Empresa. Ao partirem, recebem elas calçado, dinheiro e lhes são prometidas outras vantagens.
>
> Não se trata de notícia vaga, pois que o jornal informante assegura que no dia 18 do mês de julho passado partiram para as casas em questão doze tapuias menores, muito novas, em uma lancha que procedia de Alenquer. O jornal de Santarém pede a intervenção da autoridade estadual. Para que comentários, se o "*dollar*" está fascinando os nossos governos? (EXCELSIOR, N° 32)

A implementação deste grande projeto industrial na Amazônia brasileira, como tantos outros, redundou em um tremendo fracasso não só pela falta de conhecimento do cultivo da Hevea brasilienses em larga escala, mas, sobretudo, por não terem levado em conta o componente cultural e a realidade nativa provocando conflitos desnecessários. O que se verifica, ainda hoje, é que outros projetos, tipicamente colonialistas, foram implementados onde permanecemos fornecendo apenas a matéria-prima. O "*Lado Negro*" continua manifestando-se através do desmatamento desenfreado, da poluição e do aumento da população marginal a essas regiões.

O Sequestro da Hevea Brasiliensis

Perdido na mata exuberante e farta, com o intento exclusivo de explorar a Hevea apetecida, o seringueiro compreende, de pronto, que a sua atividade se debaterá inútil na inextricável trama das folhagens, se não vingar norteá-la em roteiros seguros, normalizando-lhe o esforço e ritmando-lhe o trabalho tão aparentemente desordenado e rude.
(CUNHA, 1906)

Hevea brasiliensis (Seringueira)

É planta tropical de ciclo perene cultivada com a finalidade de produção de borracha natural. A seringueira é encontrada nas margens dos Rios e terrenos sujeitos à inundação da terra firme, podendo atingir, em condições ideais, trinta metros de altura. A produção de sementes inicia aos quatro anos e, pouco antes dos sete anos, a produção de látex.

O diâmetro do tronco varia entre trinta e sessenta centímetros e a sua casca é responsável pela produção da seringa.

Submetida a um manejo adequado, poderá produzir, economicamente, por um período de vinte a trinta anos. A Hevea, nativa, tem como área de ocorrência toda a Amazônia Brasileira, Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Suriname e Guiana, sendo que a espécie Brasileira é a que apresenta maior produtividade.

Dentre as diversas doenças e pragas que atacam a espécie, o "*mal-das-folhas*", causado pelo fungo "*Microcylus ulei*", é o mais conhecido e temido, e um dos principais fatores que restringem a expansão da heiveicultura no Brasil.

A Árvore da Borracha – Seringueira

A borracha já era conhecida pelos indígenas antes do descobrimento da América. O Padre d'Anghieria, em 1525, observou Índios mexicanos fazendo uso de bolas elásticas em seus jogos. O missionário Carmelita Frei Manuel da Esperança, em 1720, verificou que os Índios Cambebas faziam uso da borracha para fabricar garrafas e bolas em forma de seringa. O Frei Manuel resolveu, então, dar à substância o mesmo nome do objeto fabricado com ela – seringa. O nome foi consagrado e, desde então, chamam-se de seringueiros aqueles que extraem o sumo leitoso da "*Hevea*" e a de seringais às plantações de onde ele é extraído.

Viagem na América Meridional – Descendo o Rio das Amazonas

Fonte: Charles Marie de La Condamine.

La Condamine tinha vindo à América com a missão de medir um grau do meridiano e, ao retornar à França, levou uma amostra da goma elástica obtida na Amazônia Peruana, em 1736, para ser examinada. Na sua apresentação aos cientistas da Academia de Ciências de Paris, em 1745, informou que os Índios Omáguas davam o nome de "*cahuchu*" à resina retirada da "*Hevea*". Na oportunidade, os membros da Academia não lhe deram a devida atenção, pois os produtos manufaturados com a substância tornavam-se pegajosos no calor e esfarelavam-se quando resfriados. Graças a Condamine, a seiva da "*Hevea*" ficou conhecida, na França, como "*caoutchouc*".

> A resina chamada "*caucho*" nos países da Província de Quito, vizinhos do Mar, é também comuníssima nas margens do Maranhão, e tem a mesma utilidade.

> Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. Fazem-se com elas garrafas que não são friáveis, e botas, e bolas ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres.
>
> Os portugueses do Pará aprenderam com os Omáguas a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de peras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d'água e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária. (CONDAMINE)

O látex produzido pelo caucho ([15]), citado por Condamine, é de qualidade bastante inferior ao do produzido pela "*Hevea*" e a sua extração extremamente predatória. O caucheiro, após identificar a árvore, limpa um local, próximo a ela, e escava um buraco no chão para coletar o leite. Derruba a árvore e, em seguida, faz cortes profundos para extrair o leite que escorre para dentro do buraco. Quando o produto solidifica, ele o retira e dá algumas pancadas para limpar a areia e o barro aderido.

Abertura das "Estradas"

Fonte: Euclides da Cunha – Entre os Seringais – Revista Kosmos.

> [...] o mateiro lança-se sem bússola no dédalo ([16]) das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fisiografia complexa, que

---

[15] Caucho: Castilloa ulei.

[16] Dédalo: labirinto.

vai dos igapós alagados aos firmes sobranceiros às enchentes; traça-lhe os varadores futuros; avalia-lhe, rigorosamente, as "*estradas*"; e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos Igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores. Feito este exame geral, apela para dois auxiliares indispensáveis – o toqueiro e o piqueiro ([17]); e erguendo num daqueles pontos predeterminados, com as longas palmas da jarina, um papiri ([18]), onde se abriguem transitoriamente, metem mãos à empreitada.

O processo é invariável. Segue o mateiro e assinala o primeiro pé de seringa, que se lhe antolha ao sair do papiri. É a boca da estrada. Aí se lhe reúnem o toqueiro e o piqueiro – prosseguindo depois, isolado, o mateiro, até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinquenta metros. Avisa então com um grito particular, ao toqueiro, que parte a alcançá-lo junto da nova madeira, enquanto o piqueiro, acompanhando-o mais de passo, vai tirando a facão a picada, que prefigura a "*estrada*". O toqueiro auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um pique para o seu lado, enquanto um outro grito do mateiro não o chame a reconhecer a terceira árvore; e assim em seguida até ao ponto mais distante, a volta da estrada.

Daí, agindo do mesmo modo, retrogradando por outros desvios, vão de seringueira em seringueira, fechando a curva irregularíssima que termina no ponto de partida. Ultima-se o serviço que dura ordinariamente três dias, ficando a "*estrada*" em pique. (CUNHA, 1906)

---

[17] Piqueiro: trabalhador que auxilia na abertura de estradas abrindo a picada.
[18] Papiri: tapiri.

Extração da Borracha

Antigamente, para colher a goma, cingia-se a árvore com um cipó que envolvia o tronco obliquamente a um metro e setenta do solo até o chão onde era colocado um pote de argila. Eram, então, feitos diversos cortes na casca acima do cipó que aparava a seiva e a conduzia até o pote. Este processo de sangria exagerada, conhecida como "*arrocho*", acabava por matar a árvore e foi abandonado há muito tempo. Com o passar dos anos, o método tornou-se mais racional visando preservar a integridade da "*árvore da vida*". João Barbosa Rodriguez fez o seguinte relato na sua obra "*As Heveas ou Seringueiras*" editada em 1900:

> ***Arrocho***
>
> Consiste o processo do arrocho em circular o tronco da seringueira, a um metro do solo, com um grosso cipó, dispondo-o em sentido oblíquo a unir as extremidades em ângulos a formar goteira. Feito este arrocho, golpeavam a casca da arvore, em toda sua circunferência, em diversas alturas. Assim corria abundantemente o leite que, reunido sobre o cipó, escorria pela goteira indo cair diretamente no vaso que o recolhia. Desta forma, a árvore, dentro em pouco tempo, morria, faltando-lhe a livre circulação da seiva, pelos golpes que separavam os tecidos e esgotavam-na inteiramente. Quando eram simples golpes e não havia casca tirada, de um para outro ano, cicatrizavam e estabelecia-se a circulação; mas, ainda assim, pelas sangrias que anualmente faziam, dentro de pouco tempo morria.
>
> Foi assim que se acabaram os grandes seringais das margens do Amazonas, do Tocantins, do Jari e das Ilhas, assim como os do Baixo Madeira e Solimões.

Incisões

> Posteriormente, foi adotado o golpe do machadinho e proibido, expressamente, o sistema de arrocho que, em muitos seringais, alguns empregam, porque até a eles não chega a ação da justiça. O sistema de incisões também é prejudicial quando dele se abusa, obrigando a árvore a dar mais do que possui, fazendo-se numerosas incisões sem dar descanso e tempo para a completa cicatrização. Alguns, sem necessidade, dão dois e mais golpes para uma tigelinha, o que é prejudicial à vida do vegetal. (RODRIGUES, 1900)

Hoje, o seringueiro parte, de seu tapiri, a cada dois ou três dias, de madrugada, carregando todos os seus apetrechos pela "*estrada*". Este intervalo, antigamente desrespeitado, permite à árvore se recuperar da última sangria. Ele para, em cada uma das seringueiras, e parte para a extração da seringa que é feita através de pequenas incisões de 25 a 30 cm descendentes e paralelas na casca da planta, que começam a uma altura de aproximadamente 2 m acima do solo. Une depois, cada uma das extremidades inferiores dos cortes através de um talho vertical de maneira que o leite escorra dentro do traço para uma cuia. A cuia é embutida na casca cortada para este fim e, eventualmente, pode ser usada uma argila para fixá-la no tronco. Os cortes são feitos, normalmente, até as onze horas, em todas as árvores da "*estrada*", exceto nos meses de agosto e setembro, época da floração. Pelo meio-dia, ele começa a recolher as cumbucas, despejando o látex coagulado nas cuias em um balde, ou então em um saco encauchado ([19]).

---

[19] Encauchado: impermeabilizado com látex.

À tarde, por volta das catorze horas, volta para o rancho, almoça e inicia a defumação do material recolhido que leva umas duas horas para ficar pronto.

O fogo é feito debaixo da terra para que a fumaça saia por um furo ao nível do chão. A melhor fumaça é a de coco de babaçu mas, no Rio Purus, usava-se para esta operação os frutos da palmeira urucuri; no Rio Autaz, os da palmeira iuauaçu e no Rio Jaú e onde estas palmeiras são mais raras, utilizavam-se madeiras como a carapanaúba e a paracuúba.

A bola de borracha ("*pela*") é rodada em volta de uma vara de aproximadamente um metro e meio de comprimento, chamada "*cavador*". Para iniciar a bola, enrola-se na vara um "*tarugo*" de goma coagulada no qual o leite gruda facilmente. O seringueiro vai despejando o leite com uma cuia ou uma grande colher de pau, ao mesmo tempo em que gira o "*cavador*", a parte líquida se evapora imediatamente, e forma-se uma fina camada de goma elástica, e a bola vai engrossando, cada dia um pouco mais. Uma "*pela*" pronta, depois de vários dias, pesa em média 50 quilos, é, então, exposta ao Sol, quando toma a coloração escura e assim permanece até ser comercializada.

Primeiros Empregos da Borracha

A borracha foi empregada inicialmente em usos elementares como apagar traços de lápis no papel. Foi Magellan quem propôs este uso e Joseph Priestley, na Inglaterra, difundiu-o e a borracha recebeu, em inglês, o nome de "*India Rubber*", que significa "*Raspador da Índia*". Os portugueses a utilizaram para a fabricação de botijas para transporte de vinhos.

Em 1785, o físico francês Jacques Alexandre César Charles, pioneiro do uso do gás hidrogênio para encher balões aerostáticos, recobriu seu aeróstato com uma camada de borracha dissolvida em essência de terebintina e, a partir de 1790, começou a aplicá-la sobre tecidos e empregá-la na fabricação de molas.

Em 1815, Thomas Hancock tornou-se um dos maiores fabricantes do Reino Unido, inventando um colchão de borracha e associou-se à Mac Intosh, para fabricar as capas impermeáveis.

Nadier; um industrial inglês, em 1820, fabricou fios de borracha e começou a usá-los em acessórios de vestuário. A América foi assolada, então, pela "*febre*" da borracha e, logo em seguida, apareceram os tecidos impermeáveis e botas de neve na Nova Inglaterra.

A fábrica de Rosburg foi criada em 1832 mas, como os artefatos de borracha natural sofriam sob a influência do frio e do calor, os consumidores logo se desinteressaram dos seus produtos.

Charles Goodyear, em 1836, havia conseguido um contrato com o Departamento de Correios dos EUA, para fornecer sacos postais de borracha. O problema é que os sacos de borracha eram muito ruins. Goodyear, não querendo perder o importante contrato comercial, realizou diversas pesquisas para produzir uma borracha de melhor qualidade, misturando dezenas de substâncias à borracha. Três anos depois, surgia a borracha "*vulcanizada*", em homenagem a Vulcano, deus romano do fogo.

Em 1842, Hancock, de posse da borracha vulcanizada por Goodyear, descobriu o segredo da vulcanização, fazendo fortuna.

Em 1845, R.O. Thomson inventou o pneumático, a câmara de ar e a banda de rodagem ferrada. Em 1850, já se fabricavam brinquedos de borracha e bolas (para golfe e tênis).

Em 1869, Michaux inventou o velocípede que provocou o desenvolvimento da borracha maciça, depois da borracha oca e, em consequência, a reinvenção do pneu, que havia caído no esquecimento.

Michelin, em 1895, adaptou o pneu ao automóvel e, desde então, a borracha ocupou um lugar preponderante no mercado internacional.

O Ciclo da Borracha

O Brasil inicia, a partir de 1827, a exportação da borracha natural. Charles Goodyear inventa o processo de vulcanização na década de 1840, possibilitando a produção industrial de pneus. No final do século XIX, a recém-criada indústria de automóvel estava em franca expansão e, com isso, a demanda pela borracha aumentou consideravelmente. O Brasil exportava, então, toneladas de borracha, principalmente para as fábricas de automóveis norte-americanas. A necessidade de atender a demanda crescente do produto gerou uma expansão demográfica importante na região, oriunda, principalmente, do Nordeste do país.

Em 1830, a população da Cidade de Manaus que era de três mil habitantes passou, em 1880, para cinquenta mil. O aumento da população e da renda per capita estimulou o comércio e contribuiu para a construção civil e de obras de infraestrutura, era o período áureo da Borracha.

Victor Wolfgang Von Hagen Reportando Richard Spruce

Richard Spruce havia partido de Santarém a 08.10.1850, para percorrer os afluentes do Amazonas e, depois de quatro anos embrenhado nas selvas do Peru e da Venezuela, coletando exemplares da flora e da fauna, aportou em Manaus. Von Hagen faz uma interessante descrição do retorno do naturalista e de suas impressões a respeito do "*boom da borracha*". Adoentado, Spruce resolvera regressar a Manaus para passar uma temporada de repouso com os amigos mas, antes mesmo de aportar no seu destino, ele verificou que algo de anormal estava acontecendo, o tráfego era mais intenso e apressado.

> E o tráfego não esmoreceu quando eles se foram aproximando da pequena Cidade. Canoas coalhavam o Rio; caprichosos batelões com gigantescas toldas de popa, botes com imensas pilhas de mercadorias passavam velozes. Nisso, Spruce viu a Cidade e quase não acreditou no que via! Não um, mas três barcos a vapor estavam atracados num cais muito bem feito. O fumo que deitavam era como nuvem negra que se erguia no ar imoto ([20]). Barcos a vapor no Amazonas! ... Que portento! ... Ao desembarcar, ficou abismado vendo as ruas cheias de gente: brancos, morenos, pretos, estrangeiros arrastando mercadorias a toda pressa, como se fossem formigas carregadeiras. Sobre o molhe, pilhas enormes de pedaços de borracha negra e manchada de fumo, esperavam a hora de ser transportada para os vapores ofegantes. A Cidade toda havia mudado. Estava o dobro do que era; novos prédios haviam surgido e no armazém do Sr. Henrique Antony a confusão era enorme.

---

[20] Imoto: parado.

Comprava-se tudo – fósforo, espingardas, os mais variados artigos, aos berros e empurrões, agitando na mão o dinheiro para ter primazia nas compras. Teria alguém descoberto o fabuloso Eldorado? O Sr. Antônio viu, do escritório anexo, a chegada de seu velho amigo e veio de lá com os braços abertos para receber Spruce.

– Meu Deus! – disse o botânico, alvoroçado – que foi que aconteceu, Antônio?

– O senhor não sabe? – respondeu o italiano. Não sabe, Sr. Ricardo? Nós descobrimos as riquezas fabulosas. Quem manda agora é a borracha! Estamos na época da borracha!

Richard Spruce tinha estado muito tempo isolado na selva para entender a coisa. Borracha? Sim, borracha! Mas, e aquela azáfama? Um caucheiro barbudo, suando muito e bebendo ainda mais, perguntou a Spruce, com espanto, por onde havia andado. A borracha, que poucos anos antes custava 3 centes o quilo, agora estava 1 dólar e 50, e cada vez subia mais.

Cada dia que um explorador de borracha deixava passar, era dinheiro que perdia. A procura de objetos de borracha crescia constantemente com a expressão da indústria.

Até mesmo no "*Palácio de Cristal*", onde os ingleses realizavam a primeira exposição universal, os produtores de borracha atraíram verdadeiras multidões. A guerra também lhe deu o seu impulso. A luta inevitável entre os estados livres e escravos da América do Norte, estava principiando a devorar toneladas de viscoso líquido extraído da árvore chamada "*Hevea brasiliensis*". De tal modo a procura superava o fornecimento, que a cada semana o preço subia. Ninguém podia resistir à coisa.

Manaus, que as lendas do passado davam como a sede do Eldorado, tornara-se efetivamente Eldorado. O ouro corria como água nas suas ruas e a Cidade inteira palpitava com o recrudescimento do sonho de riqueza. Os Índios que antes se embriagavam com rum, agora mergulhavam seu "*Weltschmerz*" em champanha. Comia-se até "*patê de foie gras*", geleia de "*Cross & Blackwell*", biscoitos de "*Huntley & Palmers*", bebiam-se vinhos importados. Podia-se sentar a uma mesa para jantar e tinha-se manteiga vinda de Cork, biscoitos de Boston, presunto do Porto e batatas de Liverpool.

Caixeiros e barbeiros, homens de certa posição e mamelucos que, no passado, mourejavam para ganhar um punhado de mil-réis, agora tinham visões de milionários. Embrenhavam-se na ignota região do Amazonas com uma confiança que causava espanto a Richard Spruce. Seria possível que aqueles loucos não fizessem ideia do lugar para onde iam?

O caucheiro começava sua vida de um modo simples. Arranjava dinheiro, vendia a alma a um patrão para lhe pagar em borracha, comprava uma piroga e mantimentos – farinha, peixe seco, garrafas de vinho, sal, artigos caros de importação – depois adquiria mercadorias e, no fim de tudo, machetes com que cortar e fazer porejar todas as árvores de borracha que encontrasse.

De muitos que se haviam metido na empresa de obter a borracha e alcançar a glória, nunca mais se teve notícia. Muitos outros voltaram, com o espanto gravado na fisionomia, cheios de rugas pelos sustos que levaram, contando que se viram perdidos, que tinham curtido as torturas e incômodos da fome, da sede, da febre e das intempéries, que tinham lutado incessantemente contra enxames de insetos que não se saciavam de mordê-los e chupar-lhes o sangue.

Referiam as suas tristes aventuras ao atravessarem pauis insondáveis, cheios de enguias elétricas e florestas com arbustos e cipós que lhe retalhavam a carne.

Spruce queria ver o progresso chegar ao Amazonas, mas nunca supôs que ele lá seria introduzido dessa maneira. Velhos negociantes que noutros tempos comerciavam em insignificantes quantidades com a opulência da Amazônia, eram agora verdadeiros nababos. Ébrios com o seu triunfo e com a champanha importada, descreviam para Spruce o que seria Manaus dentro de poucos anos. E, por mais que carregassem nas tintas do quadro, tudo o que diziam ainda seria inferior à realidade: dentro de 25 anos Manaus se transformou da Aldeia de 3.000 almas que era, na populosa e alucinante metrópole de seus 100.000 habitantes.

Transatlânticos fariam escalas obrigatórias junto às suas docas flutuantes, teatros líricos de mármore seriam construídos, bondes elétricos atravessariam velozmente suas ruas calçadas, capital estrangeiro superior a 40 milhões de dólares seria aplicado na Cidade edificada sobre o pântano do ouro negro.

Richard Spruce sentiu um arrepio ao pensar naquilo que ele inconscientemente tinha ajudado a formar. Suas mudas, seus espécimes de produtos de borracha tinham estado em exposição e haviam contribuído para fomentar aquele negócio. Agora não havia mais de deter-lhe o avanço. A extração da borracha prosseguia com um entusiasmo que nunca fora igualado por nenhum outro movimento desde a descoberta do Novo Mundo.

Essa indústria haveria de tragar os silvícolas. Tribos inteiras de Índios seriam dizimadas. A borracha subiria ao preço fantástico de 3 dólares o quilo!

> Os magnatas da borracha escravizaram o Amazonas inteiro; a cobiça e a ambição aumentariam com o clamor sempre crescente do mundo para obter borracha... Ninguém sabe quanto tempo poderia ter durado o delírio da borracha, mas o famoso "*seed-snatch*" de Henry Wickman pôs-lhe fim. O ouro negro tornou-se lama negra e, por volta de 1900, o pântano da selva engoliu o sonho de um viçoso Eldorado. (HAGEN)

Os Rapinantes Europeus

Os laboratórios europeus descobriram outras aplicações para o uso do látex dando início ao Ciclo Industrial da goma elástica. Os empresários europeus, sobretudo os ingleses, mobilizaram seus esforços na tentativa de transplantar a seringueira para suas possessões orientais localizadas na região tropical. Vários botânicos e viajantes foram contratados para tentar contrabandear sementes e mudas de "*Hevea*" mas, inicialmente, além de encontrarem dificuldades em burlar a fiscalização das autoridades alfandegárias brasileiras, esbarravam na escassez de transportes fluviais.

> Em 1850, Sir William Jackson Hooker, de Kew Gardens, sondara Richard Spruce [então em Santarém], no sentido de obter mudas da árvore da borracha. Spruce tentou atendê-lo mas, sem contar com o transporte adequado, a missão era impossível. Entretanto, fez um estudo meticuloso de todas as árvores que produziam borracha, e essas preciosas informações foram enviadas a Hooker, em Kew Gardens, que agia como conselheiro oficial, junto ao governo, em assuntos botânicos. O Brasil, naturalmente, se opôs a que levassem para fora plantas de borracha. (HAGEN)

Apesar das observações de Hagen, Richard Spruce, um dos maiores botânicos e exploradores da Amazônia foi, sem dúvida, o mais eficiente biopirata pretérito. Nascido na Inglaterra, em 1817, de família muito pobre, Spruce se ressentiu de dificuldades financeiras por toda a vida. Foi um naturalista profissional, ainda que de formação autodidata.

Spruce desembarcou em Belém em julho de 1849, onde se encontrou com Wallace e Henry Bates. Estava a serviço de pelo menos onze herbários europeus para coletar amostras e enviá-las aos interessados.

Em 1864, quando viajou de volta para a Inglaterra, levou pelo menos 30 mil plantas, além de mapas, sem considerar uma infinidade de sementes que já havia enviado por outros meios. Entre essas sementes, estavam diversas espécies de seringueiras, produtoras de látex, além de plantas para uso medicinal. Após 17 anos de trabalho na Amazônia, Spruce repercute os interesses imperialistas bretões lamentando:

> Quantas vezes lamentei o fato de não ser a Inglaterra dona do magnífico vale do Amazonas, em vez da Índia. Se o papalvo ([21]) Rei Jaime II, em vez de meter Raleigh na prisão e depois cortar-lhe a cabeça, tivesse continuado a fornecer-lhe navios, homens e dinheiro até ele formar um estabelecimento permanente num dos grandes Rios da América, não tenho dúvida de que todo o continente americano estaria neste momento nas mãos da raça inglesa. (SPRUCE)

---

[21] Papalvo: pateta.

Em 1851, Thomas Hancock, inventor do elástico, dono da Macintosh & Company, a maior indústria britânica de produtos derivados da borracha, presenteou o príncipe Albert com uma barra de borracha em que estava inscrito o seguinte poema: "*O ramo do comércio foi criado para associar todos os ramos da humanidade. Cada clima necessita o que outros climas produzem e, assim, oferecem algo para o uso geral de todos*". Atendendo aos interesses de Hancock, Sir William Jackson Hooker, diretor do "*Royal Botanic Gardens, Kew*", prontificou-se a "*oferecer toda e qualquer ajuda para quem desejar transferir a seringueira do Brasil para o território imperial*".

O Índio é uma criança, nem mais, nem menos; deixá-lo, pois, entregue às leis da natureza, é uma verdadeira barbaridade. (SILVA COUTINHO, 1865)

O engenheiro João Martins da Silva Coutinho (1830-1889) foi um dos primeiros cientistas brasileiro a voltar-se para a Amazônia. Em 1856, o cultivo da borracha havia sido, pela primeira vez, aconselhado, pelo Barão de Capanema, em uma conferência feita na Palestra Científica do Rio. Silva Coutinho, partidário da ideia do amigo, recomendou o seu plantio nos idos de 1861 e 1863 na Província do Pará. Ninguém levou a sério suas sugestões e ele levou sementes de seringueira para o Rio de Janeiro onde as plantou nos jardins do Museu Nacional. Mais tarde, Silva Coutinho foi o representante brasileiro na Exposição Universal de Paris em 1867, onde demonstrou a superioridade das seringueiras brasileiras e repetiu as recomendações que fizera ao governo Paraense. Seu relatório, publicado no ano seguinte, chamou a atenção dos ingleses que ainda procuravam determinar qual a fonte das melhores borrachas.

O artigo de Silva Coutinho impressionou Clement Markham, alto servidor do "*India Office*". Markham recomendou ao Foreign Office que fossem seguidas as instruções do relatório do brasileiro.

Ainda assim, somente a partir de 1870, por pressão de Markham e outras autoridades inglesas radicadas na Índia, que o "*India Office*", de Londres, passou a considerar com seriedade o assunto. Era uma questão estratégica piratear a borracha do Brasil e, em 1873, o "*India Office*" alocou pessoal e recursos financeiros para contrabandear mudas e sementes de seringueira.

Aventuras e Desventuras de um Biopirata

Fonte: José Augusto Drummond.

> Joe Jackson [JACKSON], jornalista e escritor norte-americano, escreveu essa densa e curiosa biografia do cidadão inglês Henry Alexander Wickham [1846-1928], famoso por ter furtado, em 1875, sementes da seringueira e levá-las para a Inglaterra. [...] Foi um aventureiro de um só feito. Era pessoalmente desinteressante, estabanado nas suas ações, monocórdico ([22]) nas suas obsessões e previsível nos repetidos fracassos dos seus empreendimentos e da sua vida pessoal. Um único episódio bem sucedido, em meio a uma trajetória cheia de tropeços, explica a fama que justifica o resgate da Memória sobre Wickham nesta sua biografia, 80 anos depois de sua morte.
>
> Para os brasileiros, especialmente os amazônidas, no entanto, a fama quase pontual de Wickham tem especial e dolorosa relevância. O dia da vitória de Wickham foi o dia da derrota da Amazônia brasileira.

---

[22] Monocórdico: maçante.

Wickham foi o responsável por um dos atos mais famosos e consequentes do que hoje chamamos de "*biopirataria*" – o furto de sementes da seringueira de seu habitat amazônico.
Em 1875, aos 29 anos de idade, Wickham embarcou em Santarém, Pará, com destino à Inglaterra, carregando semiclandestinamente 70.000 sementes de seringueira, colhidas no Baixo Rio Tapajós.

Quarenta anos depois, esse furto premeditado poria fim ao boom econômico e financeiro da borracha nativa extraída na região amazônica. Nas quatro décadas que se seguiram ao furto, cientistas, administradores coloniais e fazendeiros ingleses aprenderam a plantar a árvore e formaram vastas, ordeiras e homogêneas plantações [na Índia, Sri Lanka e Malásia, primeiramente] e a extrair o látex em escala industrial. A enorme produção e a alta qualidade desse látex "*domesticado*" fizeram com que, a partir de 1914, ele dominasse o mercado internacional.

Os seringais nativos da Amazônia viraram relíquias falidas, quase instantaneamente. Em 1905, a região produzia 99,7% da borracha comercializada no mundo; em 1914, a cifra caíra para 39%, chegando a apenas 6,9% em 1922. O plantio "*racional*" da seringueira liquidou a extração do látex nativo das seringueiras distribuídas "*irracionalmente*" pela floresta amazônica. Foi o fim de uma era para a região.

Kew Gardens, o jardim botânico real da Inglaterra, situado em Londres, contratou formalmente Wickham para fazer esse furto, com a intermediação do Cônsul inglês em Belém. Depois de vacilações e atrasos, Wickham foi feliz na seleção das sementes [grande quantidade, boa qualidade e isentas de doenças] no interflúvio dos Rios Tapajós e Madeira,

nas matas de terra firme perto de Boim, pequena localidade na margem esquerda do baixo Rio Tapajós. Teve sucesso também ao burlar a vigilância da aduana brasileira no porto de Belém.

A sua boa sorte continuou com a baixa mortalidade das sementes durante a longa viagem marítima até a Europa. Wickham protagonizou, portanto, um eficaz ato de biopiratatria, cujas consequências só se materializaram 40 anos depois. [...]

Um detalhe biográfico ressaltado pelo autor capta bem a gênese do espírito aventureiro de Wickham. Como adolescente, ele ficou impressionado com a forte repercussão de um episódio de biopiratatria. Em 1859, o mesmo Kew Gardens promoveu, também na Amazônia, o furto de várias espécies do gênero Cinchona, arbustos de cujas cascas se retira quinino, usado até hoje no combate aos efeitos da malária.

O autor desse outro ato famoso de biopiratatria, Richard Spruce, renomado botânico inglês, conseguiu coletar exemplares de cinchona nas florestas tropicais de altitude do Equador e enviá-las para a Inglaterra. Mais tarde, elas foram cultivadas com sucesso em vários pontos do Império Britânico.

Jackson destaca que o bem sucedido furto de Wickham veio na esteira imediata de quatro anos de marasmo nos quais ele tentou se estabelecer como seringalista e fazendeiro nas imediações de Santarém, sem sucesso. Ainda antes disso, ele fizera excursões aventureiras quase fatais na Nicarágua e na Venezuela, das quais saiu falido, ferido e acometido de malária. Um dos pontos mais interessantes da narrativa de Jackson é que ele mostra que o furto das sementes não mudou a sorte pessoal de Wickham, embora o furto tenha tido repercussões econômicas enormes.

É verdade que Kew Gardens pagou a Wickham a quantia combinada, mas ficou apenas nisso. Diretores e cientistas de Kew bloquearam as duas maiores ambições do biopirata.

Ele desejava, primeiro, participar dos estudos de domesticação da seringueira e da eventual distribuição de mudas e sementes a jardins botânicos e fazendeiros ingleses nas colônias tropicais da Inglaterra na Ásia. Segundo, ele queria se tornar um dono de seringais plantados e um produtor de látex, ou seja, um dono de "*plantation*", em alguma dessas colônias. Jackson mostra que os aristocráticos cientistas de Kew não confiavam em Wickham, duvidavam dos seus conhecimentos sobre a planta e desprezavam a sua origem plebeia e a sua pouca instrução formal. Wickham foi excluído das fases de domesticação da árvore e da expansão dos plantios.

Nem a sua "*boa fama*" de biopirata ficou incólume. Jackson documenta como a própria equipe de Kew ajudou a espalhar a história de que as mudas e sementes transferidas para Ásia descendiam de um outro lote de sementes, igualmente furtado e transferido do Brasil, por outro biopirata inglês, Robert Cross, também a serviço de Kew. Cross era um respeitado veterano das expedições que transferiram para o mesmo Kew Gardens exemplares da cinchona sul-americana, arbusto de alto valor por causa de suas propriedades medicinais. Ele coletou as sementes de seringueiras em torno de Belém, poucos meses depois de Wickham entregar as suas sementes em Londres.

Ressentido, mas não desanimado, Wickham logo partiu para outras aventuras, em outras terras, nas quais tentou se estabelecer como fazendeiro. Jackson narra coloridamente as suas passagens por Austrália, Honduras Britânica e Papua Nova Guiné.

Faltou documentação para que Jackson montasse uma narrativa mais completa delas, mas o autor deixa claro o padrão de sucessivas aventuras e fracassos de Wickham.

Depois de sua estadia de quase cinco anos no Brasil, Wickham passou cerca de dez anos [1876-1886] em Queensland, na Austrália. Plantou café e fumo em terras compradas com o dinheiro ganho com as sementes de seringueira, mas foi à falência. A partir de 1886, tentou a sorte nas Honduras Britânicas. De novo, não teve sucesso como fazendeiro, tendo perdido as suas terras por causa de dívidas e documentação fundiária inadequada, embora tenha ocupado cargos de escalão intermediário no governo colonial inglês.

Em 1895, Wickham estabeleceu-se num remotíssimo arquipélago de 23 Ilhas de coral [Contract Islands], na extremidade Leste da Papua Nova Guiné. Por cerca de cinco anos produziu coco e mamão, cultivou ostras, coletou esponjas marinhas e lesmas do Mar e caçou tartarugas marinhas. Vítima de intermediários comerciais – iguais aos que na Amazônia o impediram de se tornar um seringalista –, mais uma vez o sucesso lhe escapou. Acabou endividado e foi praticamente expulso das Ilhas. Desta vez, foi abandonado pela esposa Violet, uma valente inglesa, que o acompanhara ao Brasil, à Austrália, às Honduras Britânicas e a essas Ilhas.

Wickham retornou à Inglaterra pouco depois de 1900, mas ainda fez viagens ocasionais às possessões coloniais britânicas no Extremo Oriente. Continuava com o projeto de ser um grande fazendeiro. Investiu em uma plantação de seringueiras na Nova Guiné e em outra de piquiá, na Malásia, planta que ele conhecera no Brasil. Elas não foram para frente.

Quase aos 60 anos de idade, Wickham ainda era um cidadão inglês quase anônimo e cronicamente falido. No entanto, como destaca Jackson, em torno de 1905, abriu-se uma nova era para ele. Começou a ser reconhecido como o "*herói provedor*" das sementes de seringueira e, indiretamente, como cor-responsável pelo espalhamento dos seringais e pelas riquezas que elas geraram. A borracha agora estava criando grandes fortunas para aqueles que plantavam seringueiras e se tornara imprescindível para a industrialização dos países ricos. O nome de Wickham ganhou fama ao mesmo tempo em que crescia a importância da borracha como commodity global. À falta de outros sucessos, Wickham navegou com prazer na fama tardia conferida pelo seu feito biopirata de 30 anos antes. Publicou uma espécie de manual de cultivo da seringueira, incluindo um relato cheio de bravatas sobre o furto de 1875. Foi contratado como consultor de plantadores de seringueiras em várias colônias inglesas. Comparecia a eventos científicos e comerciais sobre a borracha, como um misto de perito em borracha e de celebridade. Ganhou prêmios em dinheiro de associações de plantadores de seringueiras, em reconhecimento do seu pioneirismo.

Em 1920, recebeu da coroa inglesa um título de "*Cavaleiro*" e uma pensão vitalícia, pelo seu papel na expansão do Império Britânico. Morreu na Inglaterra, em 1928, sozinho, sem familiares por perto e, como sempre, falido. Jackson o descreve de forma impiedosa nos seus últimos anos:

> Agora ele era simplesmente um personagem, uma figura tragicômica, com uma cabeleira branca e um bigode de leão marinho, que investia contra as novidades modernas dos plantadores de borracha da Malásia cujos bolsos ele enchera. (DRUMMOND)

Diário do Maranhão, n° 986
S. Luís, MA – Terça-feira, 14.11.1876

A Borracha do Pará na Índia

Traduzimos do World de Londres, de 25 de agosto.

"*Foi agora felizmente inaugurada a introdução, na Índia, da verdadeira árvore da borracha do Pará (Hevea). No princípio da semana foram despachadas do Kew 2.500 mudas de plantas para embarcarem. O Sr. H. A. Wickham fora comissionado pelo governo da Índia com o Dr. Joseph Hooker e o Sr. Clements Robert Markham para colherem sementes dessas árvores no Vale do Amazonas. As plantas agora despachadas foram em parte obtidas nas estufas de Kew, de sementes vindas diretamente, com grande cuidado, do Tapajós. É de esperar que se envidarão todos os meios para assegurar o sucesso pela escolha de localidades próprias, afim de formar extensas plantações deste vegetal, que no decurso de poucos anos poderão dar grandes lucros*".

Dão-nos estas linhas, em que procuramos nos a ter o mais possível à ideia e a forma do teste original, a notícia de que dentro em pouco teremos um formidável concorrente para o nosso principal produto de exportação. Sirva-nos esta notícia de ao menos, para que não só não continuemos a destruir o precioso vegetal que é a maior fonte de riqueza do Pará e Amazonas, mas até de emulação para que, seguindo o exemplo do governo da Índia, tratemos de cultivar a seringueira. Está nisso empenhado o futuro do Vale do Amazonas. (DDM, N° 982)

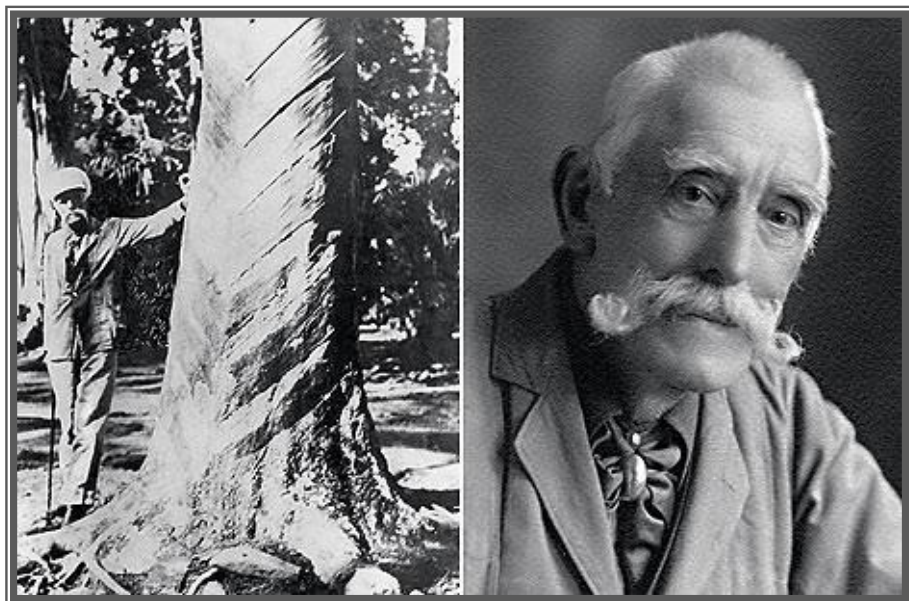



Imagem 15 – Sir Henry Alexander Wickham

A Decadência do Ciclo da Borracha

A heveicultura foi lançada pelos ingleses e holandeses em suas colônias asiáticas cujo clima era semelhante ao clima tropical úmido da Amazônia. Na década de 1890, as heveas tinham se adaptado, perfeitamente ao meio natural da Ásia.

Em 1900, as plantações se estendiam às colônias inglesas do Ceilão, Malásia e Birmânia e à holandesa na Indonésia. Os resultados foram fantásticos, foi um sucesso agronômico e econômico.

Em consequência, iniciou-se o colapso do ciclo da borracha, com um gradual e inexorável reflexo na economia de toda região amazônica. Além da concorrência com produto Oriental, adveio uma praga nefasta nas seringueiras nativas, era o "*mal-das-folhas*".

Os Mundurucu – Senhores da Guerra

A mais formidável e cruel etnia que já existiu no Baixo e no Médio Amazonas foi, sem dúvida, a dos "*Senhores da Guerra Mundurucu*". Estes valorosos guerreiros americanos adestravam seus descendentes, desde cedo, numa rígida disciplina militar e consideravam o combate como a atividade mais nobre e gratificante da vida de um guerreiro. O porte físico e a altivez do "*Povo Mundurucu*" impressionavam, eram altos, dotados de invejável compleição física e portadores das mais belas e elaboradas tatuagens do planeta.

Os complexos desenhos eram gravados quando o jovem guerreiro atingia seus oito anos de idade e eram ampliados, com o passar dos anos, durante o inverno amazônico, até cobrir-lhe inteiramente o corpo. No combate, os Mundurucu se faziam acompanhar das mulheres que carregavam suas flechas e, segundo antigos relatos, eram capazes de apanhar as flechas inimigas em plena trajetória. A participação das mulheres no combate, comum em tantas culturas, auxiliando e incentivando e, eventualmente, substituindo os maridos abatidos pelos inimigos, na peleja, gerou a criação do mito das "*Amazonas Brasileiras*".

O professor José Sávio Leopoldi faz um relato bastante interessante a respeito destes verdadeiros "*Samurais Americanos*" que reproduzimos abaixo.

A Guerra Implacável dos Mundurucu
Fonte: José Sávio Leopoldi.

> Os Mundurucu sempre foram apontados como a grande tribo guerreira da Amazônia, desde que surgiram na história da região na segunda metade do século XVIII.

As notícias que envolviam esses Índios via de regra diziam respeito aos seus ataques às populações luso-brasileiras que se fixavam às margens dos Rios das regiões percorridas pelos grupos de guerreiros, notadamente a Mundurucânia – território limitado ao Norte pelo Rio Amazonas, ao Sul pelo Juruena, a Leste pelo Tapajós e a Oeste pelo Rio Madeira. Mas suas expedições de guerra excediam largamente esses limites, ultrapassando a Leste o Rio Xingu e chegando mesmo às proximidades de Belém do Pará. O objetivo era perpetrar uma série de ataques tanto a outras tribos indígenas quanto às comunidades não-Índias do vale amazônico. O período preferido para o início das expedições guerreiras era o começo do período seco e as jornadas mais curtas se encerravam antes do período chuvoso. Mas, frequentemente, a caça de inimigos se prolongava por vários meses, período que podia chegar a um ano e meio.

Essa dedicação à atividade belicosa evidencia a importância da guerra para a sociedade Munducuru. Os grupos guerreiros Munducuru se compunham de Índios de diferentes Aldeias que, no entanto, mantinham sempre um contingente masculino em cada uma delas face à necessidade da continuidade da provisão alimentar e à defesa de suas respectivas comunidades. Cada Expedição era chefiada por dois experientes guerreiros que discutiam estratégias de luta com outros chefes de Aldeia e com os Índios mais velhos, que conheciam bem o assunto.

Uma trombeta de guerra acompanhava cada Expedição sob a guarda de dois homens que, orientados pelos líderes, davam o sinal de ataque. Sobre a estratégia bélica, Robert Francis Murphy e Yolanda Murphy observam que o modo mais comum de ataque consistia em promover um cerco silente pelos inimigos à sua Aldeia durante a madrugada, cujas malocas eram então alvejadas por flechas

incendiárias atiradas pelos Mundurucu em suas coberturas de palha.

Donald Horton registra que os ataques dos Mundurucu se davam ao clarear do dia com o incêndio das malocas dos inimigos por flechas incandescentes. Depois, seguia-se o assalto propriamente dito sob o som tonitruante de gritos aterradores dos guerreiros que emergiam em correrias da floresta circundante para o ataque final. Surpreendidos pela manobra ofensiva, os Índios atacados – sem condições de organizar qualquer tipo de defesa – procuravam abandonar rapidamente suas malocas, tornando-se presas fáceis para os agressores.

Em sua obra Viagem pelo Brasil, os naturalistas alemães Spix e Martius, após extensa viagem por várias regiões do país em 1817-1819, observaram que para os Mundurucu:

> a guerra é uma ocupação agradável, mais ainda do que para a maioria das tribos; tudo, desde o princípio parece calculado para eles se fazerem valer na guerra. (SPIX & MARTIUS)

Mostrando que também praticavam a guerra durante o dia, aqueles naturalistas registraram que:

> no ataque, distribuem-se os Mundurucu em extensas linhas; esperam a carga de flechas do inimigo [...] e só então desferem instantaneamente as suas flechas apresentadas pelas mulheres, quando o inimigo, em bando cerrado, já não dispõe de muita munição. (SPIX & MARTIUS)

Aí se vê como, diferentemente do que acontecia com a maioria das outras etnias no que concerne à guerra, para os Mundurucu essa não era uma atividade exclusivamente masculina, já que um papel, ainda que secundário, era reservado às mulheres.

Devido ao largo período em que os grupos guerreiros se mantinham em campo, elas acompanhavam as expedições, perfazendo algumas tarefas necessárias ao bom desempenho da missão.

Encarregavam-se de preparar os alimentos e de carregar redes e demais utensílios, liberando, portanto, os homens dessas atividades para permanecerem em constante estado de alerta contra possíveis investidas de inimigos. Elas participavam também do ataque por flechas antes do assalto final à Aldeia inimiga, municiando os arqueiros com uma sucessão de flechas, o que reduzia o tempo do lançamento entre cada uma delas e tornava mais eficaz a máquina de guerra Mundurucu.

Uma atividade guerreira como a desenvolvida pelos Mundurucu e que se evidenciava de suma importância para sua sociedade não se mostra muito transparente às razões que a valorizavam. Em outras palavras, um motivo para a incomum belicosidade dos Mundurucu não é de fácil discernimento, mas um ponto sobre o qual convergem as informações e evidências é a caça a cabeças humanas, que se revestiam do mais alto significado naquela sociedade.

Segundo Manuel Aires de Casal, os Mundurucu eram chamados pelos indígenas de outras tribos de paiquicé, que significava "*corta–cabeça*", prática essa de que não se tem notícia em qualquer outra tribo indígena do Brasil.

Todos os inimigos homens adultos eram mortos, enquanto as mulheres e crianças eram levadas para as Aldeias Mundurucu; aquelas mais tarde se casavam com homens deste grupo, enquanto estas eram adotadas e tratadas como crianças comuns. As cabeças dos homens eram decepadas, preparadas

por um processo que ficou conhecido como mumificação e, depois, mantidas como troféus de inestimável valia para os Mundurucu.

As cabeças dos inimigos – e, nesse caso, por inimigo se entende qualquer outra etnia, pelo menos antes dos Mundurucu encetarem relações pacíficas com os "*brancos*" e com vários grupos indígenas ainda no período colonial – adquiriam poderes mágicos uma vez que se tornavam elementos indispensáveis à própria sobrevivência da tribo. Isto porque se ligavam à sua permanência e bem-estar uma vez que, segundo os Índios, constituíam o elemento propiciador de uma grande caçada ou uma farta colheita. Eram, portanto, indispensáveis à vida Mundurucu.

Daí não se estranhar o fato de que a figura mais valorizada da tribo era exatamente o guerreiro, em particular aquele que se apropriava da cabeça do inimigo e a mantinha – depois de devidamente mumificada e enfeitada – como o mais valioso troféu que se podia exibir. Ela simbolizava o feito máximo a que qualquer homem podia aspirar, o que resultava em orgulho extremado e respeito – provavelmente também inveja – dos seus pares.

O dono da cabeça – exuberante em prestígio e glória – conduzia-a implantada em uma estaca e se tornava o elemento central de uma série de festividades e cerimônias celebrantes da "*cabeça-troféu*", que, segundo Murphy, se estendia por três estações chuvosas após a guerra em que havia sido conquistada. [...] É interessante notar que não se registram cabeças de não-Índios tomadas como troféus pelos guerreiros Mundurucu, apesar dos incontáveis ataques e mortes infligidas aos colonos luso-brasileiros que habitavam as paragens por eles percorridas. [...]

Já em 1817, Manuel Aires de Casal registrava que quase todos os grupos Mundurucu estavam aliados aos portugueses e alguns já convertidos à fé cristã. Mas, continuavam uma implacável perseguição a outros grupos indígenas.

> A desumanidade das hordas Mundurucanas que ainda vagueiam pelos matos, porquanto não dão quartel a sexo, nem a idade, tem obrigado grande parte das outras nações a refugiar-se junto das povoações dos cristãos, onde à sua sombra e de paz vivem seguros daquele desalmado inimigo. (CAZAL)

As guerras intertribais beneficiavam também os portugueses que viam com bons olhos o enfraquecimento da resistência indígena ao seu domínio, favorecendo – através de uma espécie de escravidão dissimulada – uma utilização cada vez maior da mão-de-obra indígena nas vilas dos colonizadores. Ainda naquele período, os naturalistas Spix e Martius, que visitaram a região do Tapajós em 1819-1820, relataram que:

> atualmente são os Munduruсu os espartanos, entre os Índios bravios do Norte do Brasil. Avalia-se a tribo em 18.000, mesmo até 40.000 indivíduos que vivem no Rio Tapajós, a Leste e Oeste dele em parte nos campos e perseguem as diversas tribos, como os Jumas, Parintintins e Araras [habitam estes as nascentes dos Rios Maués, Canomá e para os lados do Madeira], com tão inexorável furor, que as duas primeiras tribos, mais fracas, serão em breve completamente exterminadas. (SPIX & MARTIUS)

Antes de estabelecida a paz com os colonizadores, os Munduruсu eram seus implacáveis inimigos e os enfrentavam com o destemor e a bravura que os distinguiam dos demais grupos amazônicos. Em muitos enfrentamentos, acabada a munição das forças governamentais, estas batiam em retirada uma vez que, sem o poder que lhes ofereciam as armas de fogo, os soldados se tornavam presas fáceis.

Mas a máquina de guerra da tribo acabou por curvar-se à força colonial, cujo arsenal bélico produzia uma destruição em massa e tornava frágeis os arcos e flechas manipulados pelos indígenas.

Mas os colonizadores reconheciam a perseverança e a capacidade bélica dos Mundurucu e sempre procuraram um caminho para o estabelecimento de relações pacíficas e de alianças, na expectativa de cooptar o ânimo guerreiro daqueles Índios para colocá-los a seu serviço. Pois acabaram conseguindo tal intento. O poder guerreiro dos Mundurucu acabou sendo aproveitado pelas tropas coloniais após o estabelecimento de relações pacíficas desses Índios com os colonizadores, particularmente com o objetivo de submeter as tribos que continuavam hostis à dominação luso-brasileira. Com esse propósito, os Mundurucu – mas não só eles, diga-se de passagem – começaram a ser convocados para o serviço militar, atividade esta muito rejeitada pelos Índios, mas a que se submetiam devido ao temor de maiores represálias. A notícia da chegada da embarcação de Karl von Martius a uma Aldeia Mundurucu, por exemplo, aterrorizou os Índios:

> supondo eles que eu os vinha prender para o serviço público. Havia-se ultimamente começado a recrutar um certo número de Mundurucu para a milícia, motivo pelo qual os Índios, já descontentes, ameaçavam voltar às matas. (SPIX & MARTIUS)

Era comum, no entanto, a fuga de vários Índios – seguida pela tentativa de captura por militares que os acompanhavam – durante a longa jornada das expedições com Índios recrutados, que se destinavam à capital do Pará onde se fazia a adaptação deles aos tipos de empreendimentos requeridos pela força militar.

Segundo o historiador Jorge dos Santos:

> depois de “*pacificados*”, os Munduruсu tornaram-se “*aliados*” dos portugueses, que os usaram na redução, isto é, no descimento de outros grupos tribais que ainda resistiam ao domínio colonial. No século XIX, desenvolveram atitudes guerreiras mercenárias, além do papel de perseguidores dos rebeldes cabanos, principalmente na região que ficaria conhecida na época por Mundurucânia. (SANTOS, 1995)

[...] Por volta da metade do século XIX, guerreiros Munduruсu já acompanhavam grupos de soldados para destruir Aldeias de Índios insubmissos ou de negros fugitivos da escravidão, como consta do Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial pelo Presidente da Província do Pará, que menciona ataques daqueles Índios aos mocambos do Rio Trombetas, cujos sobreviventes eram então levados como escravos às povoações dos colonizadores.

Também segundo a historiadora portuguesa Ângela Domingues:

> os Munduruсu, após a sua pacificação em 1795, foram incorporados às forças luso-brasileiras, que souberam aproveitar a vocação guerreira da etnia e a sua inimizade tradicional com outras etnias pra “*desinfestar*” o Madeira de grupos hostis à presença colonial. (DOMINGUES)

A esse respeito, o etnólogo Expedito Arnaud, em sua obra “*O Índios e a expansão nacional*”, já observara que os Índios Munduruсu:

> após terem sido atingidos por uma Expedição de represália, enviada pelo Governador da Província do Pará, tornaram-se amigos dos colonizadores e, como seus mercenários, continuaram hostilizando outros grupos indígenas. (ARNAUD)

O estímulo ao ânimo belicoso dos Mundurucu continuou rendendo frutos aos colonizadores que sabiam tirar partido dele. João Barbosa Rodrigues, que visitou a região do Tapajós em 1872 integrando Comissão Científica organizada pelo governo imperial, registrou que ela havia sido anteriormente habitada por vários grupos indígenas hoje extintos, como os Tapajós, Apanuariás, Amanajás, Marixitás, Apicuricus, Moquiriás, Anjuariás, Jararéuaras, Apecurias, Canecuriás, Motuari, Uarupás, Periquitos e Suariranas.

Em seu relato sobre a ocupação indígena da região, Barbosa Rodrigues destacou que, além do desaparecimento dos Índios Tapajós, atacados por infecções provavelmente resultantes do contato com os não-Índios, os demais grupos "*fugiram para outros pontos da Província*" ou "*foram exterminados pelos Mutirucus, hoje Mundurucu*".

Considerada "*a mais numerosa e a mais guerreira do Vale do Amazonas*" a tribo dos Mundurucu tinha uma população então estimada entre 18.000 a 20.000 Índios, "*sendo 5.000 já civilizados*". Henri Coudreau, incumbido de realizar missão científica na região cortada pelo Rio Tapajós, relata que, em 1895, um grupo de moradores resolveu vingar o massacre de alguns negociantes provavelmente perpetrado por Índios Ipurinãs.

> Não imaginaram nada melhor do que procurar os Mundurucu, mercenários de uma nova espécie, conhecidos por alugarem a quem quiser pagar seu valor militar, que talvez seja um pouco superestimado. (COUDREAU)

Darcy Ribeiro também destaca a aliança guerreira entre os Mundurucu e as forças governamentais ao observar que:

> Devido à grande combatividade desses Índios, eles foram recrutados pelos brancos para fazer face a tribos hostis. Com isso, os Munduruku conseguiram manter, por um longo período, certa integridade e autonomia tribal e o poder político dos seus chefes alcançado pelo relevante papel que exerciam na guerra. Assim, os padrões guerreiros passaram a ser desempenhados tanto pelas antigas motivações tribais, como por razões mercenárias. (RIBEIRO)

Guerra e evolução

[...] A peculiaridade da guerra Munduruku consistia no fato de que ela não se satisfazia com o medo e a fuga dos inimigos, como seria o caso se a disputa fosse apenas uma questão de conquista territorial. Também não se saciavam os guerreiros com a morte de um ou alguns inimigos para compensar a morte de um ou mais parentes ou amigos, como acontecia nos casos tipificados como guerras de vingança, que impeliam variados grupos tribais, particularmente os Tupinambá.

A guerra Munduruku não cessava com a extinção de um grupo inimigo; havia sempre outros inimigos a serem caçados, vencidos, decapitados e, mesmo, exterminados. Vencidos, nesse caso, significava mortos e a consequente apropriação pelos vencedores de suas cabeças que eram transformadas nos mais valiosos troféus de guerra. Não bastava, portanto, apenas atemorizar, vencer e afugentar as outras tribos; seus guerreiros precisavam deixar de existir.

Suas cabeças, transformadas em enfeitados e cobiçados objetos que simbolizavam a vitória e a vida Munduruku, constituíam a condição mesma da existência da tribo, pois tinham o poder de lhe dar o devido sustento graças às exuberantes caçadas, e colheitas que propiciavam.

A morte dos outros era, portanto, condição necessária à sobrevivência dos Munducuru; ou ainda, a existência destes Índios dependia, na lógica nativa, da morte do outro, de qualquer outro, de quaisquer outros ou, mesmo, de todos os outros.

Metaforicamente pode-se, então, afirmar que a morte do outro constituía o verdadeiro alimento dos Munducuru; o que significa dizer que a guerra era para eles, como a caça, a pesca, a coleta e a colheita, uma tarefa sem fim. Eles não iam então à busca de inimigos ou de suas cabeças mágicas; na realidade iam, sim, em busca da própria vida. Aqui se vislumbraria um interessante paradoxo se prosseguisse num raciocínio como esse, apoiado numa lógica formal, pois se o objetivo Muduruçu fosse realmente alcançado, isto é, se a guerra chegasse ao seu final com a morte de todos os inimigos, então não haveria mais cabeças a serem caçadas e mumificadas e, consequentemente, uma situação de risco à vida Munducuru sobreviria, senão o próprio fim dela. Daí se depreende, então, que inimigos vivos eram mais do que necessários aos Munducuru, pois só assim poderiam contribuir decisivamente, depois de mortos, com suas cabeças transformadas em troféus, para o bem-estar de quem os havia matado e da sociedade de guerreiros que havia produzido seus matadores, garantindo sua existência.

Assim se compreende mais facilmente a razão dos enormes deslocamentos feitos pelos grupos de guerra Munducuru, que percorriam milhares de quilômetros de distância em períodos que se estendiam até um ano e meio à caça de inimigos e de suas preciosas cabeças. Qual teria sido o destino das populações amazônicas se não tivesse ocorrido a intrusão colonial e a máquina de guerra Munducuru não tivesse sito progressivamente desmontada?

A questão não deixa de ser instigante, mas estaria aberta às mais variadas suposições baseadas numa "*lógica cultural*". Se aquele tivesse sido o caso e os Munduruku tivessem exterminados todos os seus inimigos, ou seja, todas as outras tribos que estivessem ao alcance de suas expedições guerreiras, poder-se-ia supor que fatalmente começaria a haver fortes distinções entre subgrupos da própria tribo Munduruku e a consequente gestação de "*inimigos internos*", cujas cabeças talvez passassem a desfrutar do status das cabeças-troféus dos antigos inimigos pertencentes a outras etnias. Mas, antes que se recoloque a questão "*e quando se extinguissem também os inimigos internos?*", seria mais adequado supor que a cultura Munduruku teria modificado a significação das "*cabeças dos inimigos*", já que, prosseguir naquela postura, levaria a um processo de autoextermínio, caminho impensável para qualquer coletividade, humana ou mesmo não humana.

De qualquer maneira, a história mostrou que o rolo compressor Munduruku começou a ser desativado como resultado do estabelecimento de relações amistosas com os colonizadores e perdeu sua razão de ser com a pacificação geral a que gradativamente se submeteram todas as outras etnias desde então. Retornando à explicação da amplitude geográfica da guerra Munduruku, parece-nos, pois, adequado recorrer à questão genética como propulsora dos grupos de guerreiros que iam à caça de inimigos distantes. Num período em que a cooperação não fazia ainda parte de um quadro pintado com as cores dos ideais pacíficos que mais tarde empolgariam as nações de modo geral, a guerra, a destruição do outro, emergia como a estratégia mais eficiente, apesar dos óbvios riscos que implicava para a criação de melhores e mais seguras condições de existência e reprodução dos grupamentos humanos. [...]

Violência, guerra e genes constituem, portanto, elos de ligação entre cultura, sociedade e biologia, mais fáceis de serem percebidos nos grupos primitivos do que nas sociedades modernas, cujas guerras, no entanto, não deixam de reproduzir, em alguma medida, os motivos, objetivos e estratégias que se observam nas atividades bélicas do mundo tribal.

Apesar das aparências "*civilizadas*", expressas, acima de tudo, pela eficácia destruidora de seus armamentos, as guerras da modernidade não escondem do olhar científico atento suas vinculações com o "*fator genético*", exatamente como ocorria com a guerra dos "*primitivos*" Mundurucu ou de qualquer outra tribo indígena. (LEOPOLDI)

Relatos Pretéritos – Mundurucu

Manuel Aires de Cazal (1817)

Os Mundurucu, que costumam tingir o corpo de negro com tinta de jenipapo, são numerosos, apessoados, guerreiros, e temidos de todas as outras nações, que lhes dão o nome de "*Paiquicé*", que significa "*corta-cabeça*", porque costumam cortá-la a todo inimigo que lhes caiu em poder, e sabem embalsamá-las, de sorte que se conservam largos anos com o mesmo aspecto do momento em que foram cortadas. [...]

Conhecem a virtude de vários vegetais, com cujo uso facilmente curam algumas moléstias perigosas. [...] A desumanidade das que ainda vagueiam pelos matos, porquanto não dão quartel a sexo, nem idade, tem obrigado grande parte das outras nações a refugiar-se junto das povoações dos cristãos, onde à sua sombra e de paz vivem seguros daquele desalmado inimigo. (CAZAL)

Johann Baptist von Spix (1819)

Os Mundurucu, antes do ano de 1770, mal eram conhecidos no Brasil pelo nome; mas, daí por diante, irromperam em numerosas hordas, ao longo do Rio Tapajós, destruíram as colônias e tornaram-se tão temíveis que foi necessário mandar tropas contra eles, às quais se opuseram com grande audácia. No oitavo decênio do precedente século ([23]), saiu das suas malocas uma horda de mais de 2.000 homens, a qual atravessou os Rios Xingu e Tocantins e seguiu, espalhando guerra e devastação [...] eram gente alta [vários mediam 6,5 pés [24])], de peito largo, fortíssima musculatura, frequentemente de cor muito clara, de feições largas, bem pronunciadas e embora afáveis, rudes, cabelo preto luzidio, cortado curto sobre a testa, e todo o corpo tatuado com linhas finas.

Causa admiração a minúcia com que o doloroso embelezamento é praticado da cabeça aos pés. Provavelmente, quer o Mundurucu, com essa desfiguração, tornar o seu aspecto guerreiro e terrível, pois para ele mais que para a maioria das tribos, a guerra é uma ocupação agradável; tudo, desde o princípio, parece calculado para eles se fazerem valer na guerra.

> **Tatuagem Mundurucu Masculina**: os Mundurucu tatuam todo o rosto ou pintam no meio da face uma malha meio elíptica, da qual partem numerosas linhas paralelas sobre o queixo, mandíbula e pescoço, até o peito. Do meio de uma espádua até outra, correm sobre o peito duas ou três linhas, separadas meia polegada uma da outra e, abaixo destas, até o fim do peito, se acham desenhos

[23] Oitavo decênio do precedente século: 1780-1789.
[24] 6,5 pés = 1,97 m.

romboidais ([25]) verticais, ora cheios, ora vazios. O resto do tronco é riscado com linhas paralelas ou formando rede. As costas são igualmente tatuadas, porém menos completamente, e nas extremidades repete-se a série de linhas, com ou sem rombos. Cada qual faz, a seu gosto, algumas variantes.

Tatuagem Mundurucu Feminina: nas mulheres, é raro ver-se o rosto todo enegrecido; a malha que elas trazem tem forma de lua crescente, de pontas voltadas para cima. Não furam os lóbulos, mas as orelhas em cima, no primeiro sulco, e ali usam toquinhos de caniço. Na vida livre, andam nuas; só os homens é que trazem o suspensório de algodão, ou a taconha-oba [usado por várias tribos]. Vi mulheres inteiramente nuas, mesmo na missão, e a custo se consegue que ponham um avental para entrar na igreja.

Também os arredores das cabanas tinham aspecto guerreiro: sobre postes, estavam espetados alguns crânios mumificados de inimigos e, em torno das palhoças, mais para o interior, estavam expostos muitos esqueletos de onças, quatis, porcos do mato, etc. Atualmente, são os Mundurucu os espartanos, entre os Índios bravios do Norte do Brasil, assim como o são os Guiacurus, entre os do Sul, e ciumentos zelam pela própria hegemonia entre os seus aliados, dos quais os mais poderosos são os Maués. Ouvi avaliar-se a tribo em 18.000, mesmo até em 40.000 indivíduos, que vivem no Rio Tapajós, a Leste e Oeste dele, e em parte nos campos; perseguem a diversas tribos, como aos Jumas, Parintintins e Araras [habitam estes as nascentes dos Rios Maués, Canomá e para os lados do Madeira], com tão inexorável furor, que as duas primeiras tribos, mais fracas, serão em breve completamente exterminadas.

---

[25] Romboidais: paralelogramos.

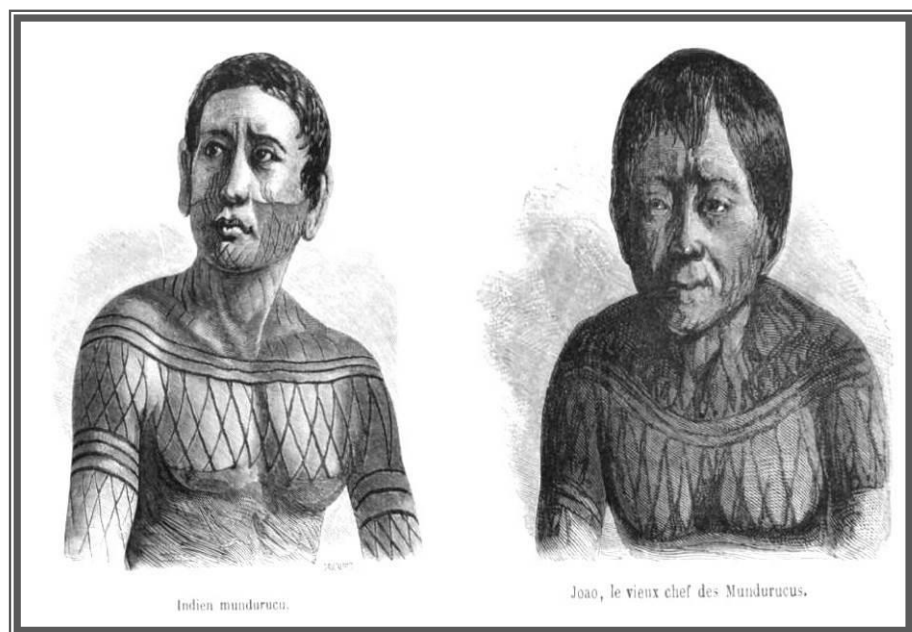



Imagem 16 – Índios Mundurucus (Agassiz)

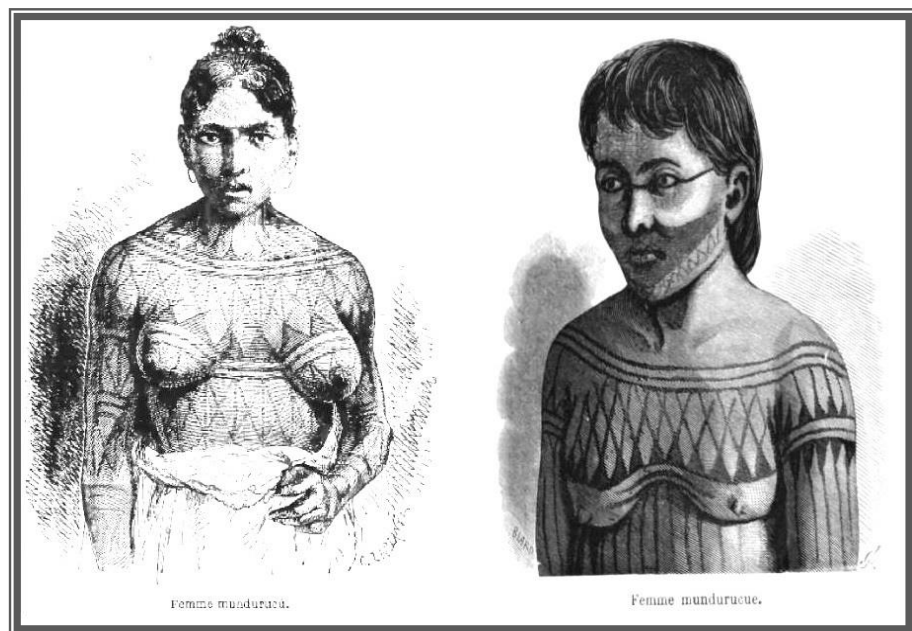



Imagem 17 – Índias Mundurucus (Agassiz)

No ataque, distribuem-se os Mundurucu em extensas linhas; esperam a carga de flechas do inimigo, as quais são colhidas, no voo, com grande destreza, pelas mulheres, que lhes estão ao lado, ou eles próprios procuram evitá-las dando pulos rápidos, e só então desferem com maior pressa as suas flechas oferecidas pelas mulheres, quando o inimigo, lutando em bando cerrado, já não dispõe de muitas armas. Fazem as suas incursões exclusivamente de dia e, por isso, veem-se atacados à noite pelos igualmente belicosos araras. Nos seus domicílios permanentes, são, por sua vez, protegidos por uma ordem completamente militar. Todos os homens aptos para a guerra dormem, durante esta, num grande rancho comum, longe do mulherio, e são vigiados por patrulhas que de tudo dão sinal por meio do turé ([26]). Com este instrumento, também o chefe, durante o combate, comunica as suas ordens, sopradas pelo seu ajudante.

No triunfo, não poupa o Mundurucu a nenhum inimigo masculino. Logo que ele o prostra no chão, com a flecha ou com a lança, que nunca são envenenadas, toma-o pelo cabelo e, com uma faca curta de bambu, corta-lhe os músculos do pescoço e a cartilagem das vértebras, com tal habilidade, que a cabeça é separada num instante do corpo. Segundo Aires de Cazal, por causa desse bárbaro costume, os Mundurucu são denominados pelas outras tribos de "*paiquicés*", isto é, decepadores de cabeça. A cabeça, assim conseguida, é então objeto do máximo cuidado por parte do vencedor. Assim que este se reúne aos companheiros, acendem muitas fogueiras, e o crânio, depois de retirados os miolos, músculos, olhos e língua, é chamuscado sobre uma estaca; dias seguidos é lavado repetidas vezes com água, molhado em azeite de urucu e posto ao Sol para

---

[26] Turé: trombeta de caniço de som áspero.

secar. Depois de completo endurecimento, enchem-no, então com miolos artificiais de algodão de cor, colocam-lhe olhos feitos de resina, põem-lhe dentes, enfeitando-o, por fim, com um gorro de penas. Assim preparado, o hediondo troféu torna-se inseparável ornato do vencedor, que o leva consigo à caça e à guerra, pendurado numa corda e, quando dorme à noite, no rancho comum, de dia ao Sol, ou no fumo de noite, coloca-o perto da sua rede, como vigia.

Conseguimos aqui alguns desses crânios, como também Sua Alteza o Príncipe Von Wied reproduziu um exemplar, pertencente ao Senhor Blumenbach. Conta-se que os Mundurucu, para adquirirem a sua grande força muscular, se abstêm de comer o caldo cozido de mandioca, que vi usado por todos os outros Índios.

Também não conhecem o Paricá, comum a seus vizinhos Muras e Maués, mas têm o mesmo singular costume destes últimos: submeter a jejum rigoroso as raparigas, quando estas chegam à puberdade, e expô-las à fumaça, suspensas ao teto da palhoça.

> **Arte Plumária Mundurucu**: são estes Índios, além dos Maués, os mais perfeitos artistas no trabalho de penas. Os seus cetros, chapéus, gorros, guirlandas compridas, borlas que usam nas danças como mantilha sobre as espáduas, e aventais de penas de ema e outras aves, que trazem nos quadris, rivalizam com os mais delicados trabalhos desse gênero, feitos nos claustros de freiras de Portugal, Bahia e Madeira.
>
> O Museu etnográfico de Munique possui grande quantidade desses objetos, que pudemos adquirir aqui. As penas são classificadas com o máximo cuidado pelos Mundurucu, depois amarradas ou grudadas com cera; para esse fim, especialmente, criam muitos papagaios e mutuns.

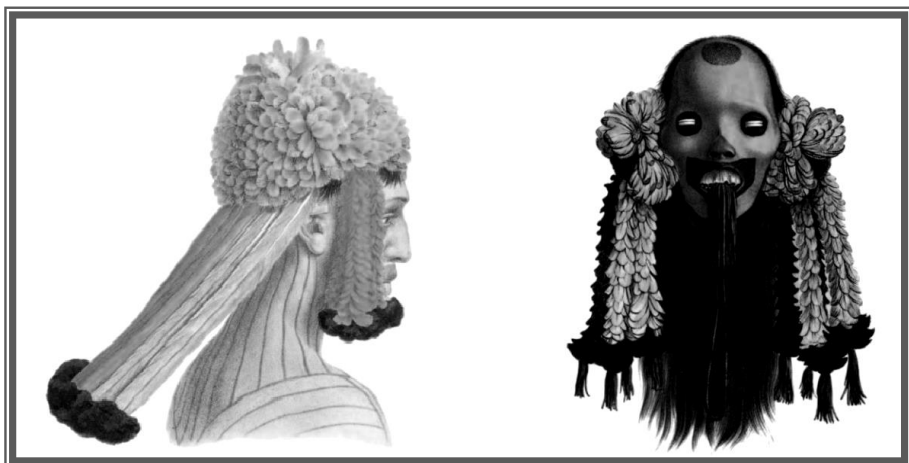



Imagem 18 – Arte Plumária Mundurucu (Spix e Martius)

> Asseguraram-me aqui, também, que eles têm o costume de arrancar penas dos papagaios e tocar-lhes os ferimentos com sangue de rã, até que mudem a cor das penas novas, particularmente do verde para o amarelo.

Os Mundurucu ainda não aldeados habitam grandes riachos abertos, com muitas famílias em comum. Conforme o poder e prestígio, um homem toma mais de uma mulher, dependura sua rede na competente repartição do rancho, perto da sua mulher mais velha, que dirige a casa não em pé de igualdade com a favorita, e mesmo, às vezes, lhe traz mulheres mais jovens. Ciúmes e brigas são o resultado da poligamia, aqui mais espalhada do que entre outras tribos, contra a qual tem o Padre Gonçalves que lutar continuamente entre seus neófitos.

Como os Caraíbas e os antigos Tupis, os varões Mundurucu têm o costume de ficar na rede algumas semanas, por ocasião do nascimento de uma criança, e de receber os cuidados devidos à parturiente e a visita dos vizinhos, pois a criança é atribuída só ao pai; a contribuição da mãe é comparada à do solo que recebe a semente.

Pouco depois de nascer, recebe o bebê um nome, tirado de planta ou animal; esse nome, porém, muda-o ele diversas vezes em sua vida, logo que realiza alguma façanha heroica, na guerra ou na caça. Acontece tomar assim a mesma pessoa cinco ou seis nomes, um após outro. O filho, chegando à virilidade, constitui a sua própria família, tomando a mulher que lhe fora destinada na infância, ou que ele conquista, mediante a prestação de alguns anos de serviço na casa do sogro. Após a morte de um homem, o irmão dele deve casar com a viúva, e o irmão da viúva casar com a filha dela, se ela não achar outro noivo. Certos graus de parentesco – entre tio e sobrinha paternos, por exemplo – não permitem união matrimonial. Logo que morre alguém, o luto das parentas do Mundurucu consiste em cortar o cabelo, que ordinariamente usam comprido, em pintar de preto o rosto e soltar queixumes durante algum tempo. O corpo é enterrado com a rede, no interior da palhoça. Em honra do defunto fazem libações, que tanto mais duram quanto mais poderoso ele foi. Na imortalidade não crê o Mundurucu; o único vestígio de crença mais elevada encontrei-o na sua linguagem, que tem as palavras "*getuut*" – Deus, e "*cauchi*" – Diabo. Também entre eles é o Pajé uma pessoa poderosa e temida; é tido como parente do Diabo ou como Inspirado. (SPIX & MARTIUS)

Henry Walter Bates (1850)

Os Mundurucu constituem talvez a maior e mais poderosa tribo que ainda resta na região amazônica. Eles habitam as margens do Tapajós [principalmente a direita], localizando-se entre o 03° grau e o 07° de Latitude Sul e, no interior, a região situada entre essa parte do Rio e o Madeira. Somente no Tapajós podem contar, segundo me disseram, com 2.000 combatentes; a população total da tribo talvez chegue a 20.000.

A primeira vez que se ouviu falar neles foi a noventa anos, quando eles abriram guerra contra os acampamentos portugueses. Suas hostes atravessavam o interior do país, a Leste do Tapajós, e iam atacar as propriedades dos brancos na Província do Maranhão. Os portugueses fizeram as pazes com eles no começo do presente século [XIX], evento esse motivado pelo fato de combaterem, os dois, um inimigo comum, os odiados Muras. A partir de então, os Mundurucu se tornaram fiéis amigos dos brancos. É notável a constância com que esse sentimento de amizade vem sendo transmitido de geração em geração entre esses Índios, espalhando-se até os mais remotos recantos onde haja agrupamento deles.

Sempre que um homem branco encontra uma família ou mesmo um indivíduo dessa tribo, é quase certo que lhes seja lembrada essa aliança. Os Mundurucu formam a tribo mais belicosa do Brasil, sendo considerados os mais sedentários e industriosos dentre todos os indígenas. Não obstante, com referência a essa última qualidade, eles não são superiores aos Júris e Passés do Alto Amazonas, ou aos Uaupés das cabeceiras do Rio Negro. Eles fazem grandes plantações de mandioca, vendendo o excedente da produção, que no Tapajós varia de 3.000 a 5.000 cestos anualmente; nos meses de agosto a janeiro aos mercadores que sobem o Rio vindos de Santarém. Também colhem grandes quantidades de salsaparrilha, borracha e fava-tonca nas matas. Os mercadores, ao chegarem em Campinas [região quase destituída de matas habitada pelo núcleo central dos Mundurucu e situada depois das cataratas], têm de distribuir primeiro as suas mercadorias, roupas de algodão ordinário, machados de ferro, artigos de cutelaria, miudezas e cachaça, entre os subchefes, e depois esperar três ou quatro meses pelo pagamento em forma de produtos agrícolas.

Está ocorrendo uma mudança rápida nos hábitos desses indígenas em consequência de seu contato frequente com os brancos; os que habitam as barrancas do Tapajós raramente tatuam os seus filhos agora. O principal tuxaua de toda a nação dos Mundurucu, chamado Joaquim, foi recompensado com uma patente do Exército Brasileiro, em reconhecimento pelo apoio dado por ele às forças legalistas durante a Rebelião de 1835-1836. Seria injusto chamar selvagens os Mundurucu do Cupari e de várias partes do Tapajós; seu modo de vida regular, seus hábitos agrícolas, sua lealdade aos chefes, sua fidelidade aos tratados e a delicadeza de suas atitudes fazem com que mereçam melhor nome. Entretanto, eles não demonstram a menor inclinação para a vida civilizada das cidades e, como todas as tribos brasileiras, parecem incapazes de progredir culturalmente.

Em suas guerras primitivas, eles exterminaram duas tribos vizinhas, a dos Jumas e dos Jacarés, e atualmente organizam expedições todos os anos contra os Pararauates e uma ou outra tribo selvagem que habita o interior mas às vezes se veem forçados a procurar as margens dos grandes Rios, acossados pela fome, para pilhar as plantações dos Índios agricultores. Essas campanhas começam em julho e se estendem por todo o período da seca; as mulheres geralmente acompanham os guerreiros para transportar as flechas e azagaias.

Eles tinham o bárbaro costume, nos tempos primitivos, de cortar a cabeça dos inimigos mortos e conservá-las como troféus em suas casas. Creio que essa prática, juntamente com outras igualmente bárbaras, foram abandonadas nas regiões onde eles tinham contato constante com os brasileiros, pois não vi nenhuma dessas cabeças mumificadas nem ouvi falar delas.

Eles costumavam cortar a cabeça com facas feitas de taquaras e, depois de retirarem o cérebro e toda a parte carnosa, mergulhavam o crânio em óleo vegetal amargo [andiroba], deixando-o secar vários dias ao Sol ou sobre uma fogueira.

Nas terras situadas entre o Tapajós e o Madeira, vem sendo travada uma guerra feroz há muitos anos entre os Munducuru e os Araras. Um francês que tinha visitado essa região contou-me, em Santarém, que todos os povoados indígenas ali têm uma organização militar. Nos arredores de cada vilarejo, é construído um alojamento onde dormem os combatentes, sendo postadas sentinelas nas redondezas para dar o alarme, soprando o toré ([27]), à aproximação dos Araras, que preferem a noite para seus ataques.

Cada agrupamento de Munducuru tem o seu Pajé, ou curandeiro, que é ao mesmo tempo sacerdote e médico, e que determina o momento propício para o ataque ao inimigo, exorciza os maus espíritos e afirma curar os doentes. Todas as doenças cuja origem não é muito evidente são supostamente causadas por um verme localizado na parte afetada. E é esse verme que o Pajé se propõe a extrair soprando sobre o local da dor a fumaça de um vasto charuto, que ele prepara com ar de mistério enrolando o fumo em folhas de tauari e, em seguida, ele suga o local afetado, tirando da boca, ao terminar, algo que finge tratar-se do verme. É um passe de mágica muito canhestro ([28]). (BATES)

---

[27] Toré ou turé: clarinete feito com um pedaço de bambu aberto nas duas extremidades, numa das quais é introduzida uma palheta de taquarinha, talhada em seu comprimento, a qual é chamada sinal. O termo "*turé*" designa, propriamente, essa palheta, cujo significado é estendido para o instrumento. (TASSINARI)

[28] Canhestro: desajeitado.

Luiz Agassiz e Elizabeth C. Agassiz (1866)

Os habitantes dessa localidade são os Mundurucu e formam uma das tribos mais inteligentes e de boa vontade da Amazônia. São já por demais civilizados para que os possamos tomar como exemplo da vida selvagem dos Índios primitivos. Todavia, como era a primeira vez que nos achávamos num aldeamento isolado e afastado de toda influência civilizadora, salvo um contato ocasional com brancos, essa visita tinha para nós um especial interesse.

Nada de mais surpreendente que o tamanho e a solidez de suas casas, onde, entretanto, não entra um só prego. A armação é feita de troncos brutos unidos entre si por ligações feitas com os cipós compridos e elásticos, que são as cordas das florestas. O Major Coutinho nos assegura que esses Índios conhecem bem o emprego dos pregos nas construções; quando pedem, um ao outro, um cipó, dizem por brincadeira: "*Passa um prego*".

A viga mestra do teto da casa do chefe não tinha menos de dez a doze metros de altura; o interior da casa era de proporções espaçosas. Arcos e flechas, remos e armas de fogo estavam apoiados à parede ou nela pendurados; as redes estavam suspensas ao canto, um dos quais se achava separado do espaço restante por uma tapagem baixa de folhas de palmeira, e o forno de farinha de mandioca era contíguo à peça central.

Cobrindo as portas e janelas, que são numerosas, há trançados de folhas de palmeira. Essa casa do chefe era a primeira de uma série do mesmo feitio, porém, pouco menores, formando um dos lados duma grande praça aberta, cujo lado oposto é preenchido por uma série igual de construções.

Com algumas exceções, todas essas casas de Índios estavam vazias, pois os seus habitantes só se reúnem no aldeamento duas ou três vezes no ano, em certas festas periódicas; no resto do tempo estão quase sempre espalhados pelos sítios e ocupados em trabalhos agrícolas. Quando chegam essas festas, porém, há uma reunião de várias centenas de indivíduos e as casas dão abrigo a mais de uma família. Então arranca-se o mato da Praça Grande, limpa-se o solo, varre-se e dispõe-se tudo para as danças da noite. Isso dura cerca de dez a quinze dias, após os quais todo o mundo se dispersa e cada qual volta ao seu trabalho. Atualmente só há no aldeamento umas 40 pessoas. (AGASSIZ)

Henri Coudreau (1895)

Que me seja permitido inscrever, logo no cabeçalho deste capítulo, o nome de dois homens, um dos quais é um dos príncipes da ciência brasileira, Barbosa Rodrigues, e outro é um dos meus amigos, modesto e digno sábio, o excelente Gonçalves Tocantins. Um e outro publicaram bons trabalhos sobre os Mundurucu. Não tenho a pretensão de ter "*descoberto*" essa tribo, e só posso apresentar seu estudo sobre Mundurucu como uma espécie de compilação dos trabalhos de meus predecessores, ligeiramente complementada e acrescentada de novas observações que servirão para enriquecer a obra comum.

Cosmogania

Um dia, diz a lenda Mundurucu, os homens apareceram sobre a terra. Ora, os primeiros homens que os animais das florestas viram por entre as selvas e as savanas foram os que fundaram a maloca de Acupari. Certo dia, entre os homens da maloca de Acupari, surgiu Caru-Sacaebê, o Grande Ser.

Não havia então sobre a terra outro tipo de caça que não a de pequeno porte, mas logo a caça grossa se multiplicou. Isso foi obra de Caru-Sacaebê, que de modo algum se esqueceu de ensinar todos os métodos de caça aos homens de Acupari. Caru-Sacaebê não tinha mãe nem pai, mas tinha um filho, Caru-Taru, e um criado Reru. De certa feita, tendo voltado da caçada de mãos vazias, disse Caru pai a Caru filho: "*Vai dar uma voltinha pelos vizinhos; parece que abateram tanta caça que não sabem o que fazer com ela*". Foi-se o pequeno Caru e fez uso de toda sua eloquência, mas os homens de Acapuri que eram Mundurucu de coração já empedernido, devolveram-no ao pai Caru com apenas as peles e as penas dos animais que tinham matado.

Entretanto, tudo isso fazia pai Caru apenas para experimentar o coração do povo. Sua presciência ([29]) já lhe contara tudo o que poderia esperar, o que todavia não o impediu de sentir cólera medonha. Não obstante, fez ele mais uma tentativa para constatar se não estaria enganado. Enviou pela segunda vez o pequeno Caru apenas para experimentar o coração do povo, que os advertiu e ameaçou. Os fariseus Mundurucu riram-lhe na cara. Pela terceira vez partiu o jovem em embaixada e, desta feita, suplicou. Mas é mais fácil comover Shylock que um Mundurucu, e o pobre mocinho foi ignominiosamente despachado por estes pré-históricos, mas já ferozes "*caras–pretas*".

O pai Caru, percebendo que sua presciência divina não o havia absolutamente enganado, entrou num furor indescritível. Uma por uma, fincou em redor da maloca de Acupari, pacientemente, todas as penas que seus infiéis discípulos lhe tinham zombeteira-mente enviado, após o quê disse pura e simplesmen-te: "*Vamos ver!*"

[29] Presciência: antevisão.

E num gesto seco acompanhado de três palavras encantadas, pai Caru transformou em porcos bravos todos os habitantes de Acupari, não só os homens que se tinham mostrado cruéis, como também as mulheres e crianças. Em seguida, olhando para as plumas que plantara em redor da Aldeia, ergueu a mão de um horizonte ao outro. A este apelo, moveram-se as montanhas, e o terreno onde se localizava a antiga maloca tornou-se uma enorme caverna. Ainda hoje os Mundurucu acreditam piamente que se escutam às vezes, da entrada da funesta gruta além da qual ninguém se arrisca, gemidos humanos que se confundem com grunhidos de porcos. Quanto ao jovem Caru-Taru, sem dúvida desapareceu na tormenta, pois a partir deste momento não mais é mencionado na história. Caru-Sacaebê foi-se dali acompanhado de seu fiel Reru. Enveredou pelos campos.

Logo, fatigado de todas essas viagens, parou a um ou dois dias de marcha de Acupari. Aí, como Pompeu, bateu com o pé no chão. Uma larga fenda se abriu. O velho Caru dela tirou um casal de todas as raças: um de Mundurucu, um de Índios [porque os Mundurucu não pertencem à mesma raça que os Índios, mas são de uma essência superior], um casal de brancos e um de negros. Aí onde Caru criou a humanidade pela segunda vez, era um lugar com um nome predestinado, Decodema: decu, o macaco–aranha ou cuatá; dema, quantidade, abundância. Índios, brancos e negros dispersaram-se "*aos quatro ventos do céu*", como nos diz a Bíblia; foram-se de par em par pelos ermos, onde lhes foi restituída a misteriosa tarefa de povoar a terra. A quarta raça humana – o primitivo casal Mundurucu – ficou em Decodema. Os Mundurucu de Decodema não tardaram a se tornar tão numerosos que, sempre que se punham a caminho para irem à guerra, tremia a terra, sacudida até as entranhas.

Nesse ínterim, o velho Caru–Sacaebê não tinha negligenciado a educação da raça de sua predileção. Ensinou aos Mundurucu quase todas as coisas necessárias para que um homem chegue a ser completo e perfeito: plantar mandioca, cultivar milho, batata, algodão e outras plantas. Mostrou como se prepara a farinha de mandioca. E, conquanto a história não o diga, sem dúvida ensinou, ao Povo Eleito, a técnica da mumificação das cabeças, arte guerreira que constitui a principal glória dos Mundurucu. Depois, como Caru-Taru tinha desaparecido durante a reinstalação dessa nova humanidade, o velho Caru "*produziu*" um novo filho. Ah, de maneira muito simples! Tomou de sua faca, esculpiu um pedaço de madeira em forma humana e soprou-lhe em cima. O pedaço inchou, cresceu, e quando ficou do tamanho de um homem, Caru parou de soprar; Caru-Taru fora substituído. Caru pai chamou este 2° filho de Hanhu-Acanate. E como o velho Caru, na sua sagacidade, não tardou a perceber que a pobre criança tinha necessidade de uma mãe, escolheu uma na tribo, chamada Xicridá, com a qual passou a viver livremente daí por diante, como se tivesse sido ela a verdadeira mãe do pequeno Hanhu-Acanate, que o pai Caru bem soubera fazer à sua maneira. Foi aí que, num momento de infinita bondade, o grande Caru-Sacaebê ensinou a seu povo Mundurucu as tatuagens com as quais ainda hoje a tribo se adorna – e que outras não são que as do próprio Caru-Sacaebê! ...

Hanhu-Acanate cresceu. Tornou-se um jovem atraente. Xicridá vigiava de perto a inocência do adolescente, muito preciosa, ao que parece. Mas as mulheres Mundurucu não conhecem obstáculos. E o jovem Hanhu, menos feliz que o famoso José, deixou algo mais que seu manto nas mãos de alguma Putifar decodemense. Desta vez o grande Caru-Sacaebê perdeu a paciência: metamorfoseou Hanhu-Acanate em tapir e as mulheres culpadas em peixes;

Reru foi arrebatado aos céus e nunca mais reapareceu, e quanto a Caru, primeiramente garatujou os estranhos caracteres simbólicos que se podem ver ainda sobre os morros de Arencré, depois os dos rochedos de Cantagalo, a uma altura onde a mão do homem não pode alcançar. Tendo assim deixado sobre os rochedos da terra Mundurucu sua misteriosa assinatura, o Deus desapareceu de repente, não tendo nunca mais sido visto pelos Mundurucu. Entretanto, o Deus criador e protetor, se bem que tenha aparentemente rompido com seu povo, não deixou de continuar sendo para sempre o Gênio tutelar de nossos bravos "*caras–pretas*". Caru-Sacaebê é o deus mítico ou fabuloso dos Mundurucu. [...]

Antiga Reputação dos Mundurucu

A história dos Mundurucu baseia-se apenas na lenda. Não se pode esquecer que não foi senão em 1748 que o Tapajós foi inteiramente reconhecido por João de Souza de Azevedo, que o desceu de Mato Grosso a Belém. Em 1817, Aires de Cazal, na sua "*Corografia Brasílica*", dá o nome de "*Mundurucânia*" à região compreendida entre o Tapajós, o Madeira, o Amazonas e o Juruena, em razão da preponderância numérica ou guerreira dos Mundurucu nesta área. Os Mundurucu, cujo habitat está hoje situado entre o Tapajós e o Xingu, teriam portanto vindo do Oeste, o que levou alguns etnógrafos a julgarem que se deveria colocar o berço desta nação entre as populações andinas.

Tatuagens e Adornos

Os Mundurucu estão próximos do ponto em que a ideia de família se amplia em ideia de pátria. Os Mundurucu têm um uniforme nacional. Este uniforme, porém, não consiste em calças e jaquetas de cores diversas. Este uniforme é desenhado e

pintado sobre a pele. Quando dois Munducuru se encontram longe de suas Aldeias, no meio das florestas ou navegando pelos Rios, podem-se reconhecer facilmente pelos uniformes, tatuagens e pinturas, o brasão nacional da tribo.

A pintura dos Mundurucu não é coisa de pouca importância. Trata-se de desenhos traçados com extrema habilidade pelas mãos de consumados artistas. O rosto e o peito são ornados de numerosos losangos perfeitamente desenhados. Na parte posterior do corpo, aparecem linhas paralelas traçadas de alto a baixo do pescoço aos calcanhares; na mulher são as partes carnudas e as abdominais que ostentam desenhos muito variados nos detalhes, mas uniformes no conjunto. Tanto os homens quanto as mulheres têm muito orgulho deste singular ornamento.

A operação da pintura é extremamente dolorosa. Inicia-se quando criança atinge a idade de oito anos. Como é natural, ela não se apresentava voluntariamente para o suplício, mas é tomada a força, lançada por terra e privada de todo movimento. Então, munido de um pontiagudo dente de cutia, o pintor traça os desenhos sobre o corpo da criança, que sangra, chora e geme. Sobre os pontinhos vermelhos que constituem as linhas, aplica-se o suco de jenipapo. Este suco é indelével e sua cor azul escura não se apagará jamais. Geralmente as feridas inflamam e a febre sobrevém.

É por isso que a operação é feita durante o inverno, por ser menos intensa a ação do calor nessa estação. O trabalho é lento: deixam-se cicatrizar as primeiras feridas, e depois se prossegue. E a pintura final é de tal modo complicada que somente quando a pessoa chega aos vinte anos é que tem fim seu suplício. Todo corpo do Mundurucu é virtualmente coberto desses desenhos. [...] (COUDREAU)

Flor de Aguapé

(Walmir Pacheco)

Tapajós dos moleques,
Brincar de pira ([30]) e de mergulhar.
Das lavadeiras negras,
Que se juntavam pra conversar.
Rio das meninas moças
Que catam flores de aguapé
E reclamam do boto porque
Vira rapaz bonito e engana mulher.

Tua lua é mais acesa
E de madrugada se enche de luz.
Temos a mesma sorte.
Nascer no Norte que é o nosso lugar,
Juro que poesia não vai faltar...

Quem sabe até quisesses,
Ao invés do Norte correr pro Sul,
Banhar mulheres loiras,
De pele branca e olhos azuis,
Ficar sem a mãe d'água,
Sem ter a santa a te namorar.

Sem o Izoca pra te reger,
Ficar sem a cantiga do uirapuru.
Ficar sem teus poetas:
Maria José e Alter do Chão,
Mas longe da pequena
Índia morena da cor do açaí,
Tu ias secar de saudades do povo daqui...

---

[30] Brincar de pira: o mesmo que pique ou pegador.

Destino II

(Tenório Nunes Telles)

[...] Que possas levantar
As velas do teu barco
E que os ventos protetores
Te conduzam para águas calmas
E possas cumprir tua geografia de sonhos

Esperarei o retorno de tuas viagens
As notícias de um tempo
Feliz para o homem
Os relatos dos teus triunfos
Teu canto temperado pelo mar
E as dores purgadas sob o furor dos ventos

Que o teu destino se cumpra
E possas chegar à outra margem
Onde encontrarás as miragens que te seduziam

E então saberás que estão em ti
Os tesouros que buscaste.

Revolta de Jacaré-Acanga

Não estou arrependido de minha atitude. Estou apenas desapontado com meus companheiros do Rio e São Paulo, além de outros elementos comprometidos na revolução, os quais falharam na hora precisa. Sempre lutei pela deflagração do movimento antes da posse de Juscelino. Minha atual situação resulta da não aceitação de meu ponto de vista. Não me interessa entrar em choque com as tropas do governo; minha missão era manter o triângulo estratégico das operações: Jacaré-Acanga, Cachimbo e Itaituba. (Major Haroldo Veloso)

A reportagem "*Jacareacanga uma Cooperativa na Selva*" publicada no Almanaque do Correio da Manhã (Edição n° 1, 1959) mostra a ligação afetiva que o Major Haroldo Veloso tinha para com a região que ele considerava estratégica para a Revolução.

Almanaque do Correio da Manhã, n° 1
Rio de Janeiro, RJ, 1959

Jacareacanga uma Cooperativa na Selva

Era apenas um enorme rasgão na selva bruta, em junho de 1954. Três anos depois, Jacaré-Acanga já se transformara em aeroporto moderno, aparelhado com todos os requisitos técnicos, radiofarol, pista de aterragem de mais de 2.000 metros, energia elétrica, e um punhado de alegres casas de tijolo pintadas de branco. Entre elas, uma nova escola, com quase uma centena de crianças. E eis a maior surpresa: uma florescente cooperativa agrícola em pleno funcionamento!

Sim, uma cooperativa no coração da selva amazônica, a 2.300 quilômetros em linha de voo do Rio de Janeiro, a 500 quilômetros de Santarém [cinco dias de viagem pelo encachoeirado Tapajós], a quase meio milhar de quilômetros de Manaus, e a 280 de Itaituba, que é a sede do município. Sua posição geográfica: 06°16′ Latitude Sul, 57°44′ Longitude Oeste.

A história é recentíssima, datando propriamente de 1950. Existia ali, desde os princípios do século, um lugarejo chamado Buriti, habitado por umas poucas famílias de seringueiros, castanhadores e pescadores de jacaré. Mantinham-se em contato com o mundo só através do regatão que é uma embarcação de comércio ambulante, muito comum na Amazônia, e a cujo bordo se encontra mais ou menos tudo para comprar, desde artigos de armarinho, mantimentos e remédios diversos, até a munição para o indispensável "*papo amarelo*" [carabina calibre 44].

Foi quando a Fundação Brasil Central, que vinha estabelecendo bases a partir de Aragarças, rumo a Manaus, fundou um posto ali perto, em Jacaré-Acanga, à margem esquerda do Tapajós. Isso em 1950. Uma clareira na mata foi adaptada precariamente para campo de aterragem. Três anos depois, a Força Aérea Brasileira tomou conta da base [entrementes abandonada pela Fundação Brasil Central] para transformar Jacaré-Acanga, que significa "*Cabeça de Jacaré*", num dos mais importantes pilares da grande ponte aérea, a qual, em breve, ligaria o Rio de Janeiro a Manaus. Foi traçada uma nova pista, com 60 metros de largura e mais de 2.000 de comprimento. Árvores gigantescas tiveram que ser derrubadas a dinamite. A longa cicatriz rasgada no corpo da floresta acabou tomando forma de campo de aviação onde, futuramente, operariam até quadrimotores.

O calor em Jacaré-Acanga é amazônico. Bilhões de piuns e carapanãs, aqueles de dia, estes de noite, infernizavam a vida e perturbavam o sono. Não havia nem vestígio do mais rudimentar conforto. E a alimentação? Eis o grande problema que exigia urgente solução. Como alimentar cerca de uma centena de operários contratados para a derrubada da floresta, a remoção das toras de grossura descomunal, a limpeza da enorme área, a construção da pista e das casas? Os poucos nativos da região viviam precariamente de farinha d'água e de peixe. Arroz? Milho? Feijão? Banana? Não havia, e ninguém plantava. O açúcar, o café, os fósforos, o sal, a roupa, os remédios, o querosene, a ferramenta, a munição eram comprados a preços escorchantes do regatão explorador, a mais do dobro, a três ou quatro vezes mais que as preços cobrados em Santarém ou em Manaus. Foi daí que o Major Haroldo Veloso e seu assistente, suboficial José Fernandes da Silva, incumbidos da construção do campo, cogitaram de formar uma cooperativa que beneficiaria não só os trabalhadores, mas todo o povoado, e possivelmente Vida a região. Mandaram vir sementes. Ensinaram o plantio de arroz, de milho, de feijão, de cana, de araruta, de café. Arranjaram mudas de bananeiras e árvores frutíferas. E onde seria a roça? Ora, nas próprias áreas desmatadas das cabeceiras e das margens do campo de aviação. Urna roça ideal e enorme. A primeira experiência resultou positiva, e a segunda ultrapassou as expectativas. Vastos e verdes arrozais, milharais fartamente pendoados ([31]), com três ou quatro longas espigas em cada pé de mais de dois metros proporcionaram colheitas generosas: para mais de 2.000 sacos de milho, mais de 1.500 sacos de arroz, sem falar da cana-de-açúcar, do feijão, da araruta, da mandioca e do aipim.

---

[31] Pendoados: quando o milho começa a formar pendões de flores.

José Fernandes, cearense de boa cepa e muita fibra, trabalhador e disciplinado como ele só [com 23 anos de serviço na FAB, na qual entrou aos 16], para explicar o milagre dessa abençoada terra amazônica, dizia na sua linguagem pitoresca:

> – Tão bom é este chão, tão formidavelmente bom, que basta plantar chumbo para nascer pólvora...

Sim, um autêntico milagre na selva, mas um milagre para o qual Deus só entra com a terra, o Sol e a chuva. O resto, é o esforço desses homens que, dentro do preceito cristão, fazem do trabalho sua prece e amam seu próximo tanto ou mais que a si mesmos. Com a. safra e o lucro das vendas, a cooperativa se aprumou. Em meadas de 1957 contava uns 70 associados. Seus bens imóveis já beiravam um milhão de cruzeiros, e outro milhão custaria seu barco, que estava sendo construído ali mesmo, com capacidade de 25 toneladas líquidas. Triunfou assim a cooperativa e com ela Jacaré-Acanga [em meados de 1957 já contava mais de 300 habitantes], sobre os fatores adversos que lhe embaraçavam a emancipação e um nível de vida melhor.

Em princípios de 1956, o Major Veloso foi substituído pelo então Tenente, hoje Capitão Colombo Cristóvão na chefia da Rota Rio-Manaus, à qual se subordina Jacaré-Acanga. Se outros méritos não tivesse o novo administrador, capixaba trabalhador e inteligente, bastariam estes dois para eternizar-lhe o nome na Rota Rio-Manaus: a introdução do Daraprim para prevenir ou superar a malária, e e Nitrosin para derrotar a saúva. Será virtualmente impossível calcular o rosário de benefícios que resultarão do combate a esses dois flagelos que castigam grande parte do Brasil, e particularmente a Amazônia. (CORREIO DA MANHÃ, N° 1, 1959)

A ROMÂNTICA [R]EBELIÃO

Prende a atenção de todo o Continente a insurreição de quatro oficiais da FAB, que transformaram as imensas florestas amazônicas em teatro de operações de guerra — A Base de Santarém e a façanha do Major Haroldo Veloso — Aeronáutica, Marinha e Exército operam em conjunto na caçada aos revoltosos

Texto de JORGE FERREIRA Fotos de JOSÉ MEDEIROS

MAJOR HAROLDO VELOSO, CHEFE DA REBELIÃO DAS SELVAS.

Imagem 19 – O Cruzeiro – Edição n° 20, 03.03.1956

Imagem 20 – O Cruzeiro – Edição n° 20, 03.03.1956

A ROMANTICA REBELIÃO

Levantando-se, numa insurrei tintas românticas, Veloso, Paulo Victor, Lameirão e Petit levam para o sertão a ra da revolta contra o que até agora não se sabe

NO MEIO DOS CAIAPÓS

Imagem 21 – O Cruzeiro – Edição n° 20, 03.03.1956

Operação JACAREACANGA

Pequena história de uma revolução

Texto de ARLINDO SILVA

Fotos de RAIMUNDO COSTA (de "A Província do Pará"), JOÃO AMARAL (de "Fôlha do Norte"), LUCIANO CARNEIRO e JOSÉ MEDEIROS

ANTES DA METRALHA

Imagem 22 – O Cruzeiro – Edição n° 21, 10.03.1956

As estações de rádio das companhias comerciais de aviação, cujos cristais estavam em poder de Veloso, voltaram ao ar. Centenas de pessoas que haviam fugido ante o noticiário alarmista das emissoras, começaram a regressar.
(Arlindo Silva, repórter da Revista O Cruzeiro, 1956)

A eleição do Presidente da República Juscelino Kubitschek e de seu Vice João Goulart preocupava alguns setores da sociedade brasileira. Inconformados com a situação política que se delineava, o Major Haroldo Veloso e o Capitão José Chaves Lameirão, da Força Aérea Brasileira, arquitetaram um movimento militar que esperavam ganhasse amplitude nacional.

Na madrugada de 11.02.1956, dias antes da posse dos eleitos, os dois oficiais sequestraram, do Campo dos Afonsos, Guanabara (atualmente Rio de Janeiro), uma aeronave "*Beechcraft*", carregaram-na com armamento e munição e rumaram para a Base Aérea de Cachimbo que eles mesmos haviam ajudado a construir. Mais tarde, o próprio Capitão José Chaves Lameirão confessou:

> Nosso plano era iniciar efetivamente a Revolução. Era preciso que alguém o fizesse. Nosso plano era apoderar-nos, logo de início, da base de Cachimbo – e foi o que fizemos. É preciso que se saiba que o Cachimbo fica mais ou menos equidistante de Fortaleza, Recife, Natal e Salvador. Com a Base em nossas mãos, seria fácil aos camaradas que quisessem aderir, com seus aviões B-25, as "*Fortalezas Voadoras*" do Nordeste, e os "*Ventura*" de Salvador, principalmente, voar diretamente ao Cachimbo e ali lutar pela causa. Chamaríamos, também, as atenções da Nação para aquele ponto e para o Amazonas, e isto poderia facilitar o levante no Sul. Achávamos que alguém começando a Revolução, ela se alastraria naturalmente. (LAMEIRÃO)

Os amotinados, procurando ampliar sua área de influência, ocuparam e dominaram, depois da Base Aérea de Cachimbo, a Base Aérea de Jacaré-Acanga (Cabeça de Jacaré). Desde a decolagem do campo dos Afonsos, todos os aeroportos do país tinham recebido o sinal de alerta e, tão logo foi conhecida a posição dos insurgentes, partiu um "*Douglas*", comandado pelo Major Paulo Vitor, com a missão de aprisionar os rebeldes. A tripulação, tão logo pousou em Jacaré-Acanga, foi aprisionada enquanto o Comandante Paulo Vitor aderiu ao movimento. Veloso, dando continuidade à estratégia de ampliação da área convulsionada, parte com o "*Beechcraft*", reforçado pelo "*Douglas*", para a Base de Santarém que foi ocupada sem resistência. Enquanto Lameirão providenciava a interdição da pista, Veloso assumiu o comando da força policial santarena, interditou o telégrafo e neutralizou as comunicações das estações de rádio e das companhias aéreas, retirando-lhes os cristais dos equipamentos. Fechou o "*Tiro de Guerra 190*" e convocou alguns atiradores para o serviço de patrulhamento e vigia.

Concluídas as medidas preliminares e mais urgentes, Veloso se dirigiu à população, fazendo uso do serviço de alto-falantes do Partido Social Democrático (PSD), e comunicou que a Cidade estava sob controle pacífico da Força Aérea e que a população podia continuar com seus afazeres diários sem qualquer temor. No trapiche do Instituto Agronômico do Norte, Bairro da Prainha, foi montado um Posto de Vigilância com a missão revistar as embarcações. Os revolucionários achavam que a repercussão com a tomada de Santarém provocaria a adesão de outros oficiais, ampliando o movimento, mas não foi o que aconteceu.

Combate em Santarém!
Luta-se encarniçadamente na
Pérola do Tapajós!
Já sobem a milhares os mortos e feridos
na revolta de Jacaré-Acanga!

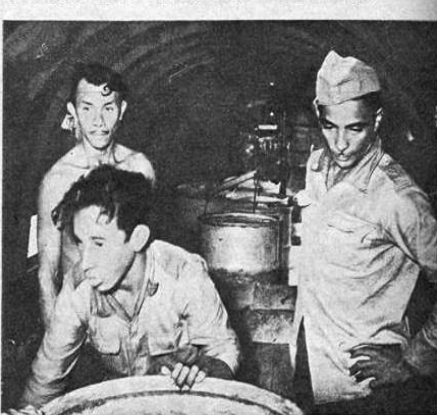
No Sul do país, as rádios alardeavam notícias fantásticas e exageradas, enquanto em Santarém as "*Fortalezas Voadoras*" sobrevoavam a Cidade despejando folhetos conclamando a população a se afastar dos insurretos.

Na tarde de 22.02.1956, Lameirão, sobrevoando o Amazonas no "*Beechcraft*", avistou uma embarcação que confundiu com o "*Presidente Vargas*", de transporte de tropas; na verdade era o "*Lobo D'Almada*", que conduzia centenas de civis. Lameirão, muito nervoso, tão logo pousou, foi relatar a Veloso a necessidade de bombardeá-lo, que preferiu outra alternativa, realizando uma retirada estratégica que, certamente, poupou a vida de centenas de inocentes.

Às dezenove horas desse mesmo dia, partiram para a Base de Jacaré-Acanga levando armas, munições e 25 homens que julgavam serem fiéis ao Movimento. Dias depois, chegava a Santarém o "*Presidente Vargas*" com um contingente de 300 homens do Exército, comandados pelo Coronel Hugo Delayti, e um contingente de paraquedistas militares, comandados pelo Coronel Santa Rosa, o aeroporto foi liberado permitindo o pouso de diversas aeronaves militares.

CENA DO AEROPORTO DE SANTARÉM, ainda em poder dos rebeldes. Êstes tambores serviram para obstruir a pista a fim de tornar impraticável a descida de aviões legalistas.

POUCO ANTES da fuga rumo a Jacareacanga, o "Beechcraft" é reabastecido. Os disparos do "Catalina", horas antes, não o haviam atingido.

O MAJOR Paulo Vítor, na cabina do C-47, avião que foi acrescentado à frota dos rebeldes. Embaixo, vemos o repórter Arlindo Silva junto do Major Veloso antes da fuga.

DENTRO DO C-47, os voluntários de Veloso ocupam-se do carregamento, envergando o verde-oliva do Exército. Emb., camuflagem do "Beechcraft".

CONTINUA

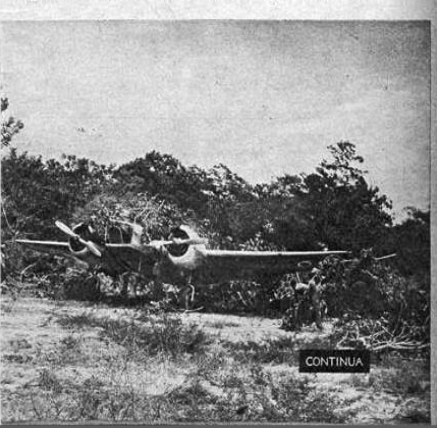
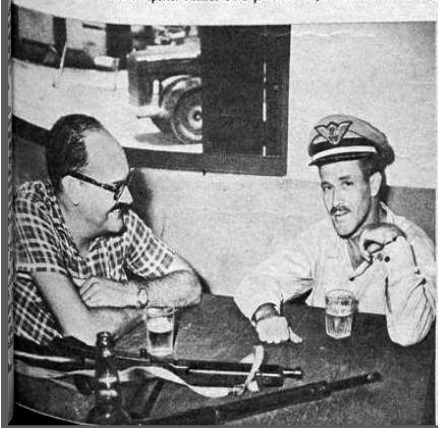
Imagem 23 – O Cruzeiro – Edição n° 21, 10.03.1956

ÊSTES SÃO os três sargentos que foram aprisionados por Veloso e que depois conseguiram fugir de Santarém. Da esq. para a dir., A. Oliveira, W. Rocha e B. Lourenço.

FOTO SIMBÓLICA. Sòzinhos no aeroporto, no meio da pista, os rebeldes fabulam. Um dos raros momentos em que a pista estava totalmente

Imagem 24 – O Cruzeiro – Edição n° 21, 10.03.1956

> Enquanto decorriam as operações aéreas de reconhecimento do campo inimigo, as tropas vindas pelo "*Presidente Vargas*" iniciavam sua subida pelo Tapajós, sob o comando do Coronel Hugo Delayti. Viajavam em barcaças. [...]
>
> Sucedeu, porém, um imprevisto: Veloso queria apanhar gasolina em Itaituba. Chegou a São Luís [fronteira àquela Cidade] numa embarcação com 12 homens. Dessa localidade, enviou dois espiões a Itaituba para averiguarem se a praça estava desguarnecida. Acontece que lá estava a tropa do Coronel Delayte. Os dois espiões denunciaram o Plano de Veloso. Fizeram mais: conduziram Delayte e seus soldados a São Luís e indicaram a casa onde Veloso estava escondido. Ocorreu, então, o único choque armado entre rebeldes e legalistas. Veloso escapuliu pelo mato, mas no chão ficou estendido um homem: Cazuza, que Veloso, dias antes, em Santarém, em tom de pilhéria, promovera a Cabo. [...] Cazuza se transformaria na única vítima da "*Guerra do Tapajós*". (O CRUZEIRO, N° 21)

No dia 28.02.1956, às 17 horas, Veloso, desarmado, foi aprisionado sem oferecer resistência em uma casa de São Luís. Levado para Itaituba, foi transportado em um "*Beech 1512*" na companhia do Comandante da "*Operação Tapajós*" – Brigadeiro Alves Cabral e escoltado pelo Major–aviador Celso Neves.

Enquanto isso, o Major Paulo Vitor, o Capitão Lameirão, e o Sargento João Gunther fugiam no "*Douglas*" para a Bolívia onde aterrissaram na noite de 29.02.1956 no aeroporto de Santa Cruz de La Sierra. O jornalista, cronista e memorialista Pedro Rogério do Couto Moreira faz uma interessante e rica abordagem da Revolta de Jacaré-Acanga no seu "*Bela noite para voar: um folhetim estrelado por JK*":

Bela Noite para Voar:
um Folhetim Estrelado por JK

Editora Thesaurus Ltdª, Rio, RJ, 2001

[Pedro Rogério Moreira]

Índios! E querem empalar os paraquedistas do Exército!

Depois da guerra que foi a campanha eleitoral e a guerra para tomar posse, Juscelino ainda enfrentaria mais tiros pela frente. Enquanto ele dorme no voo para Dourados, vamos passar em revista essas histórias plenas de ações cinematográficas. Iniciemos pelo protagonista da primeira sedição, o Major Haroldo Coimbra Veloso, um verdadeiro Jim das Selvas. Este oficial-aviador tinha o crédito de haver realizado o árduo trabalho de abertura de várias pistas de pouso no Brasil Central e na Amazônia, para o desbravamento de novas rotas do Correio Aéreo Nacional.

Técnico de visão humanista, o Major Veloso congregava nessa tarefa os Índios e caboclos que habitavam as cercanias dessas pistas. Sua missão na FAB assemelhava-se à desenvolvida nas primeiras décadas do século XX pelo admirável humanista, talvez o maior brasileiro daquele século, o engenheiro, militar, antropólogo e cientista Cândido Mariano da Silva Rondon. Veloso, no entanto, deixou-se contaminar pela política partidária, o que Rondon jamais se permitiu. A conspiração em que o Major se meteu começou a dar errado logo no início, madrugada de 11.02.1956, um sábado de carnaval, poucos dias após a posse de Juscelino.

COMANDANTE Edyr de Carvalho, no momento em que embarcava para o Rio, ...êso, mas sem escolta. Detido porque se negou a prestar auxílio ao Govêrno.

A FIM DE EVITAR que os rebeldes, porventura, se apossassem dêste avião (o "Jagunço", dos Diários Associados), dois praças montaram guarda no aeroporto de Belém.

PISTA LIVRE

Após a fuga dos rebeldes de Santarém, as tropas legalistas ocuparam o aeroporto e desimpediram a pista tornando-a praticável. Veloso partira para se refugiar em Jacareacanga.

O BRANCO NAVIO do contra-ataque, "Presidente Vargas", numa vista aérea no momento da sua partida de Santarém, rumo à região rebelada. Os revoltosos tomaram o "Lôbo d'Almada" por êste. E fugiram.

CONTINUA 9

Imagem 25 – O Cruzeiro – Edição n° 21, 10.03.1956

OPERAÇÃO . . . CONTINUAÇÃO

DEPOIS DA FUGA ESPETACULAR DE SA[...]ÉM, A REPORTAGEM DA REVISTA "O CRUZEIRO" CONSEGUIU FOTOGRAFAR [...]ASE REBELDE DE JACAREACANGA

LAMEIRÃO MEDITA. As notícias captadas pelo rádio e os vários vôos rasantes do Catalina mexiam com os nervos dos oficiais.

faria nova eleição popular. Em síntese, eis o pensamento norteador dos oficiais rebeldes e seus companheiros.

Êles consideram que a grande "chance" de vitória ocorreu em agôsto de 1955, quando grandes homenagens públicas foram prestadas à memória do Major Vaz, e quando se realizou a célebre reunião no Clube da Aeronáutica, com a presença dos ministros Lott, Amorim do Valle e Eduardo Gomes, — ocasião em que o General Canrobert Pereira da Costa fêz o seu histórico pronunciamento político-militar. Se o movimento tivesse eclodido nessa época, — pensam — hoje as fôrças antijuscelinistas estariam controlando o poder. Essa foi, aliás, uma ocasião em que os chefes superiores asseguraram aos oficiais inconformados "coisa melhor" para o futuro. Como a "coisa melhor" demorasse muito, êsses oficiais cuidaram de tomar uma iniciativa. A rebelião que se originou no campo dos Afonsos pode fracassar. Acredito, mesmo, que não alcance os resultados almejados.

Os primeiros passos para a consumação da fuga começaram falhando. Veloso e Lameirão haviam marcado encontro na casa dêste último às 20 horas do dia 10 de fevereiro. Na hora aprazada, Veloso não apareceu, o que levou Lameirão a suspeitar de que o companheiro houvesse sido prêso. O que estava acontecendo, porém, era o seguinte: Veloso estava "checando" os seus últimos contatos e se atrasara. Certo de que Lameirão havia partido para o Parque dos Afonsos, onde presta serviços, Veloso partiu para lá à procura do colega. Lameirão não estava lá. Os dois encontraram-se posteriormente na porta do Ministério da Aeronáutica, às 23 horas, e, juntos, partiram para os Afonsos. Trataram logo de se apoderar de um avião AT-11, nariz de vidro, com orifício para metralhadoras e câmaras para bombas, — enfim um avião de caça e de combate. Como abrir o hangar? Lameirão entrou no quarto do oficial de dia para apanhar a chave do depósito de material, que estava no bôlso do seu colega de plantão. Não a encontrou. Decidiram abrir a porta do depósito à fôrça. Insucesso. Estavam causando um barulho infernal. As sentinelas foram verificar o que se passava, mas, reconhecendo Lameirão, não se preocuparam. Mais tarde, quando o oficial de dia voltou à sua sala, Veloso e Lameirão deram-lhe voz de prisão, e se apossaram da chave do depósito subterrâneo de armas e explosivos. Feito isso, cuidaram de abrir o hangar para retirar o "Beechcraft". A porta do hangar estava fechada, mas um sentinela apareceu nesse momento para informar que estava aberta uma porta ao lado. Os dois rebeldes agradeceram ao sentinela prestimoso, retiraram o avião, encheram-no de metralhadoras e bombas (descarregadas) e decolaram para Uberlândia. Nesta cidade, demoraram-se no aeroporto, tomando um lanche, conversaram com sargentos e praças da FAB e seguiram para o aeroporto do Cachimbo, passando por Xavantina e o pôsto do Jacaré. O Cachimbo, obra de Veloso, não era a base escolhida pelos rebeldes para operações de luta. A tomada dessa base, por sua importância estratégica, visava causar maiores preocupações às autoridades militares legalistas. A impressão que êste repórter tem é que Veloso e Lameirão procuraram, por todos os meios, atrair às traiçoeiras regiões amazônicas contigentes de fôrça governamentais. Despertado o interêsse do govêrno sôbre Cachimbo, Veloso transportou seu QG para Jacareacanga, também obra sua. É ali que êle vai resistir, com seus batalhões de índios Munducurus, trabalhadores da estrada Jacareacanga-Cachimbo, e seringueiros da região. Desde 1946 Veloso realiza obras na região que, agora, converteu em "front" de beligerância. Veloso contou que os índios Munducurus estão ansiosos por entrar em luta e matar. Não compreendem, por exemplo, que Veloso, tendo aprisionado em Jacareacanga, Itaituba, Belterra e Santarém, numerosos oficiais, sargentos e praças, os tenha tratado como prisioneiros de guerra. Os índios perguntavam por que Veloso não os liquidava, e por que lhes fornecia comida e remédios. Veloso explicava as leis de guerra, mas os Munducurus achavam que os brancos, efetivamente, não sabiam fazer guerra. Quando Veloso mandou que êles fincassem nas áreas abertas de Jacareacanga estrepes de pau, para evitar a descida de pára-quedistas, os índios deliraram, porque o chefe rebelde demonstrava estar aprendendo a arte de matar inimigos. Em poucas horas, milhares de estacas pontiagudas estavam fincadas no chão. Não ficou um metro quadrado sem receber um dêsses espetos mortíferos.

Uma semana após haverem partido para o Brasil Central, Veloso e Lameirão receberam uma adesão valiosa: a do Major Paulo Vitor da Silva, oficial que prestava serviços na Diretoria de Aeronáutica Civil (DAC) como engenheiro de rotas. Paulo Vitor teve atuação destacada no inquérito do Galeão, e nessa ocasião se apaixonou tanto pelos trabalhos de investigação que ficou uma semana sem dormir. Ganhou nome e passou a ser elemento importante do chamado "Bloco do Galeão". Não sabia, entretanto, do plano de Veloso e Lameirão de escapulirem para as selvas do Tapajós. Naquele fim de semana de carnaval, Paulo Vitor realizava a viagem normal do Correio Aéreo para Cayenne, na Guiana Francesa. Soubera do feito dos dois companheiros rebeldes quando, na volta, pousaram em Macapá. No domingo, dia 12, chegou a Belém e ali recebeu ordem para efetuar uma viagem extra a Pôrto Nacional. Posteriormente essa missão foi cancelada. Outra incumbência foi dada a Paulo Vitor: transportar tropas para Jacareacanga. Pode-se avaliar o dilema de Paulo Vitor: grande amigo de Veloso e Lameirão, ter de exe-

10

MOMENTO DRAMÁTICO. Na hora de fugir de Santarém para Jacareacanga, o motor enguiçou. Veloso tenta girar a hélice.

FINALMENTE o motor pegou. Veloso embarca. Emb., os dois aviões rebeldes fugindo rumo à base de Jacareacanga.

FOTO SENSACIONAL

Sobrevoando o reduto rebelde de Jacareacanga, Luciano Carneiro fixou êste flagrante. Vê-se o C-47 do Major Paulo Vitor no campo.

A BASE de Jacareacanga é quase uma clareira no meio da imensa floresta amazônica. Ao fundo está o Rio Tapajós. Pousado no campo (seta) vê-se o avião C-47 rebelde.

CONTINUA

Imagem 26 – O Cruzeiro – Edição n° 21, 10.03.1956

Foi assim.

Veloso e seu companheiro, o Capitão Jose Carlos Lameirão, chegam de surpresa ao Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Querem apoderar-se de um avião AT-11, uma versão do "*Beechcraft*" de transporte, convertido em avião de ataque.

Mas o hangar está fechado. Para conseguir abri-lo, rendem o Oficial de Dia. Depois, arrombam o depósito de armas e munições e decolam sem autorização da torre. A ação deveria ser silenciosa para os revoltosos ganharem tempo. O alarme só seria dado nos dias de carnaval, quando a mobilização é sempre mais demorada. Mas todo o planejamento foi por água abaixo.

O "*Beech*" dos rebeldes fez um pouso em Uberlândia, Minas, para reabastecimento, e rumou para Cachimbo, no Sul do Pará, o centro geográfico do Brasil. Cachimbo é obra de Veloso. Ele abriu a pista e instalou o radiofarol de apoio aos voos nacionais e internacionais que cruzam a Amazônia.

O destacamento da FAB tem ainda a nobre missão de apoiar os sertanistas do Serviço de Proteção aos Índios, que chegaram àquele remoto lugar, na década de 1940, para integrar os temíveis caiapós ao convívio pacífico com os demais brasileiros. Cachimbo, no entanto, não será o cenário da revolução de Veloso. Foi um despiste, para confundir o governo.

O Major rebelde vai instalar seu QG muito mais adiante, a Oeste, em Jacareacanga. É uma corrutela ([32]) no meio da selva, situada a algumas horas a pé do Rio Tapajós, frequentada por garimpeiros de ouro.

[32] Corrutela: vilarejo que se forma em torno de um garimpo.

A pista também foi aberta pelo bandeirantismo de Veloso. O Major pousa, dá voz de prisão ao destacamento e estrutura a resistência, armando batalhões de Índios Mundurucu e seringueiros residentes nas proximidades. Relata o historiador Glauco Carneiro [História das Revoluções Brasileiras, Editora O Cruzeiro, 1965]: (MOREIRA)

> Os indígenas, amigos incondicionais de Veloso desde 1949, mostravam-se ansiosos pela luta. E não compreenderam, por exemplo, que Veloso aprisionasse adversários e não os matasse, dando-lhes, ao contrário, alimentação e remédios. Veloso procurou explicar-lhes que as leis das guerras dos brancos diferiam daquelas por eles recomendadas, mas a impressão que deixou entre os Índios foi de que estava se tornando fraco. Esses guerreiros do arco e da flecha só se sentiram medianamente satisfeitos quando, no final da revolta, foi-lhes ordenado fincar estacas pontiagudas na pista de Jacareacanga, a fim de impossibilitar o salto de paraquedistas que o General Lott envia para sufocar a Rebelião. Em poucas horas, a terrível armadilha estava terminada e seus feitores deliraram, porque o chefe, finalmente, estava aprendendo a matar inimigos. (CARNEIRO)

MOREIRA: Mas Veloso não matou ninguém. A Rebelião de Jacareacanga só teve um morto, um caboclo chamado Cazuza, lugar-Tenente de Veloso. Eram amigos desde que o Major abrira a pista de Jacareacanga. Para Cazuza, era Deus no céu e Veloso na terra. Mas naqueles dias de Rebelião, ele contraiu malária e ficou em casa.
As tropas que saíram da cidade de Itaituba em direção a Jacareacanga, para prender Veloso, cercaram a casa de Cazuza, imaginando que o líder rebelde pudesse estar ali escondido. O caboclo, quando saiu à porta despertado pelo tropel dos soldados, recebeu urna rajada de metralhadora. Puxou o gatilho um sargento apelidado Mineiro.

Descobriram no inquérito que o policial tivera anteriormente uma desavença com Cazuza. Veloso imaginava que receberia adesões no Exército, na Marinha e muitas na Força Aérea. Na FAB, ganhou unicamente a solidariedade moral, a maioria de modo velado, de centenas, talvez de milhares de colegas de todas as bases aéreas do país.

Apoio firme, apenas o de um oficial: o Major Paulo Victor da Silva. Paulo Victor, pilotando um C-47 do Correio Aéreo Nacional, pousa em Belém sem saber da revolução. O comandante da Zona Aérea resolve aproveitar o avião dele para enviar as primeiras tropas do Exército contra os rebeldes. O que o comandante desconhece é que Paulo Victor é amigo de Veloso e de Lameirão. Ele jamais executaria uma missão punitiva contra seus amigos.

Ao chegar a Jacareacanga, adere à revolução. Seu copiloto, Tenente Carlos César Petit, leal ao governo, foi feito prisioneiro com os soldados que estavam sendo levados para dar combate à sedição. Os rebeldes esconderam o C-47, cobrindo-o de folhagens. Foi providencial a camuflagem: no dia 29, as forças legalistas que ocupam Jacareacanga não conseguem localizar de imediato o avião. Melhor para os rebeldes. O Major Paulo Victor e o Capitão Lameirão não têm outra alternativa a não ser a fuga. E que seja rápida, pois as tropas estão chegando!

Não há tempo de desfolhar totalmente o C-47. Vamos girar os motores. Taxiamento nervoso para a pista. A porta lá de trás ficou aberta. Não tem importância, depois a gente fecha. Potência total. Olha lá as tropas legalistas cercando o aeroporto. Corrida desesperada para decolagem. Mais velocidade, Douglas! Anda! Vamos tirar você do chão agora, não me falhe!

Descreve Glauco Carneiro: (MOREIRA)

> Os galhos e ramagens foram caindo da fuselagem à medida que o avião ganhava altura, com destino a Santa Cruz de la Sierra, a 1.500 quilômetros de distância. (CARNEIRO)

MOREIRA: Voou tão alto o aviador Paulo Victor que, depois de receber a anistia de JK, reintegrou-se à vida militar, atingiu o mais alto posto da FAB, o de Tenente-Brigadeiro-do-ar, e ajudou a fazer a Revolução de 64, que cassou os direitos políticos de quem o havia perdoado. Está com 89 anos, reside no Rio. As estacas fincadas pelos Índios mundurucus não espetaram nenhum dos 45 paraquedistas do Exército, enviados pelo governo para tomar o campo de pouso rebelde. Os paraquedistas chegaram em barcaças, subindo o Rio Tapajós. E não dispararam sequer um tiro.

Haroldo Coimbra Veloso, o líder da sedição, era alto, magro e alourado. Tinha mesmo um quê de artista de filme de aventura. Se o redator deste folhetim não tivesse mencionado que ele era o nosso Jim das Selvas, diria agora que, em Jacareacanga, Veloso é o Gary Cooper de Beau Geste ([33]).

No início da revolta, quando ainda espera receber o socorro que não veio, de camaradas das outras armas, e já tendo dominado Jacareacanga, ele deixa o colega Paulo Victor como comandante da praça daquela cidade e, ao lado de Lameirão, voa Rio abaixo no AT-11, indo instalar seu Quartel-General na cidade de Santarém, onde o Tapajós despeja suas águas azuis no barrento Amazonas.

---

[33] Beau Geste: filme dirigido por William A. Wellman, em 1939, que narra a história de dois irmãos que se alistam na famosa Legião Estrangeira Francesa.

Ocupa o aeroporto com facilidade, prendendo quem se declara legalista. E ali resiste por alguns dias, embora atormentado diariamente por um B-17. A fortaleza voadora veio de Recife com uma missão específica. Está equipada com aparelho especial de fotografia. Não dá sossego aos rebeldes, com insistentes voos rasantes sobre a pista, na tentativa de localizar o AT-11 camuflado.

O ambiente em Santarém, no entanto, tirante o B-17, é de piquenique. Conta o repórter Arlindo Silva, em reportagem de sucesso na Revista "*O Cruzeiro*": (MOREIRA)

> Depois dos primeiros dias, nós, jornalistas, acostumamo-nos com o B-17 e não nos incomodamos mais com seus rasantes. No terceiro dia de permanência no QG rebelde, a ausência de novidades nos deixava entediados. Sentávamos no chão [Veloso fazendo bombas com cápsulas presas entre as pernas] e começavam as anedotas. Aquilo não parecia uma guerra. Parecia um piquenique de fim de semana, com o B-17 fazendo a cobertura. Enquanto as emissoras do país inteiro noticiavam que se travavam batalhas nas ruas de Santarém, Veloso e Lameirão tiravam boas sestas, deitados nos duros bancos do aeroporto. (Arlindo Silva – Revista O Cruzeiro)

MOREIRA: Tiros, de verdade, só houve no dia 21, 11 dias depois do início da revolta. O AT-11 havia decolado para um voo de observação sobre o Rio Amazonas, por onde navegava um navio mercante fluvial, procedente de Belém, com tropas da Aeronáutica para sufocar a Rebelião. Na volta desse voo, Veloso e Lameirão quase colidem o AT-11 com o B-17. Depois do pouso, não houve tempo para a camuflagem. Surgiram então dois Catalinas, e um deles mandou chumbo. Os tiros de metralhadora, no entanto, erram o alvo. Terá sido mesmo para valer?

Os rebeldes revidam com tiros de revólver! É também uma guerra de palavras. Os rebeldes enviam o seguinte telegrama ao comandante da 1ª Zona Aérea, Brigadeiro Antônio Alves Cabral, em Belém:

> Em virtude de o Catalina 6514 ter metralhado a estação de passageiros de Santarém, onde se encontravam civis, inclusive senhoras, a partir desta data passaremos a reagir a qualquer ameaça, responsabilizando esse comando pelas consequências.

Parece briga de colegiais. O Brigadeiro Cabral responde. Não da mesma forma, telegráfica, mas usando um Catalina que deixa cair lá de cima uma mensagem datilografada, concitando os rebeldes a se renderem antes que seja tarde demais.

Na iminência da chegada do navio com as tropas legalistas, e sem receber o apoio militar de que precisava. Veloso entrega a Praça de Santarém e volta para Jacareacanga. Vai, diz ele, arquitetar o plano para o confronto decisivo. As tropas da Aeronáutica que chegam de navio a Santarém, comandadas pelo Tenente-Coronel Delayte, são baldeadas para barcaças, de calado mais raso, a fim de evitar o encalhe na subida do Rio Tapajós.

Era o que Veloso queria, diz o historiador Glauco Carneiro. No trecho encachoeirado do Rio, onde o caudal se estreita, ali onde se encurta a distância entre a mira do atirador e o alvo, o Major rebelde imagina armar seus Índios e caboclos. Conta o historiador: (MOREIRA)

> Os rebeldes estariam à espera, prontos para derramar gasolina no Rio, atear fogo e dormir na pontaria dos rifles e metralhadoras para caçar os infelizes que conseguissem escapar do braseiro. (CARNEIRO)

MOREIRA: Jim das Selvas, no entanto, é vítima de seu próprio plano. Ele e mais 12 homens a bordo de uma voadeira, barco a motor muito utilizado na Amazônia, vão a Itaituba, cidade próxima, em busca de gasolina.

Dois desses homens são enviados na frente, como batedores, para ver se o campo está livre. Não está: o TCel Delayte, com sua tropa de 300 soldados, já domina a cidade e os batedores caem prisioneiros. Daí para a prisão de Veloso foi um pulo.

Ele estava sentado em uma cadeira de balanço, na varanda da casa do tabelião Lauro Mendonça, na beira do Rio, quando recebeu voz de prisão do Capitão Milton Castro, comandante de urna patrulha de Sargentos e Cabos da Aeronáutica. Luciano Carneiro, repórter de "*O Cruzeiro*", testemunhou a prisão e anotou o seguinte diálogo:

- Renda-se, Major, para não morrer! – avisou o Capitão.
- Tantos homens para dominar um só? – respondeu o rebelde, com uma ponta de sorriso e muita ironia.

Veloso foi imediatamente levado à presença do Brigadeiro Antônio Alves Cabral, que comandava em Itaituba a contraofensiva aos rebeldes. O repórter Luciano Carneiro também estava lá e registrou o diálogo:

- Mas logo você, Veloso? Você, Paulo Victor e Lameirão, todos meus amigos... – começou a falar o Brigadeiro, manifestando o seu desapontamento com a ação desleal dos subordinados.

Sabem o que Veloso respondeu?

- Há gente que presta, Brigadeiro!

Oficiais do Estado-Maior do Brigadeiro Cabral intervêm na conversa para chamar Veloso às falas, enquadrá-lo, lembrando-lhe a condição de transgressor da lei.

Jim das Selvas não se cala facilmente.

> – A lei para mim só existiu até o 11 de novembro! – responde Veloso, referindo-se ao dia em que o Ministro da Guerra, General Teixeira Lott, depôs, em 1955, o Presidente interino da República, Carlos Luz, e em seguida o titular, Café Filho, sob a acusação, comprovada, de que ambos tramavam o golpe para não dar posse ao eleito Juscelino Kubitschek.

Mesmo diante da impertinência de Veloso, o Brigadeiro Cabral não revida, não se altera. Dirige-se aos oficiais legalistas e, num gesto de genuína generosidade, traça a melhor biografia do rebelde, ainda segundo as palavras do repórter Luciano Carneiro:

> – Creio que sei o que se passou com Veloso, começa o Brigadeiro Cabral. – Este homem trabalhava, patrioticamente, na tarefa árdua de abrir pousos dentro da mata. Aí estão Jacareacanga e Cachimbo como monumentos a esse rapaz extraordinário.
>
> No entanto, o que acontecia no Ministério? Havia sempre gente a intrigá-lo no Gabinete do Ministro. Veloso foi sempre um homem de trabalho, um homem sério. Sentiu como uma ferroada as injustiças. Ficou recalcado. Quando surgiu a contrarrevolução, da qual ele discordava, seu espírito já estava preparado para a revolta. E aí ele fez essa bobagem...

O Major Veloso não foi nem um pouco sensível ao depoimento favorável de seu superior. Interrompe o Brigadeiro para mais uma ousadia:

– Não considero uma bobagem o que fiz – protesta, emprestando a sua fala um tom altaneiro.

Naquele mesmo dia, no Palácio do Catete, Juscelino recebe os repórteres da imprensa estrangeira e declara:

– Vamos virar a página, passar uma esponja em todos os acontecimentos e começar vida nova, porque o País deseja paz para trabalhar.

No dia seguinte, 01.03.1956, o Presidente envia ao Congresso Nacional mensagem propondo a anistia a todos os que se rebelaram contra ele, desde os golpistas que se refugiaram no Cruzador Tamandaré em novembro de 55, na tentativa de impedir a posse dele, até os atuais sediciosos de Jacareacanga.

Vamos virar esta página.

<u>O B-25 cavalheiresco e seu piloto que não era John Wayne</u>

A rebeldia de Jacareacanga vai completar cinquenta anos e, até agora, a única fonte de informação sobre o acontecimento é o noticiário da imprensa, especialmente os relatos dos repórteres Arlindo Silva e Luciano Carneiro, da revista "*O Cruzeiro*". Os historiadores que se debruçaram sobre o assunto, como Glauco Carneiro em "*História das Revoluções Brasileiras*", e Hélio Silva na sua "*História da República brasileira*", valeram-se única e exclusivamente das informações jornalísticas.

Em 1956, a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, cidades em que até hoje se concentram os mais prestigiosos jornais e revistas do país, era maciçamente "*eduardista*" ou "*antijuscelinista*". Juscelino havia perdido as eleições em ambas as capitais. Portanto, a posição da imprensa, de

simpatia ao movimento de Jacareacanga, refletia a simpatia de cariocas e paulistas pelos aviadores rebeldes.

As reportagens da dupla de jornalistas de "*O Cruzeiro*" são francamente favoráveis a Veloso, Paulo Victor e Lameirão. Os jornais "*glamourizam*" os rebeldes. Glauco Carneiro, ao sistematizar essas informações em seu livro, edulcorou-as [tornou-as mais suaves, abrandou-as, amenizou-as] mais ainda. As ações dos três mosqueteiros ganham uma narrativa quase épica. A fuga do Paulo Victor e de Lameirão é a descrição de um filme de aventura. Eles retiram da selva o Douglas Dakota convenientemente camuflado e decolam de Jacareacanga com destino ao exílio na Bolívia. "*Um B-25 ainda tentou interceptá-lo, mas o Douglas desapareceu nas nuvens exatamente às 14h15 do dia 29 de fevereiro*", descreve o historiador com uma exatidão de relógio suíço.

Ao empregar o verbo interceptar, o texto sugere uma ação de combate. Na guerra aérea, intercepta-se um avião hostil para fazê-lo retroceder; para apresá-lo; ou para abatê-lo. Quem é esse John Wayne que pilotava o B-25 e tentou interceptar o Douglas C-47 em que estavam William Holden e Humphrey Bogart? O que pretendia seu piloto? Fazer o avião rebelde retroceder ao campo de Jacareacanga, para aprisioná-lo, ou queria abatê-lo em pleno voo sobre a floresta amazônica? O piloto do B-25 chamava-se Ivan Zanoni Hausen. O redator deste folhetim o conheceu em Brasília, em 2001. Era gaúcho. Lembrava mesmo John Wayne: era alto e forte como o ator de Hollywood – foi atleta olímpico, aliás, o único atleta olímpico da Força Aérea Brasileira, tendo participado das Olimpíadas de Londres em 1948. Preferiu sempre a aviação de caça e de bombardeio à de transporte.

As semelhanças com o arquétipo do cowboy americano acabam aqui. Zanoni foi treinado para ser de Esparta, mas sempre foi de Atenas. Intelectual, autor de livros e formulador de doutrinas no Estado-Maior da FAB e na Escola Superior de Guerra.

Naquela tarde de 29.02.1956, o então Capitão-aviador Zanoni jamais tentou interceptar o C-47 do rebelde Paulo Victor. Nem mesmo o avistou. E se o tivesse visto, jamais faria uso da torre de sua metralhadora, pois a instrução que recebera do Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Alves Seco, era curta e grossa, e emanada do próprio Presidente da República: nenhum dano a pessoas, instalações ou aeronaves. A missão do B-25 era apenas de persuasão.

Zanoni viveu intensamente os bastidores da revolta de Jacareacanga no centro do poder político, na posição privilegiada de Ajudante-de-ordens do Ministro. Depois, foi vivê-la no front. E pagou um preço enorme por isso, reconhecem seus contemporâneos, como o Major-engenheiro Sinval Dantas da Rocha, autor de "*A FAB e a política nacional na década 50*" [tese para a Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, de 1975].

O oficial legalista de Jacareacanga não recebeu uma só promoção por merecimento, só por antiguidade; jamais foi alçado a uma posição de comando; e, sendo reconhecidamente um oficial de alto padrão intelectual e moral, não alcançou o posto de Brigadeiro. Tudo isso porque ficara ao lado da lei em 1956.

A história vivida pelo Capitão Zanoni ilustra bem como os rebeldes de Jacareacanga mereceram na FAB a simpatia de escalões superiores e, sobretudo de escalões intermediários, muito importantes porque são os operacionais.

Se Veloso não teve o apoio direto de armas, aviões e pessoal, ele contou com vasto apoio moral.

Naqueles dias em que o governo procurava acabar com a revolta, esse apoio moral, quando não era explicitado no descumprimento de ordens, traduzia-se em omissão, corpo mole ou inércia, no Rio e nas diversas bases aéreas envolvidas nas operações para sufocar a sedição.

Em Belém, por exemplo, logo nos primeiros dias da Rebelião, os pilotos da esquadrilha de Catalinas, todos Capitães e Tenentes, recusam-se a cumprir missões de atemorização contra o aeroporto de Santarém, onde estão entrincheirados Veloso e Lameirão, e contra o de Jacareacanga, onde Paulo Victor escondeu seu C-47 que estava com uma Pane no motor esquerdo.

O comandante da 1ª Zona Aérea, Brigadeiro Cabral, pede ajuda ao Rio para enfrentar os atos de rebeldia em seu comando, o Ministro envia como observador e conselheiro o então Major Celso Resende Neves, ele mesmo, um dos pilotos que conduz o Presidente Juscelino no meu folhetim "*Bela noite para voar*".

Naquela época, Celso era professor na Escola de Comando e Estado-Maior. Ele é reconhecidamente um oficial equilibrado, de qualquer ponto de vista que se analise, especialmente o político. Celso reuniu todos aqueles jovens aviadores de Belém e lhes mostrou o mal que estavam fazendo contra a sua própria carreira, ao recusarem o cumprimento de missões ordenadas por seus superiores. Os argumentos do representante da legalidade convenceram os pilotos a não aderirem à rebeldia.

> – Está bem, Major, nós voltaremos a voar – assentiu o Capitão Burlamarque Barreira.

Mas como todo bom oficial, o Capitão quer preservar o espírito de camaradagem com os colegas rebelados. E pergunta a Celso:

– Se Paulo Victor precisar de uma peça para o C-47, nós poderemos ajudá-lo?

Responde, cavalheirescamente, o Major Celso:

– Belo gesto de sua parte, desde que eu não fique sabendo.

No Rio, o panorama da rebeldia não era diferente. O próprio Ministro da Aeronáutica encontra dificuldades de arregimentar pessoal e aviões para deslocar ao front. Temia pelos dois lados: que lhe aparecessem falsos legalistas capazes de aderir aos rebeldes, ou doidos varridos que acabariam fazendo o sangue correr no Tapajós. Duas semanas após o início da Rebelião, vendo as seguidas dificuldades do Ministro, o Ajudante-de-ordens Ivan Zanoni Hausen se apresenta como voluntário para ir ao front. A primeira reação do chefe foi de recusa. Tarimbado nos embates políticos, o Ministro queria proteger seu subordinado daquilo que sabia viria a acontecer fatalmente: a perseguição. No entanto, como se tratasse de voluntariado, Zanoni bateu o pé, para ir.

A missão organizada pelo Ministro previa o emprego de três bombardeiros North American B-25 J: dois decolariam do Parque Aeronáutico do Campo de Marte, em São Paulo, e o outro da Base Aérea de Fortaleza. Na madrugada do dia 26 de fevereiro, no Campo de Marte, Zanoni está desconfiado. Os B-25 se encontram em revisão. Por que não escalaram aviões em condições de voo? Essa dificuldade, entretanto, é café pequeno, para usar uma gíria da época; não é tão grave diante do que vem pela frente. Susto grande mesmo é quando o Capitão Zanoni, descansando no alojamento da base, atende a um telefonema anônimo; do outro lado vem a ameaça:

– Te cuida, Capitão. O B-25 está sabotado!

Era terrorismo puro. Só mesmo o ardor da juventude [ou a chama da legalidade] para fazer o voluntário Ivan Zanoni Hausen levantar voo naquela madrugada de densa neblina, portadora dos mais infaustos augúrios na mente de um Capitão-aviador.

Bastou, porém, o avião, subir menos de 500 metros e furar a camada tenebrosa, para Zanoni deslumbrar-se com um céu estreladíssimo, desses que o Presidente Juscelino Kubitschek gosta de apreciar em suas constantes viagens pelo Brasil.

A visão encantadora da noite espantou os maus pensamentos de Zanoni, mas ele não fez um voo confortável. O B-25 que lhe deram não tinha o acolchoado dos assentos. Foi retirado pelos simpatizantes dos rebeldes, de modo que ele e seu copiloto, o Capitão José Carvalho Pereira [outro voluntário], para não machucarem o traseiro no ferro da cadeira, sentaram-se em cima de seus paraquedas.

Os dois B-25 fizeram escala em Barreiras, na Bahia, para reabastecimento. Oficiais simpatizantes dos rebeldes tentaram retê-los, sob pretextos diversos. Mas Zanoni estava decidido "*a levar a mensagem a Garcia*", bordão muito usado na época para caracterizar, isto mesmo: cumprir missões, custe o que custar, como fez o Tenente americano na guerra dos Estados Unidos contra Cuba, retratado no famoso folhetim "*Mensagem a Garcia*".

Enquanto Zanoni enfrentava esses obstáculos, o B-25, que decolou de Fortaleza, fazia um pouso de emergência em São Luís do Maranhão. Pane? Não. Ah, para reabastecer? Nada disso. É que um dos pilotos, o Tenente Adair Geraldo Ribeiro, precisava urgentemente... ser operado de apendicite!

Quando, finalmente, o B-25 recebe novo tripulante e chega a Belém, os Tenentes-aviadores Flávio M. Santos e Octávio Ramos de Figueiredo se recusam a cumprir missão contra os rebeldes e recebem voz de prisão. Também o segundo B-25, enviado do Campo de Marte, não chega a ser empregado contra os rebeldes, informa o citado autor de "*A FAB e a política nacional na década de 50*", sem no entanto explicar a causa.

Desse modo, apenas o bombardeiro pilotado por Zanoni, o de matrícula 5123, vai cumprir missões na área conflagrada. Ele fica baseado em Santarém, já então em poder do governo, e realiza três sobrevoos em Jacareacanga, um a cada dia, até 29 de fevereiro, quando Veloso é preso e Paulo Victor e Lameirão fogem para a Bolívia. Mas sua ação é um doce de coco. Nem de longe representa qualquer ameaça.

Veja por quê: o B-25 Mitchell é um avião de grande poder de fogo. Na Segunda Guerra Mundial, o inimigo morria de medo ao vê-lo. Certa vez, no Saara, um B-25 da Real Força Aérea inglesa pousou em emergência numa das muitas pistas abertas pelo Marechal Rommel no deserto, para garantir suprimentos ao seu poderoso exército de tanques. Guarneciam a pista um oficial e 12 soldados, cujos armamentos iam da pistola até metralhadoras. Pois os nazistas afinaram. Ficaram quietinhos.

Olhavam de longe o mecânico inglês sanar a pane do B-25, dotado de 14 – eu disse 14 – torres de metralhadora ponto 50, distribuídas pelo nariz, dorso, pelas laterais e cauda, noves fora as quatro bombas de 250 quilos que carregava em seu intestino. O oficial alemão foi absolvido no conselho de guerra e, ainda, elogiado pela sua prudência.

O B-25 de Zanoni estava equipado apenas com uma torre de artilharia, na bolha do nariz. Nem levava artilheiro.

Além de dois pilotos, fazia parte da tripulação apenas o Sargento-mecânico, o que demonstra a falta de ânimo bélico dos legalistas, seguindo, aliás, recomendação do próprio Presidente da República: nada de tiros contra pessoas, prédios ou aviões.

Zanoni deu uns tirinhos, sim senhor: nas águas do Tapajós, para calibrar a mira; e nuns tambores de combustível, colocados pelos rebeldes na pista de Jacareacanga para impedir tentativas de desembarque de tropas legalistas. Num desses reides [incursões rápidas], suspendeu o fogo para não atingir uns jegues que invadiram a pista.

As outras missões foram para atirar mensagens manuscritas concitando os rebeldes a se entregarem, e de patrulhar o Tapajós, já que naquela altura subiam o Rio as barcaças com tropas da Aeronáutica comandadas pelo Coronel Delayte.

Zanoni faz parte de uma geração de oficiais-aviadores em cujas veias corre o sangue da guerra cavalheiresca, aquela que faz o Major Celso Resende Neves fechar os olhos diante do gesto de solidariedade de seu subordinado, o Capitão do Catalina legalista que ajudou o rebelde Paulo Victor a consertar seu avião.

O caçador Zanoni, se avistasse o desamparado C-47 em fuga, vestiria a armadura do guerreiro da gesta medieval e talvez até balançasse as asas do seu B-25, a dizer ao rebelde Paulo Victor: livre para voar, Major. A derradeira missão do B-25 legalista no Tapajós foi o voo da vitória sobre o campo antes

espetado pelas fincas ([34]) pontiagudas dos Índios Mundurucu, destinadas a empalar os paraquedistas que se aventurassem a saltar.

Os homens do destacamento da FAB, feitos prisioneiros pelo Major Veloso, finalmente se veem livres dos rebeldes após a decolagem de Paulo Victor. Zanoni dá ordem pelo rádio para que o Sargento e seus soldados se formem diante da estação. O aviador legalista pretende formalizar a reintegração do destacamento à Força Aérea.

O B-25 faz uma passagem lenta e a baixa altitude sobre a pista, os homens em terra prestam continência a Zanoni e ele retribui com um balançar de asa, significando que a vida daqueles homens voltava à normalidade. Missão cumprida. O jovem piloto legalista entregara a Mensagem a Garcia. Quando os paraquedistas do Exército chegam a Jacareacanga, a paz Já vigorava.

E o Capitão-aviador Ivan Zanoni Hausen voa de regresso ao Rio, na direção das agruras da vida militar, num Brasil dividido entre os partidários do Brigadeiro Eduardo Gomes, os "*eduardistas*", e a turma do xerife Lott.

A audaz missão de Zanoni em Jacareacanga, em defesa da democracia, irá marcá-lo de modo negativo na FAB, onde os "*antijuscelinistas*" foram sempre a maioria. Ele fez todos os cursos a que são obrigados os oficiais que almejam atingir o generalato, mas só atingiu o posto de Tenente-Coronel. Nunca foi promovido por merecimento – sempre por antiguidade. Poucos meses depois de dar seu depoimento para este folhetim, o aviador Zanoni foi vencido por um câncer, aos 74 anos. (MOREIRA)

---

[34] Fincas: estacas.

Exilados na Bolívia

Imagem 27 – O Cruzeiro – Edição n° 22, 17.03.1956

O Cruzeiro, n° 22
Rio de Janeiro, RJ, 17.03.1956

Depoimento Inédito dos três Revolucionários Desterrados em Santa Cruz de La Sierra

[Texto de Jorge Ferreira e Fotos de Henri Ballot]

Em Santa Cruz de la Sierra, onde o Major Paulo Vitor, o Capitão José Chaves Lameirão e o Sargento José Gunther encontram-se exilados, o repórter Jorge Ferreira colheu o depoimento dos três participantes da malograda rebelião, enquanto Henri Ballot registrava fotograficamente a permanência daqueles militares em terras bolivianas.

As revelações que se seguem baseiam-se na exposição feita ao jornalista pelos dois oficiais, que contam em detalhes os acontecimentos que se desenrolaram em Jacareacanga, depois da queda de Santarém até os últimos instantes da intentona.

Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), março.

– Assumimos toda a responsabilidade do movimento. Sobre nossas costas devem cair todas as suas consequências. E não fomos traídos por quem quer que seja. Disseram que o Brigadeiro Eduardo Gomes, o General Juarez Távora e uma parte considerável da Marinha tinha compromissos conosco, e que teriam falhado aos mesmos. É uma inverdade. Sequer conheço o Brigadeiro Eduardo Gomes pessoalmente, ou o General Juarez Távora.

  Não temos compromisso com ninguém, ninguém tinha compromissos expressos conosco: nem Exército, nem Marinha, nem Aeronáutica, nem partidos políticos. Houve falhas, evidentemente. Mas partiram de dois civis – cujos nomes peço não revelar. Logo mais lhe direi em que circunstâncias elas se processaram.

O Capitão José Chaves Lameirão, 28 anos, pai de dois filhos, paulista de Coroados, companheiro de Veloso desde os primeiros instantes da quase romântica rebelião das selvas amazônicas, fala apressadamente, empolga-se pela narrativa, despeja

a jato suas emoções. O calor tórrido do meio-dia em Santa Cruz de la Sierra faz-nos suar em bicas.

Vamos sorvendo a segunda jarra de limonada, e pergunto-lhe:

– Diga-me, Capitão, que motivos os levaram a rebelar-se?

– Ora, isso não é segredo. Levantamo-nos contra o Governo, contra a volta daqueles que deveriam ter sido alijados da vida pública do País depois de 24.08.1954. Pusemo-nos de armas nas mãos contra o "*mar de lama*" que levou o Presidente Vargas ao suicídio.

– Mas vocês, sendo um punhado, tinham esperanças de vencer as Forças Armadas de uma nação inteira?

– Tínhamos. Nosso plano era iniciar efetivamente a Revolução. Era preciso que alguém o fizesse. Veloso e eu tomamos a iniciativa. Nosso plano era apoderar-nos logo de início da Base Aérea do Cachimbo – o que fizemos. É preciso que se saiba que o Cachimbo fica mais ou menos equidistante de Fortaleza, Recife, Natal e Salvador.

  Com a Base em nossas mãos, seria fácil aos camaradas que quisessem aderir, com seus aviões as "*B-25*", as "*Fortalezas Voadoras*" do Nordeste e os "*Ventura*" de Salvador, principalmente – voar diretamente ao Cachimbo, e ali lutar pela causa. Chamaríamos também as atenções da Nação para aquele ponto, para o Amazonas, e isto poderia facilitar o levante no Sul.

– O plano de vocês tinha, então, ramificações?

Exilados na BOLÍVIA

DEPOIMENTO INÉDITO DOS TRÊS REVOLUCIONÁRIOS DESTERRADOS EM SANTA CRUZ DE LA SIERRA

Texto de JORGE FERREIRA — Fotos de HENRI BALLOT

LENDO JORNAIS brasileiros, Paulo Vítor e Chaves Lameirão estampam na face a máscara da saudade.

O "2059", que fêz 1.500 km no vôo de uma só etapa, levando os revolucionários a Santa Cruz. Guardado por bolivianos, tem ainda ramos da camuflagem.

O CAPITÃO CHAVES Lameirão, um dos iniciadores da revolta romântica, pacificamente banqueia de uma "cruceña". Não se arrepende pelo que

O MAJOR PAULO Vítor, como seus dois companheiros de exílio, está apenas com a roupa do corpo. O major remenda a túnica que se rompeu em vários partes.

OS REVOLUCIONÁRIOS brasileiros são populares na cidade de Santa Cruz, onde o povo e as autoridades os cercaram de simpatia. E o engraxate também.

Imagem 28 – O Cruzeiro – Edição n° 22, 17.03.1956

– Não. Já lhe disse que o descontentamento de grande parte da Aeronáutica, Marinha e Exército é patente. Achávamos que alguém começando a revolução, ela se alastraria naturalmente. Dois elementos civis conheciam em detalhes nossos planos. E eles ficaram de fazer o serviço de ligação e coordenação nas Bases que estávamos certos nos eram favoráveis. Mas esses homens falharam. Outro fator que nos prejudicou muito foi a saída do Rio de Janeiro. Pretendíamos decolar do Campo dos Afonsos silenciosamente, no sábado, dia 11, tomar o Cachimbo, no domingo, dia 12, que era carnaval. Só segunda ou terça é que seria dado o alarma. Por verdadeiro azar, porém, naquela manhã do dia 11 a chave da "*hangar*" em que se encontrava o "*Beech*", e que desde que existe o Parque fica num determinado lugar, nesse dia não foi encontrada. Tivemos então que prender o Oficial de Dia, arrombar o "*hangar*", desobedecer a torre de controle, e o alarme foi dado. Isto nos prejudicou muito.

O Major Paulo Vítor, paraense, 34 anos, casado, pai de três meninos que feito prisioneiro de Veloso em Jacareacanga depois aderiu à Rebelião passando um rádio ao Ministro da Aeronáutica dando ciência dessa decisão, é um homem calmo, de fala mansa, mas duro na ação. Não se arrepende, como Lameirão, de ter feito o que fez. Quando, no dia 29, estavam sob o fogo de três "*Fortalezas Voadoras*", lá em Jacareacanga, momentos antes da retirada para a Bolívia, metralhou uma "*B-25*" pilotada pelo Tenente Zanoni, que segundos antes quase o matara.

– Devo ter acertado, porque o Zanoni, que vinha nos Metralhando em voo rasante, passou a fazer fogo lá de cima, a grande altura.

– E como foi a "*Operação Jacareacanga*"?

– Foi uma verdadeira Batalha. Nós – o Capitão e eu – iremos lhes contar tudo. Antes, porém, gostaria que fizesse uma referência ao tratamento que estão nos dando o povo e as autoridades da Bolívia. Estamos em Santa Cruz como se estivéssemos em nossa própria casa. Jamais nos esqueceremos desta prova de amizade deste País.

Passam a seguir, Paulo Vitor e Lameirão, a narrar os acontecimentos desenrolados após a recaptura de Santarém pelas Forças Legalistas. O Sargento João Gunther, 38 anos, casado, pai de três filhos, que os acompanhou desde o início, e que agora amargura, aqui, as consequências do exílio [toda a vez que fala da mulher o dos filhos os seus olhos tornam-se úmidos], de quando em vez dá um detalhe, corrige esta ou aquela passagem. Assim se passaram os fatos:

No dia 22, às 19 horas, os revoltosos retiraram-se de Santarém, evitando combate com as Forças do Governo que viajavam no navio "*Presidente Vargas*"; Veloso e Paulo Vítor retiraram-se num "*Douglas*" e Lameirão e "*Cazuza*" num "*Beech*". Levaram armamento, munição e 25 homens leais. O voo era temerário, pois não havia cobertura de espécie alguma, era feito de noite, sobre a selva, e em meio de uma tremenda tempestade. Às 21 horas pousaram em Jacareacanga, tendo apenas um lampião a querosene iluminando cada extremidade da pista. No dia seguinte Lameirão voa para Itaituba no "*Beech*", levando, para serem libertados, os prisioneiros Tenente médico Adonay [que enquanto esteve preso atendeu desveladamente todos os doentes de Jacareacanga, salvando inclusive a vida de uma parturiente] e os Sargentos Farias Lima e Osvaldo Gomes. De Itaituba Lameirão deveria trazer 5 homens seus. Acontece, porém, que estes haviam se retirado para Jacareacanga por via fluvial, e o Juiz

de Direito, o Prefeito, o Delegado e outras autoridades de Itaituba pretendendo prender Lameirão assim que aterrissasse, armaram 50 homens e ficaram de emboscada no campo. Este continuava obstruído com tambores de gasolina, e só seria desobstruído com um senha de Lameirão. O Capitão deu a senha, os homens de emboscada, por não a compreenderem, retardaram muito a retirada dos tambores. Lameirão desconfiou e regressou a Jacareacanga com todos os prisioneiros. Nesse mesmo dia Veloso decidiu que um barco iria a São Luís, comandado por Cazuza, levando dez homens e nove prisioneiros, que deveriam ser soltos lá. Cazuza tinha ainda a missão de reconhecer a área, preparar armadilhas e a destruição de pontes, a fim de retardar a ação das tropas legalistas. E bom que se esclareça que o Rio Tapajós, na altura de S. Luís é encachoeirado, impedindo a navegação. Tem-se que fazer o baldeamento e andar-se por uma estrada de 15 km, construída pela "*Alta Tapajós*" e depois retornar ao Rio. Nesses 15 km, portanto, passagem obrigatória das tropas legais, Cazuza deveria lutar. No dia seguinte, 24, Veloso, contra a opinião de Paulo Vítor e de Lameirão, decidiu ir pessoalmente, com 5 homens, para Pimental, dar combate aos 300 soldados que estavam encarregados de sufocar, por terra, a Rebelião.

No dia 25, Lameirão, em voo de reconhecimento, viu ancorado em Pimental o barco de Veloso, e jogou-lhe uma mensagem, pedindo que regressasse com urgência a Jacareacanga, pois haviam perdido o campo de Cururu, na retaguarda, e podiam ser atacados por dois fogos. Esta queda de Cururu deu-se em face da traição de um ex-Sargento do Exército, Vilobaldo de Alencar, homem que gozava da absoluta confiança de Veloso. Vejamos o que ocorreu. Paulo Vítor, no dia 20, resolveu ocupar Cururu, encarregando disso o citado Vilobaldo de Alencar. Este devia tomar o campo, aprisionar a

guarnição que lá se encontrava e remover para Jacareacanga todo o armamento e a estação de rádio ali montada. Com esta estação os revoltosos poderiam falar com todo o País. Missão importante, para a qual Alencar – que em Jacareacanga exercia funções de relevo, que aderira à Revolução desde o início, que exercitava homens no tiro – apresentara-se como voluntário. E foi nomeado chefe de nove homens, levando metralhadoras de mão, bombas de TNT, de gás lacrimogêneo, fuzis e farta munição. O plano era este: subir o Tapajós em navio aprisionado pelos revoltosos, entrar no Rio Teles Pires, evitando o Rio Cururu para não chamar a atenção da guarnição do campo, ir até certo ponto, depois trocar o navio por um barco com motor de popa e por fim ir a remo até uma picada que, em duas horas de marcha pela selva, leva ao campo de Cururu. O ataque deveria ser de madrugada. Pelas informações de dois índios Mundurucus, a guarnição do campo era de sete homens, armados de sete carabinas.

Alencar tinha, portanto, superioridade de homens, de armas e contava ainda com o fator surpresa. Pois Alencar fez tudo ao contrário: subiu o Cururu, alertou a guarnição, que passou a pedir reforços pelo rádio e passou dois dias e duas noites acampado na mata, sem atacar o campo. Os reforços pedidos pelos legalistas chegaram [40 homens bem armados] e saíram ao encontro de Alencar em um barco requisitado de uma missão de Padres alemães localizada nas adjacências. À frente do barco vinha Frei Plácido que, à noite, segurando uma lanterna, gritava em voz grave:

– Não atirem, que aqui é o Frei Plácido! Eu sou de paz!

Pois com tudo isso, um homem de Alencar conseguiu prender o Frei. Alencar conferencia com o sacerdote, a sós, e resolve entregar-se. Os nove revoltosos que

o acompanham recusam-se a render-se, como também se negam a entregar-lhe o armamento que possuem. E com a aproximação das Forças do Governo, três deles entram pelo igapó [mata inundada] e seis conseguem fugir no barco, regressando a Jacareacanga. Até o dia 29 não se tinha notícias dos três primeiros. No dia 25, interceptando mensagem de Cururu, Paulo Vítor soube da prisão do Alencar e dos reforços chegados àquele campo. Daí o apelo para que Veloso regressasse a Jacareacanga, para ali resistirem juntos.

Nesse mesmo dia 25 avião legalista sobrevoa Jacareacanga, comandado pelo Capitão Assis, e joga panfletos com os seguintes dizeres:

> "*Povo de Jacareacanga. Suas vidas correm perigo. Aconselhem àqueles que estão com o Major Veloso para que abandonem esta loucura. Abandonem todos Jacareacanga. Fujam se possível. Pensem nas crianças. Quantas mulheres perderão seus maridos? Quem avisa amigo é!*". [Transcrição "*ipsis literis*"]

Paulo Vítor e Lameirão ficam sabendo que "*Fortalezas Voadoras*" haviam sido transferidas para Belém. Sabiam que a desigualdade era grande, e que o fim se aproximava. Voltam a Pimental, jogam mensagem a Veloso, insistindo no seu regresso. Querem estar juntos para qualquer decisão, inclusive para morrer. No dia 27 voltam a pedir que Veloso regresse. Sabiam que este se encontrava em São Luís, e que nessa mesma noite travou-se o combate no qual Cazuza perdeu a vida, sendo metralhado pelas costas. No dia 28, bombardeiros sobrevoam Jacareacanga, atirando panfletos exigindo a rendição e, caso contrário, ameaçando conquistar aquele povoado "*a qualquer preço*". E logo, em seguida, as

"*B-25*" metralham o acampamento dos revoltosos. Paulo Vítor passou, então, ao Brigadeiro Cabral, comandante da 1ª Zona Aérea, o seguinte rádio:

> "*Informo Major Veloso encontra-se fora da Jacareacanga. Nenhuma decisão será tomada na sua ausência, para o que estamos dispostos a defender Jacareacanga também a qualquer preço*".

Belém responde pedindo a Jacareacanga para ficar na escuta às 14 horas, para uma resposta ao Major Paulo Vítor. Às 14 horas Belém pede que aguardem mais uma hora. As 16 horas chega o seguinte rádio:

> "*O movimento que vocês chefiam não teve o apoio que esperavam. Veloso e Lameirão já são desertores. Falta pouco para você ser também considerado desertor. Apresente-se enquanto é tempo, pois a solução do seu caso é mais simples. Se possível, aconselhe Veloso o Lameirão também se apresentarem. Não sacrifiquem inutilmente suas vidas, de seus companheiros em Jacareacanga e de seus patrícios no cumprimento do dever. Aguardo resposta. O Capitão Barreira e Stravaqui oferecem-se para conversar com você amanhã, em fonia, do avião, e estará em Jacareacanga na hora que você desejar. a) Brigadeiro Alves Cabral*"

Eis a resposta de Paulo Vítor:

> "*Aguardamos regresso de Veloso. Proponho sobrevoo de Jacareacanga do avião comandado pelo Capitão Barreira amanhã às 14 horas Z. [11 horas Rio]*"

Logo em seguida um "*Beech*" legalista sobrevoa Jacareacanga, chamando a estação de rádio local e procurando saber o nome do operador. Lameirão atende e pede para que se identifique quem quer saber o nome do operador.

– É o Brigadeiro Cabral.

– Aqui é o Capitão Lameirão.

– Abra o campo para que eu possa aterrar e falar com você.

– Negativo.

– Desobstrua o campo, Capitão. Vamos conversar aí mesmo, em terra.

– Estranho o pedido do Brigadeiro em face dos rádios trocados entre o Major Paulo Vítor e a 1ª Zona Aérea, assinados pelo senhor mesmo.

– Ignoro a existência desses rádios. Leia-os para mim.

O Capitão deu ciência ao brigadeiro do teor das mensagens.

– Deve ter sido resolução de quem estava respondendo pela Zona. Endosso-os. Mas abra o campo, Capitão.

– Negativo, Brigadeiro.

– Está bem. Vou tomar as providências para vocês parlamentarem amanhã com o Capitão Barreira. Boa tarde, Capitão. Seja feliz.

– Ah, brigadeiro. O senhor sabe que uma "*B-25*" metralhou o nosso acampamento? Que poderia ter matado mulheres, crianças e prisioneiros?

– Quando foi isso?

– Hoje, pela manhã.

– Não estou de acordo com esse ataque. Até amanhã, Capitão. Tenha uma boa noite.

– Até amanhã, Brigadeiro. Felicidades para o senhor.

Em Jacareacanga, no povoado, que dista três quilômetros da Base, a população estava sobressaltada. Após o ataque da "*B-25*", Paulo Vítor e Lameirão providenciaram a retirada de mulheres, crianças e velhos, além dos prisioneiros, para lugar seguro, na outra margem do Rio. Deram liberdade aos seus homens para que se retirassem com suas famílias. Com eles ficaram apenas seis caboclos, que se recusaram abandoná-los. Tinham, nesse dia, 28, resolvido entregar Jacareacanga, assim que Veloso chegasse. Não iriam sacrificar a vida da população civil de Jacareacanga sem a menor possibilidade de êxito.

– Mas esperaríamos Veloso, de qualquer forma. E se fôssemos obrigados, lutaríamos. Não morreríamos "*de graça*" – diz-nos Paulo Vítor.

Foram recolhidas todas as armas que estavam em poder dos civis. Frei Angélico, que estava presente, aplaudiu a medida.

– Esse Frei não tomou qualquer partido. Esteve conosco sempre, aconselhando-nos. Seu desejo era evitar derramamento de sangue entre irmãos.

No dia 29, pela manhã, Frei Angélico, a pedido de Paulo Vítor e de Lameirão, rezou missa pela alma de Cazuza. Às 10 horas o Major, o Capitão, o Sargento Gunther, os seis voluntários e Frei Angélico saíram para o campo. Às 11h15, obtiveram informação confidencial de que Veloso não poderia mais atingir Jacareacanga, que estava isolado na selva, e o conselho de que "*se retirassem para o estrangeiro com a máxima urgência*". Paulo Vítor e Lameirão decidiram então ganhar tempo.

Pediram, na parlamentação combinada com os legalistas, mais 24 horas, "*para esperarem o Veloso*". Com isso pretendiam consertar o "*Douglas*", que estava com "*pane*" de partida no motor esquerdo. Às 11h30 chegam duas esquadrilhas do Governo: três "*Catalina*" e três "*B-25*", além de um "*Beech*". O Capitão Barreira, do "*Catalina*", inicia a parlamentação. Os outros, para que as duas partes estivessem à vontade, tinham ordem do Coronel Walter Bastos para desligar os respectivos rádios e tirar os fones dos ouvidos. O Capitão Barreira disse:

– Vocês não têm a menor chance de êxito. Vai haver derramamento inútil de sangue. Rendam-se.

– Queremos mais 24 horas. Veloso não está aqui. Amanhã decidiremos com ele ou sem ele.

– Não estou autorizado a decidir isto. Vou comunicar-me com Brigadeiro Cabral.

Barreira entrou em contato com o Brigadeiro. Aqui embaixo, Vítor, Lameirão e Gunther viviam momentos decisivos. Se lhes fossem cedidas as 24 horas, no dia seguinte ninguém os encontraria em Jacareacanga, teriam, de madrugada, rumado para a Bolívia. Mas o Brigadeiro Cabral que estava no "*Beech*" ao saber do pedido de Paulo Vítor e Lameirão, teve uma explosão de raiva. E – contam-nos Paulo Vítor e Lameirão – passou a proferir impropérios, chamando os revoltosos de "*cachorros e de cretinos*". Apontam Frei Angélico como testemunha. E disse ainda isto:

– Amanhã vou mandar fuzilar vocês. Vou espetar o Paulo Vitor na ponta de uma espada. Vou arrasar tudo. Amanhã não, hoje de tarde! De tarde não, agora! "*B-25*"! Preparem-se para atacar a casa de rádio.

As “*B-25*” abriram fogo imediatamente sobre a casa de força e a estação rádio, onde se encontravam os oficiais revoltosos parlamentando com os legalistas. Paulo Vítor, Lameirão e Gunther, os únicos que tinham metralhadoras de mão, refugiaram-se na mata. Os outros, inclusive o Frei, abrigaram-se por perto. E abriram fogo contra os aviões. A batalha durou cerca de 90 min. Uma rajada de metralhadora passou a poucos metros de Paulo Vítor. Cessado o tiroteio, dois “*Catalina*” amerissaram no Rio Tapajós, que estava desguarnecido, porque julgavam os revoltosos que a parlamentação excluía a possibilidade de combate. As tropas paraquedistas saíram de dentro dos “*Catalina*” e ocuparam o povoado, que dista 3 km do campo. O Brigadeiro Cabral deu ordem para as “*B-25*” protegessem os “*Catalina*” e a progressão dos soldados para o campo.

Paulo Vítor, Lameirão e Gunther saíram da mata, correram cerca de 1.500 m em aberto, e foram até o local em que se encontrava o “*Douglas*”, camuflado. Decidiram sair dali imediatamente. Iniciaram a retirada da camuflagem dos motores, para dar a partida. Nesse instante passou a “*B-25*” pilotada Capitão Zanoni, e abriu fogo contra os revolucionários. Paulo Vítor respondeu, e afirma ter atingido o alvo. Tentaram dar a partida no motor esquerdo. Nada. Apelaram para a manícula, auxiliados pelos seis voluntários que com eles permaneceram até os últimos instantes. No povoado as tropas governista já marchavam para o campo. E o motor esquerdo teimava em não pegar. Foram 75 min de ansiedade, de esperança de desespero, em que estavam praticamente entre a vida e a morte. Mas o; motor roncou! O direito foi fácil: estava em ordem. Iniciaram a saída da mata. O “*Douglas*” encalhou. Foram 5 min que pareciam séculos. Por ordem de Paulo Vítor, os seis caboclos desobstruíram 500 m da pista numa largura de 15 m.

Paulo Vítor arremeteu, e o "*Douglas*" decolou levando-os para o exílio. Eram exatamente 14h07. Uma das "*B-25*" percebendo a fuga, perseguiu-os por mais de uma hora.

– O que nos salvou foi o mau tempo. Entrávamos pelas nuvens adentro, procurando fugir da mira da "B-25". Nós não tínhamos a menor possibilidade de reação. Estávamos à mercê deles.

Às 19h47, depois de voarem 1.500 Km, pousavam em terras bolivianas em Santa Cruz de la Sierra, onde amargam as penas do desterro.

– Mas há um projeto de anistia, que certamente será aprovado e permitirá o regresso de vocês três ao Brasil. Foi proposto pelo próprio Governo.

– Se o Governo agiu assim, ele deve saber por que o faz. Ficaremos aguardando os acontecimentos.

– E se não vier a anistia?

– Iremos trabalhar. E quando pudermos, chamaremos as nossas famílias e nos fixaremos nesta terra que tão generosamente nos recebeu

No dia 4 de março, o embaixador brasileiro na Bolívia, Sr. Teixeira Soares, pediu ao Governo deste país o internamento de Vítor, Lameirão e Gunther, longe de Santa Cruz de la Sierra, de Cochabamba e de La Paz. Alegando que estas três cidades são pontos de escala do CAN, da FAB, e que os três rebelados continuariam, assim, mantendo contato com seus camaradas de farda. Até o momento em que redigimos estas notas, nada havia sido resolvido pelo Governo boliviano. (O CRUZEIRO, N°22)

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1956 — TRIBUNA DA IMPRENSA

No Rio, afinal, sem perigo, 90 dias depois

Os rebeldes de Jacareacanga voltam a vêr os seus filhos

Flores, lágrimas e vivas à Democracia à chegada de Paulo Vítor, Lameirão e Gunther no aeroporto Santos Dumont (Reportagem de ANTÔNIO FAUSTINO e LUÍS FERNANDO)

ENTRE pétalas de rosas, sorrisos, lágrimas e "Vivas à Democracia", chegaram, às 15 horas de ontem, ao aeroporto Santos Dumont, o major Paulo Vitor, o capitão Lameirão e o sargento Gunther.

Os revoltosos de Jacareacanga — que completavam, ontem, 90 dias de exílio na Bolivia — tiveram recepção calorosa, à qual compareceram centenas de capitães, majores, coronéis e sargentos da Aeronáutica, além de familiares, amigos e pessoas do povo, num total aproximado de duas mil pessoas.

A VIDA NA BOLIVIA

A reportagem de TRIBUNA DA IMPRENSA viajou com os anistiados de S. Paulo ao Rio.

O repórter esperou Paulo Vitor, Lameirão e Gunther em Congonhas, onde chegaram, às 13 horas, no avião da "Cruzeiro do Sul", proveniente de Campo Grande.

Permaneceram no aeroporto apenas 30 minutos, assediados por um batalhão de jornalistas, fotógrafos e radialistas. Parentes também os esperavam, podendo Paulo Vitor abraçar, por segundos, um irmão, residente em São Paulo, enquanto Lameirão era recebido por um tio e primos.

Gunther, mais arredio, ficara do outro lado do avião, evitando qualquer contato com a imprensa.

Os três, aliás, mantinham-se na mesma discrição. Não cederam às indagações constantes da imprensa, dizendo que não queriam fazer qualquer declaração. Nessa disposição se mantiveram, ate que o avião decolou, às 13,30.

VOLTA: UM REFRIGÉRIO

No avião pôde, então, o repórter conversar com os revoltosos anistiados.

Sentados nas primeiras poltronas do DC-3, a principio mostraram-se esquivos. Não escondiam, porém, a satisfação de que estavam possuídos por voltar ao Brasil, de onde partiram, a 29 de fevereiro, das selvas de Jacareacanga para buscar asilo em Santa Cruz de la Sierra. Das conclusões que suas cautelosas palavras iniciais permitiam tirar, via-se que a saudade da familia (os três são casados) era o mais forte dos sentimentos que os afligiam.

De Paulo Vitor ouvimos:

— "Depois de tudo, o reencontro da familia e dos amigos é um consôlo".

De Lameirão, mais expansivo:

— "E' preciso o exílio, com seus sofrimentos e aflições, para sentirmos o valor de certas coisas".

Gunther, numa cadeira da direita, isolado, mantinha-se na mesma reserva.

Dizia que tudo tinha passado e preferia falar de sua caçula.

HOSPITALIDADE BOLIVIANA

Pouco a pouco, porém, foram revelando detalhes da estada em Santa Cruz. Fizeram, desde logo, questão de ressaltar a hospitalidade espontânea dos bolivianos. Dos primeiros dias da chegada, até o dia 29, só tiveram gentilezas do povo e das autoridades.

Lembraram a festa que famílias cruzenhas lhes ofereceram, segunda-feira, como despedida. Crianças descalças, oficiais do Exército e da Policia, senhoras, pessoas de tôdas as classes e idades compareceram, em grande número, para abraçar os oficiais e o sargento.

Os brasileiros, residentes ou de passagem, também os procuravam. A familia Olavo Guimarães organizou, há cêrca de um mês, um "show" em homenagem a êles, enquanto a do tenente Amorim os recebia, em casa, amiúde.

Lameirão, particularmente, tinha palavras de gratidão: "Deram-nos o de que mais necessitávamos: um ambiente familiar, onde esqueciamos a separação de nossas mulheres, filhos e pais".

Paulo Vitor, Gunther e Lameirão disseram ter tido o mesmo tratamento fidalgo das autoridades federais.

Diàriamente, apresentavam-se, pela manhã e à tarde, à Policia, que lhes dera dois quilômetros da cidade por "menage". O que, aliás, os prejudicou um pouco, pois, caso contrário, poderiam ter trabalhado.

Mas só receberam gentilezas de todos, motivando a ida de Paulo Vitor a La Paz, para expressar o agradecimento do grupo ao ministro de Govêrno, Interior e Imigração.

Só depois de muito tempo, o major obtêve consentimento para ausentar-se de Santa Cruz.

Como não podiam deslocar-se, senão dentro daqueles dois quilômetros, viveram 90 dias de rotina: visitas à Policia, refeições, passeios pelo centro da cidade, espera do avião da "Cruzeiro do Sul", (duas vêzes por semana), leitura de cartas e jornais. Pouca coisa mais.

SAUDADE DAS FAMÍLIAS

Volta e meia, Paulo Vitor, Lameirão e Gunther falam de suas famílias. O mais preocupado parecia o sargento. Disse que sua família sofreu perseguições dos vizinhos, o que obrigou sua mulher a ir morar no apartamento da família de Lameirão e seus filhos a perderem dois mêses de aulas.

Isso tudo lhe aumentava o desejo de ver os parentes, desejo que era mitigado, duas vêzes na semana, graças a um rádio-amador local. Em dias fixados, mulheres e filhos dos oficiais e do sargento se reuniam em casa do rádio-operador, no Rio, e, então, podiam conversar por alguns minutos.

Por isso, não se esquecem do sr. Gutierrez, o cruzenho possuidor do rádio. Gunther, por sua vez, lembra sempre o primeiro contato radiofônico com a família, quando sua filhinha, de quatro anos, emudeceu, do outro lado.

SURPRÊSA DA ANISTIA

Quando o repórter estêve em Santa Cruz de la Sierra, no dia seguinte à chegada dos rebeldes de Jacareacanga, apostou com Lameirão na aprovação imediata da anistia.

Passaram-se os dias, o benefício não veio, e quem perdeu (pelo menos um jantar) foi o repórter. No avião, Lameirão recordou o fato e contou que tiveram notícia, na última sexta-feira, de que o Senado rejeitara a anistia.

Tinha já a coisa como consumada, quando, sábado pela manhã, foi esperar, no aeropôrto de "El Trompillo", o avião da "Cruzeiro". Soube, então, da verdade e, imediatamente, a comunicou, pela radiotelefonia, a Paulo Vitor que, havia sete dias, estava em La Paz.

Daí por diante, tudo se passou com rapidez. Arrumar as coisas, as despedidas, a volta de Paulo Vitor e pegar o avião de têrça-feira para o Brasil, tudo parece ter consumido minutos apenas, frente à imensidão dos 90 dias de espera.

Se, porém, não fôssem anistiados, estava tudo mais ou menos arranjado: iriam os três trabalhar no Lóide Aéreo Boliviano. Depois, conforme as coisas, iriam as famílias.

CHEGADA ENTRE FLÔRES

Às 15 horas, o avião aterrisava no aeroporto Santos Dumont. À medida que descia, Paulo Vitor, Lameirão e Gunther, pregados às janelas procuravam, ansiosamente, identificar parentes e amigos.

Foram os últimos a descer, podendo o repórter observar as expressões de admiração que tiveram, pelo número dos que os esperavam. Pétalas de rosas foram jogadas sôbre suas cabeças, entre vivas e aplausos.

Não chegaram os três para os abraços. Gunther conseguiu chegar à sua filha caçula e a levantou nos braços. A distância, seus cabelos batidos pelo vento pareciam espigas de milho. Lameirão e Paulo Vitor foram, igualmente, cercados por filhos e espôsas, o capitão não podendo conter as lágrimas.

PRESENTES

Entre os presentes estavam, além de grande número de sargentos e oficiais da Aeronáutica, os deputados Rafael Corrêa de Oliveira e Carlos Albuquerque, vereadores Wilson Leite Passos e Raul Brunini e o brigadeiro Guedes Muniz.

COM VELOSO

Do aeroporto, Paulo Vitor, Lameirão e Gunther, suas mulheres, filhos e parentes, mais oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica que foram recebê-los, seguiram para o Depósito de Material da Aeronáutica, onde está prêso o major Veloso.

Paulo Vitor e o sargento Gunther foram os primeiros a abraçar o companheiro. Depois chegou Lameirão, e os quatro, emocionados, conversaram durante alguns minutos. Enquanto isso, chegavam grupos de senhoras e de amigos dos oficiais. Todos queriam dar-lhes as boas-vindas.

Foi no Depósito que os três recém-chegados tomaram o primeiro cafèzinho carioca.

EM CASA

Do depósito, os três se dirigiram à residencia da família Lameirão, no Méier, sendo recebidos por parentes, vizinhos, amigos e companheiros de farda.

Em tôda a frente da casa havia cartazes:

— "Salve os heróis de Jacareacanga" — dizia um dêles.

Houve foguetes também, e bandeirinhas brasileiras.

NO ORATÓRIO

A mãe do capitão Lameirão conduziu o filho, o major Paulo Vitor e o sargento Gunther até o oratório, num dos cômodos da casa, e, diante de uma imagem do Coração de Jesus, disse:

— Foi aqui que nos rezamos por vocês. Agora, vocês agradeçam a Deus, por que é graças a Ele que vocês estão de volta".

COM A FAMILIA

— "Agora, quero saber dos meus filhos, só dêles" — disse o major Paulo Vitor, ao chegar.

Como Paulo Vitor, Lameirão e Gunther dedicarão êstes primeiros dias às famílias. Principalmente hoje, descansarão da viagem, e, como disse Gunther, "brincarão com os filhos".

Amanhã, os três devem apre-

Juntos outra vez: Gunther, Lameirão, Veloso e Paulo Vitor, cercados de amigos. Na foto aparecem também as filhas de Lameirão e os filhos de Paulo Vitor. Ontem, no depósito de Material da Aeronáutica, onde Veloso está prêso

O abraço da filhinha. Há mais de três meses o capitão Lameirão não via suas filhas. Ontem, no Aeroporto, assim que chegou correu para elas. Na foto, o capitão e a caçulinha.

Imagem 30 – Tribuna da Imprensa, n° 1.950

Tribuna da Imprensa, n° 1.947
Rio, RJ – Segunda-feira, 28.05.1956

Paulo Vítor, Lameirão e Gunther no Rio 4ª Feira

Desde sexta-feira, o auditor da 2ª Auditoria de Guerra, Orlando Ribeiro da Costa, determinou o arquivamento do processo contra o Major Haroldo Coimbra Veloso, pelo crime de motim.

Embora, no mesmo ato, tenha sido expedido o alvará de soltura, o Major Veloso continuará detido até o dia 8 de junho, quando terminar a pena disciplinar, de 30 dias, imposta pelo Ministro da Aeronáutica. Isto porque a anistia só abrangeu o delito de motim em Jacareacanga.

VOLTA DOS EXILADOS

O Major Paulo Victor, o Capitão Lameirão e o Sargento Gunther, que estão em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, há mais de 3 meses, deverão estar de volta ao Rio quarta-feira onde chegarão às 15 horas, no aeroporto Santos Dumont. Apenas aguardam liberação do governo boliviano, já que se encontram na Bolívia na condição de asilados. Por ordem das autoridades da Aeronáutica, o Major Veloso já pode receber visitas. Ontem, domingo, passou o dia com a família e amigos no Depósito de Intendência da Aeronáutica em Manguinhos, na Av. Brasil. Cercado por seus cinco filhos e mais D. Lourdes, Veloso, sempre calmo, foi procurado por grande número de amigos com quem palestrou longamente, sem sofrer constrangimento por parte das autoridades da Aeronáutica. (TDI, N° 1.497)

Tribuna da Imprensa, n° 1.950
Rio, RJ – Segunda-feira, 31.05.1956

No Rio, Afinal, sem Perigo, 90 dias Depois

Os Rebeldes de Jacareacanga voltam a ver os seus filhos

Flores, Lágrimas e Vivas à Democracia à Chegada de Paulo Vítor, Lameirão e Gunther no Aeroporto Santos Dumont
[Reportagem de Antônio F. e Luís Fernando]

Entre pétalas de rosas, sorrisos, lágrimas e "*Vivas à Democracia*", chegaram, às 15 horas de ontem, ao aeroporto Santos Dumont, o Major Paulo Vitor, o Capitão Lameirão e o Sargento Gunther.

Os revoltosos de Jacareacanga – que completavam, ontem, 90 dias de exílio na Bolívia – tiveram recepção calorosa, à qual compareceram centenas de Capitães, Majores, Coronéis e Sargentos da Aeronáutica, além de familiares, amigos e pessoas do povo, num total aproximado de duas mil pessoas.

A VIDA NA BOLÍVIA

A reportagem de TRIBUNA DA IMPRENSA viajou com os anistiados de S. Paulo ao Rio.

O repórter esperou Paulo Vítor, Lameirão e Gunther em Congonhas, onde chegaram, às 13 horas, no avião da "*Cruzeiro do Sul*", proveniente de Campo Grande.

Permaneceram no aeroporto apenas 30 minutos, assediados por um batalhão de jornalistas, fotógrafos e radialistas. Parentes também os esperavam, podendo Paulo Vítor abraçar, por segundos, um irmão, residente em São Paulo, enquanto Lameirão era recebido por um tio e primos. Gunther, mais arredio, ficara do outro lado do avião, evitando qualquer contato com a Imprensa.

Os três, aliás, mantinham-se na mesma discrição. Não cederam às indagações constantes da imprensa, dizendo que não queriam fazer qualquer declaração. Nessa disposição se mantiveram, até que o avião decolou, às 13h30.

VOLTA: UM REFRIGÉRIO

No avião pode, então, o repórter conversar com os revoltosos anistiados.

Sentados nas primeiras poltronas do DC-3, a princípio mostraram-se esquivos. Não escondiam, porém, a satisfação de que estavam possuídos por voltar ao Brasil, de onde partiram, a 29 de fevereiro, das selvas de Jacareacanga para buscar asilo em Santa Cruz de la Sierra. Das conclusões que suas cautelosas palavras iniciais permitiam tirar, via-se que a saudade da família [os três são casados] era o mais forte dos sentimentos que os afligiam.

De Paulo Vítor ouvimos:

– "*Depois de tudo, o reencontro da família e dos amigos é um consolo*".

De Lameirão, mais expansivo:

– "*É preciso o exílio, com seus sofrimentos e aflições, para sentirmos o valor de certas coisas*".

Gunther, numa cadeira da direita, isolado, mantinha-se na mesma reserva. Dizia que tudo tinha passado e preferia falar de sua caçula.

HOSPITALIDADE BOLIVIANA

Pouco apouco, porém, foram revelando detalhes da estada em Santa Cruz. Fizeram, desde logo, questão de ressaltar a hospitalidade espontânea dos bolivianos, Dos primeiros dias da chegada, até o dia 29, só tiveram gentilezas do povo e das autoridades. Lembraram a festa que famílias cruzenhas lhes ofereceram, segunda-feira, como despedida. Crianças descalças, oficiais do Exército e da Polícia, senhoras, pessoas de todas as classes e idades compareceram, em grande número, para abraçar os oficiais e o sargento.

Os brasileiros, residentes ou de passagem, também os procuravam, A família Olavo Guimarães organizou, há cerca de um mês, um "*show*" em homenagem a eles, enquanto a do Tenente Amorim os recebia, em casa, amiúde. Lameirão, particularmente, tinha palavras de gratidão:

– "*Deram-nos o de que mais necessitávamos: um ambiente familiar, onde esquecíamos a separação de nossas mulheres, filhos e pais*".

Paulo Vitor, Gunther e Lameirão disseram ter tido o mesmo tratamento fidalgo das autoridades federais.

Diariamente, apresentavam-se, pela manhã e à tarde, à Polícia, que lhes dera 2 km da cidade por "*menage*". O que, aliás, os prejudicou um pouco, pois, caso contrário, poderiam ter trabalhado. Mas só receberam gentilezas de todos, motivando a ida de Paulo Vítor a La Paz, para agradecer em nome do grupo ao Ministro de Governo, Interior e Imigração.

Só depois de muito tempo, o major obteve consentimento para ausentar-se de Santa Cruz.

Como não podiam deslocar-se, senão dentro daqueles dois quilômetros, viveram 90 dias de rotina: visitas à Polícia, refeições, passeios pelo centro da cidade, espera do avião da "*Cruzeiro do Sul*", [duas vezes por semana], leitura de cartas e jornais. Pouca coisa mais.

SAUDADE DAS FAMÍLIAS

Volta e meia, Paulo Vitor. Lameirão e Gunther falam de suas famílias. O mais preocupado parecia o Sargento. Disse que sua família sofreu perseguições dos vizinhos, o que obrigou sua mulher a ir morar no apartamento da família de Lameirão e seus filhos a perderem dois meses de aulas.

Isso tudo lhe aumentava o desejo de ver os parentes, desejo que era mitigado, duas vezes na semana, graças a um radioamador local. Em dias fixados, mulheres e filhos dos Oficiais e do Sargento se reuniam em casa do radioperador, no Rio, e, então, podiam conversar por alguns minutos.

Por isso, não se esquecem do Sr. Gutierrez, o cruzenho possuidor do rádio. Gunther, por sua vez, lembra sempre o primeiro contato radiofônico com a família, quando sua filhinha, de quatro anos, emudeceu, do outro lado.

SURPRESA DA ANISTIA

Quando o repórter esteve em Santa Cruz de la Sierra, no dia seguinte à chegada dos rebeldes de Jacareacanga, apostou com Lameirão na aprovação imediata da anistia.

Passaram-se os dias, o benefício não velo, e quem perdeu [pelo menos um jantar] foi o repórter. No avião, Lameirão recordou o fato e contou que tiveram notícia, na última sexta-feira, de que o Senado rejeitara a anistia. Tinha já a coisa como consumada, quando, sábado pela manhã, foi esperar, no aeroporto de "*El Trompillo*", o avião da "*Cruzeiro*". Soube, então, da verdade e, imediatamente, a comunicou, pela radiotelefonia, a Paulo Vítor que, havia sete dias. Estava em La Paz.

Daí por diante, tudo se passou com rapidez. Arrumar as coisas, as despedidas, a volta de Paulo Vítor e pegar o avião de terça-feira para o Brasil, tudo parece ter consumido minutos apenas, frente à imensidão dos 90 dias de espera.

Se, porém, não fossem anistiados, estava tudo mais ou menos arranjado: iriam os três trabalhar no "*Lóide Aéreo Boliviano*". Depois, conforme as coisas, iriam trazer as famílias.

CHEGADA ENTRE FLORES

Às 15 horas, o avião aterrissava no aeroporto Santos Dumont. A medida que descia, Paulo Vítor, Lameirão e Gunther, pregados às janelas procuravam, ansiosamente, identificar parentes e amigos. Foram os últimos a descer, podendo o repórter observar as expressões de admiração que tiveram, pelo número dos que os esperavam. Pétalas de rosas foram jogadas sobre suas cabeças, entre vivas e aplausos.

Não chegaram os três para os abraços. Gunther conseguiu chegar à sua filha caçula e a levantou nos braços. A distância, seus cabelos batidos pelo vento pareciam espigas de milho. Lameirão e Paulo Vítor foram, igualmente, cercados por filhos e esposas, o Capitão não podendo conter as lágrimas.

PRESENTES

Entre os presentes estavam, além de grande número de Sargentos e Oficiais da Aeronáutica, os Deputados Rafael Corrêa de Oliveira e Carlos Albuquerque, Vereadores Wilson Leite Passos e Raul Brunini e o Brigadeiro Guedes Muniz.

COM VELOSO

Do aeroporto, Paulo Vítor, Lameirão e Gunther, suas mulheres, filhos e parentes, mais Oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica que foram recebê-los, seguiram para o Depósito de Material da Aeronáutica, onde está preso o Major Veloso. Paulo Vítor e o Sargento Gunther foram os primeiros a abraçar o companheiro. Depois chegou Lameirão, e os quatro, emocionados, conversaram durante alguns minutos. Enquanto isso, chegavam grupos de senhoras e de amigos dos oficiais. Todos queriam dar-lhes as boas-vindas. Foi no Depósito que os três recém-chegados tomaram o primeiro cafezinho carioca.

EM CASA

Do depósito, os três se dirigiram à residência da família Lameirão, no Méier, sendo recebidos por parentes, vizinhos, amigos e companheiros de farda. Em toda e frente da casa havia cartazes:

– "Salve os heróis de Jacareacanga".

Houve foguetes também, e bandeirinhas brasileiras.

NO ORATÓRIO

A mãe do Capitão Lameirão conduziu o filho, o Major Paulo Vítor e o Sargento Gunther até o oratório, num dos cômodos da casa, e, diante de uma imagem do Coração de Jesus, disse:

– “*Foi aqui que nós rezamos por vocês. Agora, vocês agradeçam a Deus, por que é graças a ele que vocês estão de volta*”.

COM A FAMÍLIA

– “*Agora, quero saber dos meus filhos, só deles*” – disse o Major Paulo Vítor, ao chegar.

Como Paulo Vítor, Lameirão e Gunther dedicarão estes primeiros dias às famílias. Principalmente hoje, descansarão da viagem, e, como disse Gunther: “*brincarão com os filhos*”. Amanhã, os três devem apresentar-se na Diretoria do Pessoal da Aeronáutica. (TDI, N° 1.950)

Tribuna da Imprensa, n° 1.959
Rio, RJ – Segunda-feira, 11.06.1956

Lameirão e Gunther com Novas Funções

Lameirão vai Estudar Tática Aérea em São Paulo – Gunther Ficará na Diretoria de Rotas Aéreas – Paulo Vítor e Veloso Ainda sem Função

O Cap José Lameirão deverá seguir para S. Paulo onde fará o curso de CTA – Curso de Tática Aérea – conforme designação do Ministro da Aeronáutica. O Sgt Gunther, ao se apresentar ao Departamento do Pessoal, foi designado para servir na Diretoria de Rotas Aéreas sob o comando do Coronel Hélio Costa. O Major Paulo Vítor, talvez, seja designado para tirar o curso, em São Paulo, juntamente com Lameirão. Veloso ainda continua sem função.

Etchegoyen e Amorim do Vale Foram Cumprimentar Veloso

O General Alcides Etchegoyen ([35]), os Almirantes Amorim do Vale, Penna Botto e Edgard de Oliveira, os Brigadeiros Guedes Muniz e Carlos Barsil, o General Gomes Carneiro ([36]), Ministro do Superior Tribunal Militar, os Comandantes Silvio Heck e Edir Rocha, os Deputados Raimundo Padilha, Alberto Torres, Rafael Corrêa de Oliveira e Tenório Cavalcanti ([37]), diversos Oficiais do Exército, Marinha e Aeronáutica, o jornalista Amaral Netto ([38]), a advogada Maria Rita, os Vereadores Raul Brunini e Wilson Leite Passos, os Padres José Leite e José Magalhães, e centenas de populares estiveram sábado, à noite, na casa do Major Haroldo Coimbra Veloso, chefe do Movimento Revolucionário de Jacareacanga, para homenageá-lo, e aos seus companheiros Paulo Vítor, Lameirão e Gunther.

Tanta gente foi à casa de Major Veloso, que nem todos puderam entrar. Assim, os oradores que deveriam falar no interior da casa, foram chamados pelo povo à rua.

---

[35] Avô do Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional General de Exército Sérgio Westphalen Etchegoyen (12.05.2016 a 31.12.2018).

[36] General Antônio Ernesto Gomes Carneiro: o "*Herói da Lapa*" morto no famoso Cerco da Lapa, no Paraná, teve destacada e heroica atuação na Revolução Federalista (1893 a 1895).

[37] Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque conhecido como o "*Homem da Capa Preta*". Devido às constantes ameaças, ele e sua família moravam numa fortaleza na Baixada Fluminense. Perambulava pelas ruas armado e acompanhado de seus seguranças.

[38] Protagonista do famoso programa "*Amaral Netto, o Repórter*", da Rede Globo, onde apresentava reportagens nos mais diversos rincões destacando as obras do governo militar. Como político adotou como principal bandeira a adoção da pena de morte.

SÍNTESE DAS ASPIRAÇÕES

– "*O Brasil teve na sua história quatro momentos fundamentais: a Independência, a queda do primeiro Império, a Abolição e a República. Os homens da nossa geração têm o dever de recapitular as aspirações desses momentos históricos para saber se elas se realizaram*" – disse o Deputado Raimundo Padilha, o primeiro dos oradores.

Depois de demonstrar que essas aspirações ainda estão por se realizar, o Deputado Padilha concluiu.

– "*Hoje se procura uma síntese política dessas aspirações. Pois Jacareacanga representa essa síntese*".

O Deputado Padilha disse, também, que enquanto estamos procurando a emancipação da riqueza nacional no petróleo da Amazonas "*Veloso, Paulo Vítor, Lameirão e Gunther foram buscar energias morais no mesmo Amazonas*".

APLAUSOS E CARTAZES

Os quatro rebelados de Jacareacanga e os oradores da noite foram muito aplaudidos pelo povo. Havia vários cartazes e muitas bandeirinhas brasileiras.

– "*Nas não temos restrições mentais nem abstração momentânea da verdade*". "*O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever*", "*Veloso, Paulo Vítor, Lameirão e Gunther símbolo de brasilidade e de bravura*" – diziam alguns desses cartazes.

BRIGADEIRO E LACERDA

O Deputado Alberto Torres, em seu discurso, lembrou a figura do Brigadeiro Eduardo Gomes, que chamou de "*nosso líder*", e de Carlos Lacerda, "*que nos alertou e ganhou o exílio*".

Um estudante mineiro que tomou a palavra afirmou que existe "*uma verdadeira Minas, que não é essa de traidores da Pátria*".

Diversos policiais à paisana e a RP-20 estiveram no local. Dirigindo-se aos policiais o Deputado Tenório Cavalcanti disse ao terminar o seu discurso:

– "*Senhores Policiais: podeis ir para casa com a consciência em paz, porque cumpristes o vosso dever. Nós também iremos, satisfeitos, porque cumprimos o nosso*".

NÃO ACABOU

Amaral Netto, jornalista e Presidente do Clube da Lanterna foi multo aplaudido:

– "*Jacareacanga não acabou*" – disse. E ajuntou: – "*Está ainda no começo e esta manifestação não é somente à bravura e ao patriotismo de Veloso, Paulo Vítor, Lameirão e Gunther: é a afirmação pública da disposição de impedir essa desmoralização: um governo garantido pela espada impaludada de um falso e traidor*".

Amaral começou o seu discurso dizendo que um popular lhe havia dito há pouco que aquela manifestação era um acinte ao governo. Perguntou:

– "Que governo?" E mais: – "*Que acinte é esse se quem governa é o Gabinete do Ministro da Guerra?*"

Após o comício, muitos dos populares que ali estavam foram abraçar os quatro rebeldes de Jacareacanga. Veloso. Paulo Vítor, Lameirão e Gunther estavam satisfeitos.

– "*Vocês não estão sozinhos*" – disse-lhes um popular ao abraçá-los. (TDI, N° 1.959)

Os Tapajó

De qualquer forma, o que se descobriu até agora é extremamente importante. Não só para a história do Brasil, como para a história da humanidade: estamos entendendo que o homem não é tão limitado como se pensa. (Arqueóloga Christiane Lopes Machado)

Paleoíndios

Os sítios arqueológicos de Monte Alegre foram visitados por diversos pesquisadores. Dentre eles ressaltamos Charles Frederick Hartt que realizou, em 1871, estudos sobre as inscrições rupestres da "*Serra da Lua*" e Alfred Russel Wallace, em 1889, que publicou um trabalho descrevendo as Serras e Grutas da região, no qual faz referência às inscrições rupestres.

Recentemente, a arqueóloga norte-americana Dr. Anna Curtenius Roosevelt, bisneta do Presidente norte-americano Theodore Roosevelt, professora da Universidade de Illinois e curadora do Museu Field de Chicago, visitando as instalações do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, ficou impressionada com a qualidade e a beleza da Cerâmica Santarena. Roosevelt realizou pesquisas no Município de Monte Alegre, no Pará, e suas escavações revelaram, nas camadas mais profundas da Caverna da Pedra Pintada, ossos, dentes, pontas de flecha, fragmentos de Cerâmica, restos de cuias e vasos, pigmentos e pinturas rupestres. Para se chegar ao local, partindo de Monte Alegre, é necessário percorrer cinquenta quilômetros de trilhas no interior da selva até a cordilheira do Ererê, onde fica a Serra da Lua; lá se encontraram pinturas rupestres representando o Sol, a Lua e, provavelmente, outras figuras do cosmos.

Logo mais adiante, na Serra Paytuma, Roosevelt pesquisou, de 1990 a 1992, a Caverna do Pilão (ou Caverna da Pedra Pintada) e, segundo ela, existem vestígios suficientes para afirmar que grupos humanos habitaram a Caverna no período compreendido entre 11.200 a.C. e 9.800 a.C.

No final da Era do Gelo, quando a temperatura começou a elevar-se, as cavernas deixaram de ser a opção ideal de moradia e os paleoíndios foram obrigados a abandoná-la e partir para os cerrados do Planalto Central buscando novas alternativas de sobrevivência. A floresta, na Amazônia, por sua vez, foi, lentamente, se tornando mais densa, e para lá retornaram estes grupos, cerca de 2.000 anos depois, para viver às margens dos Rios. Essas migrações, certamente, não foram pontuais e se processaram em toda extensão da Amazônia.

Tupuiu ou Tupaiu

O escritor e pesquisador Felisberto Sussuarana comenta que a principal Aldeia dessa tribo era a "*Tupuiu*", também era chamada por alguns cronistas de "*Tupaiu*" que, embora parônimas no idioma português, na linguagem indígena, tinham significados bastante distintos:

> O vocábulo "*tupuiú*" é composto do termo "*ypy*" que significa "*primeiro, princípio, começo, fundamento, cabeça de povoação, principal*" e do substantivo, simplificado do verbo, "*yú*", que significa "*estada*". Mas "*morada, pousada, morar*" quando prefixado com "*t*" do caso absoluto, que, na unidade semântica de "*ypyyú*", significa "*povoar em primeiro lugar*", absolutiza a forma "*typyyu*", morada dos primeiros povoadores. (SUSSUARANA)

E continua,

> A "*tupuiú*" era uma Aldeia ampla, com cerca de 500 famílias. Observava a forma tupi do aldeamento, com ocas ou casas em torno duma "*ocaraçu*", largo rossio ([39]), que era a muiraciçaua ocara. Suas casas eram retangulares, com paredes de madeira lavrada, justaposta uma peça à outra, internamente forradas com mantas de algodão de cores vivas e cobertas com palha de pindoba, tendo duas compridas águas e duas curtas quase a pique sobre as que seriam empenas ([40]). (SUSSUARANA)

"*Tupuiu*" se referia, portanto, à Aldeia ou povoação e o termo "*tupaiu*" designava a enseada de águas escuras e límpidas de Santarém.

Relatos Pretéritos

A região do Rio Tapajós foi, sem dúvida, um dos berços mais importantes destas ondas migratórias que retornaram dos cerrados em busca da fartura que a selva luxuriante propiciava. Encontramos inúmeros relatos a respeito dos Tapajó que se iniciaram a partir do século XVI (1542) e que, depois de dois séculos, foram diminuindo, quase desaparecendo juntamente com os Tapajó que se tornaram uma tribo extinta. Podemos apresentar diversos fatores que concorreram para isso; como a morte provocada pelas "*novas*" doenças trazidas pelos europeus, a ação das tropas de "*resgate*". Estas operações militares provocaram um grande êxodo, intermitente, para locais distintos e de difícil acesso, onde seu valor numérico já não era mais predominante. Gradualmente, isto gerou um colapso cultural provocada pela associação com outras etnias.

---

[39] Largo rossio: praça larga.
[40] Empenas: cumeeiras.

O outro elemento que provocou a decadência dos Tapajó foi a grande miscigenação provocada pelos aldeamentos ([41]) em que diversas etnias conviviam entre si e com os brancos, gerando uma grande confusão de elementos culturais indígenas, além da imposição dos valores europeus que alteraram, significativamente, sua organização social.

Frei Gaspar de Carvajal (1542)

A primeira referência sobre os indígenas que povoaram a Foz do Tapajós foi feita pelo Frei Gaspar de Carvajal, em julho de 1542, no seu "*Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*", onde relata:

> Navegamos rapidamente, desviando-nos dos lugares povoados e uma tarde fomos dormir em uma floresta de carvalhos localizada na boca de um Rio que entrava pela mão direita no de nossa navegação, com uma légua de largura. (CARVAJAL)

Ali permaneceram um dia e meio aproveitando para descansar e colocar proteções laterais nos barcos. Carvajal narra que, nas proximidades deste Rio, foram atacados pelos Índios:

---

[41] Aldeamento: os aldeamentos jesuíticos tinham a finalidade de impor aos Índios a cultura cristã. A política provocava a destribalização e violentava princípios fundamentais da cultura e costumes indígenas.

Os religiosos consideravam que os aldeamentos protegiam os nativos da escravidão, facilitavam sua conversão ao cristianismo e propiciavam que os mesmos fossem utilizados como uma força militar contra tribos hostis ou intrusos estrangeiros.

A política dos aldeamentos era tão agressiva que, muitas vezes, os Índios preferiam trabalhar com os colonos, pois estes raramente interferiam com seus costumes e valores culturais.

> No final das contas, escapamos quase sem problemas, ainda que tenha sido morto outro companheiro nosso chamado Garcia Soria, natural de Logronho. Na verdade não lhe entrou a flecha meio dedo, mas como estava já com peçonha, não suportou nem vinte e quatro horas e rendeu a alma ao Nosso Senhor. (CARVAJAL)

Carvajal não nomina os Índios e nem o Rio, porém, uma análise do percurso sugere que se tratava realmente do Rio Tapajós. Vários pesquisadores concordam com esta tese. A pesquisadora norte-americana Helen Constance Palmatary, que iniciou os estudos descritivos de coleções arqueológicas da Amazônia, em 1939, afirmou que:

> O fato de o Rio Tapajós entrar no Amazonas pelo lado direito; o fato de o fluxo de água no cruzamento dos Rios levar em direção ao Tapajós, os vestígios da área sugerem que a região era densamente povoada como de fato os portugueses a encontraram anos mais tarde; e o fato de os grupos indígenas do Rio Tapajós e os do lado oposto do Rio Amazonas usarem flechas envenenadas. (PALMATARY)

Frei Alonso de Rojas e Laureano (1637)

Em 1637, chegaram, à Vila de Nossa Senhora de Belém, seis soldados e dois leigos franciscanos embarcados em uma frágil canoa. Os franciscanos Andrés de Toledo e Domingos de Brieva haviam fugido da Missão sediada às margens do Rio Napo, dirigida pelo Frei Laureano de la Cruz. Os Índios haviam se rebelado e, enquanto um grupo chefiado pelo Frei Laureano fugia para Quito, os Freis Andrés de Toledo e Domingos de Brieva preferiram, juntamente com seis soldados, descer o Rio até Belém.

Um destes soldados, o português Francisco Fernandes, já havia residido no Pará e conhecia relativamente bem a área. A viagem não foi documentada, na época, mas sua história gerou uma crônica cuja autoria foi atribuída ao Frei jesuíta Alonso de Rojas que, em Quito, teve acesso às informações sobre a Expedição, e escreveu, em 1639, a crônica:

> Relación del Descubrimiento del Río de las Amazonas y sus dilatadas Provincias y ..., hoy San Francisco de Quito, y declaración del mapa onde está pintado ... [1640].

Nela Rojas afirma que os religiosos e soldados foram bem recebidos, abrigados e alimentados:

> Esses mesmos soldados e os dois religiosos, quando desceram o Rio, chegaram a umas mui dilatadas províncias cujos habitantes são chamados pelos portugueses Extrapajozes. Estes agasalharam os religiosos e os soldados e, por sinais lhes disseram que fossem com eles por um Rio acima, em cuja margem encontraram uma grande Aldeia [...]
>
> Meteram-nos em uma casa muito grande, com madeiras lavradas, forradas de mantas de algodão, entretecidas de fios de diversas cores, onde puseram uma rede para cada qual dos seus hóspedes, feita de folhas de palmeira e bordada de diversas cores, e lhes deram para comer: caça, aves e peixes. Nessa Aldeia, viram os soldados caveiras de homens, arcabuzes, pistolas e camisas de pano.
>
> Disto deram depois a notícia aos portugueses e lhes disseram que aqueles Índios tinham morto alguns holandeses que chegaram até aquelas províncias sendo deles as caveiras e as armas. (ACUÑA & CARVAJAL & ROJAS)

Frei Laureano de La Cruz, por sua vez, escreveu sobre a mesma Expedição um relato que chamou de "*Nuevo descubrimiento del Río de Marañón, llamado de las Amazonas, hecho por la Religión de San Francisco, año de 1651*". Laureano afirma que, ao chegar à Província dos "*Trapajosos*", os expedicionários tiveram suas roupas, víveres e demais pertences roubados.

> Prosseguindo a viagem, logo adiante fugiram os dois Índios, mas continuaram, apesar disso, em busca do seu descobrimento. Já tinham caminhado os servos de Deus 200 léguas, sem encontrar gente, por estarem os povoados ali afastados do Rio, quando chegaram à Província dos Omáguas, onde foram providos de mantimentos, de que iam muito necessitados [...]
>
> Foram continuando a viagem reconhecendo as povoações dos gentios que iam encontrando pelas margens do nosso grande Rio, e passando sem estorvo nem contradição alguma, perto das conquistas de Portugal [sem terem encontrado o "*Eldorado*" nem a "*Casa do Sol*"], chegaram a uma Província chamada de Trapajosos, onde os seus moradores, cobiçosos, atrevidos, despiram os pobres tirando o pouco que levavam.
>
> Desta maneira continuaram a viagem, até que chegaram a uma praça de portugueses, que se chama Gurupá. (ACUÑA & CARVAJAL & ROJAS)

Frei Laureano de La Cruz (1650)

Frei Laureano de La Cruz subiu o Rio Tapajós, em 1650, integrando uma Expedição portuguesa com o intuito de resgatar Índios cativos. Eram estes os Índios de outras tribos que os Tapajó aprisionavam em suas guerras. Frei La Cruz comentou que:

> las razones con que los portugueses quieren paliar su iniquidad, son decir que aquellos indios que ellos iban a rescatar los tienen ya sus años sentenciados a muerte para comérselos, y que les hacen buena obra en librarlos de la muerte y sacarlos a tierra de cristianos a donde lo sean, aunque esclavos. (ACUÑA & CARVAJAL & ROJAS)

Padre Antônio Viera (1659)

O Padre jesuíta Serafim Soares Leite (1890-1969) poeta, escritor e historiador português, viveu muitos anos no Brasil e se tornou um dos maiores pesquisadores da atuação dos jesuítas no Brasil. Escreveu a "*História da Companhia de Jesus no Brasil*", em dez volumes, que o tornou merecedor do Prêmio Nacional de História (Prêmio Alexandre Herculano), em 1938. Serafim afirma que, no primeiro semestre de 1659, o processo de catequese dos Tapajó se iniciou com a vinda do Padre Antônio Vieira à região:

> Visitou a sua grande taba, percorreu suas praias e arredores, conversou com eles, pois sabia falar a "*língua brasílica*", na qual compusera catecismos, orações e cânticos religiosos. Certamente, exercitou o seu sagrado ministério na oportunidade, catequizando, pregando, batizando e rezando missas. Os selvagens pediram ao Padre Vieira que mandasse missionários para levantarem cruz e igrejas, como vinham fazendo em Xingu e Gurupatuba. Padre Antônio Vieira prometeu atendê-los. E não se esqueceu da promessa. (LEITE, 1945)

Missionário Gaspar Misseh (1660)

O Padre Antônio Vieira expediu até o Rio Tapajós e suas Aldeias os missionários Tomé Ribeiro e Gaspar Misseh que aportaram em Belém em 1660.

Misseh faz o seguinte relato:

Saíram os dois de Gurupá no dia 31.05.1661 e acharam a Aldeia dos Tapajós, com Índios de seis tribos diferentes.

No dia seguinte ao da chegada, os Índios com mulheres e filhos vieram ofertar-lhes os habituais presentes: mandioca, milho, galinhas, ovos, beijus, mel, peixes e carne moqueada. E por sua vez receberam as dádivas que mais ambicionavam: espelhos, facas, machados, velórios, vidrilhos, etc.

Os Padres celebraram a festa de Ascensão de Nosso Senhor, à portuguesa, com tiros e morteiros. Houve missa, fez-se catequese, realizaram-se batismos e, antes de descerem ao Pará, os Padres ergueram, entre expectação e comoção geral, no terreiro da Aldeia, uma grande Cruz. (LEITE, 1945)

Padre João Felipe Bettendorf (1661)

Em 1661, o Padre Antônio Vieira ordenou ao Padre Bettendorf a fundação de uma missão que teria como base a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Tapajós, povoamento que, mais tarde, viria a ser denominado de Santarém.

Bettendorf faz o seguinte relato na sua "*Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*":

LIVRO IV

LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO E PARÁ CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, ENQUANTO SE INSTITUI A MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS COM MISSIONÁRIOS E RESIDÊNCIA NOS TAPAJÓS

CAPÍTULO I

MANDA O PADRE SUPERIOR ANTÔNIO VIEIRA, POR PRIMEIRO MISSIONÁRIO DO ASSENTO DO RIO DAS AMAZONAS COM ORDEM DE FAZER RESIDÊNCIA NOS TAPAJÓS AO PADRE JOÃO FILIPE

Apenas tinha eu estado uns poucos meses em companhia do Padre Francisco da Veiga na Aldeia de São João em Mortigura, quando o Padre visitador o Subprior Antônio Vieira me chamou à casa do Pará, e lá levando-me para o cubículo que hoje serve de livraria, me mostrou em o mapa o grande Rio das Amazonas e disse-me:

> Eis aqui, meu Padre João Felipe, a diligência do famoso Rio das Amazonas, pois a Vossa Reverência elegeu Deus por primeiro Missionário do assento dele, tome ânimo e aparelhe-se que em tal dia partirá, e levará por companheiro um irmão conhecedor da língua, Sebastião Teixeira, para ajudá-lo nas ocasiões em que for necessário.

Respondi-lhe eu que estimava muito esta dita de ser o primeiro Missionário de um Rio tão afamado e de uma tão dilatada missão, e agradecia muito a Deus e a sua Reverência essa eleição, e que da minha parte faria todo o possível para corresponder, segundo a obrigação que me ficava a trabalhar com grande zelo pela salvação das almas que por ele havia.

Aviou-me logo o Padre Francisco Velloso, Superior da casa, com as coisas seguintes que aqui se referem, para saberem os Missionários do tempo antigo. Deu-me uma canoa meãzinha, já quase velha e sem cavernas bastantes, um altar portátil com todo o seu aviamento, [...]; e com isso mandou a Mortigura em busca de farinha para a viagem, e ao Cametá em busca de umas poucas tartarugas, que as daria ao Padre Salvador do Vale.

Queria o Padre Subprior Antônio Vieira que as residências dos Ingaíbas, onde assistia o Padre João Maria Gorsony, e a do Gurupá, onde assistia o Padre Gaspar Misseh e a do Rio das Amazonas com os Tapajós, fossem sobre si sem mais dependência que do Padre Subprior da Missão; mas respondi-lhe eu que, da minha parte, não queria ser independente da casa do Pará, porque convinha ter a quem recorrer nas necessidades que se oferecessem e houvesse quem tivesse obrigação de acudir-me em razão de seu ofício; e com isso não se efetivou o que o Padre Subprior pretendia fazer, caso os Padres Missionários quisessem.

Com este limitadíssimo aviamento, eu com meu companheiro, muito doente, fomos para minha missão, que não tinha outro limite "*que todo o Rio das Amazonas*", que corre pelo Distrito das conquistas da Coroa de Portugal, começando na Aldeia do Ouro, em Cambebas, até a residência de Gurupá ou Tapará, incluindo todo o Rio dos Tapajós com suas serrinhas e sertões. Chegado que fui a Mortigura, deu-me o Padre Francisco da Veiga uns três para quatro paneiros ([42]) de farinha com uma só tartaruga, que os Índios comeram por ceia.

Em Cametá, não me deu o Padre Salvador de Valles mais que uma boa vontade, por não ter peixe, nem coisa alguma para me dar naquela missão; e assim partimos, sustentando-nos pelo caminho com farinha e um bocadilho de doce, tirado do boiãozinho que levávamos.

Não faltaria algum conduto ([43]) se o irmão mais prático que eu, que ainda era novato, mandasse pescar os Índios; passados uns seis para sete dias,

---

[42] Paneiros: cestos.
[43] Conduto: alimento.

chegamos à Fortaleza de Gurupá, onde o Paulo Martins Garro mandou disparar duas peças de artilharia para com isso nos dar as boas-vindas, e agasalhou-nos muito bem; no dia seguinte, nos acompanhou em sua canoa até o Tapará, fazendo os gastos pelo caminho, botando-me água às mãos, para com isso dar exemplo do respeito que os Índios me haviam de guardar.

Andamos dia e quase meio de Gurupá até a Residência do Tapará, onde não achamos o Padre Tomé Ribeiro, nem o Padre Gaspar Misseh, por haverem ido ambos para o Pará; fizeram-nos os Índios seus presentes de peixe-boi assado e excelente, mas, como não é tão sadio, comendo dele o Capitão-Mor logo lhe deram febres que duraram muito tempo, com que, despedindo-se, voltou para sua Fortaleza, e nós, depois de termos doutrinado os Índios conforme pedia a necessidade, fomos para Iguaquara.

Aqui ajuntei a gente que lá havia, doutrinei e lhe fiz prática do que haviam de guardar em minha ausência, e deste modo fui visitando as mais Aldeias, catequizando, batizando e confessando.

Estava naquele tempo a Aldeia de Gurupatiba dividida em duas: uma que estava em uma porta do monte sobre o Igarapé e se chamava Caravela pelos brancos, e não é crível quanto me custou batizar aqui uma velha, para que não morresse sem a água do santo batismo; a outra parte estava em riba do monte onde está hoje; e como me encaminhava para ele de madrugada, vieram os Índios, postos por fileiras, com candeinhas de cera preta em mãos receber-nos, levaram-nos para sua Aldeia; aqui achei muito que fazer: avisei todos que se juntassem na Igreja, disse-lhes a Missa, doutrinei e batizei quantidade de inocentes e, sem embargo de ter

encomendado que não deixassem nenhum ainda dos que não fossem batizados, ficara de fora um rapazinho que estava muito mal.

Porém, quis Deus que, acabado já tudo, como parecia, entrasse eu em dúvida se porventura por negligência dos Índios tinha ficado alguma criança sem batismo; portanto, sem embargo parecer isto ao irmão escrúpulo, quis eu tornar a visitar as casas que já tinha visitado todas. Coisa notável: entrando em casa de um Principal, vi uma redinha velha e preta de fumaça, e, chegando para ver o que nela estava, achei um rapazinho inocente reduzido a ossos e quase aos últimos da morte.

Perguntei ao Índio Principal se este menino estava batizado e respondeu-me ele que não, e que não se tinha tratado dele, pois estava muito mal; então dando-se eu uma repreensão ao Principal, batizei lá mesmo o menino chamando-o Francisco Xavier.

Foi isto singular providência de Deus, porque pouco depois se foi para o Céu gozar da vista de seu Criador, da qual havia se privado para sempre se eu, por inspiração, particular não tivesse tornado a visitar as casas.

De Gurupatuba fomos para o Tapajós, onde havia de fazer minha residência, conforme a ordem do Padre Superior e Visitador, Antônio Vieira. Lá chegamos depois das festas do Espírito Santo [fins de junho de 1661] e fomos recebidos dos Índios daquela populosa Aldeia com grande alvoroço e alegria; levaram-nos para uma casinha de palma, eu não tinha mais cômodo que uma varandinha com dois limitados cubículos ([44]) e, à ilharga ([45]), uma choupaninha para dizer Missas.

---

[44] Cubículos: quartos pequenos.

> Vieram ver-nos não somente os cinco "*Principais*" que havia naquele tempo, de diversas nações na Aldeia, mas também os mais com suas mulheres e filhinhos, trazendo-nos presentes a que chamavam potabas ([46]).
>
> A todos contentei, dando-lhes juntamente a razão da minha vinda, de que gostaram muito, por haver tempos que desejavam a dita de ter consigo Missionário da Companhia de Jesus. No dia seguinte, vieram outros "*Principais*" do Sertão, também com suas dádivas de cágados e frutas, rogando, com muita instância, quiséssemos chegar até suas terras para levantar a Santa Cruz e fazer-lhes igreja, como nas mais Aldeias dos cristãos; correspondi a seus presentes com a pobreza que trazia comigo, dando-lhes minha palavra que cedo lhes atenderia com o que pediam. (BETTENDORF)

Bettendorf, na sua famosa "*Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*", reproduzida mais tarde pelo Padre João Daniel no seu "*Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*", escrita na prisão entre 1757 e 1776, faz referência ao caso do Padre Antônio Pereira, conhecido como o "*Queimador dos Monhangaripes*":

> Possuíam os Índios Tapajós alguns corpos [ou múmias] ressequidas de seus antepassados, que conservavam numa casa dentro da mata, e aos quais prestavam periódicas homenagens ou adoração, segundo pensavam os Padres. Em torno desses cadáveres secos, mantinham rigoroso segredo, só conhecido dos pajés e dos homens velhos da tribo. Chamavam a essas múmias "*Monhangaripes*". (BETTENDORF)

---

[45] Ilharga: ao lado.
[46] Potabas: oferenda que se fazia ao cacique e ao pajé.

No seu tempo, Bettendorf não tentou eliminar a prática ancestral seguindo o conselho de Maria Moaçara ([47]), Principaleza da tribo e de outros tuxauas que temiam uma revolta de grandes proporções.

> Padre Antônio Pereira, entretanto, contando com o respaldo de muitos habitantes brancos na Aldeia, usando conselhos e ameaças, conseguiu que os Índios lhe trouxessem as múmias e mais "*umas pedras que usavam por ídolos*". Apresentaram os silvícolas sete corpos mirrados dos seus avoengos ([48]) e umas cinco pedras que também adoravam... As pedras todas tinham sua dedicação ou denominação, com alguma figura que denotava para o que serviam. Uma presidia aos casamentos, como o deus do Himeneu dos antigos; outra à qual imploravam o bom sucesso nos partos, e assim as mais... Havia também a que presidia as pescarias e caçadas, plantações, etc. (BETTENDORF)

Os ídolos de Cerâmica são conhecidos como "*Buda dos Índios*".

> Padre Antônio Pereira não esteve com paliativos: mandou queimar no grande terreiro da igreja os sete cadáveres secos, cujas cinzas, juntamente com as "*pedras*", mandou deitar no meio do Rio. Os Tapajós ficaram desgostosos, mas se aquietaram, com receio dos brancos. (BETTENDORF)

Em 1685, Antônio Pereira foi designado para fundar uma Aldeia no extremo Norte, próximo a Caiena, com o objetivo de neutralizar a influência dos franceses sobre os indígenas da área.

---

[47] Moaçara: quer dizer Fidalga Grande, porque costumam os Índios, além dos seus Principais, escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em o seu parecer. (BETTENDORF)

[48] Avoengos: antepassados, ascendentes.

Numa manhã de setembro de 1687, enquanto rezava a Missa, o Padre, seus companheiros e quatro Índios mansos foram massacrados e seus corpos incinerados. Bettendorf faz o seguinte comentário a respeito da vingança dos "*Monhangaripes*":

> Estava o Padre Antônio Pereira, por então missionário de Gurupatiba e Tapajoz, onde fez uma coisa, digna de seu grande zelo e foi esta: que, guardando os Índios Tapajó o corpo mirrado de um de seus antepassados, que chamavam Monhangaripe, quer dizer primeiro pai, lhe iam fazendo suas honras com suas ofertas e danças já desde muitíssimos anos, tendo-o pendurado debaixo da cumeeira de uma casa, como a um túmulo a modo do caixão, buscou traça de lho tirar para tirar juntamente o intolerável abuso com que o honravam, em descrédito da Nossa Santa Fé.
>
> Consultada Maria Moaçara, Principalesa da Aldeia, com alguns da maior nobreza e cristandade sobre o negócio, bem queriam que se tirasse aquele escândalo, mas receavam que os Índios se amotinassem contra o Padre e se seguisse algum inconveniente maior; porém ele, confiado em Deus que o havia de ajudar, mandou, uma noite, botar fogo à casa onde estava guardado, com que ficou queimado e reduzido em cinza.
>
> Sentiram os Índios Tapajós isso por extremo, porém vendo que já não tinha remédio, aquietaram-se por medo dos brancos, que conheciam tornar em bem o que o Padre missionário tinha obrado.
>
> Folguei eu muito quando me chegou a notícia daquela tão generosa ação porque, desde o ano de 1661, em que eu tinha sido missionário, primeiro entre os Tapajós e feito sabedor daquele corpo mirrado, sempre tive desejo do consumi-lo, e não o

fiz, porém, por não ter tempo cômodo de o poder executar, pois estava aquela Aldeia povoadíssima de Índios, que não convinha alterar logo em aqueles primeiros princípios.

Era essa glória reservada ao Padre Antônio Pereira. [...]

Mereciam estes dois Padres, sem aquele sucesso de tanta glória de Deus e da missão, uns belos elogios; mas basta-me dizer que ambos eram grandes religiosos e missionários, e que o Padre Antônio Pereira era todo desapegado do mundo e dos seus, e varão de muita virtude e sobretudo de mui grande caridade para com todos por amor do Deus Nosso Senhor, único desejo do seu coração, e que o Padre Bernardo Gomes, desde noviço, sempre se houve com muito exemplo para com todos seus irmãos que, por sua modéstia e observância, faziam grande caso dele.

Tinha sido ordenado sacerdote pouco antes de se mandar para aquela missão em companhia do Padre Antônio Pereira, porém não tinha ainda dito sua missa nova, esperando para dizê-la em dia de S. Bernardo, seu Santo Padroeiro, aos 20 de agosto, e como ele foi morto pelo mais provável em setembro, tem-se por quase certo que já a teria dito antes daquele tempo.

Notável foi a fúria com que aquelas feras bravas acometeram amenos dois mansos cordeirinhos porque, não satisfeitos de lhes terem tirado a vida, quebrando-lhes as cabeças com seus paus de matar, penduraram os corpos mortos nos tirantes da casa e lá os despedaçaram e depois queimaram até reduzi-los em pó e cinza, tirados uns poucos de ossos que a Providência Divina quis ficassem para Memória e lembrança sua.

> Parece que o inimigo infernal, raivoso contra o Padre Antônio Pereira, que pouco antes tinha mandado queimar os ossos dos que os Tapajós oravam como seus Monganharipes e ídolos, não achando já em que vingar-se dele, instigou esta ocasião os bárbaros do Cabo do Norte para que lhe tirassem a vida e queimassem, visto ter ele feito queimar os ossos dos que tanto lhes serviam para divertir os cristãos, como deles requeria o Santo Batismo que tinham recebido. (BETTENDORF)

Ouvidor-mor Mauricio Heriarte (1662)

A crônica Mauricio Heriarte, feita a pedido do Governador do Maranhão e Grão-Pará, foi escrita em 1662, vinte e cinco anos depois de ter participado da Expedição de Pedro Teixeira. Heriarte compilou, provavelmente, as informações coletadas junto aos parceiros da Expedição de Pedro Teixeira, incluindo o próprio Favella.

Nem sempre o que ele descreve foram fatos que vivenciou pessoalmente como participante da Expedição, mas baseia-se nas narrações de outros membros da Expedição. Heriarte informou que esta era a maior Aldeia com cerca de sessenta mil guerreiros muito temidos pelas outras nações que habitavam aquela região e é dele a primeira notícia sobre os Muiraquitãs e sua manufatura:

> [...] é a maior Aldeia e Povoação que por este Distrito conhecemos até agora. Bota de si 60 mil arcos, quando manda dar guerra e por ser muita a quantidade de Índios Tapajós, são temidos dos mais Índios e nações e assim se tem feito soberanos daquele Distrito. [...] Este Rio onde estão situados estes Índios Tapajós é muito caudaloso e de aprazíveis terras, e claríssimas águas.

> Não é de muito peixe, desce do poente, e deságua e mete no Amazonas. Até esta Província chegam naus de alto bordo, e por este Rio dos Tapajós vão quatro jornadas a resgatar madeiras, redes, urucus, e pedras verdes, que os Índios chamam de Muiraquitãs [...]. (HERIARTE)

Segundo Heriarte, os Tapajó eram idólatras e adoradores do diabo:

> São extremamente bárbaros e mal inclinados. Tem ídolos pintados que adoram, e a quem pagam dízimo das sementeiras, que são de grades roças de milho e é o seu sustento, que não usam tanto de mandioca para farinha, como as demais nações.
>
> Estando maduras as sementeiras, dá cada um a décima, e tudo junto o metem na casa em que tem os ídolos, dizendo que aquilo é "*Potaba de Aura*" que, na sua língua, é o nome do diabo; e deste milho fazem todas as semanas quantidade de vinho e, à quinta-feira de noite, o levam em grandes vasilhas e a uma eira, que detrás da sua Aldeia tem muito limpa e asseada, na qual se ajuntam todos daquela nação e com trombetas e atabaques tristes e funestos, começam a tocar por espaço de uma hora, até que vem um grandíssimo terremoto, que parece vem derrubando as árvores e os montes; e com ele vem o diabo e se mete em uma casa, que os Índios têm feito para ele, e logo todos, com a vinda do diabo, começam a bailar e cantar na sua língua, e a beber o vinho até que se acabe, e com isto os traz o demônio enganados. (HERIARTE)

Fez, ainda, considerações sobre as potencialidades da terra e a organização social dos Tapajó afirmando que cada Aldeia era composta por vinte ou trinta casais governados por um Principal ao qual todos prestavam obediência.

Heriarte mostra a importância fundamental do Rio Tapajós para a economia que se baseava na possibilidade de se conseguir escravos e no potencial agrícola das terras.

> Governam-se estes Índios por Principais, em cada rancho, com vinte ou trinta casais, e a todos os governa um Principal grande sobre todos, de quem é muito obedecido. Dão guerra estes a todos os demais daquele circuito, de quem são temidos.
>
> Tem muitos escravos; outros que vendem aos portugueses por ferramentas para fazerem suas lavouras e roças à terra. Este Rio era digno de se descobrir, porquanto mostra ser de muito proveito para estas conquistas. (HERIARTE)

Heriarte relata a prática do endocanibalismo entre os Tapajó:

> Quando morre algum destes Índios, o deitam em uma rede, e lhe põem aos pés todos os bens que possuía na vida e, na cabeça, a figura do diabo feita a seu modo, lavrada de agulha como meia, e assim os põem em umas casas que têm feitas só para eles, aonde estão a mirrar e a consumir a carne; e os ossos moídos os botam em vinho e seus parentes e mais povos o bebem. (HERIARTE)

Padre Manuel Rebelo (1719)

O Padre jesuíta Serafim Soares Leite cita que, em 1719:

> [...] a esta Aldeia pertencem não só os Tapajós, mas outras nações em particular os Arapiunses e Corarienses, os quais todos são já para cima de trinta e cinco mil cristãos. (LEITE)

Padre José Lopes (1737)

Segundo o Padre jesuíta Serafim Soares Leite:

> O Padre Jesuíta José Lopes localizou em 1737 o aldeamento onde agora está a Vila [Boim], dizendo que o novo sítio não era faminto, mas muito alegre, ventilado e sadio. (LEITE)

Padre Lourenço Kaulen (1753)

O Padre jesuíta Lourenço era mestre em Artes quando entrou para a Companhia de Jesus em 1738. Em 1750, embarcou para as Missões do Maranhão e Grão Pará. Em 16.11.1753, o Padre jesuíta alemão Lourenço Kaulen envia uma carta a D. Maria d'Áustria, rainha-mãe de Portugal, solicitando que a rainha:

> se dignasse a permitir aos Padres Alemães que viessem para trabalhar e salvar as almas, que passassem, por exemplo, pelos Rio Tapajós ou Xingu, onde pudessem empregar o nosso zelo... (KAULEN)

Padre João Daniel (1757)

Em 1757, o Padre João Daniel viajou pelo Rio Amazonas e registrou a "*Missão Tapajós, hoje Vila de Santarém*". Dos Tapajós fez menção apenas à sua idolatria, dizendo que eles:

> E no mesmo Rio sucedeu outro caso na Missão chamada de Tapajós, intitulada hoje Vila de Santarém, que também prova serem os Índios na verdade verdadeiros idólatras. Lia o Missionário em Avendanho, e achou nele esta proposição: que os Índios também idolatravam em ídolos, e que com muita dificuldade largavam os ritos e costumes dos seus avoengos.

> Quis o Missionário indagar a verdade, e chamando alguns Índios, que julgava mais fiéis, lhes fez uma prática doméstica sobre a obrigação, que todos temos de adorar a um só Deus; mas que ele, lendo aquela proposição desconfiava que eles adoravam alguns ídolos; e assim que lhes descobrisse a verdade do que havia, e se eram verdadeiros Católicos. Responderam os Índios que, na verdade, adoravam alguns corpos e criaturas, e que os tinham muito ocultos em uma casa no meio dos matos, de que só sabiam os mais velhos e adultos.
>
> Admoestou-os o Padre que lhes trouxessem todos, como "*veri*" ([49]) trouxeram sete corpos mirrados dos seus avoengos, e umas cinco pedras, que também adoravam. Não dizia o Missionário quais eram, ou em que consistiam as adorações que lhes davam, mais do que em certo dia do ano ajuntarem-se os velhos com muito segredo, e de companhia iam fazer-lhes alguma romagem, e os vestiam de novo com bretanha ([50]) ou algum outro pano, que cada um tinha. As pedras todas tinham sua dedicação e denominação, com alguma figura, que denotava para que serviam. (DANIEL)

João Daniel não cita o nome do miserável Padre Antônio Pereira, cujo nome temos ciência graças às "*Crônicas*" do Padre João Felipe Bettendorf.

> Desenganado então o Missionário da sua pouca Religião e muita idolatria, à sua vista e em pública Praça mandou queimar estes seus ídolos, ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do Rio, desejando afundar com elas por uma vez a sua cegueira e cega idolatria. [...] (BETTENDORF)

---

[49] Veri: verdadeiramente.
[50] Bretanha: tecido muito fino, de algodão ou linho.

Dom João de São José (1762)

Dom João de São José de Queirós da Silveira, monge da Ordem de S. Bento, nasceu em Matosinhos, em 12.08.1711, e faleceu no Convento da Alpendurada, Marco de Canaveses, em 15.08.1764. Filho de Francisco Gonçalves Dias e Joana Dias de Queirós, aos dezoito anos recebeu o hábito de noviço em Tibães, estudou Filosofia no Mosteiro de S. Miguel de Refojos de Basto e ordenou-se Padre no dia 18.09.1734. No dia 10.10.1759, o Papa Clemente XII confirma Frei João de São José como Bispo do Pará. Dom João de São José chega a Belém do Pará no dia 31.08.1760.

As suas viagens pastorais estão descritas em "*Memórias de D. Fr. João de S. Joseph Queiroz*", publicadas em 1868, com uma extensa introdução e notas ilustrativas de Camilo Castelo Branco. No dia 25.11.1763, Dom Frei João de São José segue para Portugal, chamado por uma Ordem Régia, após ter caído em desgraça aos olhos do Marquês de Pombal. O Bispo João de São José, em 1762, se referiu ao Rio Tapajós afirmando que o mesmo fora habitado por Índios do mesmo nome e que "*tem muito gentilismo*" este Rio.

Tenente Coronel Ricardo Franco (1779)

Ricardo Franco de Almeida Serra, português de nascimento, aportou no Brasil em 1780. Formado em Engenharia e Infantaria, esse engenheiro-soldado, cartógrafo, geógrafo e astrônomo tornou-se um dos expoentes do desbravamento e da defesa do imenso território brasileiro nas regiões Norte e Centro-Oeste, tendo feito desde o mapeamento dessas regiões a obras de engenharia.

Era urgente assegurar nossa integridade territorial. O Coronel Ricardo Franco fez o levantamento de fronteiras, explorando mais de 50 Rios das Bacias do Amazonas e do Prata, e mapeou as Capitanias do Grão-Pará, Piauí, de São José do Rio Negro e de Mato Grosso. Além disso, dirigiu trabalhos de construção de várias fortificações, entre as quais o Quartel dos Dragões de Vila Bela [no atual Mato Grosso] e o Forte Príncipe da Beira [em Rondônia]. Das obras de Ricardo Franco, sobressai a construção e defesa do Forte Coimbra, em pleno pantanal sul-mato-grossense. (Site do Exército Brasileiro)

O Tenente Coronel Ricardo Franco fez a última referência aos Tapajó em 1779. Navegando o Tapajós desde Foz até a confluência do Rio Arinos com o Juruena, onde se forma, afirmou:

> Que desde esta confluência até o Amazonas, tem o Rio Tapajós o seu nome próprio, corre em geral de sul a norte, e é povoado por muitas nações de Índios; sendo as mais conhecidas Tapajós, Mundurucus, Xavante, Urubus, Passabus, Mia-u-ahim, Ereruuas, Mayes, Ituarupa, Tucumaus, Urucu, Tapuyas e outros. (SERRA)

Carl Friedrich Philipp von Martius (1819)

Em 1819, Martius fazia as seguintes considerações sobre os Tapajó, na sua obra "*Viagem pelo Brasil*":

> Merece citar-se que o nome dessa Nação [Tapajós] não mais aparece entre as que atualmente vivem às margens do Rio Tapajós e às dos seus afluentes, e que, também, o uso de flechas ervadas não mais subsiste. (SPIX & MARTIUS)

Domingos Soares Ferreira Penna (1854)

O naturalista Domingos Soares Ferreira Penna nasceu em Mariana, Minas Gerais, em 06.06.1818, e fixou residência em Belém do Pará, onde fundou o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Suas cartas-relatório, publicadas pelo Museu Nacional, fazem considerações sobre os sambaquis das regiões "*sombrias e pantanosas*" da Costa Oriental do Pará, que ele escavou, mediu, topografou e cartografou, fazendo anotações sobre seu estado de conservação e principais ocorrências arqueológicas do sítio – ossos humanos, artefatos líticos e cerâmicos – descrevendo-as e localizando-as nas suas camadas estratigráficas.

Ferreira Penna informa que, em 1854, a Aldeia era habitada quase exclusivamente por Índios, mas que aos poucos começava a ser invadida pela Cidade. Estes Índios, certamente, não eram mais os Tapajó.

> A Cidade própria, que fica muito aconchegada ao Morro da Fortaleza, e a Aldeia, que se estende para Oeste. [...] já aparecendo aí algumas casas bem construídas que contrastavam com as cabanas dos velhos indígenas. (PENNA)

Barbosa Rodrigues (1875)

Barbosa Rodrigues considerava que a extinção dos Tapajó tinha iniciado com a expansão portuguesa naquela região, levando-os a migrar para o interior. Estes Índios formaram diversas malocas com nomes diferentes, e assim em 1661, quando os jesuítas chegaram, seu número já era reduzido.

Muiraquitã

(Roseane Suely Pinto Marques Ferreira)

Simboliza a fertilidade
Muiraquitã: proteção e sorte
Quem porta o sente de verdade
Vindo das mãos de índias fortes

Icamiabas ([51]) não tinham maridos
Na festa da Lua se davam as guerreiras
Aos Guacaris índios fortes escolhidos
Festa de Iaci durava dias inteiros.

Após acasalar ao Iaci-Uaruá iam
Nas águas serenas banhavam-se ao Luar
Em ritual do fundo do lago traziam
Punhado de barro para seus pares presentear.

Contam que ao contato do vento e luz secavam
E em imagem o barro se tornava
Enfiados em cabelos elas os entregavam
Para os Índios prêmio e proteção significava

Deu-se o nome de Muiraquitã
Que tradução exata não há
Alguns chamam "nó de pau" o talismã
Ou pedras verdes vindas do Uaruá.

Mistério amor, raça e energia.
Guarda a lenda de Iaci-Uaruá
Festa anual da lua, fertilidade no ar.
Amor ao luar, lenda e poesia!

---

[51] Icamiabas: ou amazonas, tribo de mulheres guerreiras que não aceitavam a presença masculina.

Cerâmica, Cultura na Ponta dos Dedos

Havia nesse povoado uma casa de reuniões, dentro da qual encontramos louças dos mais variados feitios: havia vasos, cântaros enormes, de mais de 25 arrobas e outras vasilhas pequenas, como pratos, tigelas e castiçais, de uma louça melhor que já se viu no mundo; mesmo a de Málaga não se iguala a ela, porque é toda vitrificada e esmaltada com todas as cores, tão vivas que espantavam, apresentando, além disso, desenhos e figuras tão compassadas, que naturalmente eles trabalhavam e desenhavam como os romanos. (CARVAJAL)

A primeira notícia a respeito de artefatos de Cerâmica na Bacia do Rio Amazonas foi transmitida pelo Frei Gaspar de Carvajal, em maio de 1542, no seu "*Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*", quando o clérigo espanhol comparou o grau de perfeição das figuras e desenhos encontrados nas louças do Rio da Trindade ([52]) a dos romanos.

A Bacia do Rio-Mar foi, em tempos pretéritos, um caminho natural utilizado por diversos agrupamentos humanos que deixaram, nas suas margens, sinais definitivos de sua passagem, de sua história, crenças, costumes e grau de desenvolvimento através da Cerâmica.

Os estudos destes sítios arqueológicos vêm permitindo que sejam reconstituídas algumas dessas rotas migratórias bem como as relações que estes povos mantinham entre si.

---

[52] Rio da Trindade: Purus.

Tenho procurado, sistematicamente, encontrar vestígios de antigas culturas materializados na arte da Cerâmica nos museus e coleções particulares e considero, dentre todas, a mais criativa, mais elaborada e mais intrigante a dos Tapajó. As peças mais sofisticadas desta cultura eram empregadas em complexos cerimoniais religiosos e funerários. Cada peça moldada a mão era única, decorada com maestria e cuja riqueza de detalhes antropomorfos e zoomorfos me levaram a apelidá-la de "*Cerâmica Barroca Tupiniquim*".

A Arte da Cerâmica

Na Cerâmica, essencialmente combinamos: terra, água, ar e fogo, mas não somos alquimistas. Somos empiristas. Ombreamos uma picareta e saímos por aí, à procura de barro. Um buraco aqui, outro ali e vamos enchendo a carroça deste, daquele e do outro tipo. Arregaçamos as mangas e vamos preparando a massa até chegar a uma certa maneabilidade. Aí começa a fecundação: formas vão se criando. Orgasmos se prolongam entre uma e outra relação e o espaço vai se adornando de princípios intuitivos, forma-se uma coletividade que pacientemente aguarda o fogo do forno. O forno é a grande mãe, ora aborta, ora dá filhos sadios e bonitos. O fogo é a eternidade, é o êxtase da comemoração, é lá que se rompe a casca do ovo, que se transpira o sangue e reflete o poder das forças da natureza em expansão latente. A chama incute a vida às formas na cor do Sol mais quente, no movimento que vibra e irradia emoção intensa. Terminada a queima, resfriado o forno, abrem-se as portas das câmaras e visualiza-se o estonteante milagre da transformação dos materiais, que morre para viver outra vez. A verdadeira arte, entre outros alimentos, é um alívio para a fatigada humanidade, essa imensidão de seres palpitantes que rolam pelos ermos da esfacelada Terra. A Cerâmica já não é mais Cerâmica ou arte: é cabeça, corpo e coração que se envolvem numa ânsia elástica.
(BITAR)

A arte do barro imerge o ceramista no âmago da mãe terra, uma torrente telúrica migra das terras e das águas para suas hábeis mãos, as energias planetárias inspiram-no, seduzem-no, e ele abandona o casulo da criatura, ganha asas e se transforma no criador, por breves momentos ele tem a oportunidade de se sentir um pequeno deus.

O ceramista inicia seu labor, impregnado dessas forças mágicas, concentra-se e parte para a confecção de sua obra com segurança graças ao conhecimento dos materiais e das técnicas a serem empregadas, herdadas dos seus ancestrais.

O seu envolvimento, porém, inicia-se muito antes do trabalho nas oficinas com a escolha da jazida, da argila adequada e da seleção dos elementos de liga.

A coleta da argila é realizada nas barrancas, margens ou leito de Rios ou Igarapés no período da vazante.

Qualquer que seja o seu nome – Mãe-Terra, Avó da Argila, Senhora da Argila e dos Potes de Barro, etc. –, a padroeira da Cerâmica é uma benfeitora, já que os homens lhe devem, dependendo da versão, a preciosa matéria-prima, as técnicas cerâmicas ou a arte de decorar os potes. Mas, ao mesmo tempo, os mitos considerados mostram que ela tem um temperamento ciumento e rabugento. Em um mito Jivaro [povos aborígenes peruanos e equatorianos], ela é a causa do ciúme conjugal. Em outro mito, também dos Jivaro, cobra caro o seu auxílio. Mostra-se carinhosa e ciumenta em relação às suas alunas, prendendo-as sob a terra para mantê-las ao seu lado, ou então impõe numerosas restrições quanto ao período do ano, o momento do mês ou do dia em que lhes é permitido extrair argila.
(LÉVI–STRAUSS)

São retiradas três camadas do solo: a primeira orgânica, rica em detritos de origem vegetal e a segunda camada, um pouco mais limpa, são descartadas; a escavação continua até se chegar à terceira camada onde se encontra o "*barro bom*".

Normalmente os artífices só exploram as jazidas uma única vez para não perturbar as entidades do barro. Esta fase demanda grande esforço físico e, por isso mesmo, é, normalmente, atribuída aos homens. A verificação da qualidade do material é feita na própria mina através do tato, moldando pequenos roletes de argila, ou pelo paladar.

Depois de transportado para as "*oficinas*", o produto é minuciosamente examinado para que se retirem fragmentos de origem orgânica ou mineral e, depois disso é, habitualmente, deixado em repouso por alguns dias em cestos ou folhas de palmeira, em locais frescos para evitar seu ressecamento.

Liga

Para que a Cerâmica possa ser levada ao fogo, sem o risco de sofrer deformações e rupturas, são misturados a ela substâncias:

- *orgânicas*: fibras vegetais, raízes, conchas, ossos, estrume;
- *inorgânicas*: areia, terra, mica, pedras calcárias, grãos de quartzo, feldspato;
- *biominerais*: cascas de árvores ricas em sílica [*caripé*], *cauxi*;
- cacos de Cerâmica triturados.

Caripé (Licania Octandra)

As cinzas de sua casca, misturadas à argila, aumentam a resistência da peça confeccionada. A árvore é cortada e sua casca retirada e levada ao fogo. As cinzas são piladas e coadas, resultando num pó fino de coloração cinza escuro.

Cauxi (Porifera, Demospongiae)

As esponjas de água doce pertencem à classe Demospongiae (Tubella reticulata e Parmula batesii), têm como característica básica a produção de um esqueleto de espículas de Óxido de Sílica. As espículas possuem um aspecto de agulhas transparentes ou opacas, com extremidades ligeiramente curvas.

Essas espículas, devido à sua constituição mineral, após a morte e putrefação das esponjas, são liberadas da matriz de colágeno, que as mantém unidas em feixes estruturais e, assim permanecem nos sedimentos, disponíveis até que os banzeiros as propaguem no meio líquido.

Dr. Alfredo da Matta (DA MATTA) faz a seguinte consideração a respeito do espongiário:

> Ora, por que o sagaz e astuto caboclo, ou o nordestino observador já identificado com o meio amazonense, não entra em Rio que tenha cauxi, nele não se banha e não bebe a água daí retirada?

> Porque o silvícola, através gerações, ensinou a cada qual que "*i cai tara*", isto é, ele se queima n'água ou a água lhe queima! E com propriedade tão irritante para a epiderme, mais pronunciada ainda ela se torna quando a água é ingerida, porque a inflamação da mucosa gastrointestinal poderá por vezes apresentar sintomas alarmantes. Por tal motivo o silvícola dizia: – "*cai igaure*", isto é, queima, bebedor d'água.

A Cerâmica dos Tapajó, no longínquo pretérito, usava como elemento antiplástico mais importante o cauxi, que era empregado como único elemento de liga ou associado a pequenas porções de pedras calcárias, areia e, raramente, a cacos de Cerâmica triturados. Em virtude dos problemas causados pelo contato do corpo humano com as finas espículas, a utilização do cauxi foi, com o passar dos anos, abandonada.

Moldagem

Primeiramente é moldado o fundo do vaso, obtido pela compressão da massa sobre uma superfície plana e lisa (tábua, esteira ou casco de quelônio), até formar uma base achatada, homogênea e circular. Concluída esta etapa, partia-se para a preparação dos roletes de argila que, de acordo com o tamanho, eram comprimidos entre as mãos, sobre a coxa, ou uma tábua e sobrepostos de forma circular um sobre o outro a partir de uma base, em forma de anéis ou espirais para a elevação da parede do recipiente.

A cada rolete acrescentado, as peças recebiam um acabamento interna e externamente para eliminar os vestígios deixados pela técnica do acordelado ([53]), tornando as paredes mais lisas e finas.

---

[53] Acordelado: roletes.

Depois de devidamente modelada, a peça era levada para secar em local fresco e arejado à sombra; dependendo da espessura das paredes, este processo podia levar vários dias. A secagem à sombra era uma fase importante, pois uma exposição direta ao Sol ou ao forno ocasionaria danos à peça.

Depois de parcialmente seca, tem início a raspagem, quando se procura eliminar as asperezas com o auxílio de sementes, conchas, pedaços de cabaça, seixos rolados, cocos (palmeira inajá – Maximiliana Maripa Aublet Drude), ou outros materiais disponíveis.

Depois de raspada, ela é lixada com a folha áspera de algum arbusto (Dileniacea sp.). Procede-se, então, à decoração da peça: são feitas incisões geralmente com motivos geométricos e, somente agora, são aplicados os apêndices tais como alças, asas, figuras zoomorfas e antropomorfas. É necessária, então, uma segunda secagem para enrijecer a Cerâmica dos apliques, antes de se partir para a queima.

Queima

Uma diferença insignificante na escolha das argilas, das coberturas, dos pigmentos ou das temperaturas de cozimento podem reduzir a nada a obra de uma semana ou até mesmo de um mês. Desse modo, a preocupação com a segurança induz o ceramista a reproduzir fielmente os materiais e os modos de fabricação que ele sabe por experiência que são os mais apropriados para evitar um desastre. Tudo leva o artesão a seguir um caminho direto e definido. Afastar-se dele para um lado ou para o outro pode trazer consequências trágicas no plano econômico... Daí um espírito profundamente conservador, uma desconfiança em relação a todas as inovações que repercute na visão global do mundo e da vida. (LÉVI–STRAUSS)

A queima geralmente antecede à decoração pintada. Para queima, arma-se uma fogueira, cujo tamanho varia em função da peça a ser queimada, em geral usa-se lenha e casca de árvores em arranjo cônico envolvendo o artefato; isto garante uma queima mais uniforme. As peças grandes são queimadas individualmente e as pequenas em grupo, emborcadas no interior da fogueira, apoiadas em três pedras onde são totalmente envolvidas pelo fogo durante uma ou duas horas. Eventualmente os vasos são reposicionados de modo a queimar por igual.

A queima é realizada ao ar livre e a impermeabilização da superfície é feita com a seiva da entrecasca de árvores (Ingá spp.). Os grafismos são pintados com pigmentos orgânicos e inorgânicos através de variadas técnicas, como a incisão, a marcação com malha, a inserção de apliques, entre outros. O tom vermelho pode ser obtido com o uso do urucum, o branco com o caulim, o preto com o jenipapo, o carvão ou fuligem. A vitrificação do vasilhame era obtida com a aplicação de resinas vegetais como o breu de jutaí, a resina de jatobá ou o leite de sorva ([54]).

Arqueologia e Cerâmica

Os Índios Pueblo acreditam que todas as suas peças de Cerâmica possuem alma; também as consideram como seres personalizados. Os potes passam a ter essa essência espiritual assim que são modelados e antes de serem cozidos, e por isso dentro do forno são colocadas oferendas ao lado do pote a ser cozido. Quando o pote quebra devido ao calor, emite um ruído que provém do ser vivo que escapa. (LÉVI–STRAUSS)

[54] Sorva: Couma utilis.

O texto de Angyone Costa publicado em 1945, no Volume VI dos "*Anais do Museu Histórico Nacional*", serve de referência para os amantes da arte da Cerâmica de todo o mundo. Sua descrição sobre a manufatura dos vasos de Cerâmica é irretocável e vem sendo reproduzida, por décadas, por pesquisadores e escritores em suas obras.

> Ninguém contesta que a principal riqueza arqueológica do Brasil é a Cerâmica indígena e que esta Cerâmica, a mais valiosa, justamente pela técnica, beleza e perfeição de seus modelos, a da Amazônia, especialmente a de Marajó. Não se presuma que o Sul, onde predominaram povos Tupiguarani e Gê, não tenha contribuído com material da mesma espécie, mas a sua qualidade inferior, embora em abundante quantidade, não permite margem a melhores afirmações. Por muitos anos, ainda será naquele campo que os arqueólogos irão proceder a averiguações para poder explicar algo sobre a vida antiga do Brasil.
>
> A Cerâmica está ligada ao estudo das primitivas culturas, ao ciclo das indústrias que o primeiro homem construiu. Corresponde ao fim do neolítico superior e surge muito depois da grande descoberta – o fogo –, muitos anos antes desta outra, que será o terceiro grande invento da humanidade, a roda, e que os povos americanos não conheceram. Nasceu da necessidade de cozinhar o alimento, quando o homem fez a experiência, levado pelo acaso, de que a argila era argamassável com água, e sujeita ao fenômeno do endurecimento, pelo Sol ou pelo fogo.
>
> Aperfeiçoou-se quando os imperativos da vida no clã começaram a despertar no homem um indefinido desejo de melhora, uma insatisfação de instintos que o levou a construir o conforto.

Naquele momento, já a Cerâmica exercia uma alta função, dela se faziam as peças para a mesa, as peças de finalidade religiosa, as peças destinadas a enterramentos. O oleiro já não gravava, apenas, o desenho rupestre, que aprendera a riscar com o sílex, no teto e na parede das cavernas, nas pedras e barrancos dos caminhos. Impressionava-se com as cores e os ruídos da natureza, e procurava distingui-los, verificar de onde vinham. Desta percepção resultou que os seus sentidos começaram a se apurar pela vista e a se manifestar pela habilidade da mão e dos dedos. E a tabatinga foi o material preciso, plástico e dúctil, que apareceu na hora exata em que os sentidos se achavam aptos à função criadora, e surgiram os traços em reta, os círculos, os pontos inspirados pelo tecido de certas plantas e, ainda, a reprodução de alguns animais, que viviam nas florestas ou que o homem começava a domesticar.

O desenho singelo adquiriu formas mais ricas, círculos, traços, que se compõem, reproduzindo coisas ou cenas da vida, conforme o grau de sensibilidade de cada grupo ou as circunstâncias em que a cultura se desenvolveu. A Cerâmica, sendo uma arte inicial e muito antiga, resulta de uma técnica já hoje perfeitamente vulgarizada. É bem a arte de utilizar a argila na confecção de objetos, tanto de uso doméstico, como religioso, funerário ou propriamente decorativo. Pode ser feita com pasta porosa ou pasta impermeável. À primeira pertencem os objetos de barro cozido ([55]), as louças vidradas, esmaltadas, faianças, etc.; à segunda, as porcelanas finas, que supõem uma civilização histórica florescente. Ao primeiro grupo pertence a louça dos oleiros de civilizações nascentes, a louça de Marajó, por exemplo, a dos Tupi-Guarani do litoral, etc.

---

[55] Barro cozido: terracota.

Entre as tribos americanas e brasileiras em geral, a Cerâmica era trabalho atribuído às mulheres. Sabe-se que esse costume se transmitiu de povo a povo, chegou aos nossos dias e resistiu sempre a todas as modificações.

Técnica dos ceramistas indígenas

Na Amazônia, os oleiros empregavam como matéria-prima a tabatinga pura ou misturada com diferentes pós, que exerciam geralmente a ação de desengordurantes. Esses pós eram conseguidos de diferentes maneiras, segundo o testemunho de naturalistas e de arqueólogos que viram os nativos trabalhar. Deles, um dos mais preciosos era o caripé, cuja fabricação Hartt se compraz em descrever: (COSTA)

> vi prepararem a casca do caripé empilhando os fragmentos e queimando-os ao ar livre. A cinza é muito abundante e conserva a forma original dos fragmentos. Tendo sido reduzida a pó e peneirada, é perfeitamente misturada com o barro a que dá, quando úmido, um aspecto de plombagina escura ([56]) mas, com a ação do fogo, esta cor torna-se muito mais clara. O uso do caripé faz a louça resistir melhor ao fogo. (HARTT)

Além do pó obtido por aquele processo, o oleiro amazonense adiciona, à tabatinga, pós de pedra-pome, de cauxi, de escamas de pirarucu, de casco de tartaruga, de certos cipós e até da própria louça quebrada, uso este último que tem sido motivo de desaparecimento de peças preciosas de Cerâmica, especialmente em Marajó. A mulher oleira, amassando esses ou alguns desses ingredientes, conseguia dar à tabatinga uma ligação e consistência durável, sem sacrifício da peça.

---

[56] Um aspecto de plombagina escura: cor de grafite.

O grande segredo, entretanto, não estava na escolha do material apropriado, que este havia em abundância, e sim no seu preparo. Depois da tabatinga amassada, era dividido em pequenos bolos, feitos a mão do tamanho que podia comportar. Esta massa passava a ser estendida sobre uma tábua ou esteira ou sobre o casco de tartaruga, conforme o vaso fosse de fundo chato ou convexo. Para o seu preparo, eram elementos indispensáveis a água e fragmentos de casco ou de cuia, para servir de alisador.

Modelado o fundo, pela compressão da massa sobra a tábua, a esteira ou casco de tartaruga, a oleira começava a construir-lhe as paredes pelo processo do enrolamento. Consistia o enrolamento ([57]) na técnica de se fazerem cilindros, cordas ou torcidas de barro, com diâmetro proporcional à grossura que se queira dar à peça, e com um comprimento aproximado da circunferência do vaso, dispondo-as sucessivamente, sobre a periferia do fundo, já preparado, e fazendo-as aderir de modo convenien-te, pelo achatamento ou compressão feita com os dedos. Dada a primeira volta, a oleira dava, sempre com os mesmos cuidados, uma e outras mais, de maneira a ir erguendo harmoniosamente as paredes do vaso, até sua final conclusão. Para impedir as imperfeições ocorrentes em um trabalho manual desta ordem, a oleira empregava uma cuia chata ou "*cuipeua*", molhava-a n'água e alisava com este instrumento a superfície, até conseguir um perfeito polimento. Para evitar o achatamento, durante a fabricação dos vasos maiores, essa técnica tinha de ser modificada para as grandes igaçabas ([58]), fazendo a oleira pequenas estações ([59]) na feitura

57 Enrolamento: acordelado.
58 Igaçabas: pote de barro grande usado para armazenar água e conservar alimentos.
59 Estações: paradas.

das paredes laterais, a fim de permitir o endurecimento conveniente das partes inferiores, à proporção que a feitura do vaso ia avançando.

Evita-se, por essa maneira, o fatal achatamento de toda a peça provocado pelo peso das cordas superiores. Armada a arquitetura do vaso, alisadas as paredes externas com a "*cuipeua*" eram elas, ainda úmidas, pulverizadas com uma fina camada de barro puro, cor de nata, parecendo às vezes brunidas ([60]) antes de irem ao fogo, de onde resultava ficarem com uma superfície dura e quase polida.

Antes do fogo, a que todas as peças estavam sujeitas, os vasos eram postos lentamente a secar à sombra e, depois, ao Sol, sem o que, rachavam. O processo da queima era a segunda e mais importante ação técnica a que se submetia a peça. Dependia de vários cuidados, do máximo de delicadeza na condução dos vasos ainda moles, fáceis de amassar ou achatar-se.

Efetuava-se de diferentes modos; geralmente, eram colocados distantes do foco de calor, a fim de que fossem aquecidos gradualmente, sem contato direto com o fogo, chama ou brasa; depois, quando já haviam adquirido, pela ação do rescaldo, uma forte consistência, eram então postos diretamente em contato com o fogo, ficando totalmente cozidos.

Algumas tribos usavam cozer a louça a fogo feito diretamente sobre o chão; outras faziam o uso de covas; outras, mais adiantadas, já começavam a empregar fornos, toscos, é bem verdade, mas que representavam uma invenção aperfeiçoada. Eles eram feitos com a colaboração da pedra e tinham paredes de argila.

---

[60] Brunidas: polidas.

A seguir ao processo de queimação, enquanto as peças ainda estavam quentes, usava-se empregar uma camada interior de resina de juta-sica que, com o calor, adquiria um aspecto vítreo, embora pouco durável. Essa maneira de trabalhar a tabatinga está perfeitamente enquadrada na técnica ensinada por Linné, incontestavelmente a maior autoridade em Cerâmica americana. Segundo o americanista sueco, são os seguintes os métodos adotados pelos indígenas sul-americanos, para a fabricação de seus vasos:

1. Modelação do fundo, obtida pela compressão de massa sobre uma esteira, tábua ou um pedaço de casco de quelônio;

2. Enrolamento para a formação das paredes;

3. Moldagem, pela utilização de cestas ou formas especiais;

4. Movimento giratório, executado pelo artista, da direita para a esquerda. (COSTA)

Centro Cultural João Fona

É com muito pesar que verificamos o pequeno acervo de Cerâmica Santarena existente no Centro Cultural ao mesmo tempo em que tomamos conhecimento do tráfico criminoso destas relíquias indígenas.

Pouco conhecida, grande parte de seu acervo disperso pelo mundo inteiro, destruição de sítios arqueológicos, ela está sendo relegada a um segundo plano pelos pesquisadores. O contrabando do acervo é o grande responsável pela fuga desse patrimônio cultural, fruto do descaso do poder público.

A rica pré-história santarena poderia atrair estudiosos e turistas, mas não existem museus especializados em arqueologia ou antropologia, não existe determinação oficial para acompanhar e supervisionar construções na Cidade ou para coibir o comércio ilegal do acervo tapajônico. Apenas o Centro Cultural João Fona abriga em Santarém o pouco que ainda resta da maravilhosa Civilização Tapajônica já extinta. Foram identificados mais de 100 sítios arqueológicos, um filão para alunos de antropologia e arqueologia. Um final melancólico para um herança cultural que não é apenas de Santarém ou do Brasil, mas de toda a humanidade.

Mestre Izauro do Barro

Aconselhado por amigos, visitei o "*atelier*" do Mestre Izauro, outra personagem interessante do universo cultural santareno. O Mestre nasceu no interior de Santa Isabel do Pará, no dia 21.05.1917, e chegou a Santarém há 80 anos, quando tinha apenas 10 anos de idade. Desde então se dedica à arte da Cerâmica e, apesar dos seus 92 anos de idade, o ceramista trabalha diariamente criando belas peças de Cerâmica na sua olaria instalada no Bairro do Uruará. Suas obras já foram expostas em Manaus, São Paulo e Brasília, e países como Itália e França.

Versos... Versos... Versos...
(Felisbelo Sussuarana)

Versos... quantos nem sei, chorando ou rindo
Desperdicei no meu peregrinar...
Versos, versos de amor que nasce lindo
E nos ilude para nos deixar...

Versos nascidos em momentos nobres
De ânsias infindas de lutar, vencer...
Versos carpindo desditados pobres,
Rimas plangendo agruras do viver...

Versos moldados na amizade terna
Que nos enleia e que nos faz feliz...
Versos cultuando a natureza eterna,
Glorificando as glórias do país...

Versos festivos, versos de noivados,
Rimas gentis, garridos madrigais...
Galanteios medidos e rimados,
Doiradas ilusões, não voltam mais...

Versos... quantos nem sei, calmo ou nervoso
Qual desperdiçador, quantos compus...
Versos, versos de amor, versos de gozo,
Versos feitos de lágrimas e luz...

Versos que eu fiz, cantando a mocidade,
A mocidade em flor do meu torrão...
Versos de dor e de infelicidade,
Mas versos naturais do coração...

E quantos versos meus hoje dispersos,
Perdidos como os ais dum sofredor...
E até no cemitério eu tenho versos,
A traduzir saudade e alheia dor...

Quando eu morrer, fugindo à desventura,
Quem sabe se terei – o mundo é assim –
Quem vá deitar na minha sepultura
Um punhado de versos sobre mim...

Cerâmica Santarena

A Cerâmica de Santarém, notável pelo bom gosto e difícil estilização, caracteriza-se também pela abundância e variedade dos motivos plásticos supostamente filiados às civilizações do continente centro-americano. (CAPUCCI)

A arqueologia evita chamar de "*Tapajônicos*" ou "*Tapajoaras*" os vestígios culturais encontrados nas proximidades da Bacia do Rio Tapajós, preferindo considerá-los parte de um complexo cultural maior, denominado "*Santarém*" ou "*Santareno*". Apesar de não desfrutar do mesmo interesse dedicado à cultura Marajoara é, certamente, a Cerâmica mais antiga da Amazônia e uma das mais belas do mundo, apresentando detalhes refinados e ornamentos análogos à chinesa. A Cerâmica de Santarém ainda se recente de pesquisas baseadas em escavações estratigráficas ([61]).

Datação

Carbono-14

A quantidade de carbono-14 dos tecidos orgânicos mortos diminui num ritmo constante com o passar do tempo. A medição do carbono-14 de um fóssil fornece elementos que permitem mensurar quantos anos decorreram desde sua morte.

---

[61] Estratigrafia: trata da disposição física de estratos num depósito geológico ou arqueológico e de seu estudo no que diz respeito à sua formação, composição e distribuição. O estudo da estratigrafia baseia-se nos princípios de sobreposição e que, numa sequência de deposição de sedimentos, as camadas mais profundas são as mais antigas e as superficiais mais novas aplicando esta relação aos objetos aí encontrados.

Esta técnica é aplicável somente a material que conteve carbono em alguma de suas formas ou o absorveu e só pode ser usada para datar amostras que tenham, no máximo, 70 mil anos de idade. Embora este tipo de datação seja a mais conhecida e utilizada existem, na atualidade, métodos mais modernos de datação absoluta.

Termoluminescência

A termoluminescência avalia a luminescência provocada pelo aquecimento de sedimentos e objetos arqueológicos. É especialmente utilizada para datar objetos que contêm minerais, como o quartzo (SiO2) e a calcita (CaCO3). Podem ser datados fragmentos de cerâmicas, materiais líticos queimados e cinzas de fogueira de até duzentos mil anos, sendo que a imprecisão deste método gira em torno de 7% a 10%.

Arqueomagnetismo

Outro método moderno é o do arqueomagnetismo que analisa as variações seculares ou alterações do campo magnético terrestre. O estudo da magnetização remanescente de uma rocha sedimentar permite que se determine o campo magnético terrestre no momento de sua formação. O método é especialmente indicado para a datação de fornos e de algumas cerâmicas que guardem certa magnetização.

Terras Pretas

> Conta-nos Bates que, quando pela segunda vez chegou a Santarém, em novembro de 1851, o Bairro da cidade hoje conhecido como "*Aldeia*" era ainda habitado pelos Índios que, uma vez por ano, desciam ao quarteirão dos brancos para executar suas

danças, espontaneamente e com o fito exclusivo de divertir o povo da localidade.

Coincide a informação com a de Ferreira Penna que, descrevendo Santarém, divide a povoação em duas partes distintas: "*a cidade própria que fica muito aconchegada ao Morro da Fortaleza e a Aldeia, que se estende para Oeste*", acrescentando que esta, há 15 anos [escrevia em 1869 e, portanto, se referia a 1854[ainda exclusivamente habitada por descendentes dos Índios, começava a ser invadida pela cidade, "*já aparecendo aí algumas casas bem construídas que contrastavam com as cabanas dos velhos indígenas*".

Esses Índios, todavia, não eram mais os Tapajó, cujos últimos representantes tinham sido exterminados pelos portugueses, em aliança com os Munduruku, após o ataque a Santarém de 1835-1836, onde tão poucos escaparam da carnificina que, em 1852, Bates proclamava não se encontrar um velho ou homem de meia idade no lugar [segundo Bates].

Hoje, cem anos decorridos, a cidade de Santarém estendeu suas ruas por toda a antiga Aldeia e entre os habitantes desapareceu por completo a recordação dos moradores Índios. Pessoas idosas, por mim interpeladas, apenas se referem ao tempo deles como coisa de um passado muito remoto e quase olvidado. E menos do que a tradição oral, o que ocorre para manter viva a lembrança de terem Índios outrora vivido na Aldeia, é o constante aparecimento à superfície de diminutos cacos da velha Cerâmica indígena, no próspero Bairro santareno dos nossos dias, que o povo conhece pela designação de "*caretas*" ou como "*panelas de Índio*", se são vasos de forma definida ou menos fragmentados.

Já Nimuendaju, ocupando-se das terras pretas como moradas antigas dos Tapajó e estranhando que Hart [1870-1871] e Smith [1874], ao fazerem o levantamento geológico do Rio Tapajós, tenham citado tantas e desconhecido a maior de todas que é a de Santarém-Aldeia, aponta a Rua da Alegria e suas travessas como as mais ricas do que chama "*restos de Cerâmica velha*".

Robert e Rose Brown, muito mais tarde, em 1944, demoraram-se meses em trabalho na Aldeia, onde lograram reunir a grande coleção museológica hoje pertencente à Fundação Brasil Central, no Rio de Janeiro. Informaram-me, posteriormente, que o principal achadouro ["*the best source of caretas*"] era o quintal de uma gorda mulher, cega de um olho e com cerca de seis filhos, na parte alta e bem junto da casa em que viviam duas velhas fabricantes das características bonecas tão apreciadas pelos turistas. Com esses dados, identifiquei a casa, na rua Benjamim Constant, e foram as duas referências de Nimuendaju e Robert Brown que orientaram as minhas primeiras pesquisas em Santarém-Aldeia. Resultaram elas completamente infrutíferas, porém, e em 11 quintais de terras-pretas, escavados nas travessas da Alegria e na Benjamim Constant, inclusive o terreno assinalado por Brown, não encontrei senão fragmentos esparsos e minúsculos da Cerâmica dos Tapajó.

O primeiro local em que obtive êxito foi num quintal à Rua Galdino Veloso, da casa de D. Olívia, já em 1951. Posteriormente, consegui magnífico material de dois outros quintais, fundos das casas de um barbeiro, à Rua 24 de Outubro e de um ferreiro, à Av. Rui Barbosa, 1.408. Em todos os três – e aí está talvez a razão de terem Nimuendaju e Brown dado como cheios de Cerâmica terrenos onde nada mais se pôde encontrar – verifiquei que a maioria dos

vasos estava depositada numa espécie de bolsão, espaço diminuto que, em geral, não excedia de 2,5 a 4 metros quadrados, amontoados os fragmentos até o nível da terra amarela que se segue à preta, numa profundidade variável de 30 a 80 centímetros.

A explicação da existência desses bolsões, reunindo em um só ponto toda a Cerâmica, está em que, ao se estender a cidade para a velha Aldeia, deparavam-se os novos moradores com o terreno coberto de vasos e fragmentos, abandonados outrora pelos Índios. Para limparem os seus quintais, fosse por uma questão simplesmente de asseio, fosse por um certo temor supersticioso em relação aos objetos indígenas, que sabiam sempre ligados ao culto dos mortos, cavavam um grande buraco e varriam para ele a Cerâmica espalhada na superfície. Por isso, não raro se encontra assim concentrado, num mesmo ponto, o material arqueológico; e por isso, em geral, já são os vasos achados completamente fragmentados, embora se possam selecionar os pedaços capazes de permitir a reconstituição de muitos deles.

Fora desses bolsões, é sempre difícil se encontrar alguma coisa. Tive a atenção primeiro despertada para isso quando, achando-me em Santarém, chegou-me a notícia de que, no terreno ao fundo da barbearia, na rua 24 de Outubro, haviam sido retirados alguns bonitos vasos de gargalo e cariátides. Fui imediatamente até lá em companhia do meu amigo Paulo Rodrigues dos Santos, que conhecia o barbeiro mas, infelizmente a dona da casa e as crianças, sem cuidado algum, já tinham revolvido o bolsão e reduzido a cacos minúsculos e inúteis uma boa dezena de peças, preocupadas que se achavam em retirar inteiras apenas as de dois tipos – de gargalo e de cariátides – para as quais, pela sua beleza e popularidade, sempre há compradores a bons preços.

Adquiri os fragmentos e vasos encontrados e consegui licença para escavar o resto do terreno. Fora do espaço limitado do bolsão que se situava num pequeno quadrado entre a casa e o cercado do vizinho, não havia, entretanto, mais nada.

Um filão desses é que Robert Brown deve ter explorado no terreno a que se refere, na Rua Benjamin Constant. Se tivesse tido de inspecionar a área total, verificaria não haver nem mais uma careta sequer.

Deduz-se do exposto que, em Santarém-Aldeia, se torna impossível ou, pelo menos inútil qualquer estratigrafia. O material, assim arrastado para os bolsões, acha-se arbitrariamente misturado e comumente reúne, num mesmo nível, Cerâmica típica dos Tapajó e outras também antigas mas dela bem diferenciadas pelo estilo, a fragmentos de alguidares e bilhas de moderna olaria e até a cacos de pratos e xícaras de porcelanas ou de garrafas de cerveja.

Da mesma maneira, o que se encontra fora dos bolsões é sempre em terras pretas secularmente revolvidas por serem consideradas preferenciais para a lavoura. Pesquisas estratigráficas terão de ser orientadas com êxito, possivelmente, para regiões adjacentes de Santarém, onde a vida civilizada ainda não se desenvolveu tanto e onde as terras pretas, cobertas de árvores antigas, como, no planalto, constatou Nimuendaju, talvez tenham sido menos trabalhadas para as roças e conservem a Cerâmica nas camadas em que foi deixada pelos Índios.

É inegável, contudo, que o abundante material recolhido em Santarém-Aldeia oferece inestimável interesse para a tipologia e para melhor apreciação do estilo tapajônico.

> E foi por assim pensar que resolvi destacar o conjunto de peças extraídas dos bolsões referidos algumas que, pelo seu ineditismo, podem contribuir para aumentar os elementos tipológicos, até aqui disponíveis, para o estudo de uma Cerâmica ainda tão pouco divulgada e conhecida como é a de Santarém. (BARATA, 1954)

A maioria das peças e fragmentos de Cerâmica santarena encontrados nos museus e coleções particulares têm sua origem nas zonas de "*terra preta*", ou nos "*bolsões*". A população, ainda hoje, encontra e retira, sem qualquer cuidado, estes artefatos para vendê-los. É a história e a cultura maravilhosa de um povo que, aos poucos, vai se perdendo.

Comércio Irregular de Relíquias Históricas

As relíquias arqueológicas de Santarém correm perigo real e imediato. Comerciantes desonestos, donos das maiores lojas de artesanato da Cidade e arredores, vendem, sem qualquer tipo de controle, antiguidades aos turistas interessados. O comprador é conduzido até os fundos das lojas onde tem acesso a um sem número de peças e fragmentos de Cerâmica da cultura tapajônica. O comércio ilegal é abastecido sobretudo por achados fortuitos em comunidades rurais ao redor de Santarém, na sua maioria pequenos fragmentos, embora exista um tipo de tráfico, mais sofisticado, envolvendo peças inteiras, como vasos, estatuetas de Cerâmica e os raríssimos Muiraquitãs. Em reportagem, de 17.10.2005, a Folha de São Paulo flagrou venda de material arqueológico nas lojas: "*Muiraquitã*" e "*Atmosphera Amazonica*". Os comerciantes ofereceram ao repórter, na oportunidade, machados de pedra pré-históricos de origem não-especificada.

Essas peças passaram muito tempo na minha casa, sendo restauradas. Acabei vendo-as anos depois na televisão. (Laurimar Leal)

Em 2002, um casal identificado apenas como Glória e Kiko, comprou em Santarém e revendeu duas estatuetas para a Cid Collection, coleção arqueológica de Edemar Cid Ferreira, dono do Banco Santos. A Cid Collection chegou a contar com 1.200 peças pré-históricas, incluindo diversos Muiraquitãs. O material foi confiscado após a quebra do Banco Santos e está armazenado no galpão que ele mantém no Jaguaré, na Zona Oeste de SP.

A diferença entre o estado atual da coleção e a época em que ela pertencia ao banqueiro é que agora parte das peças correm risco de deterioração. Edemar deixou de pagar as contas de luz do depósito e o ar condicionado parou de funcionar, colocando em risco a arte plumária e os documentos que necessitam de climatização adequada. Por decisão judicial, as obras deveriam estar no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) da Universidade de SP. O galpão abriga cerca de 2.000 peças; uma outra parte da coleção está guardada na casa do banqueiro.

A Cid Collection foi legalizada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 2002, após um acordo com Cid Ferreira. O IPHAN, que deveria zelar pelo patrimônio arqueológico, tornou-se um aliado de Edemar, permitindo que as obras corressem risco. O comércio ilegal e a destruição de sítios arqueológicos na região são fortalecidos pela pobreza e ignorância da população e pelo descaso do poder público.

Márcio Amaral o "Arqueólogo" Santareno

Ele sabe mais sobre Cerâmica Santarena do que qualquer pessoa. Poucos dos meus estudantes de pós têm o treinamento que ele tem. (Anna Roosevelt)

Márcio Amaral trabalha como jardineiro e como vigia de um depósito mantido em Santarém pela arqueóloga Anna Roosevelt. Amaral foi treinado por Roosevelt e chegou a ser coautor em um dos trabalhos científicos da americana. A equipe de Roosevelt é a única a realizar escavações sistemáticas na Cidade, embora seus membros não residam em Santarém.

Você vai perguntar: Poxa, mas isso não é ilegal? Mas, já que o Estado não tem capacidade, eu, como cidadão, tenho o dever de zelar pelo patrimônio.
(Márcio Amaral)

Amaral possui uma coleção particular de fazer inveja ao pequeno Museu da Prefeitura de Santarém: fragmentos de Cerâmica colorida e decorada, ídolos de barro e até mesmo Muiraquitãs. A ausência de extensões do IPHAN ou do Museu Paraense Emílio Goeldi, na Cidade, permitem que estas irregularidades se perpetuem.

Relatos Pretéritos

Henry Walter Bates (1851)

Bates chegou a Santarém, pela segunda vez, em novembro de 1851 onde permaneceu por quase um ano. Em junho de 1852, subiu o Rio Tapajós e penetrou, em 03.08.1852, no Rio Cupari, nosso velho conhecido.

O naturalista dedicou pouco de seu tempo aos artefatos de Cerâmica e, mesmo assim, apenas aos relacionados à Cerâmica produzida pelos nativos atuais.

> Nas terras baixas da mata, à beira do Rio, o solo é coberto por uma argila branca e dura, que fornece ao povo de Santarém a matéria-prima para a feitura de potes de barro e toscos utensílios de cozinha.
>
> Todo o vasilhame usado pelas classes mais pobres da região, tais como chaleiras, frigideiras, cafeteiras, tachos, etc., bem como os fornos para torrar mandioca, são feitos dessa mesma argila, que é encontrada regularmente em todo o Vale do Amazonas, desde os arredores do Pará até as fronteiras do Peru, formando parte dos vastos lençóis de tabatinga. Para os potes suportarem o calor do fogo, é misturada à argila a casca de uma árvore chamada caripé, depois de queimada, o que dá resistência à Cerâmica. A casca dessa árvore é encontrada à venda nas lojas da maioria das cidades, acondicionada em cestos. (BATES)

Charles Frederick Hartt (1870)

> O material arqueológico tem sido tão rico que tem sido difícil de analisar. Novas coleções têm chegado constantemente, e o que eu pretendia que fosse um breve relato das antiguidades do Baixo Amazonas, evoluiu para um grande volume sobre as antiguidades de todo o Império.
>
> Nesse trabalho, agora bem avançado em direção à finalização, eu proponho não só retratar e descrever os objetos que chegaram às minhas mãos, como artefatos de pedra, Cerâmica, vestígios humanos, etc., mas dar descrições dos sambaquis, cemitérios, inscrições rupestres, etc. (HARTT).

O geólogo Frederick Hartt, nos anos de 1870 e 1871, escavou o sambaqui de Taperinha a 40km de Santarém. A profundidade da escavação foi de seis metros, e além de conchas, foram encontrados ossos humanos, de peixes e Cerâmica. A Cerâmica, segundo Hartt, era:

> Fabricada de argila, contendo proporção considerável de areia muito grossa, sem caripé e tendo a superfície relativamente lisa. Os fragmentos indicam que as vasilhas tiveram pela maior parte a forma de taça com fundo bem arredondado. A margem é muito simples, chanfrada do lado interno e um pouco virada para fora. Não são lustrados nem pintados, e pela maior parte mostram-se inteiramente despidos de ornamentações. Alguns pedaços, porém, apresentam riscos toscos do lado exterior, logo abaixo da margem e indicando aparentemente tentativas de decoração. (HARTT)

Hartt considerou que enorme quantidade de conchas encontradas sugeria que a alimentação básica dos nativos de Taperinha era feita de moluscos que, naquela época, eram abundantes e de fácil aquisição, o que não ocorria no ano de sua viagem. Segundo ele:

> Parece, portanto provável que, depois de formado o sambaqui, tenha havido uma importante mudança física na Bacia do Amazonas. A própria posição do depósito torna mais provável esta hipótese.
>
> Em vez de estar situado em terrenos de aluvião nas margens do Paraná-mirim, este depósito acha-se colocado a uma distância considerável do Rio, atrás de uma zona pantanosa de travessia difícil e numa altura considerável acima do maior nível das enchentes. (HARTT)

Hartt encontrou, também, a presença de vestígios em Itaituba, Diamantina e em Pá-Pixuna, onde encontrou fragmentos de Cerâmica em até 2 metros de profundidade. Considerou que a grande fertilidade do solo nestas áreas motivou a vinda de grupos humanos para estes locais. Em Pá-Pixuna, suas escavações encontraram fragmentos de estatuetas e instrumentos de pedra. Hartt compara o material encontrado nestes sítios com a Arte Marajoara, afirmando que são muito diferentes e que a pintura:

> [...] é frequentemente lustrada com barro branco e pintada, mas não vi ornatos em linhas pintadas ou gravadas como as de Marajó. (HARTT)

Hartt atribuiu a autoria dos objetos encontrados aos Tapajó:

> [...] tribo foi encontrada pelos brancos na posse desta região, na época da primeira descoberta, e que deu nome ao Rio. (HARTT)

João Barbosa Rodrigues (1872)

A arqueologia é hoje uma ciência, por isso nela tudo deve ser exato e preciso; os nomes criados para seus monumentos devem perfeitamente caracterizá-los. (Barbosa Rodrigues)

Barbosa Rodrigues foi designado pelo Império para explorar as Bacias dos Rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá onde recolheu amostras e catalogou dados etnográficos. Em 1872, percorreu o Rio Tapajós, elaborando o mais completo histórico até então, no qual mesclava suas próprias pesquisas e observações com a de outros cronistas. Barbosa Rodrigues encontrou machados, estatuetas, fragmentos de Cerâmica, trilhas escavadas nas Serras e sambaquis.

Barbosa Rodrigues afirmava que os artefatos líticos formavam um conjunto de "*instrumentos e armas de pedra*", e que ele era "*o primeiro que os estuda e descreve no Brasil*". Considerava-os como verdadeiros "*guias arqueológicos, que só dão luz à etnografia*" e classificou-os em "*armas de guerra, utensílios de uso agrícola e doméstico e enfeites. Os primeiros compõem-se de massas, de pontas de flecha e de uma espécie folha de alabardes, e os outros, de machados, enxós, cunhas, mãos de pilão, mós, etc, e os últimos, de Muiraquitãs*".

Ainda hoje, para muitos, o Muiraquitã é uma pedra sagrada, tanto que o indivíduo que o traz no pescoço, entrando em casa de algum tapuio, se disser: muyrakitan katu, é logo muito bem recebido, respeitado e consegue tudo o que quer. (Barbosa Rodrigues)

No Rio Tapajós, próximo à Cachoeira do Buburé, encontrou um sítio que teria servido de oficina lítica; comparando os sulcos nas pedras ao formato do corte dos machados, deduziu como eram manufaturados estes objetos. Em relação aos artefatos "*votivos*" e enfeites como os Muiraquitãs, ele afirma que tinham a finalidade de proteger os indígenas nos seus afazeres diários e nos combates.

Maurício de Heriarte (1874)

> [...] pedras verdes, que os Índios chamam de Muiraquitãs e os estrangeiros do norte estimam muito; e comumente se diz que estas pedras se lavram, neste Rio dos Tapajós, de um barro verde, que se cria debaixo da água, e debaixo dela fazem contas redondas e compridas, vasos para beber, assentos, pássaros, rãs e outras figuras; e, tirando-o feito debaixo da água, ao ar, se endurece tal barro

> de tal maneira que fica convertido em mui duríssima pedra verde; e é o melhor contrato destes Índios e deles estimado. (HERIARTE)

O historiador Heriarte menciona a adoração de corpos mumificados e destaca o apreço que os indígenas devotavam aos Muiraquitãs, que era usado como elemento de troca e de dote matrimonial.

Curt Nimuendaju (1923)

Curt Nimuendaju nasceu em Jena, Alemanha, no dia 17.04.1883 e morreu brasileiro em 1945 em uma Aldeia Tikuna do Alto Solimões. Naturalizou-se brasileiro em 1922. Conviveu com um grande número de culturas nativas de todas as regiões do Brasil e, a respeito de sua formação ele afirmava:

> [...] não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente, até 1913, São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje [1939], uma série ininterrupta de explorações (NIMUENDAJU).

Foi batizado pelos Guaranis em 1906, e com este nome, ganhava uma causa à qual dedicou-se intensamente como indigenista e pesquisador privilegiado. No seu artigo "*Nimongaraí*", deixou registrada a cerimônia de seu batismo indígena, realizada em uma fria madrugada de dezembro e firmava um compromisso:

> Avacauju, que aliás também é médico-feiticeiro, levantou-se lentamente da rede, trocando algumas palavras em voz baixa com Poñochi e a mulher deste. Em seguida, Poñochi trouxe um banquinho com altura de apenas uma mão, encostou-o na parede e en-

tão disse, apontando para mim: Eju eguapy! [Venha e sente-se]. Saí do poncho e fiz como mandou. Poñochi tirou a canoa do seu esteio, pondo-se com isto ele do meu lado direito e sua mulher do meu lado esquerdo. Avacauju ficou com o chocalho na mão, calado por um momento na minha frente, como se tentasse lembrar em vão do início, depois começou subitamente com seu canto, e imediatamente os demais presentes entraram. Tremendo de frio, tive que aguentar o mesmo cantarejo.

Avacauju, infelizmente, era muito meticuloso. Ele me chocalhou deslocando-se por todos os lados, cuidadosamente de um pé ao outro, parecendo querer me magnetizar com as pontas de seus dedos esticados.

Manteve seus olhos fixos em mim e o feitio do seu rosto assumiu aquela expressão atormentada, estranhamente medrosa tão própria dos médicos-feiticeiros indígenas, e que dá a impressão de que ele age meio contra sua vontade, sob uma força sobrenatural.

De repente, meteu as mãos dentro da canoa e me umedeceu com água no peito e na testa, do mesmo modo como fizera pouco antes com meu pequeno irmão. Avacauju também disse, nesse momento, algumas palavras incompreensíveis, na maneira de falar, tanto no aspirar quanto no expirar, que os médicos-feiticeiros usam nos seus procedimentos. Gravei daquilo apenas a palavra carairamo ([62]).

Depois ele recomeçou com outra melodia e devagar andamos em fila indiana em volta da choupana: em frente Avacauju com o chocalho, depois Poñochi com a canoa, em seguida eu e, por fim, a mulher de Poñochi que me segurava pelo pulso.

---

[62] Carairamo: pelo poder ou pela força mágica.

> Chegando novamente ao nosso antigo lugar, assumimos a mesma posição, com a cena toda se repetindo mais uma vez. Impacientemente, espiei através da parede de estacas, reparando no Leste já os primeiros sinais do novo dia. Passada uma segunda volta, Avacauju se pôs bem diante de mim e exclamou, hesitante e excitado, mas em voz bem alta e clara: Muendaju ma nderey! Nandereyigua nde! Nandéva nderenoi Nimuendaju! [Muendaju é teu nome! Tu fazes parte da nossa tribo! Os Guarani te chamam Nimuendaju!]. E então, apontando para Poñochi e sua mulher: Cova-ma ndeangá! [Eis teus parentes, quer dizer padrinhos de batizado]. Depois recomeçou, para meu pavor, a cantar de cabeça erguida diante de mim, mantendo as mãos sobre a minha cabeça, abençoando-me. Ainda demorou um bom tempo até que ele, deixando os braços caírem, desse um passo atrás, ao que o canto cessou e a cerimônia foi encerrada. (NIMUENDAJU)

Ele relata, fascinado, o achado de um ídolo esculpido em uma pedra verde (nefrite):

> A terra preta em Cariacá produziu bons achados. Cariacá é uma pequena vila às margens de um estreito Lago que conecta o Rio Amazonas e o Rio Tapajós. Durante minha curta permanência nesta vila, eu coletei alguns artefatos arqueológicos da superfície e, quando eu estava deixando a vila, Joaquim Motta, o homem que me hospedou, saiu e foi para próximo do engenho perto de sua casa. Lá ele remexeu em uma pilha de lixo e trouxe um vil e sujo pedaço de pedra [...].
>
> Era um ídolo extrema bonito, mas lamentavelmente fragmentado feito em uma pedra verde. Ele tinha a forma de uma figura humana agachada, tendo as mãos sobre as orelhas, com um pássaro apresando-o por trás e por cima.

A cabeça do pássaro foi quebrada e em toda a peça há arranhões feitos por alguma ferramenta. Se minhas informações estiverem corretas, esse é o décimo ídolo já encontrado. Barbosa Rodrigues ([63]) em seu trabalho "*O Muyrakytã*", desenhou e descreveu seis deles.

Mais três foram descritos pelo Goeldi no "*Congress of Americanists em Stuttgart*", fotografando-os, juntamente com um mencionado por Barbosa Rodrigues, para as suas não publicadas pranchas arqueológicas [Goeldi]. Todos esses ídolos conhecidos até hoje foram feitos em steatite e serpentina; o que eu encontrei é o primeiro e único feito de nephrite. (NIMUENDAJU)

Frederico Barata (1950–1954)

Frederico Barata nasceu no ano de 1900 em Manaus, onde permaneceu até concluir o curso primário. Em Belém, cursou o secundário no Colégio Paes de Carvalho. Em 1922, mudou-se para a Cidade do Rio de Janeiro a fim de cursar a Faculdade de Medicina, a qual abandonou no quinto ano para dedicar-se ao jornalismo. Iniciou sua carreira de jornalista trabalhando no Rio Jornal, Brasil Matutino e Jornal do Povo.

Em 1925, passou a trabalhar na redação de "*O Jornal*", onde cobria os acontecimentos da Câmara e Senado. Segundo Carlos Alberto Rocque, conhecido como o "*Repórter da História*", Barata possuía perspicácia e agudeza na sua interpretação dos fatos políticos. Neste jornal, tornou-se secretário e depois diretor.

---

[63] Barbosa Rodrigues: "*O Muyrakitã e os Ídolos Symbólicos*": Estudo da Origem Asiática da Civilização Amazônica, 1889.

A carreira jornalística de Frederico Barata está ligada à expansão dos Diários Associados, construído por Assis Chateaubriand a partir de 1921 com a aquisição de "*O Jornal*".

Em 1924, Barata participou da criação do jornal "*Diário da Noite*" e, em 1928, integrou a equipe fundadora da revista "*O Cruzeiro*", ambos empreendimentos dos "*Diários Associados*".

Como um dos diretores desta empresa, recebeu a incumbência de dinamizar vários jornais do país, como o "*Diário de Pernambuco*", em Recife, e "*O Estado de Minas*", em Belo Horizonte. É em uma destas missões que retorna a Belém, em 1947, para fundar e depois assumir a direção do jornal "*A Província do Pará*". A seguir, foi nomeado Superintendente dos Diários e Rádios Associados em toda a Amazônia. Além da "*Província*", criou as emissoras de rádio e "*TV Marajoara*".

Frederico Barata interessava-se por arte, ciência e literatura. Era um profundo conhecedor das artes plásticas, tanto que, em 1944, publicou o livro Elizeu Visconti e sua época. É dentro desse espectro cultural que surgiu seu interesse pela Arqueologia. No Rio de Janeiro, ainda em 1944, publicou "*Os Maravilhosos Cachimbos de Santarém*" em Estudos Brasileiros.

Em Belém, tornou-se membro do Instituto de Antropologia e Etnologia, que reunia intelectuais interessados em Antropologia, Folclore, Etnologia e Arqueologia e tinha como sede provisória o Museu Paraense Emílio Goeldi. Em 1949, conquistou o título de sócio efetivo deste Instituto com a publicação do artigo "*A língua dos Tapajó*" no jornal Província do Pará.

Mais tarde foi um dos Presidentes e "*seu maior impulsionador*". Era em suas viagens de navio de Belém a Manaus, para supervisionar um dos jornais integrantes dos Diários, que Barata passava pela Cidade de Santarém. Permanecia lá um ou dois dias, cavando os quintais das casas no Bairro de Aldeia, em busca de material arqueológico, ou comprava objetos já retirados pela população local. O material era trazido para Belém, onde ele o lavava e tentava fazer a reconstituição dos objetos fragmentados. Foi dessa maneira que Barata formou a coleção, a qual, em 1959, veio a vender ao CNPq que a depositou no Museu Goeldi para guarda e conservação.

A observação e a pesquisa intensiva deste material resultou nas seguintes publicações:

- A Arte Oleira dos Tapajó I: Considerações sobre a Cerâmica e dois tipos de Vasos Característicos, Revista do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará em 1950;
- A Arte Oleira dos Tapajó II: Os Cachimbos de Santarém, Revista do Museu Paulista em 1951;
- Arqueologia Brasileira e Cerâmica Santarena: um capítulo do livro "*As Artes Plásticas no Brasil*" de Rodrigo Mello de Andrade, publicado em 1952.
- Uma Análise Estilística da Cerâmica de Santarém: Revista Cultura em 1952;
- A Arte Oleira dos Tapajó III: Alguns Elementos novos para a Tipologia de Santarém, Revista do Instituto de Antropologia e Etnografia do Pará em 1953;
- O Muiraquitã e as Contas dos Tapajó: Revista do Museu Paulista em 1954.

Além da intensa produção escrita sobre o assunto, Frederico Barata divulgava seus conhecimentos através de aulas práticas na disciplina Etnologia do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará. O trabalho pioneiro desenvolvido por Barata, na década de 1950, a respeito da Cerâmica de Santarém, tem reconhecimento nacional e internacional e estabeleceu conceitos que ainda hoje são largamente usados por todos aqueles que desejam estudar o assunto.

Ele não foi um mero colecionador de objetos, mas a sua maneira e com os recursos de sua época, foi um pesquisador de visão científica apurada. Resumindo: é impossível falar da Cerâmica de Santarém sem citar Frederico Barata. Frederico Barata faleceu em 08.05.1962 no Rio de Janeiro.

Frederico Barata em uma de suas publicações, "*A Arte Oleira dos Tapajós: I*" faz a seguinte citação:

> A Cerâmica dos Tapajó era tão pouco conhecida, mesmo em tempos recentes, que até 1823 não se tinha a menor ideia da forma completa de qualquer dos seus vasos típicos. O Volume VI dos "*Anais do Museu Nacional [1895]*" quase todo dedicado à Cerâmica amazônica, é paupérrimo de informações sobre a de Santarém à qual fazem vagas referências apenas Hartt que a denomina "*Louça de Taperinha*" ou "*dos moradores do alto*", Ferreira Pena e Ladislau Neto, este último reproduzindo equivocadamente um fragmento santareno que descreve e classifica como de Marajó.
>
> A coleção Rhome, incorporada ao Museu Nacional, é fraquíssima e mal dá noção da monumental variedade de formas da louça dos Tapajó, pois não possui uma única peça inteira característica.

Foi em 1923 que Curt Nimuendaju, trabalhando para o Museu de Gottenborg, revelou ao mundo científico, coletando peças completas e grandes fragmentos, o ineditismo e a beleza dessa soberba arte primitiva. Helen Constance Palmatary, repetindo Linné, descreve a descoberta da Cerâmica de Santarém por Nimuendaju como meramente casual.

Segundo esses autores, em consequência da chuva, com forte poder erosivo, deixou a descoberto considerável porção de terrenos altos, pondo à mostra fragmentos estilizados e às vezes lindamente desenhados. Afortunadamente – acrescentam – estava em Santarém, no momento, Curt Nimuendaju e, graças aos seus esforços, muito desse material foi salvo.

Tal versão não é rigorosamente exata. Desmentiu-a em palestra comigo, em agosto de 1945, no Rio de Janeiro, o próprio Curt Nimuendaju. Tivera ele notícia, por um Padre alemão, seu amigo [do qual infelizmente não guardei o nome], de que em Santarém as crianças apareciam frequentemente brincando com pedaços de Cerâmica indígena, aos quais chamavam "*caretas*" e que encontravam na Cidade. Ficou interessado e, logo que lhe foi possível, dirigiu-se a Santarém, especialmente para estudar a Cerâmica que lhe fora descrita como originalíssima e diferente de todas as conhecidas. Verificou logo sua importância e iniciou pesquisas para as quais, entretanto, não encontrou o menor apoio.

Contou-me na mesma ocasião Curt Nimuendaju que, certo dia, tendo localizado na Aldeia um terreno cheio de fragmentos, começou uma escavação e achou indícios de boa Cerâmica. Na manhã imediata, voltando ao local para prosseguir no trabalho, encontrou lá um português, residente nas vizinhanças, que tudo inutilizara cavando ativamente.

> Irritado, perguntou-lhe por que estava fazendo aquilo e obteve esta resposta: – "*Estou procurando o tesouro; se o senhor pode achá-lo eu também posso!*"
>
> O buraco estava enorme e a Cerâmica perdida. Com esse exemplo, quis Nimuendaju demonstrar-me o quanto é difícil preservar as nossas riquezas arqueológicas, dada a incompreensão absoluta do homem do interior, que, ou tem medo dos objetos dos Índios e os destrói, ou por eles tem desprezo. (BARATA, 1950)

Em relação à falta de apoio ao trabalho de Nimuendaju apontado por Frederico Barata, podemos afirmar que o governo do Município destacou um funcionário para negociar com os proprietários dos terrenos a serem escavados.

Cerâmica de Santarém

A Arte da Cerâmica evoluiu, consideravelmente, quando deixou de se dedicar somente a objetos do cotidiano, e partiu para a manufatura de ídolos e adornos religiosos quando cada peça passou a ser tratada como uma obra de arte especial, dedicada aos antepassados ou aos guias espirituais. Os detalhes artísticos, em relevo, eram obtidos com a aplicação sobre a peça de uma fina camada de argila que era trabalhada e recortada delicadamente. A complexidade e a diversidade da Cerâmica de Santarém não têm precedentes e o significado de suas imagens e símbolos continua desafiando os pesquisadores.

A argila misturada ao cauxi e, eventualmente, a outros elementos antiplásticos, os grafismos pintados com pigmentos orgânicos e inorgânicos através de

variadas técnicas, como a incisão, a marcação com malha, a inserção de apliques, a pintura, embora poucas vezes empregada, utilizava uma técnica que incluía o uso da bicromia e da tricromia. As vasilhas apresentam contornos complexos associando harmoniosa e regularmente a representação de figuras humanas e de animais. Os objetos mais significativos, da grande variedade apresentada na Cerâmica de Santarém, são os vasos de cariátides, os vasos de gargalos, as estatuetas e os cachimbos.

Vaso de Cariátides

Hino para a Guerra e a Vitória
Salmo 144, v. 12
(Bíblia Sagrada)

Sejam nossos filhos como plantas,
Crescidos desde a adolescência;
Nossas filhas sejam colunas talhadas,
Estruturas de um palácio.

As Cariátides são colunas com o formato de mulheres que suportavam na cabeça a cobertura do templo de Erectéion ([64]). Os gregos as usaram em substituição às colunas convencionais na ânsia de dar uma maior harmonia à sua arquitetura.

Os vasos cariátides são semelhantes a uma espécie de taça que, por intermédio de três cariátides femininas, repousa em um suporte em forma de carretel [...].
(CORRÊA)

---

[64] Erecteion: templo grego consagrado a Atena, Poseidon e Erecteu, construído entre 421 a 406 a.C. e considerado o mais belo monumento em estilo jônico. No pórtico Sul, mais famoso, substituindo as colunas, estão as seis cariátides.

Os Vasos de Cariátides foram assim chamados por Frederico Barata, em função das três pequenas figuras humanas que sustentam uma vasilha sobre suas cabeças lembrando as cariátides gregas e conhecidos pela população local simplesmente como "*caretas*". Os vasos são compostos por três partes distintas superpostas, modeladas separadamente e posteriormente unidas.

Base

A inferior, que serve de base ou suporte, é, normalmente, representada em forma de carretel e decorada com desenhos geométricos.

Cariátides

Apoiadas nesta "*Base*" estão as três cariátides que servem de elemento intermediário e fazem a ligação entre o suporte e o recipiente superior. As cariátides sustentam o recipiente sobre suas cabeças e se apoiam sobre a base. As cabeças são, normalmente, do mesmo tamanho e os membros superiores, quando representados, sugerem movimento: cobrindo os olhos com ambas ou com apenas uma das mãos enquanto a outra descansa sobre o joelho; ou com as mãos sobre os joelhos.

Em algumas cariátides, os membros superiores não são representados e as pernas dobradas sugerem que as mesmas estão de cócoras. As cariátides são elementos fundamentais cuja ausência comprometeria a estrutura do vaso. Parece que os antigos artífices queriam nos mostrar, simbolicamente, que a figura humana era o elemento mais importante nesse objeto.

As três cariátides, no mesmo vaso, são, via de regra, semelhantes.

Denise Maria Cavalcante Gomes faz a seguinte descrição na página 172 de sua Obra "*Cerâmica Arqueológica da Amazônia*" editada pela EDUSP, em 2002:

> **Forma**: Vaso de cariátides
>
> **Número de Tombo**: 71/7.190
>
> **Técnica de Fabricação**: Acordelamento
>
> **Antiplástico**: Cauixi e caco moído
>
> **Altura**: 14,2 cm
>
> **Diâmetro**: 14,0 cm
>
> **Profundidade**: 6,0 cm
>
> **Descrição**: Forma do vaso e padrão de decoração na flange idem à peça 71/7.185. Duas das cariátides apresentam as mãos cobrindo a boca, enquanto a terceira tem as mãos apoiadas sobre os joelhos. O sexo feminino e o umbigo são indicados.
>
> **Decoração**: Incisões retilíneas e espiraladas na borda e na base. Nos apêndices zoomorfos, os olhos foram feitos por aplicação e incisão circular, bem como em duas cariátides. A terceira cariátide tem os olhos de formato oval aplicados, com incisão horizontal. (GOMES)

Como podemos observar pela descrição, nem todas as cariátides são idênticas contrariamente ao que afirma categoricamente a maioria dos pesquisadores.

Superior

A superior, que Barata designou como Bacia, é um recipiente semiesférico, bem maior que a base, com boca circular, borda e base arredondada, apresentando desenhos geométricos na parte externa, próximo à borda. No lado externo, existem figuras antropo-zoomorfas, geralmente, em número de quatro e, eventualmente, cinco. Estes elementos não têm função estrutural, mas simbólica. Estas formas zoomorfas podem ser de pássaros (urubus–reis) de bico curvo com as asas abertas ou fechadas e aparecem em todos os vasos. Frederico Barata chama a atenção para a presença, em alguns vasos, de quatro furos localizados logo abaixo das figuras antropozoomorfas e afirma que estes furos serviriam para colocar penas coloridas nos dias festivos.

A arqueóloga Denise Maria Cavalcante Gomes, na obra supra referenciada, analisa, na sua obra, a cronologia e o desenvolvimento cultural da região Tapajós-Trombetas e a diversidade e a complexidade cultural da região, propondo uma revisão em determinadas categorias classificatórias. Denise Gomes considera que os vasos de cariátides são caracterizados por quatro tipos distintos de elementos decorativos:

- faixas padronizadas distribuídas em torno da borda;

- apêndices modelados representando urubus-reis arranjados em intervalos regulares e voltados para o vaso;

- as cariátides;

- os padrões incisos na base.

Denise Gomes considera que a decoração em faixas em torno da borda:

> É composta principalmente de motivos bilaterais, mas existe também elementos assimétricos, combinando simetria bilateral e rotacional. Os urubus-reis modelados seguem este mesmo movimento translacional no qual as figuras se alteram entre vistas frontais e dorsais de um pássaro também de asas abertas.
>
> E ainda, as pequenas figuras humanas sustentando o recipiente estão arranjadas em um padrão radial. Finalmente, a aplicação do princípio de simetria bilateral é também evidente na organização dos motivos da faixa basal. (GOMES)

Denise Gomes reforça a observação feita por Frederico Barata (1950) sobre a transformação de algumas figuras modeladas que, quando vistas de perfil, representam um animal e, quando vistas de frente, têm a forma humana e defende que esse tipo de mutação lembra as experimentadas nos rituais xamânicos.

> Sob o efeito de drogas alucinógenas, os humanos mudam e se metamorfoseiam. Esta é uma visão de mundo onde a oposição cultura e natureza torna-se clara e onde, na verdade, a natureza cessa de existir como um reino externo. (GOMES).

Gomes defende também que vasos tão elaborados não seriam utilizados no dia-a-dia e sim na transmissão de tradições orais em cerimônias coletivas. O fato de a figura humana ser o ponto central nos vasos corrobora esta proposta, pois os ritos pressupõem a união de pessoas obedecendo a determinadas normas em benefício de um grupo.

Vaso de Gargalo

[...] os de gargalo lembram uma lâmpada votiva Oriental, com um gargalo emergindo ao centro de duas asas alongadas para os lados, com estilização de cabeças de pássaros ou jacarés. Ambos são sobrecarregados de relevos ou ornatos esculpidos, dando ao conjunto uma pompa "barroca" e uma riqueza que não se encontram em outras manifestações similares na Amazônia. (CORRÊA)

João Barbosa Rodrigues afirma que os vasos de gargalo eram usados em rituais fúnebres. Os Tapajó colocavam primeiramente os ossos dentro de um pequeno vaso que, por sua vez, era colocado dentro de outro maior e decorado:

> de linhas com formas mais ou menos geométricas, feitas com tinta vermelha, que julgo ser caragiru ([65]), com óleo de copaíba ou de castanha [...] eram enterrados umas junto às outras, com a boca para cima. Pelos fragmentos encontrados, as maiores poderão ter quando muito três palmos de diâmetro. (RODRIGUES, 1875)

Tipos

Frederico Barata classificou os vasos de gargalo em dois tipos:

1. <u>Vaso de gargalo</u> propriamente dito com forma de uma lâmpada votiva. Esta forma é sugerida pelas duas "*asas*" alongadas para o lado em forma de cabeça de jacaré ou de urubu-Rei.

[65] Caragiru ou Carajuru (Arrabidaea chica Verlot): árvore da família das bignoniáceas. Os Índios preparavam um corante vermelho usado para pintar a pele, os adornos, vestiários e utensílios. O corante produzido pela fermentação das folhas é insolúvel na água e solúvel em óleos.

2. Vaso de gargalo zoomorfo onde o corpo do vaso é representado por animais. (RODRIGUES, 1875)

Vera Lúcia Calandrini Guapindaia, no seu artigo "*Tapajó: Arqueologia e História*", por sua vez faz as seguintes considerações a respeito das partes componentes dos vasos de gargalo:

> Os vasos de gargalo são compostos por 4 partes: a primeira é um gargalo com flange; a segunda parte, logo abaixo da flange, é um pequeno bojo esférico, que pode possuir representações de rostos humanos, ou de elementos não reconhecíveis, de ofídios, de batráquios e de lacertílios. A terceira parte é o bojo, que pode ser formado por seis abóbadas ou possuir a forma esférica. Sua parte inferior tem o formato cônico e repousa sobre a base do objeto. Na superfície do bojo, existem figuras modeladas antropomorfas ou zoomorfas, que se apresentam aos pares e são posicionadas sempre em lados opostos. Em alguns vasos, as figuras modeladas assemelham-se a cabeças de répteis crocodilianos. Algumas estão com a mandíbula aberta e em outras fechada. Sobre as mandíbulas superiores, pode existir um animal quadrúpede e uma ave, ou somente uma ave, um quadrúpede ou ainda dois símios ou figuras antropozoomorfas. Em outros vasos, em vez das cabeças de crocodilianos, existem cabeças de aves semelhantes às encontradas nos "*vasos de cariátides*", só que em dimensões maiores. Nas outras abóbadas, existem batráquios fixados pelos pés e posicionados em sentido oposto. No espaço entre os crocodilianos e os batráquios, há a representação de ofídios. É possível ainda que no lugar das cabeças de crocodilos ou aves, existam figuras antropomorfas semelhantes às que compõem os elementos antropozoomorfos e, no lugar dos batráquios modelados, existem batráquios aplicados.

> A quarta parte do vaso é a base, que possui forma anelar. São decoradas com tratamento plástico, algumas vezes representando rostos, figuras zoomorfas ou elementos não reconhecíveis. (GUAPINDAIA)

O segundo tipo é o que Frederico Barata chamou de "*vasos de gargalos zoomorfos*" e podem ser divididos em três partes.

> Primeira: gargalo cilíndrico, com flange recortada com perfurações.
>
> Segunda: bojo, que pode possuir quatro abóbadas ou ter a forma oval. O bojo representa o corpo de um animal que possui a cabeça localizada em uma das abóbadas e a cauda na abóbada oposta.
>
> Terceira: base do objeto, que possui forma anelar. Nos "*vasos de gargalo*", há o predomínio, quase absoluto, de apêndices zoomorfos. Existem representações zoomorfas distribuídas por toda a superfície dos objetos, como batráquios, ofídios, lacertílios, símios e aves. Há inclusive, "*vasos de gargalo*" cujas formas representam animais [vasos de gargalo zoomorfos]. Em um número significativo de "*vasos de gargalo*", ocorrem representações de rostos humanos nos bojos esféricos [abaixo dos gargalos] e nas bases. (BARATA, 1980)

Nos "*vasos de gargalo*", a representação antropomorfa não aparece de maneira tão fundamental como ocorre nos vasos de cariátides, onde, conforme já mencionado, ela não é apenas um motivo, mas interfere na própria estrutura do objeto. Contudo, Denise Maria Cavalcante Gomes em sua análise, considera que, do ponto de vista formal, os elementos antropomorfos ocupam a parte central, ficando no

centro de uma cornucópia de animais tropicais ordenados em diferentes níveis. Sugere que esta profusão de imagens zoomorfas evocaria um tipo de mito de criação no qual os atores principais entrelaçam-se reforçando a ordem social e cosmológica durante cerimônias coletivas.

Estatuetas

Conceição Gentil Corrêa, em 1965, publicou um estudo sobre as estatuetas de Santarém no qual discorda da classificação de Helen Constance Palmatary, baseada em um confuso critério de análise estilística. Corrêa propôs outra classificação com o intuito de descrevê-las e sistematizá-las.

1. Critério de representação em: Antropomorfas, Zoomorfas e Inclassificadas. Inclassificadas: raras ocorrências de estatuetas com representações antropozoomorfas ou fito-zoomorfas.

2. As estatuetas antropomorfas foram subdivididas quanto à forma da base e postura.

3. As estatuetas antropomorfas podiam ter a base semilunar, unípede, circular ou em pedestal.

4. As estatuetas antropomorfas se apresentavam com a postura ereta, acocorada ou sentada. (CORRÊA)

As estatuetas antropomorfas de Santarém, encontradas nos bolsões e áreas de terra preta às margens do Tapajós, se caracterizam pela diversidade de formas e pelo realismo na reprodução da postura e gestos. Todas as estatuetas foram moldadas a mão, algumas maciças e outras com o corpo ou a cabeça ocos.

Embora a maioria não apresente vestígios de pintura, em algumas peças a pintura usada foi branca, vermelha, vermelha sobre branca e vermelha e preta sobre branca.

> A distribuição das cores é a seguinte: a branca cobre toda a estatueta; a vermelha está sobre a branca e concentra-se no adorno da cabeça, nas orelhas, nos dedos das mãos e pés e nos adornos dos braços e pernas; e a preta apresenta-se em forma de faixas retilíneas de 0,25 cm de largura e concentra-se em torno dos olhos, faces, braços e antebraços. Não observamos escorrimento das tintas e verificamos que elas não saem em contado com a água. (GUAPINDAIA)

A pesquisadora Vera Lúcia Calandrini Guapindaia faz a seguinte análise das estatuetas pertencentes ao acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi:

> Na cabeça, os traços identificatórios estão bem definidos, possuindo a representação de olhos, nariz, boca, orelhas e em algumas, cabelos. Observamos três maneiras de representar os olhos: com incisões, com ponteado e em forma de grão.
>
> As bocas das figuras são feitas com incisões. As sobrancelhas, quando existem, são executadas através de roletes aplicados. Os narizes geralmente têm a forma triangular, são feitos em relevo e alguns possuem os orifícios nasais. As orelhas estão presentes, são feitas em relevo e mostram o uso de adorno auricular e a deformação do lóbulo. A representação dos cabelos é feita sempre por incisões e estes não ultrapassam a altura da nuca. A única exceção é a uma peça, cujo cabelo está representado em forma de trança e termina na altura das nádegas.

> Em algumas estatuetas existe a representação de adornos semelhantes a cocares de forma circular ou semicircular. No tronco, a maioria traz representações dos seios, do umbigo e do sexo. Os membros superiores estão sempre representados e a posição das mãos varia, ora estão apoiados nos quadris ou nas coxas, ora sobre os seios, o ventre ou o sexo ou ainda no queixo.
>
> Os membros inferiores são geralmente estilizados, dando a impressão que as figuras estão sentadas sobre as pernas. Porém, em alguns exemplares, as pernas estão bem definidas, tendo uma representação naturalista, apresentando-se eretas ou flexionadas. Durante a análise das estatuetas, verificamos que houve maior preocupação com a representação da cabeça do que com o corpo.
>
> Existe uma maior elaboração na cabeça do que com o corpo, com exceção de cinco peças do museu. Das 29 estatuetas que não têm as cabeças fragmentadas, 13 têm a cabeça maior que o corpo, 8 têm a cabeça do mesmo tamanho do corpo 8 têm a cabeça menor que o corpo. (GUAPINDAIA)

Cachimbos

Os cachimbos apresentam diferenças fundamentais em relação à Cerâmica Santarém no que se refere à forma, à confecção e aos motivos ornamentais. O aspecto mais curioso é que se trata de cachimbos angulares.

Não há registros etnográficos, até o ano de 1700, sobre o uso do tabaco pelos habitantes da Bacia do Rio Amazonas, além disso, os cachimbos dos Índios da América do Sul são, na sua maioria, de forma tubular.

Estes cachimbos angulares foram, sem dúvida, introduzidos pelos europeus. Frederico Barata argumenta que alguns desses cachimbos foram modelados pelos próprios jesuítas, ou Índios sob sua orientação. Barata afirmou que "*o barro empregado é muitas vezes o mesmo dos vasos típicos*".

Contrariando esta afirmativa, a análise da Cerâmica de Santarém mostra que o antiplástico utilizado era, predominantemente, o cauixi e o caco moído, ao passo que nos cachimbos, grande parte não possuía nenhum aditivo ou, quando havia, era o caripé. A técnica utilizada na sua confecção corrobora que a manufatura dos cachimbos é bem mais recente. Eles eram manufaturados em duas partes iguais para depois serem unidas. Como curiosidade, quase metade dos cachimbos tubulares, do acervo do Museu Paraense Emilio Goeldi, têm o formato do órgão sexual masculino. Os demais são antropomorfos ou zoomorfos.

Pesquisa em curso

> O trabalho mais recente proposto para a área foi o de Roosevelt [1987]. Ela começou discordando das teorias explicativas propostas para o desenvolvimento cultural das terras baixas, que classificam a Amazônia como um ambiente de floresta tropical chuvoso, pobre em recursos, uniforme sazonalmente, úmido e de solo extremamente lixiviado, portanto não propício para o estabelecimento de sociedades mais complexas. A descoberta de sociedades populosas e complexas, nestas terras baixas, como é o caso de Santarém e Marajó, foi atribuída a invasão e difusão de povos vindos dos Andes, local considerado como o "*centro de inovação da América*".

Segundo a autora, o problema com esta explicação do desenvolvimento cultural nas terras baixas foi a caracterização imprecisa do meio-ambiente, que considerou a Amazônia como uma floresta tropical chuvosa. Porém, a Amazônia não é uniforme e possui em seu interior áreas com clima sazonal de savana, como é o caso de Marajó e Santarém. Ela ressaltou que este também é o clima de algumas das mais antigas e avançadas culturas nas terras baixas americanas, como os Maias e os povos da região do Circumcaribe.

Roosevelt descreveu a região de Santarém como situada na Boca do Rio Tapajós em ambiente de savana e possuindo solo de terra firme junto à várzea. Considerou-a diferente das outras várzeas do Amazonas, porque conserva antigas superfícies de terra que datam do Pleistoceno e até mais antigas.

Para começar sua pesquisa na área, Roosevelt estabeleceu uma sequência hipotética, baseada na análise tipológica das coleções e comparações com sequências, também hipotéticas de outras regiões. Embora faça a descrição, a autora não apresenta as características e tipos cerâmicos considerados para sua elaboração. Roosevelt tentou:

> usar esta sequência para seriar os componentes das coleções dos levantamentos de superfície de Nimuendaju e Bezerra de Menezes para construir estágios sequenciais de assentamentos na região, porém estas coleções são principalmente de Cerâmica simples impossíveis de seriar sem dados estratigráficos da escavação.

A sequência hipotética constitui-se das seguintes fases:

– Santarém, Igarapé-Açu, Aldeia, Lago Grande, Taperinha, Ayaya e Rhome.

Roosevelt identificou a fase Santarém com a chefia ou cacicado dos Tapajó datando do primeiro milênio A.C.. Seus numerosos sítios de terra preta, localizados nas terras firmes, indicam uma enorme população multiétnica. A Cerâmica tem como aditivo cauixi e possui uma decoração extremamente trabalhada com aplique, incisão e pintura, sendo filiada ao horizonte-estilo Inciso Ponteado.

Suas formas mais comuns são as garrafas, tigelas, pratos e efígies. Além dessas, inclui cachimbos, apitos e alguns pequenos vasilhames perfurados, possivelmente para tomar drogas.

A fase Igarapé-Açu é datada relativamente em torno de A.D. 500-1000, filiada às tradições Borda Incisa e Policroma e possui, como aditivo da Cerâmica, o cauxi. Segundo Roosevelt, da Cerâmica conhecem-se apenas amostras de superfície, cujos motivos característicos são os grandes entalhes nas paredes dos vasilhames e nas bordas flangeadas e entalhadas.

Roosevelt relacionou a fase Aldeia, localizada em Santarém, com os horizontes estilo Saladoíde-Barrancoíde do Orenoco e considerou-a mais antiga que a anterior. Segundo sua descrição, a Cerâmica possui uma pasta avermelhada, com tempero de cauixi ou caripé, pintura vermelha e branca, asas zoomorfas e entalhe curvilíneo. Sua datação é estimada em cerca de 2100 A.C. a A.D. 500 no Orenoco.

A fase Lago Grande que aparece no local de mesma denominação e em Santarém, é ainda mais antiga. É caracterizada por uma Cerâmica de paredes espes-

sas, temperada com cascalho e cauixi. As formas dos vasilhames são hemisféricas de cor vermelho-amarronzado, com decoração simples, incisa e ponteada.

A Cerâmica da fase Taperinha é proveniente de um sambaqui na região de mesmo nome, localizado aproximadamente a 40 km de Santarém. Roosevelt, baseada na hipótese de Hartt, supôs que o sambaqui possa representar um período de transição entre as ocupações pré-cerâmicas e as primeiras ocupações cerâmicas. Os vasilhames são hemisféricos e não decorados, tendo a pasta temperada com cascalho e conchas.

Ainda neste sambaqui, definiu a fase hipotética pré-Cerâmica Ayaya, com base no material lítico toscamente lascado, como pontas, raspadores, quebra-coquinhos e batedores.

E além desta fase pré-cerâmica, sugeriu a possibilidade de uma mais antiga no mesmo local, chamada Rhome. O material característico desta seriam grandes pontas finamente entalhadas, com base côncava ou pedúnculo, filiadas morfologicamente ao Proto-arcaico.

Roosevelt afirmou que se sua reconstituição hipotética do sambaqui de Taperinha estiver correta, as três últimas fases descritas seriam os primeiros componentes conhecidos das primeiras ocupações cerâmicas e do pré-cerâmico registrados nas várzeas do Amazonas. Com o objetivo de testar sua sequência hipotética criada, a autora planejou escavações em Santarém, Taperinha e Lago Grande.

O projeto iniciou-se em 1987, realizando corte-testes em Taperinha e Aldeia. As escavações em Taperinha revelaram um:

> sambaqui bastante extenso apresentando 6,5m de profundidade e diversos hectares de terra. Os líticos lascados do sítio compõem-se de toscos artefatos de sílex local laminados por percussão, incluindo ainda lascas utilizadas, raspadores, gumes, cinzéis, machados, pedras de quebrar nozes, moedores, alisadores e utensílios de ossos e chifres.

A Cerâmica encontrada em Taperinha possui como aditivo areia. [...]

Baseada em datações radiocarbônicas de carvão, conchas e carbono proveniente da Cerâmica, a idade deste sambaqui foi estabelecida entre 5.000 e 4.000 A. C.. Roosevelt afirma que, embora a Cerâmica de Taperinha seja semelhante a algumas outras cerâmicas antigas, é no mínimo 1.000 anos mais antiga de que a do Norte da América do Sul e 3.000 anos mais antiga que a Cerâmica dos Andes e Mesoamérica. Isso prova portanto, que a Cerâmica de Taperinha não pode ser derivada delas, porém é possível que as outras sejam derivadas da Cerâmica amazônica ou que tenham origens independentes. As escavações em Santarém não produziram material possível de ser datado. Porém com base nos estilos horizontes cerâmicos da Amazônia, Roosevelt estabeleceu que:

> em algum momento após cerca de 3.000 anos A.C., surgiu ao longo das várzeas dos Rios, em diversas partes da Grande Amazônia, um modo de vida que parece ter sido bastante similar àquele dos atuais Índios amazônicos.

Isto é, eram:

> culturas de Aldeias de agricultores sedentários, embora estas culturas aparentem ter sido totalmente agrícolas na Amazônia. Elas parecem representar o estabelecimento generalizado nas terras baixas de horticultores de raízes.

Sua subsistência, além do cultivo de raízes, incluía a caça e a pesca. Embora os sítios da região Santarém e Lago Grande ainda não tenham produzido datações [o primeiro provavelmente por falta de material adequado, uma vez que o sítio fica no centro da Cidade de Santarém, e o segundo porque ainda não foi escavado], a análise do material cerâmico com base nos estilos horizontes confirma a sequência hipotética da autora.

Ao contrário dos outros, Taperinha produziu datações inquestionáveis, provando assim sua antiguidade como a estabelecida na sequência hipotética.

Os resultados do projeto desenvolvido por Roosevelt vêm fornecendo importantes contribuições para arqueologia amazônica, pois derrubou a suposição que o solo amazônico não suportaria ser habitado por longos anos, estabelece o surgimento da Cerâmica como mais antiga na Amazônia do que em outras regiões do Norte da América do Sul e muda as teorias sobre a ocupação Pré-histórica da América. (GUAPINDAIA)

Fases

Santarém

Temperada com "*cauixi*", é ricamente elaborada e suas formas mais comuns são as garrafas, tigelas, pratos, efígies, cachimbos, apitos e pequenos vasilhames perfurados.

Igarapé-Açu (A.D. 500-1000)

Temperada com "*cauixi*", seus motivos característicos são os grandes entalhes nas paredes dos vasilhames e nas bordas flangeadas e entalhadas.

Aldeia (2100 A.C.)

Temperada com "*cauixi*" ou "*cariapé*", localizada em Santarém e considerada a mais antiga que a anterior. A Cerâmica possui pintura vermelha e branca, asas zoomorfas e entalhe curvilíneo.

Lago Grande

Temperada com "*cascalho*" e "*cauixi*". Oriunda do Lago Grande e de Santarém, é ainda mais antiga. Possui paredes espessas, os vasilhames são hemisféricos de cor vermelho-amarronzado com decoração simples, incisa e ponteada.

Taperinha (A.C. 5000-4000)

Temperada com "*cascalho*" e "*conchas*". Proveniente de um sambaqui na região de Taperinha, a uns 40 km de Santarém. Vasilhames hemisféricos e sem decoração, embora semelhante a algumas outras cerâmicas é, no mínimo, mil anos mais antiga do que a do Norte da América do Sul e 3.000 anos mais velha que a Cerâmica dos Andes e Mesoamérica.

Ayaya

No mesmo sambaqui de Taperinha, definiu esta fase com base no material lítico toscamente lascado, como pontas, raspadores, quebra-coquinhos e batedores.

Rhome

O material característico desta seriam grandes pontas finamente entalhadas, com base côncava ou pedúnculo filiadas morfologicamente ao Protoarcaico.

Imagem 31 – Vaso de Cariátides (Frederico Barata)

Imagem 32 – Vaso de Cariátides (Frederico Barata)

Imagem 33 – Vaso de Gargalo (Frederico Barata)

Imagem 34 – Vaso de Gargalo (Frederico Barata)

Imagem 35 – Cachimbos (Wagner Souza e Silva)

Imagem 36 – Cachimbo (Janduari Simões)

Imagem 37 – Vaso Bacia (Frederico Barata)

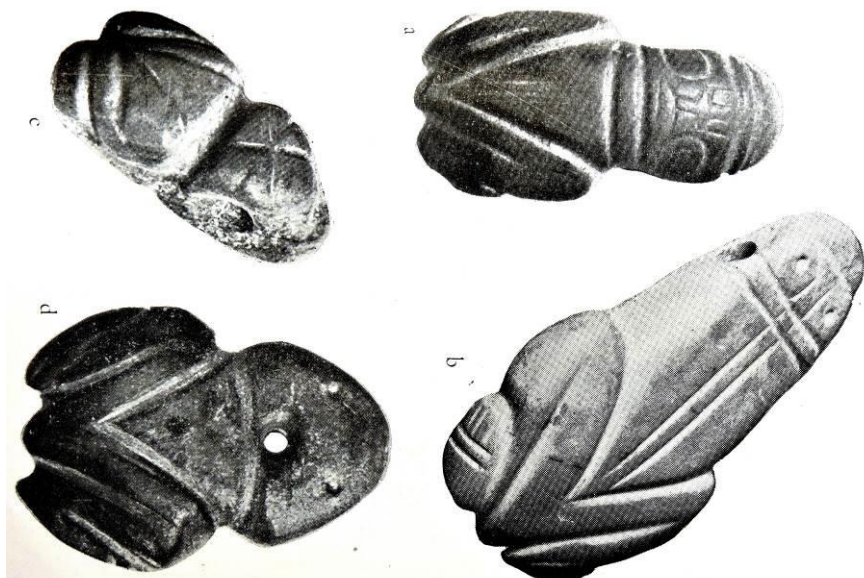



Imagem 38 – Muiraquitãs (Frederico Barata)

O Muiraquitã e as Contas dos Tapajó

Muiraquitã I

(Roseane Suely Pinto Marques Ferreira)

[...] Contam que ao contato do vento e luz secavam
E em imagem o barro se tornava
Enfiados em cabelos elas os entregavam

Para os Índios prêmio e proteção significava. [...]

Reproduzimos, na sua quase totalidade, a obra de Frederico Barata denominada: "*O Muiraquitã e as Contas dos Tapajó*" editada em uma Separata da Revista do Museu Paulista, Nova Série – Volume VIII, em 1954.

Deixamos de lado as considerações concernentes à análise linguística do termo para nos determos na parte essencial que nos interessa e que pode lançar algumas luzes sobre a origem das belas pedras verdes, de sua manufatura e de sua finalidade.

> Aparentemente não demos ainda, até o presente momento, nenhum passo apreciável para a solução do problema dos Muiraquitãs. Em muitos aspectos, hoje como ontem e provavelmente por largo tempo, o seu estudo se fará num terreno de controvérsias. Há sempre uma certa dificuldade em romper-se com o passado e modificar o que aparentemente já está estabelecido, através de novos métodos de observação.
>
> Algumas conjecturas e hipóteses formuladas pelos precursores, apesar da escassez dos elementos em que se louvavam, impregnam-se de uma força dogmática cuja influência de certo modo se exerce e sempre se constata sobre quantos posteriormente têm voltado ao assunto.

Julgamos, todavia, que já é possível precisar alguns pontos importantes e estabelecer deduções que, embora parciais, sejam válidas, baseando-nos no material bem maior acumulado e na soma de conhecimentos mais seguros que nos proporcionam os estudos especializados neste últimos anos desenvolvidos.

Todas as explicações que têm sido tentadas para o fenômeno baseiam-se quase exclusivamente na interpretação dos textos nem sempre claros dos cronistas, feita em geral de ideias pré-concebidas, e na apreciação, dentro do mesmo critério, de um diminuto material conhecido e sempre repetido, em sua mor parte pertencente a coleções museológicas demasiado exíguas.

Agora, todavia, quando já possuímos não só uma quantidade apreciável de Muiraquitãs como, ainda, dados muito mais amplos sobre as zonas de cultura em que são comumente achados, é claro que não devemos ficar adstritos a uma apresentação do problema sob ângulos idênticos aos que o orientaram precedentemente.

De Barbosa Rodrigues até aqui estendeu-se em muito o campo de pesquisas não só arqueológicas como etnográficas na Amazônia, fornecendo-nos elementos capazes de sugerir caminhos outros, mais consentâneos com os fatos e menos arbitrários ou fantasiosos.

Torna-se indispensável, assim, uma revisão meticulosa da matéria, a começar pelas interpretações dadas aos textos dos cronistas e missionários das conquistas. Estes, bem como tudo o que foi ponderado por viajantes, exploradores e cientistas, se examinado à luz das novas contribuições, estamos certos que podem propiciar

melhores rumos, aproveitando-se diferentemente e ao máximo as observações úteis e documentárias que necessariamente se contêm uns relatos do tempo em que vicejavam as civilizações indígenas portadoras do Muiraquitã ou em que se conservava menos deformada a tradição oral. [...]

Após este histórico, pode-se reconstituir fielmente como se formou e surgiu a palavra Muiraquitã ou Muyrakitã e como lhe foi atribuído o significado de "*nó de pau*". Barbosa Rodrigues, tendo achado em Montoya e "*muraquêitá*" em Spix e Martius, começou em 1875 a divulgar a interpretação Muyrakitã, lançando-a aos quatro ventos em sucessivas publicações. (BARATA, 1954)

> Dentre eles "*O Muyrakitã e os Ídolos Simbólicos: Estudo da Origem Asiática da Civilização do Amazonas nos Tempos Pré-Históricos*", publicado originalmente em 1888, este livro, em 1899, teve uma segunda edição ampliada. O Muiraquitã seria, segundo ele, o nome tupi para os amuletos em forma de rã. Neste estudo, Barbosa Rodrigues insistiu na ausência de fontes de jadeíta ([66]) na América como prova da imigração asiática na Amazônia. (MENEZES FERREIRA)

BARATA: Era amigo pessoal de Batista Caetano e com este colaborou em "*Ensaios de Ciência*", além de submeter-lhe de vez em quando suas dúvidas sobre linguística. Assim, em 1879, ao publicar a tradução do "*Vocabulário Guarani*", Batista Caetano reproduziu

---

[66] Jade: é o nome que designa duas gemas diferentes, a jadeíta e a nefrita. Jade (do francês "*jade*"; em espanhol "*piedra de la ijada*", "*pedra do flanco*") é uma pedra ornamental dura e compacta, cuja cor varia de esbranquiçada a verde-escura. A jadeíta, mais rara e mais valiosa, é encontrada, principalmente, em Mianmar, China, Tibete, Japão, Guatemala e EUA. A nefrita, mais comum porém mais resistente, é encontrada, principalmente, na Rússia, China, Canadá, Nova Zelândia, Zimbábue e EUA. No Brasil, é encontrada em Roraima e na Bahia.

“*ibiraquitã*” mas não se limitou a indicar a acepção única que Montoya lhe dera: “*nó de pau*”. Acrescentou por sua conta “*os nós da madeira e das árvores*”, bem como “*nome de enfeite*”, o que mostra que também ele, sob influência de Barbosa Rodrigues, aceitara um sentido novo com o qual Montoya jamais sonhara. E é assim, com a autorida-de de Batista Caetano, que se consagraram indevi-damente “*Muyraquitã*” e “*Ibiraquytã*” como uma coisa só, significando “*nó de pau*”, quando na verdade Montoya traduziu corretamente apenas a última palavra e, ao tempo em que a registrou, na metade do século XVII, nem uma referência fora feita ainda aos enfeites, amuletos ou pedras-verdes da Amazônia, totalmente desconhecidos.

A análise crítica deixa evidente, portanto, que Muiraquitã, com significação de “*nó de pau*”, é uma interpretação moderna e completamente arbitrária. E impõe, outrossim, a observação de que Muiraquitã [com qualquer das grafias aproximadas que lhe deram], corresponde a uma época em que já se difundira na Amazônia a língua-geral e isso deve indicar que a denominação do objeto não emana dos seus fabricantes antigos, que não podiam ser Tupi, mas Índios que possivelmente eram apenas portadores de uma tradição.

Todas as crônicas desse período com referências ao Muiraquitã dão aos Tapajó como seus possuidores. Foi entre eles, quando além da própria já falavam também a língua-geral, que Heriarte, José de Moraes e Frei João de São José viram as pedras verdes e bem ou mal ouviram a denominação que lhes davam em Tupi.

Pesquisas recentes mostram, todavia, que os Tapajó não mais utilizavam a nefrite ou jadeíte em seus trabalhos líticos. Nem um só desse material foi

encontrado em Santarém e adjacências em condições de comprovar uma proveniência local de fabricação, como acontece com as contas de outras pedras, vulgarmente conhecidas também como Muiraquitãs, que ali aparecem em quantidade e às vezes inacabadas, em diferentes estágios da confecção.

O que os cronistas assinalaram entre os Tapajó ou na área de sua influência pode ter sido unicamente uma tradição, não sabemos até que ponto modificada no seu conceito original, do uso de um objeto possivelmente de importação e que nada prova pertencesse à manufatura tapajônica da fase que produziram a bela Cerâmica dos vasos de gargalo e de cariátides.

A ilação que tiramos, pois, de um exame minucioso dos documentos históricos e pesando convenientemente os dados conhecidos, é a de que Muiraquitã é nome Tupi dado ao objeto em época posterior à conquista da Amazônia e, portanto, sem a menor correspondência com a antiga e legítima conceituação indígena, que talvez nunca nos seja possível conhecer.

Verificamos, também, que essa designação, hoje consagrada, foi a princípio empregada somente para o artefato de pedra verde ou nefrite e unicamente a partir do século XIX se generaliza e abrange os enfeites de colar feitos de minérios diferentes e até de outros materiais, como constataram Spix e Martius em 1820, anotando "*muraqueitã*" para adornos de concha e de osso que usavam pendurados ao pescoço.

> Observa La Condamine que obtêm-se aqui com maior facilidade as pedras verdes, chamadas do Amazonas ou "*pierres divines*" [pedras divinas]. (BARATA, 1954)

Polêmica Origem dos Muiraquitã: em 1875, o diretor do Museu de Friburg, Henrique Fischer, publicou o livro "*Nephrit und Jadeíte*", despertando o interesse internacional sobre o tema.

A teoria da migração Oriental passou a ser contestada a partir de 1883. A. B. Meyer, diretor do Museu Antropológico e Etnológico de

Dresden, no seu livro "*Die Nephritfrage kein ethnologisches Problem*", afirmou que teriam existido jazidas de nefrita nas Américas. Meyer, em 1883, publicou diversos artigos apoiando a mesma tese.

Ladislau Neto em seu extenso artigo "*Investigações sobre a Archeologia Brazileira [1885]*", apontava o vale do Amazonas como fonte das jadeitas. Em 1888, Rudolf Virchow, no VIII Congresso dos Americanistas, sediado em Berlim, proferiu uma palestra intitulada "*Sur la Provenance de la Néphrite et de la Jadeíte*", apresentando exames microscópicos de machados americanos, comprovando a possibilidade da existência de diversos núcleos de fabricação destes objetos na América.

O brasileiro Ladislau Neto ratificou a tese de Virchow, na mesma oportunidade, apresentando a tese "*Sur la néphrite et la jadeíte*". No início do século XX, foram encontrados machados, polidores e blocos de nefrite em estado bruto na cidade de Amargosa, Bahia, sugerindo que os indígenas haviam aí fabricado objetos deste material.

Continuando com Frederico Barata:

Mais ainda, torna-se bem evidente que o apreço pelos "*Muiraquitãs*" entre os Índios já em contato com a nossa civilização e falando a língua-geral, com os quais se defrontaram os missionários a partir do século XVII, decorria principalmente da procura intensa que os brancos faziam dos objetos, tratando de obtê-lo por todos os modos e criando para ele entre as tribos, com esse procedimento, um valor especial como instrumento de trocas, ou seja, um valor monetário.

É o mesmo fenômeno que se passa com as bordunas e flechas dos Mundurucu, com os colares e capacetes de plumária dos Urubu e, até certo ponto, com as bonecas de barro e as banquetas de madeira dos Karajá, valorizados entre esses Índios não como decorrência da sua própria cultura, mas em consequência do afã com que os disputam os amadores e colecionadores, provocando um interesse enorme para os que possuam ou produzam a fim de explorar a nossa predileção com vantajosas vendas e permutas.

É uma dedução, de resto, que fatos hodiernos ainda reforçam e confirmam. Em 1947, por exemplo, quando iniciei pesquisas em Santarém-Aldeia, as "*contas*" dos Tapajó não tinham valor algum e ninguém se apercebia da sua existência. A minha intensiva procura e o interesse que por elas demonstrei acabou, entretanto, por modificar completamente tal situação. Hoje não só há numerosas pessoas na Cidade que possuem uma ou mais "*contas*", chamadas por todos de Muiraquitãs, como passaram a ter um valor monetário por vezes exagerado. Isso faz com que os caboclos e moradores locais se entreguem também a pesquisas, procurando a todo custo obtê-las, não porque eles

representem alguma coisa importante para si próprios ou para as suas crenças, mas pelo que podem proporcionar em dinheiro que, a final, é o nosso instrumento atual de permuta. Barbosa Rodrigues ouviu em Santarém, de uma velha Tapajó que chama "*última relíquia dessa velha tribo*" e a quem atribuía uma idade de 120 anos, a declaração de que, quando ela era menina:

> iam os Tapuyus [Tapajó] anualmente ao Rio Yamundá levar produtos que trocavam por esses enfeites, que usavam, com religiosa superstição.

A velha, segundo ainda Barbosa Rodrigues, conservava um no pescoço. É essa uma informação que, embora não devidamente controlada, torna-se aceitável por estar de acordo com muitas que possuímos sobre o comércio dos Tapajó com as províncias vizinhas. E reforça também a hipótese de que os Tapajó efetivamente não fabricavam senão contas de colar, que longe estavam de ser Muiraquitãs típicos embora às vezes tivessem formas idênticas. Nenhum dos cronistas fala na fabricação de Muiraquitãs pelos Tapajó. Viram-nos entre eles e registram tão somente o apreço que lhes dedicavam. Já em 1762 e 1763, Frei João de São José de Queiroz chega mesmo a dizer-nos que os Tapajó tinham perdido contato com as fontes de pedra-verde [que denomina "*barreiras verdes*"], pois:

> fora ignorado ou perdido de todo o lugar d'este barro, que d'água dizem endurecer como coral, mas sem isto acontecer ao primeiro ar, como vulgarmente se cuida.

Se eram tão abundantes, como hoje sabemos, as "*contas*" dos Tapajó, como explicar que ninguém a elas se referisse? Provavelmente porque, sendo tão vulgares e por todos usadas em colares, não se destacavam nem chamavam a atenção como os

Muiraquitãs de jadeíte pela estima que a estes dedicavam ou pelo uso "*sui generes*". A lenda somente a estes envolve por haver em torno deles um mistério, caracterizando-os como coisa excepcional. Não haveria lendas a respeito se sua fabricação houvesse sido constatada ao tempo da conquista, pois quem as provocava e difundia era a ignorância de como eram feitas e de onde provinham, por parte dos viajantes e missionários. Nunca houve lendas, nem foram necessárias explicações fantasiosas, por exemplo, para a Cerâmica vistosa e original dos Tapajó.

Os cronistas antigos do Sul assinalaram pedras-verdes e outras, duras também, transformadas em ornatos trabalhados para os lábios ou "*Tembetás*". Não se espantaram com isso, entretanto, nem tiveram de imaginar, para justificar tais artefatos, que fossem feitos de um barro verde e mole que adquirisse consistência ao contato com o ar ou que mulheres amazonas os fossem buscar ao fundo de um lago misterioso para ofertá-los aos amantes ocasionais. Aceitaram-nos como confeccionados pelos indígenas e isso nos contam simplesmente porque eram ainda fabricados ao tempo em que os visitaram. Enquanto o Padre José de Moraes limita-se a dizer, ao tratar do Jamundá:

> o certo é que há estas pedras entre os Índios, e eu tive uma grande, e ainda se não sabe o lugar onde se acham, e donde se tiram.

Gabriel Soares de Souza (DE SOUZA) conta-nos da Bahia, com segurança:

> no mesmo sertão há muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas muito rijas, de que o gentio também faz pedras para trazer nos beiços roliças e compridas, as quais lavram como as de cima, com o que ficam muito lustrosas. (BARATA, 1954)

CAPÍTULO CLXXXIV

> [...] São os Tapuias contrários de todas as outras nações do gentio, por terem guerra com eles ao tempo que viviam junto do Mar, donde por força de armas foram lançados: os quais são homens de grandes forças, andam nus como o mais gentio, e não consentem em si mais cabelos que os da cabeça, e trazem os beiços furados e pedras neles, como os Tupinambás. Estes Tapuias são conquistados, pela banda do Rio de Seregipe, dos Tupinambás que vivem por aquelas partes; e por outra parte os vem saltear os Tupinaês, que vivem da banda do poente: e vigiam-se ordinariamente de uns e dos outros; e está povoado d'este gentio por esta banda cinquenta ou sessenta léguas de terra; entre os quais há umas Serras, onde há muito salitre e pedras verdes, de que eles fazem as que trazem metidas nos beiços por bizarria. (DE SOUZA)

BARATA: Tudo leva a crer, assim, não ter nenhum cabimento a amplitude com que se emprega o termo Muiraquitã para designar todos os artefatos líticos com furo de suspensão e não apenas alguns dentre eles, cuja origem e significação infelizmente se confunde no desconhecimento completo em que permanecemos da Amazônia pré-cabraliana, de suas tribos extintas e de suas culturas desaparecidas ou modificadas. É verdade que já se consagrou, por muito repetida, a ideia de que não são os objetos de nefrite ou jadeíte Muiraquitãs.

Afirmaram-no, entre outros, Nordenskiöld e Barbosa Rodrigues, salientando ambos a enorme variedade de minerais utilizados para a sua confecção. Isso estabelece a premissa de que eram uma e a mesma coisa as "*contas*" dos Tapajó e as peças de jadeíte provenientes quase todas de zonas acima de Santarém, ou seja, mais ao Norte.

Um exame tipológico apurado se opõe à afirmativa e mostra diferenças técnicas cuja importância não pode ser negligenciada. Entre estas, devemos considerar, sobretudo, a das perfurações feitas para dar passagem aos cordéis de suspensão. As formas batraquianas de jadeíte têm invariavelmente um sistema especial de furos duplos laterais, invisíveis pela frente. Esses furos nunca se encontram nas "*contas*" dos Tapajó, ainda quando representativas do mesmo animal, e nem mesmo nas demais formas de jadeíte. Nestas, como nas "*contas*" dos Tapajó, a perfuração é uma só, contínua, atravessando a peça de lado a lado, ou frontal, varando-a da face ao verso.

Em apenas 6 anos conseguimos reunir cerca de 170 dessas "*contas*" da área de Santarém, muitas das quais aqui reproduzimos. Nenhuma é de jadeíte e, embora algumas sejam batraquiformes, nelas jamais foi utilizada a técnica de duplos furos laterais. Parece-nos seguro concluir que o processo de perfuração das rãs ou sapos de jadeíte indica destinar-se a peça a um uso isolado, enquanto o das "*contas*" dos Tapajó objetivava, indubitavelmente, a formação de colares. Por outras palavras, o sapo de jadeíte tinha uma função própria e ele sozinho a preenchia, sendo, por isso, de proporções geralmente mais avantajadas. As rãs tapajônicas, em geral pequeninas e de minerais diversos, usavam-se juntamente com outras "*contas*" em colares ou adornos compostos, nos quais sua importância se apoucava para avultar o conjunto.

É o mesmo, aliás, que devia acontecer com os demais objetos de jadeíte, cilíndricos, laminares, bastonados, etc., que são igualmente conhecidos como Muiraquitãs, mas que têm furos para cordéis de suspensão idênticos aos das "*contas*" dos Tapajó e, portanto, se destinavam também ao uso em colares.

Pode-se supor, pois, que mesmo as pedras-verdes não eram todas Muiraquitãs e sim unicamente as batraquiformes [mesmo não de jadeíte] quando caracterizadas pelos duplos furos laterais e comunicantes, invisíveis pela frente, que as destinavam a um uso isolado e com uma importância superior e excepcional que só por esse fato se patenteia.

Esta maneira de encarar o assunto é autorizada ainda pelo fato, de em certas zonas amazônicas, nas quais se faziam enterramentos secundários, terem aparecido dentro de uma urna funerária, enterrados com o morto, numerosos desses Muiraquitãs não batraquiformes, o que demonstra de maneira iniludível que serviram como peças de colar. Eurico Fernandes, numa urna desenterrada no Cassiporé, encontrou nada menos de 7, todos de jadeíte, de mistura com miçangas e contas venezianas. (BARATA, 1954)

> EURICO FERNANDES: Achava-se a urna enterrada em sentido vertical, estando a parte superior da boca a 60 cm da superfície, rodeada de fragmentos de barro que demonstrava ter sido protegida por outra urna lisa e de maiores proporções. Estava coberta por uma espécie de prato, também de barro, já todo partido e igualmente sem pinturas. Nas vizinhanças, em redor, havia outras urnas completamente quebradas pela ação do tempo e das raízes das grandes árvores que cresceram sobre elas, bem como muitos cacos de louça indígena. Verifiquei que algumas dessas urnas apresentavam características antropomorfas em alto relevo, algumas com simples pinturas e outras sem decoração nenhuma. O local era plano, não oferecendo grande facilidade à erosão pelas chuvas. O cemitério ocupava uma área de 4.590 m^2, com 102 metros de frente e de 45 de fundo, e em parte fora removido pelas construções de barracas ou plantações.

> No interior da urna, de mistura com terra, havia regular quantidade de ossos calcinados, contas de vidro do tipo chamado veneziano e de várias cores, brancas, azuis e verdes e bastantes miçangas brancas, muitas das quais fundidas possivelmente pela ação do fogo e formando pequenos blocos. Continha, também, um pequeno machado de pedra e, como maior curiosidade, sete Muiraquitãs ou tukurauás [como chamam os Índios Pariukur], com os seguintes formatos e todos de nefrite ou jadeíte:
>
> – quatro eram cilíndricos, com 45 milímetros de comprimento e com orifício de lado a lado, estreitando-se no centro. Três cilindros eram de cor verde-clara e um verde mais carregado.
>
> – um era esférico, com 42 milímetros de circunferência, verde claro e com orifício de suspensão com a mesma característica dos anteriores.
>
> – um lembrava a forma de um instrumento soante laminado, com 2 milímetros de espessura, verde claro, quebrado ao meio e com dois orifícios de suspensão, um em cada parte quebrada.
>
> – um possuía estilização não identificada, lembrando um inseto, e era verde escuro, com 30 milímetros de altura, 8 de espessura e 12 de largura, com orifício num dos extremos, no sentido da espessura. (EURICO FERNANDES)

BARATA: A professora Olívia Idália Tietê, por seu turno, encontrou noutra igaçaba, da região do Rio Matapi, no Amapá, um lote de 14 que se acham expostas no Museu do Território. Nenhum desses Muiraquitãs é em forma de rã, do tipo clássico com furos duplos laterais, que até agora só isoladamente tem sido achados. Isso talvez signifique que, alertados pela sobrevivência de uma tradição oral indeterminada e quase inconsciente, diluída no tempo, têm razão os velhos caboclos do Baixo

Amazonas que teimam em considerar Muiraquitãs legítimos e poderosos amuletos apenas os sapos de jadeíte, chamando aos demais, de formas diversas, mesmo quando confeccionados nesse mineral, depreciativamente de "*contas de Índio*", sem as virtudes maravilhosas dos primeiros e sem qualquer participação nas lendas misteriosas e bonitas que povoam todo o vale do Rio-Mar.

Não nos parece para desprezar – e nela insistimos – a hipótese de que os Muiraquitãs batraquiformes e de jadeíte, caracterizados pelos furos de suspensão duplos e laterais, invisíveis pela frente, pertençam a um passado mais remoto, pré-cabraliano, e tivessem um conceito especial e diferente daqueles que hoje conhecemos dos Tapajó, confeccionados de outros minérios, perdurando nestes, todavia, de certa maneira, uma reminiscência ou significado da forma.

Há efetivamente certas observações que corroboram tal hipótese, como o achado frequente em Santarém de Muiraquitãs ["*contas*"] feitos com o barro da Cerâmica e batraquiformes. Ou porque o indígena se tinha afastado demasiado das fontes abastecedoras de pedras verdes ou apropriadas para o fim que tinha em vista, ou, o que é mais provável, por ter perdido a técnica indispensável ao trabalho dos minerais duros, verifica-se por esses achados que não pode dispensar o uso do artefato batraquiano e teve de suprir com a argila as deficiências com que se defrontava. Assinala-se, como reforço à ideia, que nenhuma das outras formas líticas zoomorfas se encontrou até aqui reproduzida nesses Muiraquitãs de barro.

Somente a rã. Qual a razão? Von den Steinen acha que os modelos concretos é que sempre dão origem aos modelos decorativos e que o impulso artístico, nos Índios do Xingu, não é dirigido por considerações

simbólicas. Sustenta, ainda, que os fatores determinantes da escolha do modelo zoomorfo são inconscientes e derivam do tamanho, da forma e da cor do objeto a representar ou de uma correspondência melhor entre o animal escolhido e esses caracteres. É provável que o sábio alemão tenha encontrado entre as tribos que estudou, na região xinguense, elementos comprovativos das suas deduções. No caso dos Tapajó, porém, o que se deduz da análise estilística é que havia uma consciência perfeitamente definida quando escolhiam os seus modelos preferenciais e essa escolha de maneira alguma dependia do material ou da natureza do objeto que tinham em mira representar.

Ao contrário do que logrou observar Von de Steinen no Xingu, nos Tapajó sente-se que o impulso artístico era nitidamente "*dirigido por considerações simbólicas*". Há uma constante que não podia ser senão intencional e que levava os Índios de Santarém a reproduzirem a rã, por exemplo, ora no barro, ora em minerais os mais diversos na cor e na dureza, por vezes com estilizações complicadas e outras com o mais puro realismo, ora em relevo ou incisas nos vasos, ora dando forma aos apitos ou como elementos esculturais de adorno da sua pomposa Cerâmica. Caracteres tão variados, como os do barro, da pedra e provavelmente também da madeira, é que eram adaptados pois, pela técnica, à reprodução ou simbolização do animal eleito, não dependendo a escolha do modelo, entre eles, de fatores determinantes tão singelos como a forma, o tamanho e a cor do objeto a confeccionar ou de sua similitude com o material disponível.

Por isso, inclino-me a acreditar que a representação batraquiana na pedra possuía entre os Tapajó uma importância idêntica à que tinha na sua Cerâmica e deve ser encarada como fenômeno mais local, embo-

ra não possamos excluir a possibilidade de uma herança cultural remota ou da sobrevivência de uma tradição, não sabemos até que ponto modificada e que se liga ao Muiraquitã. O significado deste, ou melhor o seu conceito, teria porém variado de tal modo no espaço e no tempo que os Tapajó, à época da conquista, já o utilizavam sob outros ângulos e com finalidades diversas das que determinaram a fabricação, provavelmente pela mesma cultura em outro estágio de desenvolvimento ou mesmo por uma civilização que nada tivesse de comum com a sua.

Tem sido encontrados Muiraquitãs, de nefrite ou mineral assemelhado, nos pontos mais diversos do território brasileiro. Pelas referências e pelo volume dos achados, parece fora de dúvida que um grande ponto de irradiação se localizou na Amazônia, na região Tapajós-Trombetas.

O aparecimento desses artefatos líticos em zonas diversificadas, no Maranhão, no Ceara ou no Piauí, em Alagoas, em Pernambuco e na Bahia, pode ser explicado mais satisfatoriamente como um resultado do enorme apreço que, não só entre as tribos indígenas como entre os civilizados, desde os recuados tempos da conquista, lhes era dispensado. Sabe-se, com efeito, que chegou a haver um regular comércio de exportação para a Europa dessas pedras trabalhadas pela mão do Índio, que eram procuradíssimas para serem reduzidas a pó e ingeridas como remédio julgado infalível na cura de certos males.

Frei João de São José afirma:

> Estas são as decantadas pedras-verdes que em França se estimam tanto [...] parece ser a pedra que o Dr. João Curvo Semedo manda aplicar nas dores nefríticas em cima da parte afetada, pois há grandes experiências neste particular.

É claro que ainda que não consideremos as imensas áreas de comércio das tribos indígenas entre si, muitos Muiraquitãs devem ter sido conduzidos, assim como o foram, para o estrangeiro e pelo mesmo motivo, para pontos distanciados dos de sua origem, no próprio território nacional, sem que isso signifique que tenham qualquer relação com as culturas peculiares ao local do achado fortuito e muito menos causas idênticas de apreço ou veneração.

Estou mesmo convencido de que os maiores veículos dessa distribuição foram os civilizados, o que muito dificulta o problema pela atribuição ao Muiraquitã de significados que nada têm a ver com aquele que certamente lhe emprestaram os primitivos fabricantes. Para que se tenha uma ideia de como ainda nos nossos dias se locomovem os Muiraquitãs, narrarei que, em 1949, tive um em mãos, em Santarém, comprado por negociante local a um caboclo de Vila Franca. Pois, em 1952, fui encontrá-lo em Porto Velho, em poder de um amigo que me cedeu e já o tinha por sua vez adquirido de um piloto em Belém. Outro também proveniente de Vila Franca, e que é um dos mais belos batraquiformes que até hoje vi, me foi oferecido à venda em Santarém em 1948. Perdi-o de vista durante quatro anos e acabei reencontrando-o já no Rio de Janeiro, para onde fora levado por um intermediário com o intuito de vendê-lo ao Museu Nacional.

Encontros esporádicos, de um ou outro Muiraquitã, passam portanto a ter uma importância relativa até que possamos estabelecer uma zona em que apareçam concentrados, indicando haver sido de fabricação ou inicial distribuição e onde deveriam estar patentes os vestígios da significação originária e legítima do traço cultural. Há um ponto, todavia, que também não pode deixar de ser examinado atentamente pelo estudioso da questão.

É o de que, nessa migração ou nesse vai-e-vem incessante dos Muiraquitãs, predominou sempre, caracterizando uma preferência que é menos ao artefato em sim mesmo do que à sua cor, o estranho amor à pedra-verde, tão difundido entre os primitivos de toda a América e do mundo. Fabricavam os Tapajó, como já vimos, objetos de outros minerais, de colorações as mais variadas e também chamados hoje de Muiraquitãs mas, entretanto, só os feitos de pedra-verde ou mineral parecido com nefrite foram alvo do interesse evidenciado pela ampla dispersão que assinalamos, o que parece indicar que, mais do que o objeto propriamente, era a pedra-verde que possuía a força de sedução.

Assim sendo, para um estudo arqueológico, se quisermos chegar a algum resultado mais positivo, talvez seja indispensável considerar o Muiraquitã separado da cor do mineral em que tenha sido confeccionado. Explicando-nos melhor, entendemos que o Muiraquitã pode ser traço cultural menos generalizado do que se tem pensado e cuja razão de ser esteja na sua forma e no uso a que se destinava. A preferência do Índio pelo verde poderia ser outro traço cultural, levando-o a trabalhar o Muiraquitã em pedra dessa cor sempre que fosse possível. Mas não imperativamente, como o demonstram os que se têm achado, com a forma batraquiana e os furos característicos, feitos em pedras de outros tipos e como se depreende, igualmente, do fato de ser comum o aparecimento em uma mesma região de Tembetás e machados tanto em pedras verdes como em outras, evidenciando do mesmo modo dois traços culturais que parecem distintos: o do uso do Tembetá ou do machado e o da cor verde, como preferência, podendo ambos aparecer em ligação como ocorre com os Muiraquitãs, mas não obrigatoriamente.

O conceito de inseparabilidade entre o material empregado – a pedra verde – e o Muiraquitã, até aqui predominante, tem a meu ver complicado o problema, concorrendo, possivelmente, para a importância exagerada que se tem dado ao objeto, reputando-o menos local e de nível superior e incompatível com os demais elementos conhecidos da cultura material e espiritual das tribos na Amazônia.

Feito esse reparo, passaremos agora a examinar um outro aspecto sempre posto em foco na discussão do problema dos Muiraquitãs e que diz respeito à maneira pela qual se usariam. Nimuendaju aventou a possibilidade de que os batraquiformes se ostentassem na testa, baseando-se nos desgastes apresentados pelos furos laterais os quais lhe pareceram causados pelo cordel que funcionaria, assim, perpendicular ao eixo da peça. É uma hipótese difícil de aceitar. Esses desgastes não devem ter a mínima ligação com o uso, fosse na testa ou como peitoral. Devem ter sido feitos por ocasião da fabricação, pois não se pode conceber que cordéis de suspensão, de algodão ou de fibras vegetais, pudessem produzir tais marcas, as vezes bem profundas e nítidas, somente pela fricção do uso, em pedras da dureza das jadeítes ou nefrites. Tentando-se arranhar um desses Muiraquitãs com um instrumento de ferro, verifica-se que mesmo empregando bastante força, não se logra riscar a superfície. O desgaste, assim, deve ter sido anterior ao uso e consequência da própria técnica da confecção.

Argumento desfavorável ao uso na testa é ainda a existência de Muiraquitãs batraquiformes enormes, como o apresentado nas pranchas X e XI, que estando incompleto pesa 300 gramas e tem o mesmo sistema de perfuração, invisível pela frente.

Não se pode acreditar que objeto tão grande e pesado fosse destinado à fronte, como um diadema. Aliás, a observação de Nimuendaju de que o desgaste indica a posição do fio em sentido transversal, longe de provar o uso na testa, mais parece afastá-lo, de tal modo incômodo seria para o Índio ter esse fio calcando a epiderme, uma vez que se punha de permeio entre esta e o Muiraquitã. E além disso, para a suspensão peitoral, a colocação do fio seria do mesmo modo em sentido transversal. Tudo indica que o uso do Muiraquitã fosse, como é, comum para os ornatos semelhantes: pendente do pescoço, sobre o peito, como entre os Uaupés e os Maués o "*cherembetá*", de acordo com os depoimentos de Barbosa Rodrigues, Ladislau Neto e Wallace.

Eurico Fernandes colheu, porém, uma versão curiosa entre os Pariukur. Na Aldeia do Rio Arukuá ouviu de um Índio que adquirira, no convívio com os franceses o nome de "*Anaise*", filho do chefe Aruak "*Capitão Russô*", a informação de que seu pai usava o "*Tukurauá*" pendurado no nariz e foi enterrado do lado francês juntamente com esse objeto. Não podemos, pois, escapar a algumas dúvidas que perdurarão por muito tempo não só sobre esse como outros pontos.

Em compensação, porém, certas questões até pouco tempo ventiladas como misteriosas e para as quais se apresentam claras e pelo menos situadas nos limites do próprio meio cultural indígena. Uma delas é a da manufatura dos Muiraquitãs. Porque os Índios da Amazônia não conheciam os metais e nem os utilizavam, houve necessidade de explicar de algum modo, fosse o mais verossímil, o fato de possuírem artefatos líticos admiravelmente polidos e esculpidos em pedras de grande dureza, que chegavam a ter perfurações delicadas de até sete centímetros de extensão. (BARATA, 1954)

Fizemos algumas considerações a respeito deste tipo de manufatura quando descemos o Rio Negro. Na região da "*Cabeça do Cachorro*", estes objetos, chamados de Itá, são de quartzo polido e eram muito valorizados pelos nativos. Reproduzirei, abaixo, algumas colocações que José Monteiro de Noronha, em 1768, o naturalista Alfred Russel Wallace escreveu, em 1851 e, mais recentemente, Boanerges Lopes de Sousa, em 1928, quando percorreu a região.

> NORONHA: Sobre o peito traz uma pedra branca, sólida, bem levigada, de figura cilíndrica e de uma polegada de diâmetro, presa ao pescoço com cordão de fio introduzido nela por um pequeno furo que lhe faz artificialmente pelo meio, de uma extremidade a outra. Os principais a trazem de meio palmo de comprimento. Os nobres, pouco menos e os plebeus, muito mais curtas. (NORONHA)
>
> WALLACE: Viam-se agora diversos Índios usando seu mais típico e precioso ornamento, uma pedra branca, opaca e cilíndrica, parecendo mármore, mas que é, na realidade, um quartzo imperfeitamente cristalizado. Essas pedras têm entre 4 e 8 polegadas de comprimento e mais ou menos uma polegada de diâmetro. Têm base redonda e extremidade superior achatada, sendo esta atravessada por um furo, dentro do qual passam um cordão para poder pendurar o adorno ao pescoço. Deve ser dificílimo confeccionar este ornamento, sendo mesmo incrível que consigam perfurar uma substância tão dura sem qualquer instrumento de ferro adequado para isso.
>
> Para fazê-lo, segundo me disseram, usam o broto flexível e pontiagudo da bananeira silvestre, girando-o e atritando o local com areia fina e água. Não duvido disso e nem de que tal trabalho leve anos, conforme também me disseram.

Fico pensando, então, no tempo que deve ter sido gasto para furar a pedra que o tuxaua usava como distintivo de sua autoridade, pois era de dimensões bem maiores. Além do mais, o orifício desta era longitudinal, permitindo a seu dono usá-la horizontalmente sobre o peito.

Informaram-me que os adornos desse tipo ocupam o trabalho de duas vidas! Essas pedras são trazidas de grandes distâncias Rio acima, provavelmente da região das cabeceiras, na base dos Andes. Em virtude disso, são altamente valorizadas, sendo muito raro encontrar-se um proprietário que possa ser induzido a desfazer-se delas. Quanto aos chefes, nem se fala! (WALLACE)

SOUSA: Consiste este ornato em um penduricalho feito de quartzo leitoso que pode ser de 8 a 10 cm de comprimento, por três de diâmetro – usado pelos homens – ou 3,5 por 1 ½ cm usado pelos curumins; a esta pedra dão a forma cilíndrica, polindo-a de encontro às lajes de granito, o que consome largo tempo. Depois de inteiramente lisa, abrem-lhe um orifício no sentido do eixo maior, de modo a permitir a passagem de um fio no qual costumam enfiar contas [quiquica], improvisando, assim, um colar.

O seu uso vem desde os mais remotos tempos e é muito generalizado no Tiquié, fazendo parte da "*toilette*" com que os tucanos recebem as visitas. No Uaupés, vimo-lo entre os Uananas, na ocasião das festas de "*Iutica*" e, entre os Tarianos, só os vimos nas coleções das quais, aliás, estão se desfazendo pelos novos hábitos contraídos pela influência dos Padres. Pois em Pari-cachoeira, depois de se desfazer da surpresa da nossa visita, o tuxaua José apareceu com o colar e o penduricalho e, como lhe interpelássemos a respeito do vestuário, deu-nos a entender, sorrindo brejeiramente, que se considerava mais bem apresentado que nós, civilizados. Nenhum valor tinha a nossa roupa em comparação à "*ueio*" que trazia e o seu original colar que lhe emprestava ar solene. (SOUSA)

Após esta breve interrupção, continuemos com o relato de Barata:

> Aos que primeiro se ocuparam do assunto, como é natural, ignorado ainda o desenvolvimento artístico e técnico de algumas culturas indígenas amazônicas, tornava-se inadmissível que pudessem ter sido fabricados normalmente por indivíduos desprovidos de qualquer instrumento de ferro. E buscavam então apoio nas crendices populares e nas mais engenhosas fantasias para justificar o seu aparecimento. É assim que os atônitos cronistas e missionários do tempo da conquista, à falta de uma explicação viável para o fenômeno, chegavam a aceitar que os Muiraquitãs fossem feitos de um barro mole que endurecia ao ar ou pela ação do fogo, enquanto outros se contentavam em divulgar as lendas que os davam como confeccionados pelas amazonas para recompensarem aos amantes com quem conviviam uma vez por ano, lendas de amor das lendárias guerreiras às quais não faltava nunca a poesia de um luar iluminado às margens do Lago "*Espelho da Lua*" quando das festas que dedicavam à mãe do Muiraquitã. Esses, como já dissemos, eram os que não criam fossem os Índios capazes de dar forma às pedras e perfurá-las sem instrumentos metálicos e apropriados.
>
> Desde que se propagou a obra de Barbosa Rodrigues, porém, e durante muitos anos, nova corrente filiou-se àquela: a dos que recusavam às culturas amazônicas a paternidade dos Muiraquitãs não porque fossem incapazes de manufaturá-los mas porque afirmavam não existirem, na região, jazidas do mineral de que eram feitos, tido como jade e de proveniência da Ásia.

Gonçalves Dias, um pouco antes, em 1855, aventara também uma hipótese que, como é óbvio, não logrou ressonância, segundo a qual teriam sido os Tupinambá os possuidores das pedras-verdes, trazendo-as para a Amazônia quando da sua grande migração para o Norte, fugindo às perseguições decorrentes da chegada dos europeus ao litoral sulino.

A teoria de Barbosa Rodrigues, apesar de vivamente combatida por Ladislau Netto e Sílvio Romero, logrou conquistar inúmeros adeptos que viam, na sua coincidência com as ideias do professor Heinrich Fischer, de Freiburg, sobre a dispersão do jade, uma prova de validade.

Meyer e Virchow, porém, no VII Congresso Internacional de Americanistas, de 1888, em Berlim, deixaram evidente desde logo a improcedência do alegado quanto à fonte única do mineral, demonstrando a sua existência em muitas outras regiões e invalidando portanto a base em que repousava toda a bem urdida construção.

Perdurava, contudo, em nosso país, como ainda hoje, a ausência de qualquer localização indiscutivelmente estabelecida de jazidas de pedra verde, nefrite ou jadeíte.

Presentemente, todavia, já ninguém tem dúvidas de que o minério deve existir em algum lugar ainda não identificado da Amazônia e em outros pontos do Brasil, como previra Ladislau Netto com admirável intuição.

Pelo menos três indicações conhecemos a respeito. A primeira dão-nos Damour e Fischer quando nos revelam a existência nos Museus de Bonn e Halle de duas metades de um bloco de "*jade nephrite*" que

devia pesar inteiro de 5 a 6 quilos, no estado de "*galet*" ([67]), de bordos arredondados, de cor verde "*olivâtre*" ([68]) e com a proveniência designada como sendo do Rio Tapoyos [Brésil], infelizmente seguida de uma interrogação: ou de Chine? Que os autores referidos consideram com justeza como "*vraiment regrettable*" ([69]). De qualquer maneira, entretanto, não deixa de ser significativa citação tão antiga dos Tapajó como uma das prováveis procedências.

A <u>segunda</u> indicação, minuciosamente anotada por Von Ihering e bem mais positiva, é a descoberta pelo Sr. Chistovam Barreto, colecionador e explorador baiano que cedeu ao Museu Paulista um vasto material arqueológico, de objetos trabalhados em nefrite da mesma espécie de blocos brutos desse minério, no Município de Amargosa, na Bahia, onde alguns destes foram encontrados até no calçamento das ruas. (BARATA, 1954)

> Nestas circunstâncias é de grande importância a descoberta do Sr. Cristóvão Barreto, não só de machados e polidores, mas também de blocos de nefrite em bruto, no Município de Amargosa [Bahia]. Se bem que só uma exploração, efetuada por especialistas competentes, possa esclarecer as condições geológicas da ocorrência de nefrite no Município de Amargosa, já não é mais possível duvidar da ocorrência natural de nefrite naquele Município. Se porventura todos esses machados polidos fossem importados da Ásia, não é de certo modo possível admitir que os imigrantes trouxessem consigo, além de instrumentos, utensílios etc., ainda pesados polidores e até blocos em bruto de nefrite. Neste sentido, a valiosa coleção arqueológica [...] é de grande interesse, não só para este Museu, mas para a Arqueologia em geral (IHERING).

---

[67] Galet: seixo.
[68] Cor verde "*olivâtre*": cor de oliva.
[69] Vraiment regrettable: realmente lamentáve.

BARATA: A <u>terceira</u>, finalmente, talvez a mais importante, é a do aparecimento em Manaus, em 1928, de um grande bloco de pedra-verde malva, suposta ser de nefrite [infelizmente não analisado], pesando 5,7kg e trazido da Serra de Roraima pelo Sr. José Sant'Ana Barros. A revista "*Amazônida*" publicou-lhe a fotografia que é a mesma reproduzida por Avelino Inácio de Oliveira, no Departamento Nacional de Produção Mineral, do Ministério da Agricultura, com os detalhes citados.

Há ainda uma <u>quarta</u> indicação que, relacionando-se com o mineral e sua existência na Amazônia é, ao mesmo tempo, mais um elemento comprobatório de que os Muiraquitãs se fabricavam na região e integravam, portanto, uma das culturas materiais ambientes. É a que resulta do achado de objetos inacabados em nefrite ou jadeíte, muitas vezes apenas em início de confecção.

A Figura 1 reproduz uma peça batraquiana nessas condições. A forma geral já se acha marcada, mas só alguns entalhes, no lugar das pernas da rã, aparecem indicados com finos traços incisos, tão finos que nos conduzem insensivelmente a pensar na informação do Bispo Frei João de São José quando diz ser a pedra-verde de uma dureza impenetrável mas que "*com um fio de algodão ou piteira com água e areia facilmente se corta*". Dos furos não há ainda o menor vestígio, o que demonstra que se faziam em último lugar. Por outro lado, a pedra apresenta-se fosca, evidenciando que o polimento também era uma operação posterior, de acabamento final. Sua cor é verde-claro, de tonalidade uniforme, em tudo assemelhada à do cilindro reproduzido à Figura D da Prancha XIX. Foi encontrada no lugar Pacoval, à margem direita do Rio Curuá, no Município de Alenquer e adquirida pelo geólogo Fritz Ackermann que a conserva em sua residência em Belém.

São muito poucas as peças inacabadas de jadeíte conhecidas, naturalmente em relação com a própria escassez dos objetos encontrados desse mineral. Entre as "*contas*" dos Tapajó, de pedras diferentes, são entretanto comuns e na Figura 2 podem ver-se nada menos de seis, em várias etapas de confecção.

Interessante é a que aparece na letra "*C*" da figura referida, pois tem o ponto em que se ia fazer a perfuração indicado em uma e outra face, mostrando que os instrumentos, certamente frágeis, para isso utilizados, não permitiam que se fizesse o furo contínuo, começando de um só lado até varar a peça.

A operação tinha de ser dividida em duas fases, executando-se perfurações numa e noutra face para que os canais respectivos se encontrassem em meio do caminho, daí resultando que os furos se apresentam quase sempre com a forma de dois funis invertidos, coincidentes pelas pontas, ou seja com a parte central estreita em relação às extremidades.

Dizemos "*quase sempre*" porque o processo só era regra geral nos minerais duros como a jadeíte ou nefrite e alguns dioritos ou diábases. Em certas "*contas*" tapajônicas, feitas de pedras mais brandas, temos encontrado, todavia, perfurações com o canal uniforme, obtidas com uma única operação, principalmente em objetos com a forma cilíndrica ou com a dos reproduzidos à Prancha XX.

Para burilarem a pedra e furá-la, deviam os Índios empregar processos engenhosos e instrumentos rudimentares mas eficientes, de sua invenção. Aqueles exigiam tempo e paciência e estes, sem dúvida, uma grande habilidade técnica para o manejo. Para o trabalho nas pedras-verdes, nem um só desses instrumentos foi ainda descoberto, mas é

de crer-se que não se deviam diferençar dos que os Tapajó utilizavam e entre os quais sobressaem as diminutas serrinhas [Prancha I] do mesmo mineral ou de algum outro mais resistente do que o do objeto a manufaturar. São muito encontradiças em Santarém e se destinavam, ao que parece, a fazer entalhes ou incisões, com auxílio de água e areia.

A única referência que até aqui encontrei a serrinhas como as do Tapajó é a de Nordenskiöld em seu estudo dobre a cultura material das tribos do Grande Chaco. Chama-as de "*racloir dentelé*", ou seja raspadeira dentada e o desenho de uma que reproduz, proveniente de Caipipendi [território dos Chiriguano], na Bolívia, é idêntica em tudo e por tudo à que apresentamos neste trabalho, à Prancha I.

As serrinhas de pedra de Santarém, aliás, já eram conhecidas desde 1924, quando Curt Nimuendaju enviou uma ao Museu de Goteborg, no qual se acha catalogada sob o número 25.14.4. Em tamanho natural, Ladislau Netto reproduz uma que denomina "*serrita de diorito*", ao que pensamos proveniente do Sul, que só se diferencia das de Santarém por possuir um número muito menor de dentes na parte inferior. Outro instrumento que os Tapajó, ao que julgamos, empregavam na confecção de algumas das suas "*contas*" litícas, era a pedra de polir.

Henry e Paula Reichlen referem-se aos "*rochers-polissoirs*" ([70]) dos quais reproduzem alguns fragmentos, provenientes das Ilhas du Salut, com seus sulcos paralelos, em forma de "*V*" ou cruzados, perfeitamente assemelhados aos das pedras de polir dos Tapajó.

---

[70] Rochers-polissoirs: rochedos de polir.

Quase toda a literatura a respeito existente admite que os sulcos dessas pedras fossem produzidos pelo aguçamento de fio dos machado líticos ou das pontas de flecha; os marcados nas pedras de polir de que nos estamos ocupando são, porém, tão delicados e regulares que parecem indicar outro uso como, por exemplo, o alisamento e desgaste das contas cilíndricas do tipo das que reproduzimos formando o colar da Figura 3.

Que o trabalho de polir se fazia nessas pedras com a ajuda de água, como Gumilha testemunhou entre Índios do Orenoco, parece confirmar-se entre os Tapajó pelo fato de aparecerem as pedras de polir abundantemente em praias, como a da Caieira, em Santarém, de onde recolhi 31 misturadas aos seixos rolados, enquanto que apenas duas encontrei nas terras altas ou pretas, de mistura com fragmentos de Cerâmica. Ladislau Netto reproduz também fragmentos de diorito com sulcos idênticos, que diz terem servido para fabricação e afiador de machados. Não dá, todavia, a proveniência, embora, pelo texto, se deduza que são de aborígenes do Sul.

Algumas das "*pedras se polir*" dos Tapajó apresentam-se sem os sulcos, apenas ligeiramente côncavas e desgastadas pelo uso, como acontece com as nossas pedras de amolar.

Barbosa Rodrigues, em "*Antiguidades do Amazonas*", publica um desenho de um berbequim ([71]), que idealizou, tendo por ponto de partida uma peça de Cerâmica encontrada no alto da Serra de Piquiatuba, nas proximidades de Santarém e que, a se ver, era o instrumento com o qual os Índios furavam os machados de pedra.

---

[71] Berbequim: instrumento para fazer furos em diversos materiais, como louça, madeira, etc.

É curioso que tenha aceitado a possibilidade de serem furadas por esse modo pedras tão duras e grossas, com uma pua de madeira, não admitindo, porém, que os mesmos Índios pudessem ter feito as gravuras, incisões e furos nas pedras-verdes ou Muiraquitãs que sustentava terem sido trazidas da Ásia já trabalhados, pelas migrações primitivas daquele continente.

Em outro de seus livros [Barbosa Rodrigues – O Muiraquitã e os Ídolos Simbólicos] apresenta também gravuras do manuscrito mexicano de Lord Kingsborough, mostrando como, com o auxílio de água e areia, se furavam as peças de jadeíte.

Hoje, de resto, é inútil insistir-se em discussões sobre a maneira pela qual os Índios davam forma às pedras e as poliam e furavam. Como bem salienta Birket-Amith, só nos albores da arqueologia era difícil convencer que verdadeiramente se podia fazer tal trabalho sem a ajuda de metais.

Por toda parte comprovou-se já, com exemplos indiscutíveis, que povos na idade neolítica e os nossos Índios inclusive realizavam seus artefatos líticos tão somente com o auxílio de outras pedras, de um estilete ou vareta de madeira, água e areia.

Sehested, recentemente, fez algumas experiências coroadas de êxito e tendentes a demonstrar que o trabalho de desbastar e polir as pedras duras poder ser executado pelos métodos mais simples, usando unicamente água e areia e fragmentos de outros minerais. A técnica dos Tapajó, que não mais trabalhavam com minerais tão duros como a nefrite ou jadeíte é, entretanto, a mesma. Na maioria de suas "*contas*", os furos de suspensão são feitos também em duas operações, partindo de cada extremidade para que o canal, afunilando-se, se

encontre ao centro; e o processo de desgaste ou desbastamento para obtenção da fora é visivelmente idêntico, como igual é o polimento.

Como as pedras que utilizavam eram mais brandas e maleáveis, fácil lhes foi criar, todavia, uma variedade muito maior de formas, já que a resistência do material não opunha dificuldades ao seu espírito criador ou inventivo. Não encontramos, é certo, na sua parte lítica, uma diversidade de formas tão grande como na Cerâmica.

Mas, de qualquer maneira, comparadas com as dos artefatos de jadeíte, as formas das "*contas*" tapajônicas são mais numerosas e por vezes de um realismo que naqueles jamais manifesta, como podemos verificar no papagaio da Prancha XIV, no pé deformado da Prancha XV, na cara simiesca da Prancha XII, no peixe da Prancha XVII ou na cabeça da jiboia da Prancha XV. Nunca as formas líticas tapajônicas reproduzem as da Cerâmica, embora em alguns casos pareça haver identidades, como entre as das figuras zoomorfas que ornamentam as bordas de certos pratos e fruteiras e as "*contas*" da Prancha XV.

Outras indicações, todavia, levam-nos à convicção de que as artes lítica e oleira foram contemporâneas entre os Tapajó. Apesar da diferença das formas numa e noutra representadas há, em ambas, uma semelhança de estilo que se pressente através do próprio espírito formal e pela repetição, tanto na pedra como no barro, de certos detalhes ornamentais, característicos da cultura tapajônica.

Entre estes citaremos as estilizações de rãs enfeitadas de pontos tão comuns na Cerâmica, e que podemos ver repetida na "*conta*" lítica e batraquiana da Prancha XV.

> Igualmente a ornamentação de "*quadrados encaixados*", que simboliza a tartaruga nos vasos, repete-se na "*conta*", não deixando dúvidas, portanto, quanto ao intuito de representação do mesmo animal. (BARATA, 1954)

Conclui-se, portanto, que os Muiraquitãs tinham necessariamente a forma batraquiformes e eram herança dos ancestrais dos Tapajó. Podemos levantar diversas possibilidades para a origem das jazidas onde foram manufaturadas as pedras-verdes. A América Central e o Escudo das Guianas possuem reservas deste material que pode ter servido de fonte quando da migração dos antepassados dos Tapajó ou ainda quando, no final da Idade do Gelo, os paleoíndios partiram para os cerrados do Planalto Central, buscando novas alternativas de sobrevivência, onde igualmente poderiam ter encontrado as jazidas de seu cobiçado material.

Considero que estes adereços representavam o status do seu portador assim como os "*Itás*" usados na região da Cabeça do Cachorro, no Alto Rio Negro; quanto maior e mais sofisticado o adereço maior a importância do indivíduo perante sua comunidade.

A rã representava o poder dos guerreiros Tapajó perante seus adversários que usavam sua secreção para envenenar suas flechas e, por isso mesmo, davam-lhe um destaque muito especial na arte ritual funerária compondo os vasos de gargalo e cariátides.

Simbolismo da Cerâmica Santarena

Pouco depois de nascer, recebe o bebê um nome, tirado de planta ou animal; esse nome, porém, muda-o ele diversas vezes em sua vida, logo que realiza alguma façanha heroica, na guerra ou na caça. Acontece tomar assim a mesma pessoa cinco ou seis nomes, um após outro.
(SPIX & MARTIUS)

A ocorrência da representação de animais na decoração de alguns utensílios e principalmente em urnas funerárias, e a identificação dessas espécies na fauna da região, possibilitou que se atribuísse um caráter mágico-religioso a essas representações, que estariam ligadas a histórias míticas, com base em analogias etnográficas. (SCHAAN)

Símbolos

Os pesquisadores, ao longo dos tempos, tentaram em vão identificar o simbolismo dos adereços antropomorfos e zoomorfos que compõem a refinada Arte de Santarém. Cada traço, cada representação geométrica ou imagem têm o seu significado, a sua motivação.

Os animais representados em cada peça não foram selecionados aleatoriamente, alguns deles são seres místicos cultuados pelos nativos, outros identificam o clã a que pertenceram os ancestrais reverenciados nas urnas funerárias ou mesmo o nome do morto ou alguma façanha heroica, na guerra ou na caça que marcou sua passagem terrena.

Depois de comparar, analisar os Costumes, Organizações Sociais e Ritos Fúnebres de diversas etnias, vou esboçar uma teoria a respeito dos ícones cultuados pelos incríveis Tapajó.

Infelizmente os desbravadores e religiosos do passado se preocuparam mais em condenar sua "*idolatria*" do que entender sua cultura, do contrário não estaríamos aqui, hoje, tentando montar este intrincado mosaico na tentativa de interpretar sua magnífica arte Cerâmica e seus elaborados ritos pretéritos.

> *[...] linguagem, às vezes bem expressiva que nos vai contando hábitos, crenças, gostos, lendas, preferências desse povo extinto. (BARATA, 1950)*

Alguns elementos são muito constantes nos vasos de gargalo e cariátides tais como: o Urubu-Rei, o Mutum-cavalo, o Jacaré, o Morcego e fundamentalmente a Rã. Estes animais são reverenciados, respeitados ou temidos, por diversas etnias, por uma série de razões que elencarei a seguir.

Logicamente os Tapajó consideravam estes seres tão importantes quanto as demais tribos tendo em vista se encontrar muita semelhança nas lendas e costumes destes povos.

Urubu-Rei

O urubu-Rei recebe destaque especial no imaginário indígena que o considera como o dono do fogo, chefe das demais aves e o mestre dos ventos.

Ele faz parte do repertório das Lendas e Mitos de diversos povos como os Parintintins, os Kamaiurá, os Kuikúru, os Tembé e certamente estava incorporado às Lendas Tapajó.

No ritual de passagem ele é o guia responsável por acolher o espírito do morto e encaminhá-lo para outras esferas – um verdadeiro Hermes Tupiniquim.

Nos vasos de cariátides ou de gargalo encontramo-lo pousado na voltado para o centro da peça de asas fechadas numa posição de espera preparando-se para acolher alma do defunto e, depois, de asas abertas voltado para fora da peça voando para conduzi-la ao reino eterno.

Mutum-cavalo

Algumas etnias consideram que a constelação do "*Cruzeiro do Sul*" é na verdade um enorme mutum no vasto campo do céu, outras acham que a Cobra Grande, que representa o Criador, pode nascer de um ovo de mutum. Segundo os Mayoruna, que antes só comiam terra, o Mestre Mutum os levou para sua terra onde ele lhes ensinou o que comer e como preparar os alimentos.

Jacaré-açu

O Jacaré-açu pode chegar até setes metros de comprimento e o seu tamanho descomunal, ainda nos dias de hoje, provoca medo e respeito nos povos ribeirinhos.

O magnífico réptil, além de ocupar o topo da cadeia alimentar, não encontrava adversários, à sua altura, nem mesmo entre os formidáveis guerreiros Tapajó. Ele era temido, respeitado, adorado até e, por isso mesmo, tão presente nos adornos dos vasos rituais.

Morcego

Franz Kreuther Pereira, no seu livro Painel de lendas & mitos da Amazônia faz o seguinte relato a respeito do morcego:

O Cãoera é uma espécie de “*morcegão*”, um morcego muito grande do porte de um urubu, que pode sugar todo o sangue de uma pessoa adormecida sem que ela desperte e, em seguida, devorá-la. Adélia Engrácia dá-nos três versões desse mito, recolhidas junto aos Índios Mura. Nela encontramos a informação que o Cãoera habita os buracos na terra e surge quando se faz “*misturado de jabuti e outras carnes, no mato*” ou “*quando se queima pelos ou penas de animais*”. Também pode surgir – adverte Adélia – quando “*se joga espinha de peixe n'água*” ou até quando “*se grita na mata*”. Aparentemente a área de abrangência do mito é a região fronteiriça às Guianas, território das famílias Aruak, Karib e também Tupi, porém a estudiosa dos Mura ressalta que, em suas viagens pelos Rios Negro e Xingu, jamais ouviu qualquer referência a esse ser sobrenatural. (PEREIRA)

Rãs (Muiraquitã)

É fácil entender por que a pequena rã amazônica recebia tanto destaque na Cerâmica ritual de Santarém. A secreção peçonhenta do pequeno batráquio intimidava os adversários e permitia aos Tapajó sobrepujarem facilmente todos os seus oponentes no campo de batalha. Eles eram os únicos, naquela região, a dominar a tecnologia de envenenar as flechas e isso os colocava em condições de vantagem sobre as demais tribos. O veneno, certamente, não era o curare pelos motivos que vou expor a seguir.

Curare

Carvajal, Acuña, Heriarte, dentre outros cronistas e pesquisadores pretéritos, mencionam o uso de flechas envenenadas por diversas tribos da Amazônia.

A maioria dos relatos menciona que o veneno utilizado era o curare. A primeira referência escrita que existe sobre o curare aparece nas cartas do historiador e médico italiano Pietro Martire d'Anghiera (1457-1526). As cartas foram impressas parcialmente em 1504, 1507 e 1508, e sua obra completa foi publicada em 1516 com o nome "*De Orbe Novo*". Pietro fala de um soldado mortalmente ferido por flechas envenenadas durante uma Expedição ao Novo Mundo e escreve uma carta ao Papa Leão X falando das propriedades do curare que reproduzo um trecho abaixo:

> O Curare tem uma característica especial – própria do veneno americano – bloquear a transmissão neuromuscular nas sinapses e, portanto, causar a morte por paralisia dos músculos respiratórios. Usado, antes, apenas como veneno, hoje, está sendo aplicado na medicina: seus princípios ativos sintetizados são coadjuvantes essenciais e universalmente difundidos como anestésicos nas cirurgias. (MOTTIN)

José Monteiro de Noronha, em 1768, faz o seguinte relato:

> **121**. Dos Índios, que habitam no Japurá, só são antropófagos os das nações Miranya, e Umauá. Para a caça, usam todos de esgravatana ([72]) e, para a guerra, de escudos cobertos de peito de jacaré ou couro de anta; cuidarus, que são uns paus de cinco palmos, mais e menos, de comprido, chatos, bem levigados ([73]), esquinados ([74]) de 2 polegadas de largo, e mais largos na ponta e lanças feitas de pau vermelho, cujas pontas, e também as das flechas, que despedem com as esgravatanas são envenenadas.

---

[72] Esgravatana: zarabatana.
[73] Levigados: lisos.
[74] Esquinados: angulosos.

> O veneno é feito da cortiça de certo cipó, ou pau flexível chamado "*uirari*", de superfície escabrosa, um palmo mais e menos de diâmetro, e folhas como as da maniva. Moída a casca, ou cortiça do dito cipó e borrifados os pós com água, os põem a destilar, e o sumo, que corre, fervem ao fogo até ficar na consistência de extrato, ou unguento. Ao dito "*uirari*" ajuntam os sumos de outros cipós, e vários venenos, que conhecem, para o fazerem mais ativo. (NORONHA)

O naturalista alemão Alexander Von Humboldt e seu companheiro francês Aimé Bonpland, em 1800, exploraram o Rio Orenoco e Rio Negro, demonstrando que as bacias do Orenoco e da Amazônica comunicam-se entre si pelo Canal do Cassiquiare. Na oportunidade, ele faz um interessante relato sobre o curare, reproduzido na interessante obra "*O Cosmos de Humboldt*":

> O principal artigo de exportação de Esmeralda era uma forma particularmente fina de curare, que era vendida a um preço elevado. Quando Humboldt chegou, a maioria dos Índios acabava de voltar de uma Expedição de coleta de plantas usadas na produção do veneno. Sua volta foi marcada por um grande festival entre os homens, com dois dias de banquete à base de macaco assado e dança ao som da música de toscas flautas de caniço.
>
> Enquanto seus vizinhos se embriagavam, o Índio velho, encarregado de fabricar o veneno fazia seu trabalho mortal, permitindo que Humboldt levasse para a Europa a primeira receita detalhada da droga.
>
> Primeiro, o Mestre do veneno pegava a casca dos cipós, já previamente retirada e esmagada em fibras. A isso, acrescentava água, filtrada lentamente

através da casca num cone feito de folhas de bananeira e palmeira. O líquido amarelo resultante era então fervido em panelas grandes e rasas, sendo provado de vez em quando pelo Mestre do veneno e ficando cada vez mais amargo à medida que fervia.

[Humboldt também provou o veneno, que era atóxico, desde que não entrasse em contato direto com o sangue; na verdade, era bebido como um paliativo para o estômago, o que era absolutamente seguro – desde que a pessoa não tivesse cortes nem feridas abertas na boca ou no aparelho digestivo].

Quando o líquido atingia a concentração desejada, o Mestre do veneno coava-o em folhas de bananeira enroladas para remover a matéria fibrosa.

Mesmo nessa forma concentrada, o veneno ainda era muito ralo para aderir a uma ponta de flecha, então era misturado em seguida com o sumo viscoso de outra planta para encorpar; isso também dava ao curare sua cor alcatroada característica.

A preparação acabada era então vertida em pequenas cabaças, nas quais era vendida.

Enquanto trabalhava, o Mestre do veneno admoestou seus visitantes. "*Sei*", disse ele:

> que os brancos têm o segredo de fazer sabão...

Cujos mistérios ele parecia achar que só ficavam atrás dos do curare:

> e aquele pó preto que tem o defeito de fazer barulho quando usado para matar animais. O curare, que preparamos de pai para filho, é superior a qualquer coisa que vocês podem fazer lá embaixo. É o sumo de uma erva que mata em silêncio, sem ninguém saber de onde vem o golpe.

Aplicado à ponta de uma flecha e lançado por um canudo comprido, o curare maximizava a produtividade do caçador, uma vez que vários macacos podiam cair silenciosamente no chão antes que o resto do bando desconfiasse; com uma espingarda, podia-se caçar no máximo um animal por vez, porque os outros se dispersavam ao primeiro tiro.

O curare matava uma ave em dois ou três minutos e um porco em dez a doze. Segundo os missionários, a carne abatida de outra maneira simplesmente não era tão saborosa.

Produzindo seus sintomas característicos de tonteira, náusea, sede extrema e dormência generalizada, o curare também era bem capaz de matar seres humanos, como haviam descoberto os conquistadores.

O próprio Humboldt logo teve uma experiência que lhe serviu de lição sobre o cuidado com que se devia manipular o veneno.

Ao deixar Esmeralda, ele guardara uma cabaça com curare ao lado de suas roupas. Com o calor, o veneno derretera e molhara uma meia.

Quando já ia calçar a meia, por acaso ele sentiu o líquido gelatinoso a tempo: uma vez que seus pés estavam cobertos de picadas de insetos, o curare certamente teria entrado em sua corrente sanguínea, com um efeito fatal. (HELFERICH)

Joseph de Laporte, no seu "*O Viajante Universal, ou Notícia do Mundo Antigo e Moderno*", editado em Lisboa, no ano de 1804, faz as seguintes considerações sobre o curare:

Carta CCCLXXXVII

DOS MORTAIS VENENOS DE QUE USAM

A Nação Caberre, a mais desumana, brutal e carniceira de quantas sustenta o Orenoco, é a única possuidora do mais violento veneno, que a meu ver há na redondeza da terra. Esta Nação só conserva o segredo, e a fábrica dele, e logra a sua renda pingue ([75]) do resto de todas aquelas nações, que por si, ou por terceiras pessoas, concorrem à compra do curare, que assim se chama.

Vende-se em umas panelinhas novas, ou pequenos vasos de barro, que a que mais contém terá quatro onças daquele veneno, mui parecido na sua cor com o arrobe ([76]) subido de ponto: não tem sabor, nem acrimônia ([77]) especial: mete-se na boca, e traga-se sem perigo algum, com tanto que nem nas gengivas, nem em outra parte da boca haja ferida com sangue, porque toda a sua atividade e força é contra ele, em tal grau, que tocar uma gota de sangue, e coalhar-se todo o corpo com a velocidade de um raio, tudo é um. É maravilha o ver que ferido o homem levemente com uma ponta de flecha de curare, ainda que não haja mais rasgadura que a que faria um alfinete, coalha-se-lhe todo o sangue, e morre tão instantaneamente, que apenas pode dizer três vezes Jesus.

Um soldado, e depois Alferes da escolta de nossas missões, oriundo de Madrid, chamado Francisco Masias, homem de brio e de valor, grande observador da natureza e das propriedades das plantas e dos animais, e até dos insetos, foi o primeiro que me deu a notícia da instantânea atividade do curare.

---

[75] Pingue: lucrativa.
[76] Arrobe: sumo de uvas frescas, mosto.
[77] Acrimônia: acidez.

Suspendi meu juízo, e o remeti à experiência. Apareceu logo uma manada de macacos amarelos, grande comida para os Índios, e na sua língua se chamam arabata. Todos os Índios companheiros se alistaram para matar cada um quantos pudesse; e tomando eu um Índio de parte, lhe pedi que flechasse um daqueles macacos, o qual, parado em pé sobre uma folha de palmeira, com a mão esquerda segurava outra folha mais alta: deu-lhe a ponta da flecha no peito, levantou a mão direita, e fez ademão de querer arrancar a flecha, como o fazem quando as tais não têm curare, porém ao mesmo tempo de fazer o ademão, e sem acabar de chegar a mão à flecha, caiu morto ao pé da palmeira.

Corri, ainda que estivesse perto, e não lhe achando o calor no exterior do corpo, mandei abri-lo desde o peito até abaixo, e não lhe achei indício algum de calor, nem também no mesmo coração. À roda deste havia muito sangue coalhado, preto, e frio; no resto do corpo quase não havia sangue, e o pouco que lhe achei no fígado estava do mesmo modo que o do coração; no exterior tinha uma escuma fria de cor um pouco alaranjada, e coligi que o frio sumamente intenso do curare esfria instantaneamente o sangue, e que este, à vista do seu contrário, vai refugiar-se no coração; e não achando nele suficiente abrigo, se coalha, e gela, e ajuda a morrer mais depressa o vivente, sufocando-lhe o coração.

Deixo outras ilações que fiz da atividade do curare para os curiosos , e vou a outra admiração; e é, que à minha vista fez o Índio em pedaços o macaco, o pôs na panela e fez–lhe fogo, e a mesma diligência fizeram os outros Índios com seus macacos: o meu reparo não era que comessem daquela carne, nem por ser de macaco, nem por ser morta com veneno: o que me admirava era que aqueles grumos de sangue envenenado, que em si continha toda a

atividade do veneno, foram também parar dentro das panelas, e depois nos estômagos dos Índios.

Fiz-lhes várias perguntas sobre a matéria, e fiquei tão satisfeito de suas respostas, que comi de uma de suas olhas o fígado, que no saboroso pode competir com o do mais tenro leitão, e ao depois, em semelhantes batalhas com os monos, sempre pedia fígado para provar dos despojos.

O mesmo instantâneo efeito reconheci depois nos tigres, antas, leões, e outras muitas feras e aves: finalmente, é tanto que o Índio nem sequer se assusta quando repentinamente lhe sai um tigre cara a cara; então, com grande paz, saca sua flecha, faz a pontaria e dispara com a certeza de que, com sua destreza, não erra tiro; e com mais certeza de que com tanto que lhe pique levemente a ponta do nariz, ou qualquer outra parte do corpo, dá um, ou dois saltos, e cai morto.

A vista deste inaudito e fatal veneno, e à vista da grande facilidade com que todas as nações do Orenoco e de suas dilatadas vertentes o conseguem, não posso conter-me sem exclamar louvando a sábia providência do Altíssimo, que dispôs que, não obstante de o saberem, e fazerem muitos danos, não sabiam bem aqueles bárbaros as invencíveis armas que têm no seu curare. Que Missionário, nem que soldado poderia viver entre eles, se desprezada pelos mesmos a silenciosa fúria de sua seta e curare, não se atordoassem com o estrépito contingente da espingarda?

Digo contingente, já na pólvora que não pega, já na pontaria que não é fixa, já nas muitas águas – que impedem totalmente seu manejo, quando pelo contrário, a ponta do curare, nem tem contraveneno, nem cura, nem dá tempo para clamar a Deus.

Disse sem cura nem antídoto, porque ainda que um rapaz descobriu a um missionário que, ao que tem sal na boca, não faz mal o curare, o que achou ser certo depois de várias experiências feitas nos animais, não é praticável o tal remédio aos homens; porque quem aturará o sal largo tempo na boca? Se está na algibeira, não dá o veneno lugar a sacá-lo.

Carta CCCLXXXVIII

CONTINUAÇÃO DOS VENENOS DO ORENOCO

Na carta anterior, tereis visto, não sem admiração a força eficaz do curare: passemos a examinar a sua fábrica singularíssima. Importa saber que toda a peçonha do curare se origina de uma raiz do mesmo nome, que nunca dá folhas nem renovos, e ainda que cresce, sempre anda escondida; e para escondê-la mais buscou, ou assinou-lhe o autor da natureza, não a terra comum ao resto das plantas, mas sim um lodo podre e corrupto daquelas lagoas, que não têm desaguadouro: e por tanto as suas águas só em caso de grave necessidade se bebem, por serem grossas, de má cor, de pior sabor, e de cheiro correspondente. Por entre o lodo corrupto sobre que descansam aquelas águas pestíferas, nasce e cresce a raiz do curare, parto legítimo de todo aquele montão de imundícias.

Extraem os Índios Caberres estas raízes, cuja cor é parda, e depois de lavadas e cortadas em pedacinhos, as machucam e põem em panelas grandes a fogo manso. Buscam para esta operação a velha mais inútil da povoação, e quando esta cai morta com a violência do vapor das panelas, como de ordinário acontece, logo substituem outra velha no seu lugar, sem que elas repugnem este emprego, nem a povoação, nem a parentela o levem a mal, pois elas, e eles sabem que este é o paradeiro das velhas.

À proporção que se vai amornando a água, vai a pobre velha preparando a sua morte enquanto, de panela em panela, vai esfregando com água, e espremendo aquela raiz machucada, para que, com mais facilidade vá expelindo seu veneno, com cujo suco se vai tingindo a água, que não passa de morna, até tomar a cor de arrobe claro; então, a mestra espreme o caldo dentro da panela e deita, já fora como inúteis aquelas raízes sem suco. Mete logo mais lenha, e principia a ferver com força; a pouco espaço de ferverem as panelas, já envenenada, cai morta, e entra a segunda, que às vezes escapa, e às vezes não.

Chega finalmente a ponto o cozimento, diminui a terça parte do caldo, e condensado já grita a desventurada cozinheira, e acode logo o Cacique com os Capitães, e o resto da gente da povoação ao exame do curare, e a ver se está ou não em seu devido ponto. Molha o Cacique a ponta de uma vara no curare, e ao mesmo tempo um daqueles Índios, com a ponta de um osso, faz uma ferida na perna, na coxa, ou no braço, e ao mesmo tempo de assomar o sangue pela boca da ferida, chega o Cacique a ponta da vara com o curare, porém não toca, nem arrima o curare ao sangue, mete-a somente perto, porque se o tocasse, e retrocedesse, infeccionaria todo o das veias, e morreria logo o paciente. Se o sangue que estava a ponto de sair retrocede, já está o veneno no seu ponto; se fica parado, e não retrocede, falta-lhe já pouco para o seu ponto; porém se o sangue corre para fora, como naturalmente deve correr, falta-lhe muito fogo e assim ordenam à triste velha que prossiga no seu perigo próximo à morte, até que, feitas depois as provas necessárias, aquela natural antipatia com que o sangue se retira violentamente do seu contrário, lhes manifesta que já o curare subiu à sua devida, e suma atividade.

Apesar de ter tido muitas vezes o curare nas minhas mãos, não sou testemunha ocular da sua referida fábrica; porém tenho a individual notícia dele por tão seguras vias, que não me dão lugar à menor dúvida, ou suspeita. Depois que baixei ao Orenoco, tive as mesmas individuais notícias por Índios de várias nações, aqueles mesmos que concorrem à feira anual do curare, e voltam com suas panelinhas, mais guardadas que se fossem de um bálsamo mui precioso, cujas declarações, ainda que de tão diversas gentes, sempre achei concordes em tudo com a primeira, e individual notícia que disse e assim não tenho razão alguma de duvidar em quanto à certeza do referido na fábrica do curare.

Não é menos digna de saber-se a duração deste veneno, isto é, a obstinação com que conserva toda a sua atividade e vigor até que se acabe de gastar todo, apesar de tê-lo os Índios sem resguardo algum, sem tapar as panelinhas em que o compram, sem evaporar-se, nem perder nada da sua mortal eficácia; porém, finalmente, como está ali junto, e condensado, não é muito de admirar que conserve toda a sua atividade. A coisa singular e digna de admirar-se é que, uma vez untadas as pontas das flechas com mui módica porção, que apenas chegará a uma meia oitava o que recebe cada ponta, conserva e guarda toda a sua força por muitos anos; de modo que até agora não se experimentou que, por largos anos, que aquela leve untura ([78]) tenha estado sem resguardo algum na ponta da flecha, tenha já mais sido menor a força do curare.

Só uma coisa reparei em várias viagens àquelas selvas; era que, ao sacar as flechas da aljava, ou para matar monos ou javalis, ou para os rebates repentinos, umedeciam a ponta metendo-a na boca.

[78] Aquela leve untura: aquele leve unguento (essência).

> Perguntei–lhes a causa, e me responderam sempre: "*que com o calor da boca, e a umidade da saliva, se assegurava mais o tiro, avivando a atividade do curare*", coisa que me pareceu natural. (LAPORTE)

Em 1833, Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva na sua "*Corografia Paraense, ou Descrição física, histórica e política da Província do Grão Pará*" faz as seguintes considerações a respeito das flechas ervadas (envenenadas):

> O uso das flechas ervadas remonta à mais alta antiguidade, pois já era conhecido na Ásia muitos séculos antes de Alexandre; na Itália antes da fundação de Roma; na América, antes da chegada de Colombo. Algumas tribos Indígenas desta Província apenas se servem delas para as caçadas e não nas guerras, semelhantes nisto aos antigos Gallos.
>
> O Padre Plumier, na sua obra "*Nova plantarum Americanarum species*", dá o nome de Mancanilla, que é o "*Hippomanes vegetal de Brown*", a certo arbusto que se encontra nas Antilhas e Ilhas de S. João do Porto Rico, de cujo suco se extrai famoso veneno pelos Caraíbas: este arbusto ainda é mais perigoso que o "*verari*" porque a ejaculação da "*seve*" produz cegueira, e algumas vezes a morte subitamente.
>
> O "*verari*", porém, ou curare, segando ([79]) outros, sem a mesma comisturação ([80]) de outras partículas vegetais e animais, é mortífero. Pertence à classe dos cipós, dá-se nos lugares pantanosos, suas flores tetrapétalas são de cor amarelo-pálido, às quais sucedem pequenos frutos do formato de uma fava, numa cápsula periforme; os Índios são ciosos em

---

[79] Segando: cortando.
[80] Comisturação: mistura.

patentear a maneira do fabrico, todavia este consiste na extração por meio do fogo dos sucos venenosos da casca que lhe é escabrosa, e raízes colhidas no tempo de verão, tomando na ação do cozimento uma forma espessa, à qual então reúnem outras substâncias vegetais venenosas, e formigas tocandeiras ([81]), guardando depois o veneno em pequenas panelas, onde se conserva em continua fermentação que perde pelo trato do tempo, tornando então a sofrer nova ebulição no fogo, misturando-se-lhe o tucupi ([82]) ou sumo da mandioca.

Conhece-se a perfeição da composição tocando, com qualquer ponta impregnada no veneno, pois que este adquire ([83]) sangue fresco, em este causa uma instantânea coagulação; se o contrário porém, sucede, torna para o fogo, e são mui prejudiciais os vapores que exala durante a decocção, àqueles que os recebem pela boca ou nariz, operação esta que os mesmos Índios previdentes encarregam às velhas decrépitas e inúteis.

Conservam as flechas impregnadas por longos anos a sua força, e costumam os Índios, antes de as disparar, metê-las na boca para as salivarem, do que nenhum dano resulta, pois que o perigo consiste em

[81] Tocandeira (Paraponera clavata): é um inseto himenóptero classificado na grande família dos formicídeos, subfamília das poneríneas. De cor preta, chega a medir 2,5cm de comprimento. Ocorre da Nicarágua à Amazônia, região onde é também conhecida como tucandeira, tucanaíra, formiga-agulhada, formiga-cabo-verde, formiga-de-febre, formigão e outros nomes. Dentro das matas, onde vive, a tocandira constrói ninhos subterrâneos na base das árvores, cujas copas utilizam para forragear. A maioria de suas atividades restringe-se ao período noturno. As picadas no homem causam manchas e calombos na pele, mal-estar generalizado e vômitos. A dor, profunda e penetrante, é sentida por períodos de 12, 24 ou até 48 horas. Compressas de água quente, na região atingida, auxiliam a difusão e consequente neutralização do veneno. (www.biomania.com.br)

[82] Tucupi: ácido cianídrico.

[83] Adquire: em contato com.

> ferir a cútis: então segue-se rapidamente a morte, porque o sangue toma uma coagulação súbita, ou, o que importa a mesma coisa, uma secreção da linfa dos glóbulos sanguíneos: os sintomas dos mortos com esse veneno não diferem dos da mordedura de qualquer cobra; o sangue coagulado nos grandes vasos estende-os excessivamente, e a linfa amarela introduzida nos capilares faz aparecer sobre a cútis manchas lívidas.
>
> Não se conhece antídoto contra tal veneno, o açúcar passa pelo melhor, posto que noutros países o sal seja mais eficaz, como se experimentou em Leide, em 1744, com as flechas levadas por Condamine. Sabe-se por Celso que os Romanos costumavam diminuir a força do veneno, chupando a parte ofendida: é provável que a saliva, introduzida assim na chaga, contribua também a diminuir pelo seu sal alcalino a ação do veneno; não é, porém nociva a carne dos animais mortos com esse veneno conhecido no país por "*ervadura*". (CERQUEIRA E SILVA)

Em 1839, o Major Antônio Ladislau Monteiro Baena, no seu Ensaio Corográfico Sobre a Província do Pará, faz um pequeno relato sobre a preparação do curare:

> O veneno vegetal, de que se servem para peçonhentar as ponta das flechas dos Murucuas e dos Curabis, é extraído de um cipó chamado "*uirari*", grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniva. A sua manipulação consiste em mascotar a casca, borrifá-la com água fria, destilá-la e fervê-la ao lume até ficar o sumo espessado em ponto de linimento. Para aumentar a energia do tóxico, adicionam-lhe sucos espremidos de outros cipós e vegetais que sejam de natureza venenosos. (BAENA, 2004)

Marcelo Coutinho Vargas (Professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSCar) e Marcelo Fetz de Almeida (Mestrando do PPGCSo/UFSCar) escreveram um interessante artigo a respeito do "*curare*" denominado "*Biodiversidade, Conhecimento Tradicional e Direitos de Propriedade Intelectual no Brasil: por uma abordagem transcultural compartilhada*". O artigo, reproduzido abaixo, deixa claro que a ingestão oral do curare não gera efeitos nocivos embora alguns pesquisadores defendam que pode ocorrer intoxicação quando se ingere quantidades muito grandes e que a paralisia é sua principal manifestação:

> A presa envenenada por curare tem sua morte causada por asfixia, uma vez que este provoca o relaxamento e a paralisia dos músculos esqueléticos associados à respiração. Contudo, o veneno somente funciona se inoculado diretamente no sangue, não gerando efeitos nocivos ao ser ingerido por via oral. Durante o envenenamento por curare, conforme observado por Benjamin Brodie, em 1811, o coração da presa continua a bater, mesmo quando a respiração cessa, o que significa que a função cardíaca não é bloqueada pelo curare. O horror do envenenamento por curare estaria no fato de a vítima permanecer consciente, sentindo a paralisia tomar-lhe conta progressivamente de todo o corpo. Os principais elementos químicos do curare são alcaloides que afetam a transmissão neuromuscular. Entre estes alcaloides, o mais comum é a curarina e a tubocurarina. Isolada em 1897, sua forma cristalina só foi obtida a partir de 1935, passando a ser comercializada com os nomes de Tubarine, Metubine Iodine, Tubadil, Mecostrin, Atracurium e Vecuronium, indicados como relaxante muscular. Sua utilização como anestésico teria início apenas em 1943, quatro anos depois que o princípio ativo da d-tubocurarine foi isolado.

> As drogas derivadas desta substância são utilizadas como um poderoso relaxante de músculos esqueléticos durante cirurgias "*de peito aberto*", especialmente as cardíacas, para controlar possíveis convulsões. (VARGAS & ALMEIDA)

Nimuendaju afirmou categoricamente que o veneno usado nas flechas dos Tapajós não era o curare, pois os efeitos registrados eram muito diversos dos provocados por ele. O Padre Bettendorf confirmava esta teoria informando que os Tapajó adicionavam <u>veneno aos alimentos</u> para eliminar pessoas indesejáveis. Como já citamos anteriormente, a ingestão oral de curare não gera nenhum efeito nocivo, qual seria, portanto, o veneno usado pelos temidos Tapajó?

LIVRO IV

Levantamento do povo do Maranhão e Pará contra os padres da Companhia de Jesus, enquanto se instituiu a missão do Rio das Amazonas com missionários e residência em os Tapajó

CAPÍTULO III

Breve relação do que obrei pelos Tapajó, antes do levantamento do Pará chegar até lá

> Os vassalos do Principal foram se casando à imitação do exemplo que lhes dera; um só Sargento-Mor havia por nome Tuxiapó, o qual estando amancebado com uma gentia, a não queria largar e ia ameaçando feramente a quem se atrevesse de lha querer tirar. João Corrêa, ainda que esforçado português, tinha medo dele, e já não queria comer as pacovas ([84]) que vinham de sua casa <u>pelo medo que tinha de ser morto com peçonha</u>, <u>muito usada entre os Tapajó</u>; zombei disso, e vindo me falar nisso lhe disse que se

[84] Pacovas: bananas.

> não queria comer as pacovas as mandasse a mim e a meu rapaz: e fiz tanto com o Sargento-Mor que finalmente tocado de uma especial graça do Senhor se rendeu ao que se lhe pedia. Com isso instruí a manceba em os artigos de nossa Santa Fé e batizei-a, dando-lhe por nome Luzia o finalmente a casei com o dito Sargento-Mor ([85]) Tuxiapó. (BETTENDORF)

Garcia Soria, da equipe de Orellana, morreu quase um dia depois de ser atingido por uma flecha Tapajó. Este veneno, utilizado por diversas tribos amazônicas, advinha da secreção de pequenas rãs venenosas. Algumas delas, com o passar do tempo e privadas de seus alimentos altamente tóxicos perdem, pouco a pouco, sua letalidade e isto justificaria a longa agonia de Garcia de Soria. A preparação do curare, por sua vez, obedecia a um processo secular, rígido e uniforme perfeitamente dominado pelos Pajés e de eficácia comprovada quando em contato com o sangue.

> No final das contas, escapamos quase sem problemas, ainda que tenha sido morto outro companheiro nosso chamado Garcia de Soria, natural de Logronho. Na verdade não lhe entrou a flecha meio dedo, mas como estava já com peçonha, não suportou nem vinte e quatro horas e rendeu a alma a Nosso senhor. (CARVAJAL)

Muiraquitãs

Desde a colonização, foram encontrados objetos manufaturados com pedras verdes no Norte do Brasil. Estes pequenos pingentes imitando, na sua maioria, batráquios fascinaram os pesquisadores nacionais e estrangeiros.

---

[85] Sargento-Mor: Major.

Osvaldo Orico (1937)

É uma das crendices mais interessantes da planície este pequeno amuleto de jade, que Barbosa Rodrigues celebrou em uma de suas obras, com um pouco de fantasia, talvez, mas com edificante e curiosa contribuição. Em torno do maravilhoso artefato que a paciência de naturalistas ilustres andou catando pelo Baixo Amazonas e localizou nas praias de Óbidos e na embocadura do Nhamundá e Tapajós, correm as lendas mais desencontradas e as revelações mais contraditórias. De todas elas, porém, a que mais caracteriza a pedra verde da Amazônia é a que apresenta como lembrança das Icamiabas, mulheres sem marido, aos homens que lhes fazia uma visita anual.

A tradição adornou esse ato de galas e de festas, vestiu essa visitação de romantismo e de enlevo. Graças a isso, convencionou-se que as tribos de mulheres, nas noites de luar, colhiam no fundo do Lago as pedras ainda umedecidas e moles, lavrando-as sob diversas formas e dando-lhe feitios de batráquios, serpentes, quelônios, bicos, chifres, focinhos, conforme nos apresentam os estudos de Ladislau Neto e Barbosa Rodrigues. Tempo houve em que era fácil o comércio desse amuleto. As pedras foram, porém, escasseando, constituindo hoje uma raridade tanto mais desejada, quanto se lhes atribui a virtude de favorecer ao seu possuidor a aquisição de coisas imponderáveis como a felicidade, o bem-estar, o amor e outras prendas furtivas. Ainda hoje, para muitos, o Muiraquitã é uma pedra sagrada – escreve Barbosa Rodrigues, – tanto que o indivíduo que o traz no pescoço, entrando em casa de algum tapuio, se disser: "*muyrakitan katu*", é logo muito bem recebido, respeitado e consegue tudo o que quer. (ORICO)

Charles-Marie de La Condamine (1743)

É entre os Tapajó que se acham hoje, mais facilmente, dessas pedras verdes, conhecidas pelo nome de pedras das Amazonas, cuja origem se ignora, e que foram tão procuradas outrora, por causa da virtude que se lhes atribuía para curar a "*pedra*" a cólica nefrítica e a epilepsia. Houve um tratado impresso sob a denominação de Pedra Divina.

A verdade é que elas não diferem, nem na cor nem na dureza, do jade Oriental: resistem à lima, e ninguém imagina por qual artifício os antigos americanos a talhavam, e lhes davam diversas configurações de animais. Foi, sem dúvida, o que deu lugar a uma fábula digna de refutar-se.

Acreditou-se muito a sério que tal pedra não era mais que o limo do Rio, ao qual se dava a forma requerida, petrificando-o quando era tirado ainda fresco, e que adquiria ao ar esta dureza extrema. Quando se concordasse gratuitamente com semelhante maravilha, de que alguns crédulos não se desenganaram senão depois de ter experimentado inutilmente um processo tão simples, restaria outro problema da mesma espécie a propor aos lapidários.

São as esmeraldas arredondadas, polidas e furadas por dois buracos cônicos, diametralmente opostos num eixo comum, tais como ainda hoje se encontram no Peru, nas margens do Rio de Santiago, na Província das Esmeraldas, a quarenta léguas de Quito, com diversos outros monumentos da indústria de seus antigos habitantes. Quanto às pedras verdes, elas se tornam cada vez mais raras, já porque os Índios, que lhes dão grande importância, delas se não desfazem de boa vontade, já porque grande número delas foi enviado à Europa. (CONDAMINE)

Os Muiraquitãs foram encontrados nas Bacias dos Rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá, mas a maior parte foi encontrada na Bacia do Rio Tapajós onde habitavam os Tapajó. A maioria dos artefatos representava pequenos batráquios o que nos leva a acreditar que os Tapajó ou outros povos antes deles estavam homenageando o animal que garantia sua supremacia guerreira, a rã venenosa. A secreção era usada nas pontas das flechas e lanças e, provavelmente, como ainda hoje o fazem algumas etnias em rituais místicos e de cura. A espécie responsável pela hegemonia bélica dos Tapajó jamais será descoberta. Novas espécies são descobertas e catalogadas enquanto outras são levadas à extinção por diversos fatores.

Vacina do Sapo – Aplicação Medicinal

A aplicação das secreções produzidas pela Phyllomedusa bicolor (rã Kambo) é conhecida popularmente como Vacina do Sapo. O paciente é queimado com um cipó nos braços ou nas pernas, sobre estes pontos se aplica o veneno que desta maneira atinge a corrente sanguínea. Os indígenas acham que a "*vacina*" possa acabar com a má sorte na caça ou na pesca e afastar os espíritos que causam doenças. As substâncias contidas na secreção da rã Kambo não são venenosas, causando, porém, diarreia, vômitos e taquicardia. A vacina fazia parte do conhecimento ancestral dos katukinas, do Acre. O seringueiro Francisco Gomes Muniz que convivera muito tempo com os katukinas aprendeu a aplicar a vacina e a identificar a rã. Ao regressar para a Cidade, na década de sessenta (1960-1969), foi o precursor da aplicação da vacina entre os não-Índios. Desde então o "*remédio*" ganhou os centros urbanos do país.

Terribilis Phyllobates

Nem sempre estas secreções são inócuas ou benéficas como é o caso da mais mortífera de todas as rãs. A rã-flecha amarela ou rã amarela venenosa (Terribilis Phyllobates) é endêmica da costa do Pacífico da Colômbia e é considerada como um dos animais mais venenosos do planeta. O veneno da rã-flecha, batraquiotoxinas, bloqueia a transmissão dos impulsos nervosos podendo levar à insuficiência cardíaca ou fibrilação.

O veneno, alojado em glândulas sob a pele dessa rã, pode ser armazenado durante anos, mesmo que ela seja privada do alimento que seja fonte dessas toxinas. Alguns pesquisadores acham que a criatura que transmite os alcaloides assassinos para a rã é um besouro da família Melyridae.

Os indígenas Emberá Choco, da Colômbia, usam seu veneno nas flechas para caçar. Os Emberá prendem a rã pelas patas e aproximam, cuidadosamente, uma fonte de calor até que ela exale seu líquido venenoso. As pontas das flechas embebidas no líquido mantêm o seu efeito mortífero por mais de dois anos.

Clãs

Precisamos analisar outro aspecto antes de esboçar qualquer tipo de hipótese sobre o simbolismo dos vasos rituais dos Tapajós (cariátides e gargalo). Considerando que sua cultura se perdeu nas brumas do passado, precisamos recorrer à sofisticada organização social e aos rituais fúnebres de outras etnias indígenas cujos costumes lembram, um pouco, a dos Tapajó.

Os animais reverenciados pelos Tapajó e aqueles que simbolizavam o clã ou mesmo a genealogia do morto eram, sem dúvida, reproduzidos na Cerâmica ritual.

Tikuna

Ao descer o Solimões, em 2008, conheci os formidáveis Tikuna. Através de textos de conhecidos antropólogos e do Cacique João Farias Filho, da Comunidade Feijoal, conheci suas Lendas, Costumes e Organização Social.

A sociedade Tikuna está dividida em Metades exogâmicas ([86]), cada qual composta por Clãs patrilineares ([87]). Para ser reconhecido como Tikuna é necessário falar a língua Tikuna, pertencer a um Clã e casar obedecendo às regras dos Clãs.

Yo'i fez um caniço e usou como isca para pescar o caroço do tucumã maduro, os peixes quando caíam na terra, se transformavam em animais, novamente o herói experimentou outra isca, dessa vez, usou a macaxeira, com essa comida os peixinhos começaram a se transformar em seres humanos. Yo'i pescou muita gente, mas seu irmão não estava entre essas pessoas. A mulher pegou o caniço e pescou Ipi, este saltou para a terra e pescou os peruanos e outros povos que acompanharam o herói e foram embora na direção do poente. Da gente pescada por Yo'i descendem os Tikuna e também outros povos que rumaram para a direção do nascente, inclusive brancos e negros, daí vem a autodenominação dos Tikuna que se chamam Maguta, o povo pescado. (GRUBER)

---

[86] Exogâmicas: Metade Plantas e Metade Aves. Exogâmica: regime social no qual os casamentos só se podem realizar com membros de outras tribos ou Clãs.

[87] Patrilinear: sucessão por linha paterna

Mas Yo'i separou-as, colocando as suas a Este e as de Ipi a Oeste. Então ele ordenou que cozinhassem um jacururu e obrigou todo mundo a provar o caldo. E assim cada um ficou sabendo a que Clã pertencia, e Yo'i ordenou aos membros dos dois grupos que se casassem entre si. (NIMUENDAJÚ)

Curt Nimuendaju estudou os Costumes e Organização Social dos Ticuna na década de quarenta e, na oportunidade, identificou quinze Clãs para a "*Metade Plantas*" e vinte e um para a "*Metade Aves*". Os Ticuna identificam esses grupos através do nome de árvores, animais terrestres e insetos ("*Metade Plantas*") e aves ("*Metade Aves*").

O fato da "*Metade Plantas*" ser composta por elementos tão distintos, segundo Nimuendaju, encontra amparo na mitologia Tikuna que acredita que a alma de algumas árvores vagueiam à noite, assumindo a forma do animal com o qual mais se identificam. Segundo os Tikunas, as formigas saúvas pertencem, também, a "*Metade Plantas*" simplesmente porque elas têm o costume de subir nas árvores.

	Metades			
	Plantas		**Aves**	
		Subclãs		**Subclãs**
Clãs	Auaí	Auaí grande, Auaí pequeno, Jenipapo do Igapó.	Arara	Canindé, Vermelha, Maracanã, Maracanã grande, Maracanã pequeno.
	Saúva	Açaí, Saúva.	Mutum	Mutum cavalo, Urumutum.
	Buriti	Buriti, Buriti fino.	Tucano	Tucano.
	Onça	Seringarana, Pau mulato, Acapu, Caraná, Maracajá.	Urubu-Rei	Urubu-Rei.

Alguns pesquisadores, no entanto, defendem que os critérios para pertencer a este ou àquele Clã era baseado apenas entre os grupos de animais de "*Pena*" e dos grupos "*Sem Pena*" o que simplificaria muito a classificação, mas que, ingenuamente, deixaria de levar em conta o misticismo Tikuna.

A origem dos Clãs está intimamente ligada ao mito da criação do mundo segundo a versão Tikuna. Os irmãos e Ipi são os personagens centrais da Criação da Humanidade. Yo'i resolveu, um dia, pescar seu povo usando como isca uma fruta de tucumã, os peixes logo que saíam da água se transformavam em queixadas, porcos do mato e outros animais. Yo'i resolveu trocar a isca para a macaxeira e os peixes se transformaram no povo Maguta (povo pescado do Rio). Os Maguta pertenciam a um único Clã e as pessoas, consequentemente, não podiam casar-se. Yo'i fez, então, um caldo de jacururu e distribuíram ao povo para que o provassem.

Os primeiros que provaram a mistura passaram a ser reconhecidos como "*Clã da Onça*", depois o "*Clã da Saúva*", e desta maneira foram criados os diversos Clãs.

Apinagé

Arthur Ramos de Araújo Pereira, médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo, folclorista, considerado o pai da Antropologia Brasileira escreveu uma obra monumental – "*Introdução à Antropologia Brasileira*" – que deveria ser o livro de cabeceira dos que se candidatam, nos dias de hoje, ao estudo da antropologia. Vamos reportar suas considerações sobre a organização social dos Apinagé, um dos ramos do povo Gê.

O estudo mais recente e mais completo sobre a organização social dos Gê se deve a Curt Nimuendaju. No seu trabalho citado sobre os Apinagé, vemos que são Matrilocais ([88]) e organizados em Metades. Matrilineares ([89]), cada uma das quais ocupa inicialmente uma determinada parte da Aldeia. (RAMOS)

O todo é disposto em círculo, sendo a metade superior (Kol-Ti) localizada ao Norte e a metade inferior (Kol-Re) ao Sul. Os Apinagé de hoje, embora topograficamente não mais obedeçam àquela localização, ainda se referem a Kol-Ti e Kol-Re, como sendo a "*Aldeia de Cima*" e a "*Aldeia de Baixo*", respectivamente.

De acordo com a lenda, Kol-Ti foi criado pelo Sol e Kol-Re pela Lua. As cores são o vermelho para os primeiros e preto para os segundos. Os chefes são sempre Kol-Ti tendo esta "*metade*" a primazia na vida social de todo o grupo, embora nos grandes festivais, cada "*metade*" tenha o seu próprio chefe. As metades Apinagé não são exogâmicas, sendo o casamento regulado por um sistema diferente.

Cada "*metade*" possui uma série de nomes pessoais "*grandes*" e "*pequenos*", masculinos e femininos. Esses nomes são transferidos do tio materno ao filho da irmã, e da tia materna à filha da irmã. A avó materna ou sua irmã podem tomar o lugar da tia, enquanto que o avô materno pode tomar o lugar do tio. Acontece que, impacientes, o tio ou a tia materna se apressem a transferir o nome, antes de a criança nascer e podendo suceder que a menina fique com o nome masculino e vice-versa.

---

[88] Matrilocal: o marido, depois do casamento, é obrigado a seguir a mulher, passando a morar na localidade dela.

[89] Matrilinear: sucessão por linha materna.

> Os portadores de nomes gozam de privilégios de acordo com a sua categoria. E há festas com dança e música especiais, não só nas cerimônias de transferência dos nomes, como em ocasiões futuras quando o portador do nome se obriga a certas tarefas.
>
> Independentemente da organização dual, em "*metades*", a tribo Apinagé é dividida em quatro Kiyé, nome que significa "*lado*" ou "*partido*". Estes Kiyé não são Sibs unilaterais, mas unidades bilaterais, constituídas no modelo familiar, isto é, os filhos seguem o pai, as filhas seguem a mãe. São exógamos, os homens de um Kiyé só podem desposar as mulheres de outro Kiyé. Suponhamos os quatro Kiyé, A, B, C, D; os homens de A só podem se casar com as mulheres de B; os homens de B com as mulheres de C, etc. As mulheres seguem o caminho inverso: as de B só podem casar com os homens de A; as de C com os homens de B; as de D com os homens de C. (RAMOS)

Ritos Fúnebres

Novamente Arthur Ramos, na obra já citada, faz referência ao rito fúnebre dos Bororo e da importância do clã neste momento em que cada membro utiliza as cores e ornamentações especiais de cada clã e, logicamente, estes mesmos cuidados são levados em conta em relação ao clã a que pertencia o morto.

> Os Ritos Funerários, a avaliar pelas descrições de Karl von den Steinen e do Padre Colbacchini, são bem complexos entre os Bororo. Quando um Índio está muito mal, o Bari [feiticeiro da tribo] é chamado e prediz a sua morte. Daí em diante, o Índio não toma nenhum alimento. Se a morte não chega no dia previsto, o Bari encarrega-se de mostrar a exatidão da sua profecia, sufocando o moribundo.

Quando o Índio morre, seu corpo é ungido de urucu e imediatamente coberto a fim de que as mulheres e as crianças não o vejam. Começam então os altos lamentos das mulheres. Os parentes demonstram a sua dor, talhando o corpo profundamente com conchas cortadiças, de maneira a fazer correr profusamente o sangue. O número dos ferimentos é proporcional ao afeto que se tributava ao morto. Os ferimentos são depois tratados com a polpa do fruto do jenipapo.

Começam os cânticos fúnebres, cadenciados ao ritmo do Babo, instrumento feito de uma cabaça elíptica oca, contendo no seu interior algumas sementes duras, e um cabo de madeira. Enquanto isso, o morto é envolvido numa esteira com os objetos que lhe pertenciam, inclusive o arco e as flechas quebrados.

O cadáver é em seguida transportado ao Baimannageggeu, espaço de terreno, no centro da Aldeia, onde se iniciam os funerais oficiais, que duram toda a noite. Os cânticos são dirigidos pelo chefe da Aldeia, ornado com o Pariko. O cântico principal é depois seguido dos cânticos de cada Clã. A sepultura, de 30 a 40 centímetros de profundidade, é cavada próximo ao Baimannageggeu. Nela é depositado temporariamente o morto, e coberto de terra e água, enquanto que os parentes novamente retalham o próprio corpo, em altos gritos.

Diariamente os parentes vêm lançar água à sepultura, para apressar a putrefação do corpo e poderem retirar os ossos. O luto é observado pelos parentes, da maneira seguinte: arrancam ou cortam os cabelos e depois, à medida que vão crescendo, não os cortam na fronte e ao nível das orelhas, enquanto dura o luto. Abstêm-se de pintar o corpo com urucu. A duração do luto é de alguns meses a um ano e mais.

> Na mesma tarde do enterramento, o Aroettowarari [médium] evoca as almas para saber a localidade onde se encontra a caça. Partem então todos os Índios para essa caça religioso-mágica em honra do morto. Os animais mortos são levados aos parentes do defunto e são comidos numa refeição comum. Duas semanas depois do enterramento, recomeçam os cânticos e as danças especiais – Mariddo, Aige e Aroe Maiwo – e por fim, ao som de um cântico especial, o morto é desenterrado, ainda putrefeito, e os ossos são extraídos e lavados no Rio próximo.
>
> É organizada uma refeição social, para a qual são convidadas as almas dos mortos. As mulheres não tomam parte nesta refeição.
>
> Os ossos são então pintados de urucu e ornados com as cores do Clã do morto. O crânio é também adornado cuidadosamente com penas. Tudo é colocado num cesto, também ornado com as cores do Clã, e na manhã seguinte, os ossos, dentro do cesto, são entregues à sua sepultura definitiva, no Rio próximo ou num Lago, mas sempre num lugar determinado, o Aroe Gari, ou "*morada das almas*". Durante todo o tempo dos funerais, os Índios adotam as ornamentações especiais, já descritas, e que variam para cada Clã. (RAMOS)

Contextos Deposicionais

As escavações realizadas no entorno de Santarém, mencionadas no capítulo anterior, identificaram dois tipos de descarte relativos à Cerâmica cerimonial dos Tapajó: os bolsões e a Cerâmica associada ao lixo comum. Nestas modalidades é difícil inferir qualquer tipo de ritual fúnebre já que os vestígios foram removidos e as peças misturadas sem qualquer tipo de cuidado.

A Noroeste do sítio Carapanari, porém, num local em que se pode descortinar o Rio Tapajós, foi realizada, sem dúvida, a descoberta mais importante. Foi localizado um vaso inteiro, com capacidade para armazenar em torno de 5 litros de bebida, e ao seu redor foram detectadas cinzas, o que nos leva a crer que o artefato foi enterrado e, ao redor dele, acesas pequenas fogueiras. No seu interior foi encontrada uma faca confeccionada em arenito, indicando um ritual funerário. Este modo de descarte, de deposição "*in situ*", indica, evidentemente, a ocorrência de um ritual funerário. Nos grandes vasos de bebida, como o encontrado no sítio Carapanari, se misturavam as cinzas do morto que eram bebidas pelos participantes do rito.

Vasos de Cariátides

Para os seres superiores, a bebida era colocada no vaso de cariátides considerando sua pequena capacidade e a dificuldade que se teria para alcançar o líquido em decorrência dos inúmeros artefatos aplicados em suas bordas. Os urubus-reis que adornavam, invariavelmente, a peça de Cerâmica destinavam-se a conduzir o homenageado para sua derradeira morada. Observamos em algumas peças que estes animais, invariavelmente, quando voltados para a borda do vaso, tinham suas asas fechadas e para fora abertas sugerindo um rito de passagem.

Vasos de gargalo

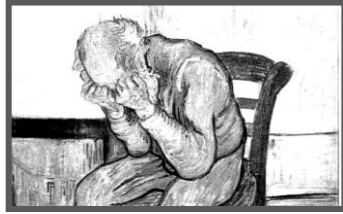
Os vasos de gargalo serviam de urnas mortuárias onde eram depositadas parte das cinzas do defunto. Estes vasos eram decorados com o animal que representava o clã do defunto e alguns de seus animais místicos.

O fato de as aves se apresentarem com as asas abertas ou fechadas e os grandes sauros serem representados com a boca aberta ou fechada pode sugerir que o falecido tenha morrido em ação, no combate ou na caça, ou simplesmente de velhice na segurança de sua Aldeia.

Outros animais que compõem as peças representavam, seguramente, alguma façanha heroica, na guerra ou na caça que muitas vezes, pela sua relevância, era motivo, inclusive, para mudar até o nome do homenageado. As figuras antropomorfas que, eventualmente, faziam parte dos ornamentos representando adultos ou crianças indicavam, eventualmente, a idade do finado. A presença constante dos batráquios nos vasos rituais reverencia o animal que garantia a supremacia bélica dos Tapajó no combate.

Poema Negro

(Augusto dos Anjos)

A Santos Neto

[...] A passagem dos séculos me assombra.
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
– Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?
E parece-me um sonho a realidade. [...]
Chegou a tua vez, oh! Natureza!
Eu desafio agora essa grandeza,
Perante a qual meus olhos se extasiam...
Eu desafio, desta cova escura,
No histerismo danado da tortura
Todos os monstros que os teus peitos criam.
[...] Semeadora terrível de defuntos,
Contra a agressão dos teus contrastes juntos
A besta, que em mim dorme, acorda em berros
Acorda, e após gritar a última injúria,
Chocalha os dentes com medonha fúria
Como se fosse o atrito de dois ferros! [...]
Na agonia de tantos pesadelos
Uma dor bruta puxa-me os cabelos,
Desperto. É tão vazia a minha vida!
No pensamento desconexo e falho
Trago as cartas confusas de um baralho
E um pedaço de cera derretida!
Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme.
Eu, somente eu, com a minha dor enorme
Os olhos ensanguento na vigília!
E observo, enquanto o horror me corta a fala,
O aspecto sepulcral da austera sala
E a impassibilidade da mobília. [...]

Rumo ao Tapajós

Hospitalidade

(Jayme Caetano Braun)

No linguajar barbaresco
E xucro da minha gente
Teu sentido é diferente,
Substantivo bendito,
Pois desde o primeiro grito
De "o de casa" dado aqui,
O Rio Grande fez de ti
O mais sacrossanto rito!

Não há rancho miserável
Da nossa terra querida,
Onde não sejas cumprida
No mais campeiro rigor,
Porque Deus Nosso Senhor
Quando te botou carona,
Já te largou redomona
Sem baldas de crença ou cor! [...]

06.10.2013 – Partida para Santarém, PA

A viagem para Santarém, PA, prometia. Acordei às 03h50 e embarquei no táxi providenciado pelo meu genro Samure às 04h30 pontualmente, como programado. O simpático taxista Régis conduziu-me celeremente até o Aeroporto Salgado Filho. O trânsito, normalmente caótico de nosso querido Porto, às vezes não muito Alegre, nas madrugadas flui tranquilo e rápido.

A minha querida Rosângela já tinha feito o check-in pela internet o que agilizou bastante o embarque. O voo da TAM partiu exatamente às 06h00, um céu de Brigadeiro prenunciava uma viagem sem percalços. Durante o percurso, o Comandante avisou que chegaríamos vinte minutos antes do horário. De nada adiantou a pressa; chegando a Guarulhos, SP, tivemos de esperar, na pista, autorização para o desembarque.

Busquei o Portão 9 para minha conexão para Belém, PA, em um enorme corredor que servia de acesso aos Portões de número 1 a 13. O colossal acesso era interrompido, bruscamente, na altura do portão 7A por uma grande porta.

Eu estava tentando encontrar o acesso ao tal Portão 9, quando observei que uma jovem se encontrava na mesma dificuldade que eu e saímos, juntos, em busca de maiores informações.

Finalmente fomos avisados de que a tal porta só abriria às 10h00 e aproveitamos o tempo disponível, três horas, para conversar. A Lisandra é uma dessas jovens empreendedoras e simpáticas Paraenses que abandonou a terra natal – Santarém – para cursar Nutrição em Belém. O bate-papo foi agradável e o tempo passou rápido. A Lisandra mostrou fotos da família, do seu curso e me conseguiu um contato importante, seu avô Tenório, que mora em Prainha, PA que, certamente, usarei na minha derradeira descida pela Bacia do Amazonas (Santarém/Belém). Várias pessoas chegavam ao final do corredor totalmente perdidas, como nós anteriormente, e procurávamos orientá-los, a Lisandra só deixava comigo quando se tratava de um "*hermano*" falando castelhano.

A urbanidade e educação dessa pequena Paraense ficaram, mais uma vez, patentes quando se aproximou um casal de idosos, levantei-me, imediatamente, para ceder o assento ao ancião e, ao olhar para o lado, verifiquei que minha gentil amiga já oferecia o seu lugar à senhora que o acompanhava.

Um Viktor Navorski no Val-de-Cans

> O nome Val-de-Cans aparece nos documentos desde a medição e demarcação de légua patrimonial do Conselho do Senado e da Câmara de Belém, com data de 20.08.1703. Sabe-se também que o nome Val-de-Cans, como de outras cidades, originou-se de uma região localizada em Portugal. A fazenda Val-de-Cans foi deixada em testamento por D. Maria Mendonça aos Padres Mercedários em 1675. Posteriormente, por Carta Régia de 1798, foi autorizado o sequestro e venda dos bens dos Padres, logo após, comercializado por terceiros. (Fonte: Infraero)

Cheguei ao Aeroporto Val-de-Cans de Belém, PA, às 14h26, aguardava-me uma longa espera pois meu voo para Santarém só partiria às 23h40. Na área de desembarque procurei me informar com uma funcionária que ali trabalhava e, novamente, a cortesia Paraense se manifestou.

Ficamos um longo tempo conversando sobre a região e a viagem que ela estava programando ao Sul para visitar a Serra Gaúcha, o Uruguai e a Argentina.

O Paraense, em especial, e o Nortista em geral esbanjam simpatia, ao contrário de nós sulistas citadinos, geralmente fechados, ensimesmados, aproximando-se das pessoas com seu sorriso farto e coração aberto.

Quem não assistiu ao filme "*O Terminal*" no qual Tom Hanks, protagonizando o personagem Viktor Navorski, um cidadão da Europa Oriental em viagem a Nova York, que tem seu passaporte invalidado em decorrência de um golpe de estado no seu país. Viktor, impedido de entrar nos Estados Unidos e sem poder retornar à sua terra natal, em virtude do golpe, passa seus dias de asilo no próprio aeroporto à espera de uma solução. Nesse período, ele vai vivenciando e participando ativamente das complexidades do mundo do Terminal onde está preso. Eu, depois de algum tempo, comecei a me sentir um Viktor Navorski; os funcionários e trabalhadores já me cumprimentavam com um grande sorriso e cheguei a auxiliar o pessoal de terra indicando aos passageiros desorientados as escadarias de acesso ao Terminal Remoto Doméstico, próximo ao Portão número 1 onde me encontrava. Telefonei para o Comandante do 8°BEC Coronel Sérgio Codelo informando-o do andamento da viagem e o caro amigo disse que estaria me aguardando no aeroporto. Tentei demovê-lo, mostrando que só chegaria por volta da 00h59, mas ele, com a fidalguia azul turquesa de sempre, disse que fazia questão.

07.10.2013 – Aportando na Pérola do Tapajós

A chegada do voo, mais uma vez foi antecipada, desta feita apenas três minutos (00h56), e chegamos à nossa querida Santarém onde fomos recepcionados pelo Coronel Codelo, um paulista de boa cepa.

Navigare Necesse; Vivere non est Necesse

Navegar é Preciso
(Fernando Pessoa)

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
Transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,
Ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
E a [minha alma] a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
Ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso. [...]

Plutarco escreveu mais de 200 livros, dos quais destacamos a obra "*Bioi Paraleloi*" – Vidas Paralelas – uma coletânea de 64 biografias de personalidades gregas e romanas, algumas lendárias. A frase título deste artigo foi citada, por Plutarco na obra "*Vitae illustrium virorum – Pompey*".

Plutarco relata que na hora de partir, uma forte tempestade se abateu sobre o Mar, deixando inseguros os capitães das naus. Pompeu subiu a bordo mandou levantar âncora, içar velas, soltar amarras e, em seguida, pronunciou a célebre frase:

"*Navegar é preciso; viver não é preciso*".

Seu exemplo encorajador foi, imediatamente, seguido pelos antes temerosos capitães.

07.10.2013 – 8°BEC, Santarém, PA

Apesar de ter dormido tarde (02h00), acordei cedo (06h00). Meu corpo precisava se adaptar rapidamente às condições atmosféricas santarenas e recuperar o sono perdido, agora de manhã, não era uma opção digna de consideração, farei isso à noite dormindo mais cedo. Fiz uma caminhada forçada de duas horas, o desconforto causado pelo calor abrasivo e a opressiva umidade são complicadores que precisam ser neutralizados imediatamente. O 8°BEC, Batalhão Rondon, o primeiro Batalhão de Engenharia de Construção da Engenharia Militar Brasileira está literalmente encravado em uma bela e preservada área na Serra Piquiatuba. As estradas que ligam o Quartel, Posto de Saúde e Vilas Militares cortam a bela mata nativa de onde, vez por outra, brotam cintilantes borboletas "*Morpho didius*".

As borboletas do gênero Morpho são predominantemente azuis e vivem nas florestas tropicais da América Central e do Sul e sua característica iridescente azul-metálica, proporcionada pela reflexão da luz, as tornam únicas. Tive a oportunidade de observar várias delas com mais de 15 cm de envergadura. Cada volta do trajeto que eu escolhera durava exatamente 30 minutos e na terceira volta deparei-me com uma árvore que tinha acabado de cair bloqueando a estrada. Estava de tal modo atacada pelos cupins que se espatifou em diversos pedaços, retirei os troncos maiores e improvisei uma vassoura para limpar a área. As estradas abertas em plena mata dão oportunidade para que espécies arbóreas menos nobres e, consequentemente, mais frágeis se desenvolvam na clareira artificialmente aberta expondo seus troncos extremamente vulneráveis aos ataques de insetos.

Madrugando no Passado

A retirada do tronco da estrada fez-me madrugar no passado, minha visão pretérita visualizou um jovem e entusiasmado Capitão Comandante da 1ª Companhia de Engenharia de Construção, do 6° BEC (Boa Vista, RR), sediada nas proximidades do Rio Abonari, km 202 da BR-174, inspecionando e fiscalizando meticulosamente os trabalhos executados pelos meus pelotões. Meu trecho de responsabilidade ia do km 10, Manaus, AM, até o Rio Jauaperi, RR. Sempre levava comigo, na carroceria da "*C 10*", um machado e uma motosserra, na cintura uma pistola Colt M1911 .45, que pertencera a meu pai – o velho e saudoso Cassiano –, e nas mãos uma Sauer cano duplo, calibre 16, com dois cartuchos carregados com chumbo 3T.

Jamais permiti que um tronco de árvore obstruísse o tráfego da BR-174; diversas vezes eu e meu motorista lançamos mão do machado e da motosserra para cumprir nossa missão – garantir o tráfego a qualquer custo. Na minha gestão (1982/1983), a BR-174 jamais ficou um dia inteiro interrompida, apesar das quedas de pontes de madeira e rompimentos de bueiros – orgulhosamente posso dizer que "*Cumpri a Missão*". Na época das chuvas, nossa atenção recaia, principalmente, sobre os bueiros Armco e pontes de madeira, não permitindo que entulhos orgânicos, bloqueassem a boca de montante dos bueiros ou se alojassem perigosamente nos pilares das pontes. Os troncos pequenos conseguíamos deslocar utilizando varas e os maiores tinham, muitas vezes, de ser cavalgados e orientados de maneira a passar pelo bueiro, o processo exigia uma atenção especial – abandonar a insólita montaria na hora certa para não ser tragado perigosamente pelas águas e entrar pelo "*tubo*".

As armas, por sua vez, tinham uma razão de ser: como militar usava a .45 como determinava o regulamento, e a calibre 16 para cumprir uma promessa que fizera no Projeto Anauá, onde eu era responsável pela construção de estradas vicinais do INCRA que assentava agricultores na região. Certa feita, uma senhora trouxe seu filho moribundo, que devia ter uns oito anos de idade, picado por uma surucucu-pico-de-jaca. Apesar de todos os esforços realizados pelo nosso enfermeiro a criança veio a falecer tragicamente poucos minutos depois.

A mãe, em prantos, relatou que o IBAMA, extremamente condescendente com estas víboras mortais, não se importava com eventuais mortes de seres humanos causadas por elas. Afirmou, colérica, que um funcionário do órgão tinha censurado grosseiramente e ameaçado de multar um vizinho seu que matara um desses letais animais. Prometi a ela, então, que faria a minha parte – nenhuma surucucu-pico-de-jaca que cruzasse meu caminho ficaria impune – e por isso carregava a calibre 16 que exterminou, sem dó nem piedade, mais de uma dúzia destas temíveis criaturas.

Valoroso "*Cabo Horn*"

O Coronel Sérgio Codelo convidou-me para almoçar no rancho do Batalhão onde tive a oportunidade de rever meus caros amigos Miranda e Feldmann da nobre arma de Villagran. À tarde, fui verificar as condições do caiaque, recuperado pelos integrantes do Batalhão Rondon, que reluzente exibia sua nova pintura azul turquesa, uma justa homenagem ao 8°BEC e à Engenharia Militar Brasileira que, nas três últimas jornadas – Rio Amazonas I (Manaus/Santarém

– 851 km), Rio Madeira (Porto Velho/Santarém – 2.000 km) e Rio Juruá (Foz do Breu/Manaus – 3.950 km), nos apoiou valorosamente. O bravo "*Cabo Horn*" nem parecia aquele velho e roto veterano do Juruá, com 9.454 km percorridos nos amazônicos caudais. Fui depois providenciar alguns artigos farmacêuticos e caixas à prova d'água para transportarmos alimentos perecíveis e material eletrônico na "*voadeira*" de apoio.

08.10.2013 – Pernoite no Piquiatuba

Depois do café da manhã, desloquei-me para o Porto do 8°BEC onde estavam ancorados a Balsa Rondon e o Piquiatuba. Encontrei os amigos do Grupo Fluvial e aproveitamos para testar a "*Mirandinha*" que seria empregada no reconhecimento do Tapajós, como barco de apoio.

A lanchinha tinha sido pintada e o velho motor de 40HP devidamente manutenido, enfrentamos as ondas do Tapajós e depois adentramos no Lago do Juá, o teste foi um sucesso total. Depois fiquei conversando durante um bom tempo com o Cabo Adailson da Costa Branches, um estudante de Direito inteligente e muito falante que discorreu sobre os mais variados temas com uma fluência digna dos discípulos de Rui Barbosa. À tarde, o Adailson, os Soldados Walter Vieira Lopes e Marçal Washington Barbosa Santos foram ao Batalhão buscar o material de rancho e o caiaque. O "*Cabo Horn*" estava impecável, coloquei os adesivos da "*Opium Fiberglass*" e da "*Raia 1*", dois de meus fiéis patrocinadores, e a embarcação ficou ainda mais charmosa. Esta noite pernoito no Piquiatuba para ir me adaptando aos poucos ao ambiente aquático, além de liberar o quarto da Casa de Hospedes do Batalhão para a instalação de uma comitiva que estava prestes a chegar.

09.10.2013 – Porto Piquiatuba

A noite foi agradável, a perspectiva de dar início a uma nova jornada me entusiasmava. Depois do café matinal, o Mário se apresentou na balsa e foi até o Batalhão fazer sua apresentação enquanto o Marçal começou a preparar o caiaque, colocação do leme, linhas de vida, todo o material que tinha sido retirado para permitir que ele fosse restaurado e pintado, enfim para deixá-lo em condições ideais de navegabilidade.

Fui até o Batalhão e à cidade ultimar algumas providências administrativas e retornei ao Porto.

Eu e o Marçal fomos navegar no Tapajós. As águas verde-azuladas transparentes, a brisa morna vindo do Nordeste, as suaves marolas, as praias imaculadas ao fundo insistiam para que prontamente déssemos início à nossa missão, eu estava literalmente imerso na "*Magia das águas*".

À noite, aproveitando a chegada do Cabo Mário Elder Guimarães Marinho, comemoramos o início da missão na sorveteria Bela Vista.

A Magia das Águas

Ama as águas! Não te afastes delas! Aprende o que te ensinam! Ah, sim! Ele queria aprender delas, queria escutar a sua mensagem. Quem entendesse a água e seus arcanos – assim lhe parecia – compreenderia muita coisa ainda, muitos mistérios, todos os mistérios. (HESSE)

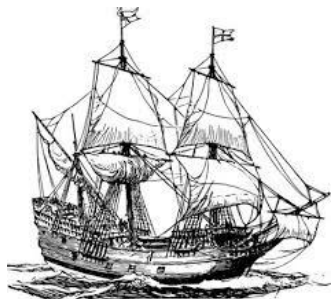
Hermann Hesse reporta no seu livro "*Sidarta*" as experiências de um jovem brâmane em eterna busca pelo conhecimento e a luz. Abandonando a casa paterna, Sidarta iniciou sua jornada na companhia dos

“*Samanas*” ([90]). Três anos se passaram e Sidarta verificou que a vida samana era uma forma de fugir da vida e os abandonou. Seguindo sua busca, Sidarta se tornou discípulo do Buda. Algum tempo depois, porém, ele se convenceu de que a iluminação não podia ser alcançada por doutrinas, só por vivência, e que a experiência da iluminação era impossível de ser transmitida. Resolveu seguir seu próprio caminho sem nenhuma doutrina, nenhum mestre, até alcançar a redenção ou morrer.

Atraído pela beleza e sensualidade da cortesã Kamala, se entregou de corpo e alma aos prazeres mundanos até que, arrependido, se deu conta de que mais do que tudo “*causavam-lhe asco a sua própria pessoa, os cabelos perfumados, o bafo de vinho que sua boca exalava, a flacidez e o mal-estar de sua pele*”. Depois de pensar, inclusive, em suicidar-se, encontrou a paz, o conhecimento divino e se tornou um ser de luz através de um homem simples, um balseiro que lhe reportou os mistérios da vida aprendidos no levar constante de pessoas de uma margem à outra e nos conhecimentos adquiridos com o Irmão Rio.

[90] Samana: indivíduo que abandona as obrigações da vida social para encontrar o caminho de uma vida de mais harmonia (sama) com a natureza.

Bravos Sonhos

(Jackson Sala)

Âncoras içadas,
Velas de peito cheio
Em pulmonares respirações.
É o início da jornada
Congratulada de emoções.
E os bravos do navio
Comandam a batalha
Dando ondas a imaginação.

Realezas que cortam mares
Quando abre-se o porão,
Fugas dos dissabores
Ao encontro do coração.
E nenhuma espada cortará o peito,
Pois é o peito
A maior proteção.

Marujos conduzem a nau
Na trilha em que se perdeu a sina.
E o menino cresceu guerreiro,
E os amores ficaram pra trás,
E as vidas perderam o sentido
Se passando sobre o convés.

Mas é nisto que o sentido está!
Navegar até com braços,
Nunca se esgotar.

E jamais jogar
Os sonhos aos tubarões.

Santarém/Enseada da Pedra Branca

O Pescador do Rio Tapajós
(Valter Brumatte)

De tarde, em cima do cais, a sós,
O pescador, na margem do Tapajós
Lança o anzol até onde alcança
E sente o beliscar das lembranças.

Cada vez mais, tesa-lhe a linha
Onde o horizonte se alinha:
É o peixe da saudade, vadio,
Que puxa o anzol, mordendo macio.

De repente, o caniço se curva
E seus olhos molhados se turvam
Ante o peixe que brilha no ar.

E então, no ofício da pescaria
O pescador vê que pesca a poesia
No rio imenso do seu olhar

10.10.2013 – Santarém/Lago Maripá

Pernoitei, como na véspera, no Porto do 8°BEC, a bordo do Piquiatuba. Uma moto-bomba permaneceu funcionando a noite inteira transpondo combustível de uma balsa para outra, geradores barulhentos e altamente poluentes só foram desligados ao amanhecer, movimentação intensa de embarcações, uma noite, portanto, nada reparadora tendo em vista a agitação característica do local. Às 06h20, partimos eu e o Marçal em nossos caiaques, apoiados pelo Mário na lancha Mirandinha, rumo a Itaituba. Os ventos fortes de popa, do quadrante Este, em torno de 17 km/h, embora criassem marolas de até 1,5 m de altura aceleravam nossa progressão e conseguimos imprimir uma velocidade de até 9 km/h subindo o Rio Tapajós.

Na primeira parada, o caseiro de uma das belas casas da orla franqueou-nos o acesso aos saborosos frutos dos cajueiros da residência. Na Ponta do Cururu, próximo a Alter do Chão, fizemos uma parada mais longa, preparando-nos para atravessar o Rio da margem direita (Oriental) para a esquerda (Ocidental). Encontramos alguns turistas do Sul do país curtindo as belas águas cor de esmeralda.

Iniciamos a travessia. Inicialmente aproei para jusante de nosso destino considerando a intensidade dos ventos mas, a meio curso, verifiquei não ser necessária a correção e apontei a proa diretamente para uma pequena enseada que optara para nossa primeira parada. Depois de aportar e realizar um breve reconhecimento, resolvemos estacionar no Lago fronteiriço à enseada, mais seguro e abrigado dos ventos e onde poderíamos pescar. Preparei uma pequena fogueira em um buraco, e deitei cedo buscando recompor minhas energias. Tínhamos colocado uma "*malhadeira*" para reforçar o rancho com pescado fresco e o Mário, ao recolher, sozinho, alguns peixes da rede, foi mordido por uma piranha. Ajudamos o estropiado companheiro a recolher a rede e os peixes restantes, desinfetamos sua ferida com Andolba e a protegemos com um pedaço de pano.

11.10.2013 – Lago Maripá –Pedra Branca

Novamente partimos antes do nascer do Sol. Os ventos fortes e as grandes ondas de través prejudicaram, sobremaneira, a progressão e o equilíbrio do caiaque "*Indomável*" do Marçal enquanto eu aproveitava para ganhar velocidade surfando com o meu agora flamante "*Cabo Horn*" da Opium Fiberglass. O caiaque foi reformado na Cia Eqp do 8°BEC, os mais de 9.000

km navegados pelos amazônicos caudais tinham provocado profundas cicatrizes no seu convés e casco.

Encurtamos nosso destino pela metade e paramos numa bela e rasa enseada. Montamos acampamento e não reparei nas curiosas formações incrustadas nas raízes, troncos e galhos da vegetação circunvizinha, desatento confundi os cauxis com raízes aéreas e minha distração custou-me muito caro.

Cauxi (Porifera, Demospongiae)

As esponjas de água doce pertencem à classe Demospongiae (Tubella reticulata e Parmula batesii), têm como característica básica a produção de um esqueleto de espículas de Óxido de Sílica.

As espículas possuem um aspecto de agulhas transparentes ou opacas, com extremidades ligeiramente curvas. Essas espículas, devido à sua constituição mineral, após a morte e putrefação das esponjas, são liberadas da matriz de colágeno, que as mantém unidas em feixes estruturais e, assim permanecem nos sedimentos, disponíveis até que os banzeiros as propaguem no meio líquido.

O Pedido
(Felisbelo Sussuarana)

Almofadinha fofo e sem dinheiro,
Vivendo duns rabiscos que fazia,
O bardo ([91]) futurista não podia
Mais suportar aquele olhar brejeiro.

Enamorou-se logo e, verdadeiro
Aquele amor, de certo o mataria
Se a divinal e cândida Maria
Não fosse engalanar-lhe o lar fagueiro.

E decidiu-se então sem mais aquela
A procurar o pai da jovem bela
Para pedir-lhe a mão da filha; o Duarte,
O genitor, porém, que não é tolo,
Em vez da mão da filha, seu consolo,
Meteu-lhe o pé com força em certa parte.

---

[91] Bardo: poeta.

Imagem 39 – Navegando o Baixo Tapajós, PA

Imagem 40 – Boim, Santarém, PA

Imagem 41 – Boim, Santarém, PA

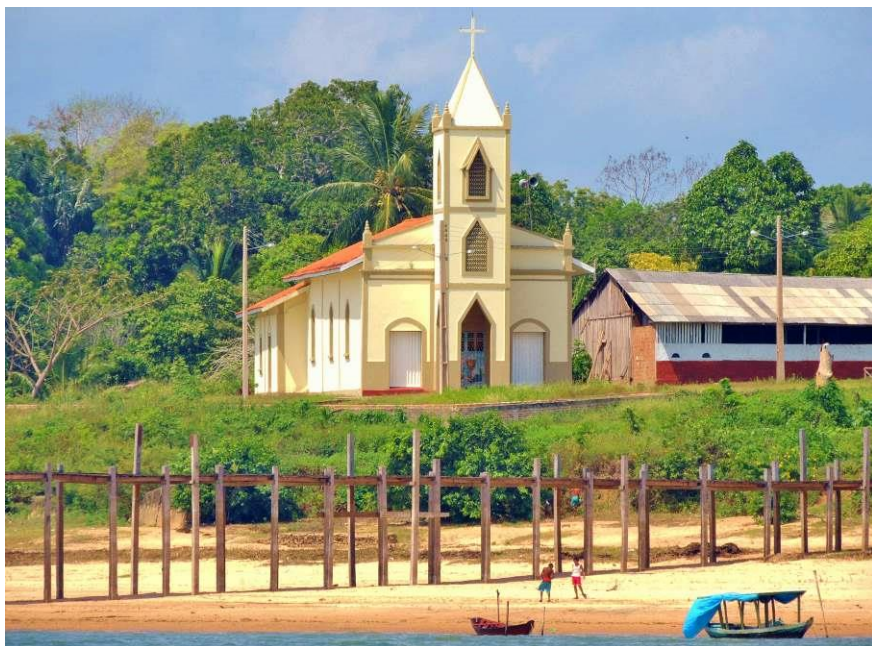



Imagem 42 – Igreja de Inácio de Loyola, Boim, PA

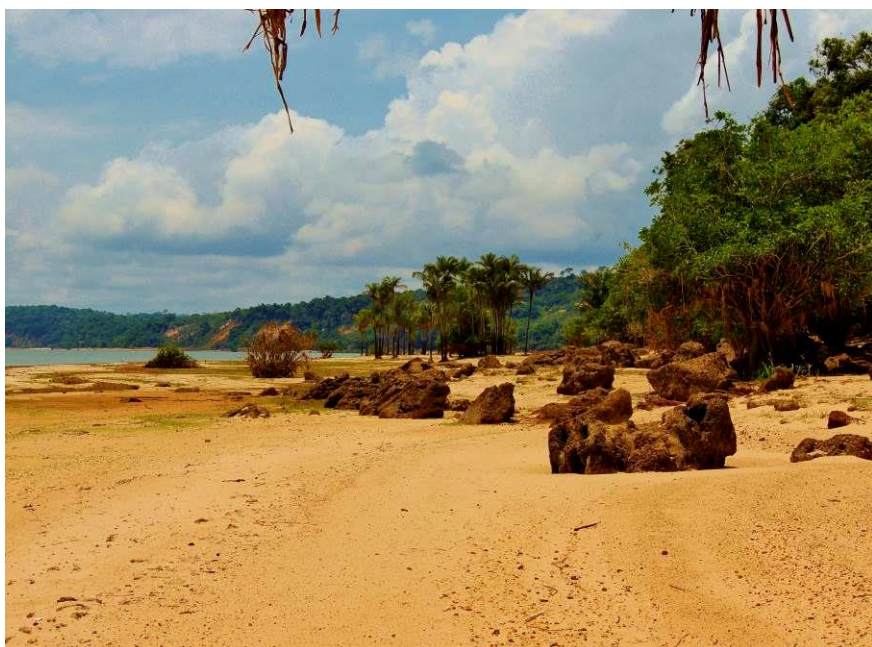



Imagem 43 – Ponta do Escrivão, PA

Imagem 44 – Cabo Eng Mário, Ponta de Precassu, PA

Imagem 45 – Balsa do 8° D Sup, Rio Tapajós, PA

Enseada da Pedra Branca/Itaituba

Rio Tapajós

(Helvecio Santos)

Verde Rio bravio de minha terra natal, pra quem canta o rouxinol do nascer ao pôr do Sol. Verde Rio que brilha como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, ao longo das alvas praias em seu correr indolente. Verde Rio que encrespado, soprado pelo vento Leste, brabo que nem filho da peste, brilha e rebrilha quando a luz do Sol nele se dá.

Verde Rio que ameaça o Augusto Montenegro, o Lauro Sodré, o negro navio do Loyde, desafiante no rebojo, apavora o novel marujo. Verde Rio de faceta amiga e branda p'ro famoso Macambira, seu amado pescador, que em frágil montaria retorna ao final do dia com sua colheita de amor. Verde Rio de alvas pérolas na crista de suas ondas, subindo, descendo, renovando em eterno chuá! chuá! Descanso da vista cansada ou mesmo só pra alongar.

Serenai, verde Rio! Por piedade, serenai! O valente caboclo se entrega em teus braços, navega em teu leito estufando o peito. Onde vai? Sobe a cortina do tempo! Filhos desse Tapajós, isso já não existe! É sonho sonhado, lembrança de um passado, sumido, desaparecido, permitido por nós! [...]

12.10.2013 –Pedra Branca/Igarapé Moratuba

A nostálgica tranquilidade de nossa permanência na bela Enseada da Pedra Branca só fora parcialmente quebrada, ao longe, pela frenética preparação da praia que abrigaria, no dia seguinte, os folguedos do Dia da Criança.

Partimos ao alvorecer, e eu, sem saber, levava comigo algumas aborrecidas e birrentas parceiras – pequenas espículas de cauxi, que infestavam as areias e as águas da região, cravadas em minha pele. Encontramos, no decorrer do dia, diversos ribeirinhos, de comunidades próximas, que se deslocavam ansiosos para participar da festa montada na Pedra Branca. Os ventos oriundos do quadrante Este eram menos intensos que no dia anterior e fomos incomodados apenas pelo calor abrasivo do verão amazônico.

Aportamos na Foz do Igarapé Moratuba onde montamos acampamento e, a partir da tarde, comecei a sentir os intensos pruridos das espículas de cauxi que persistente e cruelmente me acompanhariam durante toda a jornada.

13 a 17.10.2013 – Igarapé Moratuba/Itaituba

Mantivemos nossa rotina diária e pude verificar a localização completamente equivocada de comunidades e cidades como Bom Fim e Pinhel em todos os mapas disponíveis. No dia 16, aportarmos, depois de um extenuante dia de navegação de Sol a pino, no Tabuleiro Monte Cristo onde o IBAMA possui confortáveis instalações. Fomos gentilmente recebidos, convidados para acantonar e participar de um saboroso jantar à base de peixes.

Tabuleiro Monte Cristo

O IBAMA implantou o projeto CENAQUA, na área do Tabuleiro Monte Cristo, há quase 20 anos. O Projeto tem como objetivo preservar tartarugas, tracajás, pitiús e aves como o talha-mar, a gaivota, o bacurau dentre outras.

Localizado a 6km ao Norte de Barreiras, Distrito de Itaituba, o Tabuleiro está incrustado numa extensa região formada por lagos, Ilhas e praias banhadas pelas cristalinas águas do Rio Tapajós. Anualmente, nesta época, normalmente na mudança de lua, tartarugas, tracajás e pitus desovam na praia protegida pelos olhos vigilantes e atentos dos fiscais do IBAMA. Cada animal chega a botar, por vezes, mais de 100 ovos por cova.

Festival de Barreiras

Partimos às cinco horas do dia 17, pois a jornada até Itaituba era muito longa, quase 50km. Passamos antes do alvorecer pela comunidade de Barreiras que tem sua economia baseada no extrativismo e na pesca artesanal.

O grande evento cultural da cidade baseia-se na história dos peixes Aracu e Piau que é manifestado com toda pujança no Festival que acontece no mês de julho apresentando a disputa entre os dois cardumes. O evento inclui danças e evoluções diversas, procurando representar os contos e as lendas do imaginário caboclo. A disputa empolgante entre os peixes Aracu e Piau é realizada no "*peixódromo*".

Engarupado na anca da história, lembrei-me de Barcelos, AM, quando desci o Rio Negro. Lá, como aqui, ocorre uma festa semelhante denominada "*Festival do Peixe Ornamental*".

O Festival de Barcelos, instituído em 1994, homenageia a cultura e o dia-a-dia dos pescadores conhecidos como "*piabeiros*". Na época da festa, os cardumes fazem evoluções graciosas e as torcidas e os turistas elegem o cardume mais original.

Cardinal x Acará-Disco: E a piaba doida? Bem, quem não torce nem para um nem para outro, certamente é visitante. É turista! É piaba doida!

O turista desavisado chega à cidade e acaba descobrindo um festival surpreendente quanto à organização dos grupos, numa região com tão poucos recursos!

Na arquibancada, entre duas grandes torcidas ou "*cardumes*", o visitante não sabe para que lado correr. Daí o apelido [...] (Maraísa Ribeiro)

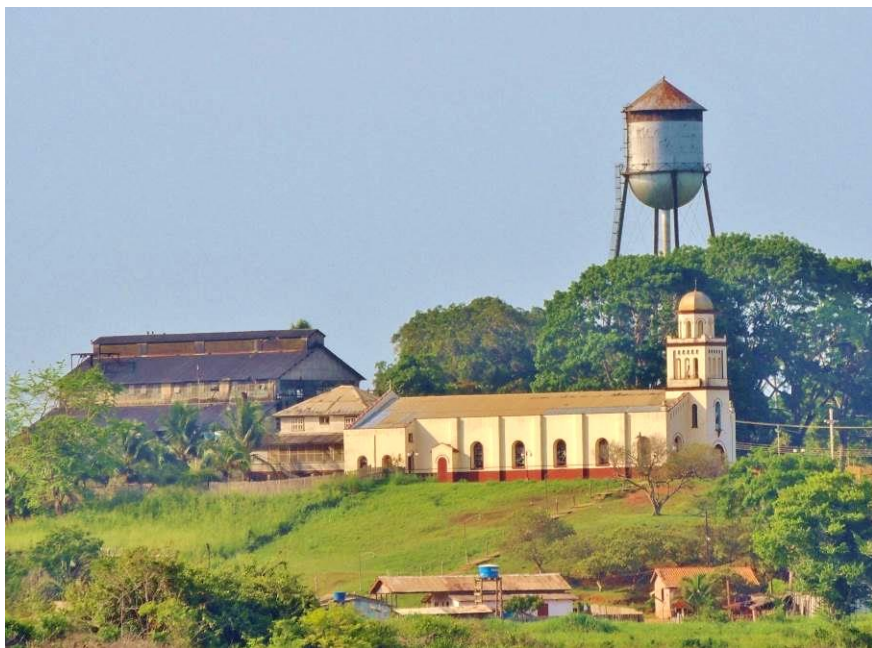



Imagem 46 – Fordlândia, PA

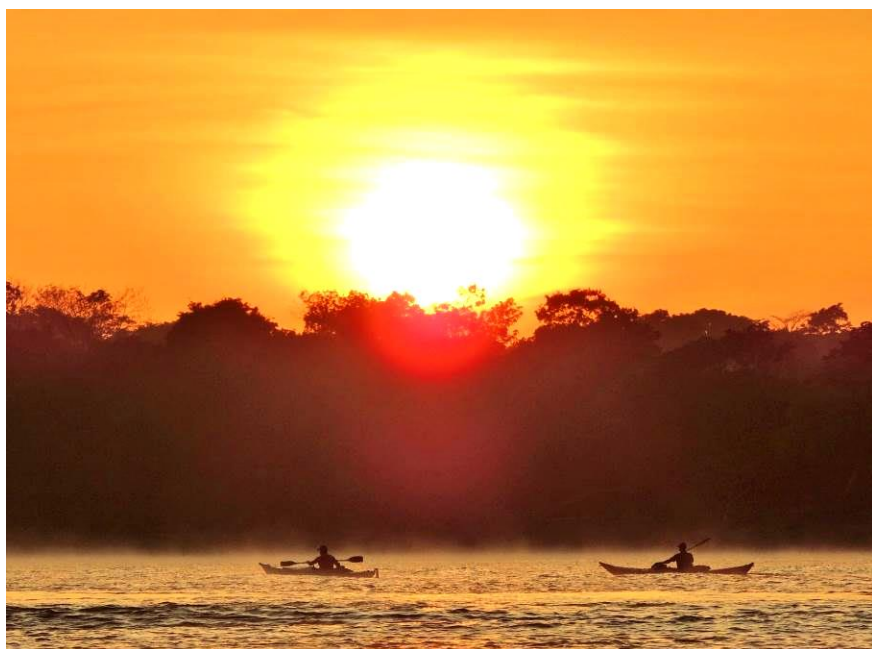



Imagem 47 – Tabuleiro Monte Cristo, Aveiro, PA

Imagem 48 – Barreiras, Itaituba, PA

Imagem 49 – Itaituba, PA

Itaituba, PA

Chegamos em Itaituba, por volta das 14h00, e aportamos junto ao empurrador comandado pelo dinâmico Ten MB Moreira, do 8° Depósito de Suprimento (8° DSup). Em Fordlândia, o Cb Mário já tinha conseguido, com o pessoal do 8° DSup, um quilo de farinha e, desta feita, fomos recepcionados com um belo lanche a bordo e a possibilidade de tomar um banho antes de realizar contatos em terra.

Fui direto ao quartel da PM verificar se através deles poderia contatar o arisco pessoal da Prefeitura de Itaituba. Antes mesmo de sair de Porto Alegre, RS, já me comunicara com eles, via e-mail, tentando viabilizar algum tipo de apoio e me informaram que já tinham apresentado minhas pretensões à Prefeita. Estava entrando no aquartelamento da PM quando o Major Paulo Correia Lima Neto, que estava respondendo pelo comando do 53° Batalhão de Infantaria de Selva (53° BIS), telefonou-me dizendo que tinha condições de apoiar-me com a instalação e combustível para a lancha de apoio. O Major Correia Lima tinha sido informado de minha presença pelo Tenente-Coronel Miranda, Subcomandante do 8°BEC, Santarém, PA.

Foi um apoio providencial. Caso contrário iríamos acampar, como até então vínhamos fazendo, e iniciar nossa volta para Santarém sem poder contar como devido e necessário conforto e repouso. Estávamos cansados depois de remar durante oito dias consecutivos sob Sol escaldante. É interessante observar que foi a primeira vez que um Prefeito não se dispôs a apoiar-nos. Na descida pelos ermos sem fim do Rio Juruá, nos Estados do Acre e Amazonas, contamos sempre com apoio irrestrito do poder público.

Aqui no Pará mesmo, já fomos devidamente apoiados em Juriti, Oriximiná, Óbidos e Alenquer. De Itaituba, levamos conosco saudades apenas do "*Braço Forte, Mão Amiga*" de nosso sempre pronto Exército Brasileiro.

À noite, fomos convidados pelo Ten MB Moreira a jantar em um restaurante da cidade e passamos uma noitada extremamente agradável ouvindo causos interessantes e hilários deste formidável e simpático grupo fluvial do 8°DSup. O Moreira foi convidado e aceitou ser instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tenho certeza de que este jovem oficial saberá desincumbir-se desta nova missão com o mesmo entusiasmo e galhardia que vem desempenhando como Comandante do Empurrador Yauaretê.

Área de Lazer dos Oficiais (ALO) do 53°BIS

Infelizmente, ante a falta de apoio da Prefeitura local, minhas pretensões de conhecer Jacareacanga, conversar com algumas lideranças locais a respeito do Complexo Hidrelétrico do Tapajós não foram concretizadas.

Felizmente na ALO tive a ventura de conhecer o Sr. Nilton Luiz Godoy Tubino, Coordenador-Geral de Movimentos do Campo e Territórios subordinado à Secretária Geral da Presidência da República.

Tubino foi bastante esclarecedor em relação a algumas de minhas indagações sobre o aproveitamento Hidrelétrico do Tapajós e conseguiu-me mapas das Barragens Jatobá e São Luiz do Tapajós. Mais uma vez estamos partindo para estudos de viabilidade de barragens descurando da mobilidade fluvial.

Não se pode pensar em represar um Rio para geração de energia sem levar em conta a possibilidade de viabilizar a transposição das barragens por meio de eclusas. A Hidrovia Tapajós-Teles Pires-Juruena precisa ser concretizada e estes estudos de viabilidade e construção precisam e devem ser tratados concomitantemente e não de maneira estanque.

É um erro histórico que continua a ser cometido pelos governos que se sucedem.

Potenciais Hidrelétricos em Terras Indígenas (TI)

> [...] Será que o governo quer acabar com todas as populações da Bacia do Rio Tapajós? Se apenas a barragem de São Luís for construída, vai inundar mais de 730 km². E daí? Onde vamos morar? No fundo do Rio ou em cima da árvore? Não somos peixes para morar no fundo do Rio, nem pássaros, nem macacos para morar nos galhos das árvores. Nos deixem em paz. Não façam essas coisas ruins. Essas barragens vão trazer destruição e morte, desrespeito e crime ambiental, por isso não aceitamos a construção das barragens... (Missão São Francisco do Rio Cururu, 06.11.2009)

A Constituição Federal de 1988 autoriza a exploração dos potenciais hidrelétricos em Terras Indígenas (TI) desde que haja autorização do Congresso Nacional e ouvidas as comunidades envolvidas.

Logicamente este dispositivo legal se refere tão somente a projetos que causem interferência direta nas terras indígenas o que não ocorre, por exemplo, na UHE São Luiz do Tapajós a mais de 40 km de qualquer terra indígena.

Infelizmente os Munducurucu têm sido usados como peça de manobra para se opor à construção da barragem sem ao menos saber do que se trata e a mídia sensacionalista só se interessa em apresentar imagens de nativos devidamente fantasiados com o intuito de causar o maior impacto possível às massas ignaras.

As populações afetadas não estão sendo devidamente esclarecidas, propiciando que "*talibãs verdes*" (inocentes úteis ou a soldo de interesses inconfessos) tentem fazer prevalecer sua visão distorcida sem levar em conta as reais necessidades da nação.

A questão não é mais se a construção é necessária ou não e sim a necessidade de minimizar os impactos ao meio ambiente e às populações do entorno.

A discussão tem um viés importante que é o sustentável, todos os empreendimentos na Amazônia vão gerar, sem dúvida, polêmica dos "*ambientalistas*" e "*mercenários apátridas*".

As potências hegemônicas tentam, a todo custo, que surja um "*tigre asiático*" ao Sul do Equador. Nossa engenharia hidrelétrica e legislação ambiental estão entre as melhores do mundo, capazes de atender às normas vigentes e evitando que o país enfrente um caos energético na década que se avizinha.

A carta dos Munducurucu foi redigida por mal informados e/ou mal intencionados "*guardiões da floresta*" que omitem, intencionalmente, os benefícios auferidos pelas populações atingidas pelas barragens.

Imagem 50 – Lar da Tartaruga, Aveiro, PA

Imagem 51 – Brasília Legal, Aveiro, PA

Imagem 52 – Aveiro, PA

Imagem 53 – Sítio dos Sonhos, Aveiro, PA

Itaituba/Aveiros

Tarde Santarena
(Juliane Oliveira)

São inúmeras as músicas que embalam o amor dos santarenos pela Pérola do Tapajós. Algumas delas falam das praias, do encontro das águas, dos pescadores, dos casais de namorados e por aí vai. Outras falam da sua fauna e flora. Não precisa ser muito sensível ou mesmo inspirado pra fazer poesia para a terra que é banhada pelo verde-esmeralda do Tapajós e cobiçada pelo barrento Rio Amazonas.

21.10.2013 – Itaituba/Tabuleiro Monte Cristo

A fidalga e pronta recepção por parte do 53° Batalhão de Infantaria de Selva (53°BIS), capitaneado interinamente pelo Major Paulo Correia Lima Neto foi providencial. O pernoite, nas impecáveis instalações da Área de Lazer dos Oficiais, de quinta a domingo, permitiu-nos recompor as energias e recuperar a musculatura.

O recompletamento do combustível da lancha de apoio, por sua vez, garantiu-nos a possibilidade de dar continuidade à nossa jornada. Infelizmente, apesar de procurar o Major Correia Lima na sua residência em duas oportunidades, não consegui encontrá-lo para agradecer em meu nome, de minha equipe e do DCEx.

Alvorada às 05h00 e partida às 05h40. O deslocamento que fizéramos anteriormente do Tabuleiro Monte Cristo até Itaituba fora extremamente cansativo, por isso, resolvemos partir cedo. Quando o Sol surgiu preguiçosamente na margem Oriental, já tínhamos remado mais de uma hora.

Um dia ameno, uma suave brisa refrescava nossos corpos extenuados e, vez por outra, uma nuvem providencial atenuava os causticantes raios solares. Chegamos ao Tabuleiro pouco depois do meio-dia, três horas menos do que levamos, no dia 17, para percorrer a mesma distância no sentido inverso. Embora navegar contra a corrente pudesse justificar essa diferença, temos de considerar que o Tapajós, em virtude da estiagem, pouca ou nenhuma influência tem em relação ao deslocamento Rio acima; o que realmente prejudicou nossa progressão anterior foi o terrível calor e a ausência de ventos e nuvens que amortecessem esses efeitos.

Paramos novamente nas instalações do IBAMA (Tabuleiro Monte Cristo). Infelizmente, apenas três tartarugas tinham realizado a postura, não seria desta vez que conseguiríamos apreciar a desova das enormes tartarugas amazônicas (Podocnemis expansa). Estávamos descansando nas confortáveis instalações do "*Lar das Tartarugas*" quando observamos a "*Expedição Tapajós – 2013*" de caiaques subindo o Rio. Um grupo de veteranos estrangeiros alemães estava subindo até o Salto São Luís. Espero que não seja mais um grupo de ativistas manifestando-se contra a construção da hidrelétrica de São Luís do Tapajós, que junto com outras quatro faz parte do Complexo Tapajós, tão necessária ao desenvolvimento da região e do país.

Amazônica Intocável

A polêmica em relação à construção das hidrelétricas por parte de manifestantes que defendem que a Amazônia deva permanecer intocável é um sofisma primário que não encontra amparo lógico nem na história da humanidade e muito menos no bom senso.

É interessante verificar que todos estes militantes estrangeiros são oriundos de países que cometeram e ainda cometem os maiores desatinos ambientais do planeta e que, em vez de cobrarem de seus próprios governos medidas corretivas em relação à poluição e recuperação de áreas degradadas de seus países, surgem na “*terra brasilis*” como insanos arautos do apocalipse ambiental, demonizando os brasileiros em geral e os amazônidas em particular.

Uma vez indaguei a um deles qual seria então alternativa energética proposta e o astuto germânico prontamente respondeu – energia nuclear. Logicamente o Brasil deveria comprar os equipamentos de sua querida Alemanha que dominava todas as fases desse tipo de geração – legítimos talibãs verdes a soldo e a serviço de grandes corporações.

Madrugando no Passado

Quantas vezes nós mesmos volvemos os olhos para o distante pretérito em busca das mais gratas recordações. Como seria bom que o tempo parasse, estacionasse em uma das melhores fases de nossas vidas, mas, seria este também o melhor tempo dos outros indivíduos? Lembro quando acompanhava o velho Cassiano, meu saudoso e honorável pai, desde os cinco anos de idade, nas pescarias em açudes de meu querido Rosário do Sul, RS. Era um evento formidável, memorável mesmo, partíamos de caminhão, amigos, parentes, assador (Seu Felipe), duas ovelhas vivas, lenha, barco, tralhas de acampamento e pescaria e uma “*velha cambona preta*”. A cambona era feita de uma velha lata de óleo com alça de arame e era colocada diretamente no braseiro para aquecer a água do chimarrão.

Durante o dia, o pequeno piá Hiram se divertia pescando lambaris com sua tarrafinha que eram usados, mais tarde, no espinhel para pegar as cobiçadas traíras e jundiás. À noite, caçava pirilampos que soltava na barraca fechada transformando-a numa mágica miniatura da abóboda celestial salpicada de pulsantes estrelas cor de esmeralda. Bons momentos, talvez dignos de um congelamento temporal. Lembro, porém, que, na mesma época, a viagem de Porto Alegre a Rosário, no inverno era uma verdadeira odisseia. A estrada de chão esburacada apresentava um obstáculo por vezes intransponível – o temível banhado do Inhatium. Deveríamos ficar reféns eternos do ameaçador estorvo? Rosário era na época abastecido por uma termoelétrica que, quando estava funcionando, fazia as luzes pulsarem e os poucos eletrodomésticos pifarem. Continuaríamos para sempre satisfeitos com este tipo de fornecimento? Parece que não!

O problema é que estes problemas nos afetam diretamente. É diferente quando estas dificuldades dizem respeito aos habitantes dos ermos dos sem fim – os amazônidas. É fácil fazer propostas que embarguem o desenvolvimento e tragam mais conforto para estas populações quando não somos diretamente atingidos. Esquecem, porém, os "*talibãs verdes*" que não existe desenvolvimento sem energia e que não se faz "*omelete sem quebrar ovos*".

As minas de Juriti e Porto Trombetas precisam de muita energia para transformar a bauxita em alumínio ou será que somos incapazes de alterar nossa destinação histórica subserviente de exportar minério bruto e importar o produto final dos países desenvolvidos?

22.10.2013 – Tabuleiro Monte Cristo/Aveiros

Resolvemos ir até Aveiros, mais de 72km em linha reta, 76km de percurso, desde o Tabuleiro, e partimos às 05h30. Atingimos Fordlândia às 09h00 e aproamos decididamente rumo a Aveiros. O tempo colaborou até atingirmos a Praia do Tecaçu por volta das 12h40. Daí em diante até nosso destino final, onde aportamos, cansados, às 15h40, o Sol castigou-nos impiedosamente. Em Aveiros, o Marçal foi para sua casa e eu e o Mário nos instalamos em um hotel da cidade com ar-condicionado.

A Entrevista

(Felisbelo Sussuarana)

Dez horas... dez e meia... As horas voam
E ela não vem, não vem para a entrevista!
Anseio e fremo, e quanto me contrista
A sua ausência... E as onze, lentas, soam...

Do galo, no terreiro, me atordoam
Os repetidos cocoricós, e egoísta
Do meu amor, maldigo esse corista
A remarcar as horas que se escoam.

Geme o relógio – doze... Meio-dia!
E ela não vem, mentiu-me... Que ironia! ...
…..

Escuto: alguém bateu... É o meu amor!

Vou tê-la, enfim, rendida, nos meus braços!
E, antegozando os beijos e os abraços,
Descerro a porta... oh! raiva! Era um credor! ...

Comemoração Cívica

(Felisbelo Sussuarana)

15 de Novembro.
A Praça regurgita.
É grande a massa que se agita. [...]
De novo em movimento.
Foguetes doidos furam o ar,
De momento a momento.
A fanfarra torna a vibrar.
"Já podeis, da Pátria filhos,
Ver contente a Mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil..." [...]

Vem a noite, afinal,
Pôr termo à bela festa nacional.
Palmas em profusão. [...]
A banda executa o Hino.
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."
Num frêmito divino,
Todos cantam. Todos. Delirantes!...
Põe-se em marcha a passeata. [...]

Aveiro

Os Rios que eu encontro vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca, em que a água sempre está por um fio. Cortados no verão que faz secar todos os Rios.
Rios todos com nome e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente, outros com nome de bicho, uns com nome de santo, muitos só com apelido.
(Rios – João Cabral de Melo Neto)

A Aveiro portuguesa, de quem a cidade Paraense herda o nome, é conhecida atualmente como a "*Veneza de Portugal*" mas, anteriormente, era denominada de "*Nova Bragança*", capital do Distrito de Aveiro, na Região Centro e pertencente à sub-região do Baixo Vouga.

Aveiro, Pará

Fonte: IBGE

Histórico

As origens do Município remontam à época da formação de uma Aldeia de Índios Mundurucu, denominada Tapajós-tapera, localizada à margem do Rio Tapajós, e que alcançou grande progresso.

Essa aldeia obteve a denominação portuguesa de Lugar de Aveiro, por Ato do Governador e Capitão-General José de Nápoles Tello de Menezes, em 23.08.1781, que nomeou, na mesma ocasião, o morador Francisco Alves Nobre para administrá-la.

Constatou-se, no Registro Oficial, a existência antes de 1781, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aveiro, do que se concluiu, portanto, que o ato de criação desse lugar foi somente uma confirmação, pois o local já era conhecido como Aveiro.

Gentílico: aveirense

Formação administrativa

Elevado à categoria de Vila com a denominação de Nossa Senhora da Conceição do Aveiro, em 1781.

Pela Lei Provincial n° 148, de 18.11.1848, a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Aveiro foi extinta, sendo seu território anexado ao Município de Itaituba.

Elevado novamente à categoria de Vila com a denominação de Aveiro, pela Lei n° 1152, de 04.04.1883, desmembrado de Itaituba. Sede na Vila de Aveiro. Constituído de 2 Distritos: Aveiro e Brasília Legal. Desmembrado de Itaituba. Reinstalada em 01.07.1884.

Pela Lei Municipal n° 4, de 12.02.1892, são criados os Distritos de Pinhel, Rio Cupari e Uruçagui e anexados ao Município de Aveiro.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o Município é constituído de 5 distritos: Aveiro, Pinhel, Rio Cupari, Uruçagui e Brasília Legal.

Elevado novamente à categoria de Município com a denominação de Aveiro, pelo Decreto Estadual n° 78, de 27.09.1930.

Pelo Decreto Estadual n° 6, de 04.11.1930, o Município de Aveiro, foi extinto, sendo seu território anexado ao Município de Santarém.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, Aveiro figura como Distrito do Município de Santarém.

Pela Lei Estadual n° 8, de 31.10.1935, o Município é extinto novamente sendo seu território anexado ao Município de Santarém.

Elevado novamente à categoria de Distrito com a denominação de Aveiro, pelo Decreto-Lei Estadual n° 3131, de 31.10.1938, com território desmembrado do Distrito Alter do Chão e anexado ao Município de Santarém.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o Distrito de Aveiro figura no Município de Santarém.

Em divisão territorial datada de 01.07.1950, o Distrito de Aveiro permanece no Município de Santarém.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Aveiro, pela Lei Estadual 1127, de 11.03.1955, desmembrado de Santarém e Itaituba. Sede no antigo Distrito de Aveiro. Constituído de 2 Distritos: Aveiro e Brasília Legal.

Pelo Acordão do Supremo Tribunal Federal de 04.10.1955, a criação foi anulada, voltando seu território a categoria de Distrito e pertencendo ao Município de Santarém e Itaituba.

Em divisão territorial datada de 01.07.1960, o Distrito de Aveiro permanece no Município de Santarém.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Aveiro, pela Lei Estadual n° 2460, de 30.12.1961, desmembrado de Santarém e Itaituba. Sede no antigo Distrito de Aveiro. Constituído de 3 Distritos: Aveiro, Brasília Legal e Pinhel.

Instalado em 10.04.1962. Distrito de Pinhel criado com a mesma lei acima citada. Em divisão territorial datada de 31.12.1963, o Município é constituído de 3 Distritos: Aveiro, Brasília Legal e Pinhel. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005.

Sítio dos Sonhos

De manhã, fomos visitar o "*Sítio dos sonhos*" administrado por um amigo da família do Marçal, o Sr. Júlio. Um homem determinado e empreendedor que construiu, com carrinho de mão, uma enorme taipa na beira da praia para criar Tambaquis (Colossoma macropomum), também chamado de Pacu Vermelho, e cercou o entorno com majestosos buritizeiros. O aspecto mais curioso de sua ciclópica empreitada é que, embora alguns especialistas afirmem que o Tambaqui não se reproduza em cativeiro, o Sr. Júlio, como tantos outros piscicultores, vem conseguindo que os mesmos o façam naturalmente no seu pequeno lago artificial. Os animais são alimentados com as frutinhas do variado pomar plantado por ele. Além de uma área de acampamento para visitantes, ele está preparando algumas canchas para prática de esportes. Vale a pena visitar e conhecer este belo local que fica a poucos quilômetros a jusante de Aveiro.

Amazônicas coincidências

Encontramos no Hotel Tapajós o Sr. Emanuel de Oliveira Duda, um desbravador indomável que encontráramos, no dia 17.12.2012, na Escola Ernestina Rodrigues Ferreira, Foz do Breu, AC, fronteira peruana. Técnico da empresa OI, o Emanuel é um itinerante que perambula pelos ermos sem fim a instalar orelhões de sua provedora. Ele acompanhou-nos num rápido passeio pela cidade que foi concluído com uma visita à

casa do Marçal onde conhecemos sua simpática progenitora. O Emanuel tem uma filha encantadora chamada Gabriele Neves Duda que lhe escreveu uma comovente carta, que ele carrega sempre consigo, capaz de emocionar os corações mais empedernidos.

Conhecemos, na oportunidade, dois integrantes do famigerado "*Programa mais Médicos*" os cubanos Manuel Trinchet Hernández e a Drª Marbelis Ramírez Muñoz que tinham sido alocados em Aveiros, desde 28.08.2013. Ela uma médica, sem sombra de dúvidas, ele, certamente membro do partido que ali estava para fiscalizar as ações da sua parceira.

Na Rede

O Marçal apresentou-nos o Sr. Antônio Felipe Santiago Neto dono do Restaurante e Hotel Mirante do Pôr do Sol onde fizemos as refeições e pudemos enviar nossas imagens pelo "*face*" e reportar o artigo de nossa jornada desde Itaituba até Aveiro.

Política

(Felisbelo Sussuarana)

Dois filhos tem Miguel José Veludo
Que gêmeos são, nascidos faz um ano;
Um, pobrezinho, veio ao mundo – mudo;
O outro, coitado, é surdo como um cano. [...]

Ontem me disse: – Sabes, meu amigo?
Eu, que a doutrina modernista sigo,
Um grande plano tenho, alevantado:
Fazer dos dois meninos, com perícia,
Quando formados – Chefe de Polícia
O surdo... E o mudo? – O mudo, Deputado.

Longe de Ti
(Felisbelo Jaguar Sussuarana [92])

Hoje estou triste e pesaroso e, certo,
Este pesar agora me acabrunha ([93]).
Longe de ti vegeto num deserto,
Só tendo minha dor por testemunha.

É que, formosa, quando vives perto
Do teu cantor que versos te rascunha,
É meu viver, florindo, um céu aberto:
Morre a saudade, morre a caramunha ([94]).

É que não posso mais sem teu carinho
Passar nestas – da vida transitória –
Ondas revoltas de perigo cheias.

É que, se longe estás do nosso ninho,
Eu sou forçado – que dorida história! –
A remendar, que jeito, as minhas meias.

---

[92] ***Felisbelo Jaguar Sussuarana***
(Por ele Mesmo)

Meu nome é Felisbelo, um nome raro
Que muito diz e não revela tudo;
Mas, por capricho do destino rudo,
Belo não sou nem sou feliz, é claro…

"Embora não tenha intenção de trocadilhar, direi que Felisbelo Sussuarana foi um poeta de raça que se perdeu na roça. Se tivesse vivido em meio mais adiantado, os conterrâneos teriam orgulho de ver seu nome nas antologias nacionais. […] Lamentável não tivesse o escritor mocorongo um parente, um amigo ou um conterrâneo de recursos que tomasse a peito reunir em volumes, arrancando-a do olvido e da destruição total, a fabulosa produção de Felisbelo, que ainda rola pelas páginas esfrangalhadas de antigos jornais, comida das traças, roída das baratas e delida da ação do tempo… Lamentável e triste para a tradição cultural de nossa terra…" (RODRIGUES DOS SANTOS, 1999, p. 410-411).

[93] Acabrunha: magoa.

[94] Caramunha: lamúria.

Imagem 54 – Barreiras Vermelhas, Aveiro, PA

Imagem 55 – Barreiras Vermelhas, Aveiro, PA

Imagem 56 – Preparando o "almojanta", Aveiro, PA

Imagem 57 – Barco Hospital Avaré

Boim, PA

Terra dos Tupinambás
(Elísio Eden Cohen e Maria das Graças Pinto Paz)

Boim! Boim! Terra dos Tupinambás
Boim! Boim! Não te esquecerei jamais
Boim dos meus amores
Terra boa de viver
Quero sempre estar bem perto
Pra contigo conviver
Tem festa de Santo Inácio
Que é a grande reflexão
A este Santo Milagroso
Que é nossa proteção. [...]

Volto a reportar informações sobre a região de Boim, por onde passamos quando subíamos o Tapajós, tendo em vista as conversas que mantive com ribeirinhos e moradores de Aveiro e, em especial, o Sr. Júnior, gerente da Agência do Bradesco em Aveiro.

Boim

Distrito de Santarém, PA, assentado na Baía do Boim, margem esquerda do Rio Tapajós, a, aproximadamente, noventa quilômetros da sede do Município de Santarém.

O termo "*Boim*" é de origem tupi e significa "*cobrinha*", obtido através da conexão dos termos "*mboîa*" (cobra) e "*mirim*" (pequeno). Foi fundada, em 1737, pelo Padre jesuíta José Lopes com o nome de "*Aldeia de Santo Inácio de Loiola*".

No dia 09.03.1758, a Aldeia teve sua denominação alterada para Vila de Boim.

Igreja Católica de Boim

A Igreja de Boim está localizada no centro da Comunidade próxima à Praça Padre Antônio da Fonseca e ao Porto. Tentaram várias vezes, sem sucesso, construí-la de frente para o Rio Tapajós. Os moradores afirmam que cada vez que metade da obra era concluída os temporais a arrasavam. Certa vez um dos operários sonhou que a igreja deveria ser construída na mesma posição em que fosse encontrada a imagem de Inácio de Loiola. No dia seguinte, a estátua do Santo foi encontrada de lado para o Rio.

Hoje a Igreja de Boim é a única assim posicionada em todo o Tapajós. A versão mais aceita, porém, é a que reproduzimos a seguir.

Lenda da Igreja

Fonte: Maickson Santos Serrão, 18.01.2011.

> Em 1895, auge da Revolta dos Cabanos, o povo boinense fugiu para a mata. Um certo homem religioso, todavia, tratou de esconder a imagem de Santo Inácio de Loyola. Embora pesada, escondeu-a atrás de uma árvore de Sapupema e a cobriu com folhas de Piririma e Samambaia.
>
> Após o fim da revolta, os moradores retornaram à vila e deram pela falta do Santo. O homem, então, disse o local do esconderijo e os comunitários puderam levá-lo à Igreja.
>
> Entretanto, noutro dia, novamente o Santo havia sumido. Dessa vez, ninguém sabia onde encontrá-lo. Resolveram procurar atrás da árvore e, para surpresa geral, lá estava ele. Levaram-no por três vezes à Igreja e em todas ele voltava para trás da Sapupema.

Uma senhora idosa, curandeira, consultou os astros e disse que o Santo queria uma Igreja nova. Começaram, portanto, a construção de um novo templo com a frente para o Rio, como é de costume. Quando a construção estava quase finalizando, um forte temporal a destruiu completamente. Não desistiram. Voltaram aos trabalhos e novamente veio abaixo. Fizeram por três vezes e todas caíram. Novamente consultaram a curandeira, que garantiu que deveriam construir a Igreja como tinham encontrado o Santo, ou seja, de lado para o Rio. Assim fizeram e a Igreja está até hoje de pé, com algumas remodelações feitas em 1949 e em 2005. (SERRÃO, 2011)

Flerte de S. Inácio e Nossa Senhora do Rosário

Fonte: Manuel Dutra baseado na obra de Elísio Eden Cohen

Entronizado pelos jesuítas, Santo Inácio não foi o primeiro padroeiro, cargo que pertencia a Nossa Senhora do Rosário. As duas imagens ficavam lado a lado, no interior da capela e os moradores logo descobriram que havia um flerte entre os dois. De 1910 para cá, Santo Inácio virou padroeiro e ninguém sabe onde foi parar a Nossa Senhora do Rosário. Insatisfeito com a solidão, o Santo guerreiro da Espanha Basca, como bom cavaleiro que foi na vida terrena, buscou alternativa.

À noite, quando todos dormiam, exceto o boto conquistador, Inácio Lopez de Loyola deixava o seu pedestal e, descendo algumas léguas Tapajós abaixo, em pouco tempo estava ao lado de N. Sr.ª da Saúde, na Vila de Alter do Chão. Não foi uma nem duas vezes que os fiéis, ao chegarem para a reza matinal, assustaram-se ao perceber as vestes do santo úmidas pelo orvalho e a orla de seu manto apinhada dos carrapichos do mato por onde andara na noite anterior.

Seja como for, nada diminui a fé de quantos até hoje prometem-lhe mil coisas em troca de outras tantas, sobretudo pistolas. Assistir a uma festa religiosa em Boim é ouvir o estourar dos fogos do começo ao fim.

Por cima de tudo, Santo Inácio é Santo mesmo. Não é o tronco de carvalho no qual a imagem de quase um metro e meio foi esculpida. Ele assume a mesma estatura do fiel que, com devoção, se aproximar dele em oração.

Antes da última restauração, que deixou a estátua bem vistosa para a festa de 31 de julho, havia um buraquinho entre os lábios, deixado por um antigo restaurador de imagens de Santarém. Porém, não se tratava de um lapso do artista. Era naquele orifício que Inácio colocava o cigarro que fumava em suas sortidas noturnas, para espantar os carapanãs. (DUTRA)

Boim Contra os "*Ingerados*"

Fonte: Maickson Santos Serrão

Desde a infância, sempre nas contações de histórias que ouvimos dos mais velhos da comunidade, nos deparamos com a figura dos "*ingerados*", que são pessoas, segundo a crença, demoníacas que se transformam em outros seres, principalmente animais.

De madrugada, o fulano se "*ingera*" para cavalo. O sicrano se "*ingera*" para uma onça. A beltrana se "*ingera*" para uma porca. Essa metamorfose acontece devido a essas pessoas possuírem "*orações feias*", ou seja, pactos demoníacos.

As incertezas pairam entre as pessoas, mas aquelas de mais idade garantem que é real. Afirmam que já viram, presenciaram esse momento macabro.

Os “*ingerados*” circulam geralmente altas horas da noite e perseguem pessoas, principalmente quando estão sozinhas, e cães nas ruas. Mas há aqueles que, talvez, sejam mais “*poderosos*” ou mesmo “*sem vergonha*” e resolvem passear cedo da noite mesmo, sempre em locais com pouco movimento.

Um dia desses, um senhor da comunidade foi surpreendido por um desses seres. Próximo ao cemitério, deparou com uma porca que o fez correr. O senhor acabou passando mal e foi parar na água doce. Alguns comunitários, em solidariedade, foram caçar a tal porca, que é uma pessoa “*ingerada*”. Não a encontraram. Acabam surgindo suspeitos nas conversas de vizinhança e outros até apostam que sabem quem é a pessoa que se “*ingera*” para a porca. A caçada continua. Quarta, dia 16.10.2013, algumas pessoas a avistaram no bairro do Tucumatuba. Os mais corajosos da comunidade garantem que o fim dos seres “*ingerados*” está próximo. Será? Existem mesmo? Já imaginou você encontrando um cavalo, uma onça, que o persiga à noite? Prefiro não duvidar e espero nunca encontrá-los em minhas andanças por aí! (SERRÃO, 2013)

Estudos
(Alcides Werk)

VI

O amargo deste sal que me alimenta
Agora, eu mesmo o consegui catando
Abismos nesse Mar desconhecido
Que o tempo me mostrou depois de mim.

Este sabor estranho de distância
Que vivo a cada hora e que me envolve,
Vem da vida que vi nessa voragem.
Sei, agora, que após a ronda inútil

Por além dos limites do meu nada,
Voltamos mais vazios, eu e o barco
Que construí para guardar tesouros.

No regresso noturno, cumpro o gesto
De buscar o local, em cada porto
Onde possa esconder um sonho morto.

Das Fronteiras
(Alcides Werk)

[...] Nas minhas tardes vazias, enquanto o céu não me espera por total falta de méritos, atravesso essas fronteiras à procura de outras vidas, e quando retorno à casa trago a alma pesada de canções amargas. Mas se ergo a voz uma vez, e canto um canto rebelde num gesto forte de amor, todos me julgam um hostil estrangeiro. Quando se esgotar o meu tempo de luta, construirei minha morada entre árvores sadias e simples, e assistirei em silêncio força do tempo destruindo as fronteiras.

Aveiro/Santarém

O Tapajós que eu vi

(Eimar Franco)

Uma das belas características do Tapajós são as nuances de cor que apresenta durante os dias e as noites. Algumas vezes ele tem a cor de esmeralda; outras, a de chumbo; outras, o dourado – como se caprichasse para nos extasiar com sua beleza…

Partida de Aveiro (24.10.2013)

Partimos de Aveiro ao alvorecer e programamos a primeira parada no Sítio dos Sonhos do Sr. Júlio. Tínhamos acabado de aportar quando ele apareceu, com sua simpática esposa, e aproveitamos, mais uma vez, para nos despedir deste caro e empreendedor amigo. No Tapajós, as enormes Barreiras de arenito, conhecidas como "*Barreiras Vermelhas*", na margem direita, são características das praias a partir da Ponta da Fortaleza, a ESE de Aveiro, até as proximidades da Comunidade de Itapuama onde pernoitamos.

Na margem esquerda, encontramos formações similares que se estendem desde a meia distância entre a Comunidade de Paú e Escrivão para ESE até os limites entre Pinhel e Cametá. As Grandes Barreiras, portanto, estão confinadas, "*curiosamente*", às longitudes de 55°37'17,30" O e 55°37'17,20" O, em ambas as margens – em um alinhamento quase perfeito. Alguns destes ciclópicos paredões exibiam feias cicatrizes de recentes erosões. Algumas provocadas pela ação dos elementos, outras pela camada vegetal que se empoleira nas fissuras do arenito ou ainda pela combinação de ambos.

A rústica vegetação se desenvolve lentamente, equilibrando-se instável e perigosamente nos abismos verticais, entranhando suas delicadas raízes nas pequenas frestas da rocha e, pouco a pouco, como garras vulturinas vão ganhando corpo até que provocam a fratura irreversível do frágil arenito, despencando com ele num suicídio deliberado. Decidimos pernoitar, em uma pequena enseada, a um quilômetro ao Norte da Comunidade de Itapuama. Estava ajudando o Cb Eng Mário Élder a colocar a "*malhadeira*" quando um cardume de jaraquis aproximou-se, agitando a superfície d'água, e quatro deles emaranharam-se na rede antes mesmo de termos concluído a operação. Era muito bom variar o cardápio de enlatados com arroz ou enlatados e massa para uma caldeirada de peixes frescos.

Falha Geológica

A simples observação da dilatada Foz do Tapajós a jusante de Aveiro, a "*curiosa*" semelhança da ocorrência das Barreiras Vermelhas nas duas margens em um "*curioso*" alinhamento longitudinal e a verificação de que o desenho destas margens se encaixam quase que perfeitamente me levaram a considerar a possibilidade da ocorrência de uma falha geológica na região. Considera-se falha geológica uma descontinuidade formada pela fratura das rochas superficiais da Terra (algumas dezenas de quilômetros) pela ação das forças tectônicas. Como leigo no assunto resolvi consultar minha querida e muito especial ex-aluna do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) Raquel Gewehr de Mello estudante de Geologia da UFRGS e Bolsista de Iniciação Cientifica (PIBIC/CNPq). Disse a ela que a maior parte das formações era de arenito e a minha amada bruxinha foi taxativa:

> São arenitos do final do cretáceo, com estratificação cruzada, pelitos e conglomerados. Faziam parte de um sistema lacustrino deltaico com influência marinha e algumas bordas possuem cobertura laterítica e depósitos aluviais recentes.

A Raquel enviou-me mapas e estudos que confirmaram minhas expectativas. Em um deles, intitulado "*Neotectônica da Região Amazônica: Aspectos Tectônicos, Geomorfológicos e Deposicionais*" de João Batista Sena Costa e outros os autores fazem a seguinte consideração:

> **Oeste do Pará**
>
> Na região Oeste do Pará, as estruturas compõem dois conjuntos principais atribuídos ao Terciário Superior e ao Quaternário [J.B.S. Costa et al. 1994, 1995]. [...]
>
>> b) O segmento distensivo NNE-SSW tem extensão em torno de 200 km, é marcado por falhas normais que controlam o Baixo curso do Rio Tapajós, e seu desenvolvimento deve ter relação com reativação das falhas normais do Mesozóico. (SENA COSTA)

Partida de Itapuama (25.10.2013)

Partimos mais cedo e fizemos a segunda parada na Ponta Macau. A fotografia aérea do Google Earth mostrava que tínhamos uma Ilha à nossa frente e decidi navegar pela parte interna, entre ela e a terra firme, para fugir dos fortes ventos de NE que travavam nosso deslocamento. Ledo engano, fomos forçados a voltar. Ainda bem que o erro foi de apenas uns 3,5 km, o grande problema de remar a favor do vento, porém, é que se neutraliza, em parte, a sensação de frescor provocada por ele.

Antes de consultar as datas dos mapas do Google Earth e da Carta Náutica da Marinha, eu achava que a diferença entre a fotografia e o terreno tinha como justificativa o período em que a fotografia foi tirada. A imagem poderia ter sido obtida durante uma das grandes cheias do Rio Tapajós e agora nos encontrávamos em plena vazante.

O episódio do frustrado atalho fez-me "*engarupar na anca da história*" e voltar ao caso da superprodução de tartaruguinhas, em 2009, no Tabuleiro Monte Cristo administrado pelo IBAMA. A produção que sempre girava em torno de 500.000 animaizinhos pulou, em 2009, para mais de um milhão. Logicamente as mamães tartarugas, tracajás e pitius acompanharam atentamente os resultados catastróficos provocados pela cheia de 2009 e precavidas procuraram, no final do mesmo ano, um local mais elevado e consequentemente mais propício para a desova. Os quelônios trocaram as praias em que normalmente desovavam pela segurança oferecida pelo Tabuleiro Monte Cristo, a única praia cuja cota garantia que ficaria fora do alcance das águas durante as grandes cheias na região.

Voltando ao nosso frustrado atalho. Depois de verificar que a fotografia, de baixa resolução do Google Earth, tirada em 31.12.1969, mostrava um acesso ao Rio que estava agora totalmente bloqueado, inferi que aconteceu um assoreamento provocado pelos sedimentos carreados pelo Igarapé em consequência do desmatamento sem controle de suas margens. A Carta Náutica, de 30.12.1984, a que mais tarde tive acesso, mostrava que na época em que foi confeccionada esta boca já não mais existia.

Continuando com a nossa jornada, acampamos em um enorme Banco de Areia na altura da Ponta Jaguarari onde depois aportou o simpático e festivo pessoal do Hospital Barco Avaré.

Partida de Jaguarari (26.10.2013)

Como no dia anterior, os ventos fortes e a canícula foram nossos maiores adversários. Procuramos contornar o problema realizando diversas paradas para nos refrescarmos e hidratarmos. Fizemos as duas últimas antes de Alter do Chão nas proximidades de duas belas Pousadas para poder degustar um bem-vindo refrigerante gelado bem mais barato do que o vendido na Praia de Alter.

Ao ultrapassarmos o extenso Banco de Areia do Cururu, ouvi um grito de "*Selva*" vindo da embarcação M. M. Vieira, ao que respondi imediatamente, e só então, ao olhar rapidamente para trás, identifiquei meu caro Amigo o TCel Eng Artur Clécio Aragão de Miranda.

Mais tarde soube, por ele, que havia uma comitiva com diversos Generais a bordo conhecendo as belezas do Rio Tapajós. Dentre eles estava o Comandante Militar do Norte (CMN) – General-de-Exército Osvaldo de Jesus Ferreira – da minha turma de engenharia da AMAN. O Gen Ferreira foi o primeiro, dos formandos de 1975, a acender ao mais alto posto da hierarquia militar.

Teria sido "*interessante*" cumprimentar, na oportunidade, um camarada que não vemos há 38 anos. Aportamos na Praia da Moça às 15h40, dez horas depois de iniciarmos nossa exaustiva jornada.

Praia da Moça (Ponta do Cururu)

Era notável a diferença da paisagem da região que observáramos quando por aqui passamos, no dia 10.10.2013, e a de hoje. As praias, que antes recém começavam a despontar, agora exibiam majestosamente suas imaculadas areias brancas. Uma das belas pedras da Praia ostenta uma pequena cruz que segundo o "*Magnata*" – guia turístico de Alter do Chão – foi onde o corpo de uma jovem foi encontrado após o naufrágio da embarcação que a transportava. Debaixo de uma das árvores, onde acampamos, sob a areia, encontram-se vestígios dessa embarcação.

Fiquei encantado com as inúmeras formações rochosas elaboradas pelas mãos do Grande Arquiteto do Universo. À primeira vista nos parece um caótico e desarranjado amontoado de grandes monólitos, mas um olhar mais atento, faz-nos descartar esta possibilidade. Há uma estranha e magnífica harmonia por trás desta aparente desordem. Cada formação apresenta um desenho único, uma inclinação, uma composição de cores, uma posição na linda praia que mais parece um museu de arte.

Ponta do Cururu – um Pedacinho do Céu Engastado no Tapajós

Travessos e atabalhoados Querubins provocaram a cisão de parte do Paraíso Celeste. Os atentos Arcanjos tentaram prontamente remediar o desastroso acontecimento procurando na terra um local onde o fragmento pudesse pousar suavemente e permanecer camuflado, oculto, despercebido pelo menos da grande maioria dos mortais.

Depois de vasculharem os ermos sem fim do Planeta Terra, encontraram um local apropriado na margem direita de um amazônico Rio cor de esmeralda, cuja paisagem compunha um cenário idílico compatível com aquela pequena fração do Éden.

Três belas enseadas foram então encravadas na ponta do Cururu, a NO de Alter do Chão, permanecendo ocultas aos olhos da maioria dos humanos que trafegam por aquela área, mais preocupados em desviar suas embarcações dos grandes bancos de areia ali existentes do que apreciar a paisagem ímpar daquelas plagas.

Amigos Investidores

Nossa jornada tapajônica só foi possível graças ao apoio incondicional do Exército Brasileiro por intermédio do Departamento de Cultura e Ensino do Exército (DCEx), do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), do 2° Grupamento de Engenharia (2°GptE), do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8°BEC) e do 53° Batalhão de Infantaria de Selva (53° BIS) além do necessário aporte financeiro patrocinado por 33 fiéis amigos investidores.

Parceiros de Fé

Nossa jornada tornou-se mais fácil graças à colaboração sempre pronta de dois grandes amigos expedicionários – o Cabo Eng Mário Elder Guimarães Marinho responsável pela segurança, apoio logístico e imagens da Expedição e o Soldado Eng Marçal Washington Barbosa Santos, parceiro de remadas e nosso caro "*mestre cuca*".

Próxima Jornada

No ano que vem encerrarei minhas amazônicas expedições realizando a descida de Santarém a Belém pelo Amazonas com o apoio do 2°GptE e 8°BEC. Júbilo e tristeza são sentimentos que amalgamados não consigo, por mais que queira, dissociar. Foram jornadas de superação, improvisação, deslumbramento e muito aprendizado mas, também, de etapas não cumpridas como o reconhecimento dos afluentes da Bacia do Juruá, a Descida dos Rios Acre/Purus, AM, e do Rio Branco, RR.

As dificuldades encontradas na Descida do Rio Juruá estão gravadas indelevelmente em minha memória e não pretendo correr os mesmos riscos novamente, dependendo da boa vontade das autoridades de cada cidade para continuar nosso desiderato. A falta de apoio das autoridades municipais de Itaituba mostrou como isso pode ser comprometedor se nos encontrarmos nos ermos sem fim de um Rio Acre, Purus ou Branco.

Ausência

(Felisbelo Jaguar Sussuarana)

Ausência – coração que foi gemendo,
Coração que ficou na dor voraz...
Alma que voeja, em ais se debatendo,
Em busca de outra já perdida em ais...
Ausência! ...
Negação de tudo quanto
Traduz na vida a essência
Do Prazer...

Em cada extremo um coração em pranto,
E a saudade no meio, a florescer...

A Floresta
(Augusto dos Anjos)

Em vão com o mundo da floresta privas! ...
– Todas as hermenêuticas sondagens,
Ante o hieróglifo e o enigma das folhagens,
São absolutamente negativas!

Araucárias, traçando arcos de ogivas,
Bracejamentos de álamos selvagens,
Como um convite para estranhas viagens,
Tornam todas as almas pensativas!

Há uma força vencida nesse mundo!
Todo o organismo florestal profundo
É dor viva, trancada num disfarce...

Vivem só, nele, os elementos broncos,
– As ambições que se fizeram troncos,
Porque nunca puderam realizar-se!

Ausência
(Felisbelo Jaguar Sussuarana)

Ausência – coração que foi gemendo,
Coração que ficou na dor voraz…
Alma que voeja, em ais se debatendo,
Em busca de outra já perdida em ais…

Ausência!…
Negação de tudo quanto
Traduz na vida a essência
Do Prazer…

Em cada extremo um coração em pranto,
E a saudade no meio, a florescer…

A Nau

(Augusto dos Anjos)

A Heitor Lima

Sôfrega, alçando o hirto ([95]) esporão guerreiro,
Zarpa. A íngreme cordoalha úmida fica
Lambe-lhe a quilha a espúmea onda impudica
E ébrios tritões ([96]), babando, haurem-lhe ([97]) o cheiro.

Na glauca ([98]) artéria equórea ([99]) ou no estaleiro
Ergue a alta mastreação, que o éter indica,
E estende os braços de madeira rica
Para as populações do mundo inteiro!

Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda
Para e, a amarra agarrada à âncora, sonha!
Mágoas, se as tem, subjugue-as ou disfarce-as...

E não haver uma alma que lhe entenda
A angústia transoceânica medonha
No rangido de todas as enxárcias ([100])!

Rio Símbolo

(Felisbelo Jaguar Sussuarana)

[...] Vens de longe correndo, vens vencendo saltos e cachoeiras altaneiras, beijando praias e barrancos altos, dando vida e valor, dando alegria à ubertosa região de que és senhor. A marcha a te deter quem ousaria, ó rico e belo flúmen brasileiro? [...]

---

[95] Hirto: teso.

[96] Tritões: deuses marinhos de ordem inferior.

[97] Haurem-lhe: sorvem-lhe.

[98] Glauca: esverdeada.

[99] Equórea: do alto-mar.

[100] Enxárcias: os cabos de um navio que seguram os mastros e mastaréus.

Imagem 58 – Ribeirinhos no Rio Tapajós, PA

Imagem 59 – Praia da Moça, Alter do Chão, PA

Imagem 60 – Praia da Moça, Alter do Chão, PA

Imagem 61 – Praia da Moça, Alter do Chão, PA

Redescobrindo o Berço da Humanidade

História da Companhia de Jesus
(Padre Serafim Leite)

É notável, em particular, a sagacidade e instruções que dá para a agricultura amazônica, hoje ultrapassadas, mas verdadeiro tratado de economia agrícola, bem superior às ideias do seu tempo; refere-se já à indústria hidráulica aplicada, utilização dos ventos; sobre os Índios e crendices populares [os homens marinhos] e sobre a etnografia de inúmeras tribos, tatuagem, relações sociais, culto indígena e ciumeira dos maridos, variadas notícias, produto de inigualável observação, direta e amena. Além disto, indicações locais, geográficas e históricas, que, ao menos no tocante aos fatos de seu tempo, se constituem genuínas fontes para a história geral do grande Rio. João Daniel enquadra-se no grupo admirável de escritores que deixaram o seu nome ligado à história do Amazonas. Em todas as partes do Mundo os Jesuítas manejaram a pena. De poucas terão deixado tantos monumentos escritos como desta. (LEITE)

A partir da virada do século, tive a oportunidade de ler inúmeras citações de vários pesquisadores sobre interessantes trechos do "*Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*", de autoria do Padre João Daniel.

Em 2004, visivelmente fascinado com tudo o que lera até então, adquiri a obra editada pela Livraria Contraponto e fiquei mais extasiado ainda com a riqueza de detalhes desta verdadeira Enciclopédia Amazônica considerada, por muitos, como a "*Bíblia Ecológica da Amazônia*".

Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas

Fonte: César Benjamin (Editora Contraponto)

A versão manuscrita do Tesouro Descoberto tem 766 páginas. Desde 1810 as cinco primeiras partes, de um total de seis, estão depositados nos acervos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, para onde foram trazidas, em 1808, por Dom João VI, preocupado em evitar a captura do precioso texto pelos exércitos de Napoleão Bonaparte que avançavam sobre Portugal. A sexta parte, dividida em duas, foi perdida e depois reencontrada na Biblioteca de Évora. Somente em 1976 a Biblioteca Nacional estabeleceu a versão completa e definitiva do manuscrito, inclusive com a parte depositada em Évora, recebida em microfilme.

Padre João Daniel

Eu gemendo e chorando opresso com o peso da minha cruz, submergido, e enterrado vivo no funesto sepulcro, e subterrânea cova da minha prisão vou pedindo a Deus piedade, e misericórdia: e que com a sua se digne santificar a minha cruz. (DANIEL)

João Daniel nasceu em Travassos, Província de Beira Alta, Portugal, em 24.07.1722. No dia 17.12.1739, em Lisboa, Portugal, ingressou na Companhia de Jesus, e dois anos depois foi enviado para o Maranhão e Grão-Pará, onde completou sua formação no Colégio Máximo São Luís, dez anos depois. Viveu seis anos na fazenda Ibirajuba, considerada, na época, a melhor possessão dos jesuítas onde conviveu com nativos de diversas aldeias. João Daniel, durante os 16 anos de sua permanência na Amazônia, realizou um metódico e profundo trabalho interdisciplinar, coletando dados sobre a região.

Este material foi arquivado em incontáveis anotações e gravado na sua memória prodigiosa que, mais tarde, se tornariam fonte inspiradora de sua monumental obra.

Em 1757, o Marquês de Pombal determinou que todos os jesuítas fossem presos e deportados. O Padre João Daniel foi encarcerado no Forte Almeida, Portugal, de 1758 a 1762 e, depois, na Torre Julião, até o dia de seu falecimento em 19.01.1776. Na sua reclusão, o Padre redigiu seus comentários com a ponta de alfinete no papel de "*embrulho das quartas de tabaco, das folhas mancas dos Breviários que ia arrancando, do registro dos Santos e das Bulas feitas em tiras*". Sua obra, escrita durante os 18 anos em que permaneceu cativo, revela com riqueza de detalhes incomparável três temas fundamentais: a terra, o homem e a cultura da Amazônia do século XVIII.

Relatos Pretéritos

Barbosa Rodrigues, Gonçalves Tocantins e Henri Coudreau mencionam nos seus relatos, sobre a Cosmogania Mundurucu, uma certa Maloca Acupari (Cupari) e a origem das raças que se originaram de cavernas ou fendas.

Henri Coudreau (1895)

> Um dia, diz a lenda Mundurucu, os homens apareceram sobre a terra. Ora, os primeiros homens que os animais das florestas viram por entre as selvas e as savanas foram os que fundaram a Maloca de Acupari. Certo dia, entre os homens da Maloca de Acupari, surgiu Caru-Sacaebê, o Grande Ser. [...] Em seguida, olhando para as plumas que plantara em redor da Aldeia, ergueu a mão de um horizonte ao outro.

> A este apelo, moveram-se as montanhas, e o terreno onde se localizava a antiga Maloca tornou-se uma enorme caverna. [...] Aí, como Pompeu, bateu com o pé no chão. Uma larga fenda se abriu. O velho Caru dela tirou um casal de todas as raças: um de Mundurucu, um de Índios [porque os Mundurucu não pertencem à mesma raça que os Índios, mas são de uma essência superior], um casal de brancos e um de negros. (COUDREAU)

João Daniel (1758-1776)

Embora o Padre João Daniel faça relatos distintos a respeito de dois monumentos naturais na Bacia do Tapajós, alguns pesquisadores, dentre eles eu e o Padre Sidney Augusto Canto, advogam a possibilidade de que se trate do mesmo local. João Daniel, certamente, coletou estes relatos de fontes diversas, daí a divergência na indicação da localização correta dos referidos monumentos naturais, ora junto à catadupa do Rio Tapajós, denominado Convento ou Fábrica, ora no Rio Cupari, citado como uma Igreja.

VOLUME I

PARTE PRIMEIRA

CAPÍTULO 10°

DE ALGUMAS COISAS NOTÁVEIS DO AMAZONAS

> [...] Entre os mais Rios e Ribeiras que recolhe o Tapajós é um o Rio Cupari, a pouca mais distância de três dias e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio chamado Santa Cruz; é célebre este Rio, mais que pelas suas riquezas, de muito cravo, por uma grande lapa feita, e talhada por modo de uma grande "*Igreja*", ou "*Templo*", que bem mostra foi

obra de arte, ou prodígio da natureza. É grande de cento e tantos palmos no comprimento; e todas as mais medidas de largura e altura são proporcionadas segundo as regras da arte, como informou um missionário jesuíta, dos que missionavam no Rio Tapajós, que teve a curiosidade de lhe mandar tomar bem as medidas. Tem seu portal, corpo de "*Igreja*", Capela-mor com seu arco; e de cada parte do arco, uma grande pedra por modo de dois Altares colaterais, como hoje se costuma em muitas Igrejas; dentro do arco e Capela-mor, tem uma porta para um lado, para serventia da sacristia. O missionário que aí quiser fundar missão já tem bom adjutório ([101]) na Igreja, e não o desmerece o lugar, que é muito alegre. [...] (DANIEL)

....

CAPÍTULO 11°

PROSSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA DAS COISAS NOTÁVEIS DO AMAZONAS

Junto à catadupa do Rio Tapajós, acima da sua Foz, pouco mais de cinco dias de viagem, está uma fábrica, a que os portugueses chamam "*Convento*", por ter o feitio dele. Consiste este em um comprido corredor com seus cubículos por banda, e com suas janelas conventuais em cada ponta do corredor. É "*Fábrica*", segundo me parece das poucas notícias que dão os Índios brutais em cujas terras estão, de <u>pedra</u> e <u>cal</u>, e conforme a sua muita antiguidade, mostra ser feito por mãos de bons mestres. É todo de abóbada, e muito proporcionado nas suas medidas, e não é feito, ou cavado em rochedo por modo de lapa, ou concavidade, como são os templos supra, mas obra levantada sobre a terra.

---

[101] Adjutório: auxílio.

> Alguns duvidam se toda a "*Fábrica*" consta de uma só pedra, porque não se lhe veem as junturas: famoso calhau se assim é e, na verdade, só sendo um inteiro calhau parece podia durar tanto, pois segundo o ditame da razão se infere que ou é obra antes do universal dilúvio, ou ao menos dos primeiros povoadores da América que, por tão antigos, ainda se não sabe decerto donde foram, e donde procedem. A tradição, ou fábula, que de pais a filhos corre nos Índios, é que ali moraram, e viveram nossos primeiros pais, de quem todos descendem, brancos e Índios; porém que os Índios descendem dos que se serviam pela porta, que corresponde às suas Aldeias, e que por isso saíram diferentes na cor aos brancos, que descendem dos que tinham saído pela porta correspondente à Foz, ou Boca do Rio [...] (DANIEL)

Georreferenciando o Berço da Humanidade
(04°09'32,8" S / 55°25' O)

Quando estive no Tapajós pela primeira vez, em janeiro de 2011, tentei chegar por água ao "*Berço da Humanidade*", subindo o Rio Cupari. A tentativa foi frustrada por uma queda d'água impossível de ultrapassar com a voadeira que nos transportava.

Quando aportamos na margem direita do Rio, preparando-nos para voltar, ouvi o som de motores de caminhão nas proximidades e georreferenciei a posição. Retornando a Santarém localizei a posição marcada no Google Earth e verifiquei que a mesma ficava muito próxima da Rodovia Transamazônica (BR-230), decidi, então, realizar uma nova tentativa pela estrada.

No dia 02.02.2011, emblematicamente no dia de "*Nossa Senhora dos Navegantes*", encontrei, ainda que parcialmente encoberta pelas águas, estávamos no

inverno amazônico, as cavernas mencionadas pelo Padre João Daniel e presentes na Cosmogonia Mundurucu. Determinado a reconhecê-las, programei uma ida, na estiagem, para realizar nova investida.

Berço da Humanidade

Realizei neste ano (2013) a tão aguardada navegação pelo Tapajós, em pleno verão amazônico com o intuito de pesquisar, novamente, o local na vazante do Rio Cupari.

No dia 04.10.2013, visitei a área acompanhado de meus caros amigos expedicionários, do Grupo Fluvial do 8°BEC, Cabo de Engenharia Mário Elder Guimarães Marinho e o Soldado Eng Marçal Washington Barbosa Santos e conduzidos pelo motorista do Subcomandante do Batalhão – TCel Eng Artur Clécio Aragão de Miranda, o Sd Eng Ademario César Guerra Costa Neto.

Chegamos por volta das onze horas e, mesmo em jejum, não consegui ingerir qualquer alimento tal era minha ansiedade.

Tomei um copo de refrigerante, desci célere pela trilha até as cavernas e fiquei satisfeito com o que vi – as águas estavam suficientemente baixas para que pudéssemos adentrar nas furnas de montante, submersas em 2011.

A grande lapa mencionada por Daniel é uma grande caverna de arenito calcário contendo grandes quantidades de óxido de ferro que há milhares de anos sofreu infiltração d’água (ele menciona que a formação é de pedra e cal) criando estalactites e estalagmites de beleza singular de cor avermelhada em virtude da presença do óxido ferroso.

As grandes colunas e corredores de calcário de tons avermelhados suavemente matizados, magnificamente torneados estimularam nossos sentidos e fizeram emergir de nosso íntimo os sentimentos mais elevados e, evidentemente, esta sensação não deve ter sido diferente da experimentada pelos observadores pretéritos. É lógico, portanto, que a grandiosidade e perfeição destas formações naturais tenham estimulado a imaginação das pessoas produzindo relatos fantásticos que, por fim, chegaram aos ouvidos atentos do Padre João Daniel.

Estalactites e Estalagmites

As formações que partem do teto da caverna para baixo são denominadas estalactites, e estalagmites quando crescem a partir do chão para cima. Ambas são produzidas pelo gotejamento d'água através das fendas das paredes das cavernas de rocha calcária, carregando consigo parte deste calcário. Um ínfimo anel de calcita, quando em contato com o ar, precipita-se na base de cada gota. Cada uma dá origem a um novo e diminuto anel, consolidando formas cônicas e pontiagudas denominadas estalactites. As estalagmites, por sua vez, possuem forma mais grosseira, mais arredondada e menos pontiaguda com a tendência de se unir à estalactite dando origem a uma coluna.

O processo de crescimento destes elementos é demorado e ininterrupto variando entre 0,01 mm a 3 mm por ano dependendo da quantidade d'água, velocidade de gotejamento, pureza do calcário e temperatura. Quando as estalactites seguem as frestas do teto da caverna atingem dimensões bem maiores como as que observamos no Berço da humanidade, formando verdadeiros corredores.

Imagem 62 – Ponta do Cururu, Alter do Chão, PA

Imagem 63 – Enseada das Pedras, Alter do Chão, PA

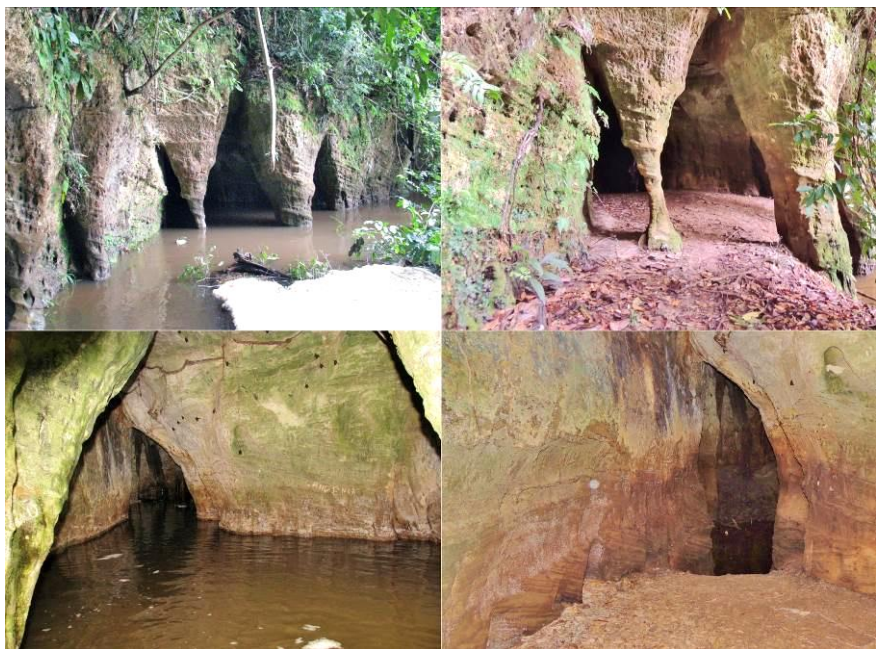



Imagem 64 – B. da Humanidade (02.2011 e 11.2013)

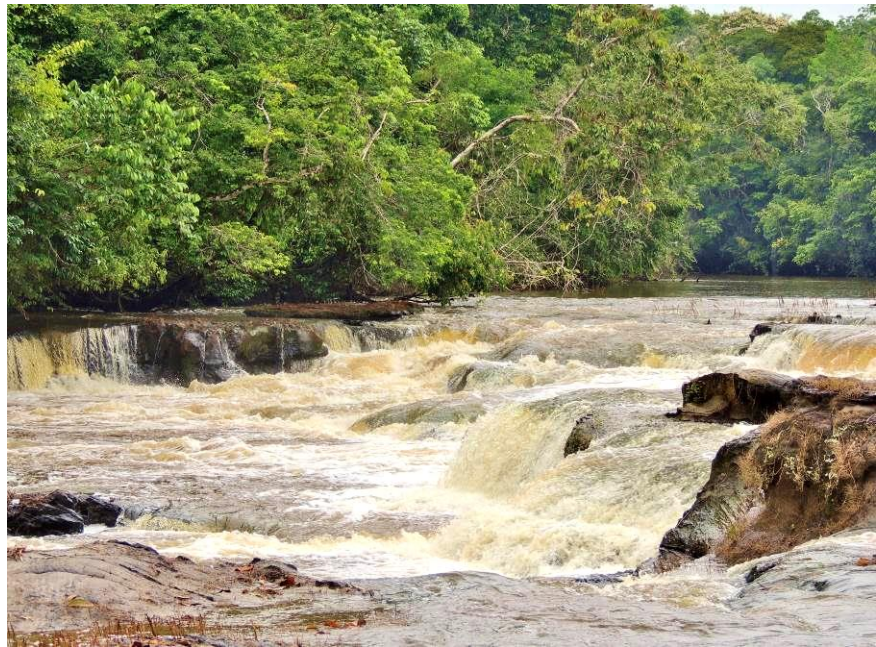



Imagem 65 – Rio Cupari, Itaituba, PA

Imagem 66 – Berço da Humanidade, Itaituba, PA

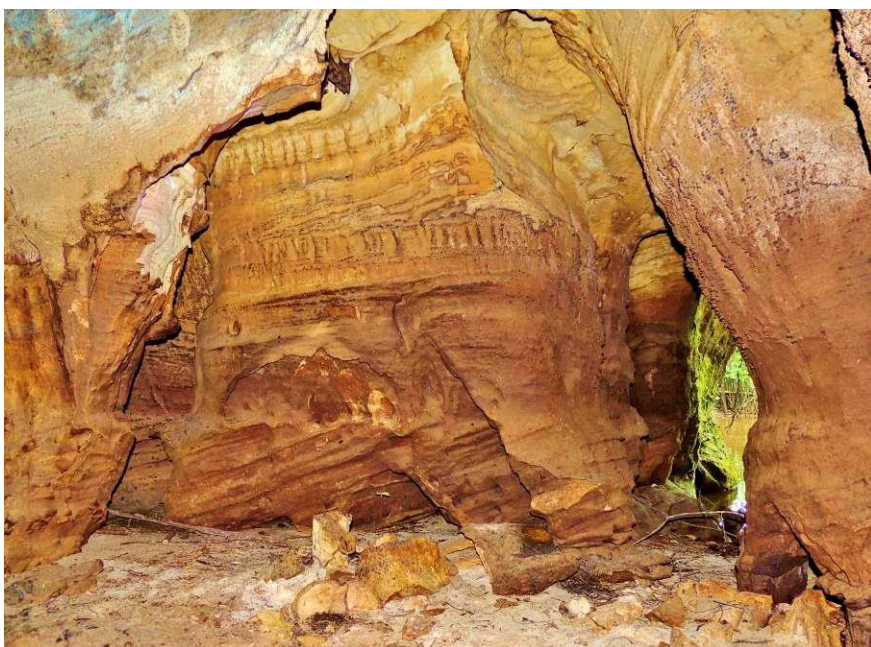



Imagem 67 – Berço da Humanidade, Itaituba, PA

Imagem 68 – Berço da Humanidade, Itaituba, PA

Imagem 69 – Berço da Humanidade, Itaituba, PA

Bibliografia

A MANHÃ, N° 99. ***A Miséria da Fordlândia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Manhã, n° 99, 18.08.1935.*

ACUÑA & CARVAJAL & ROJAS – Christóbal de Acuña & Gaspar de Carvajal & Alonso de Rojas. ***Descobrimentos do Rio das Amazonas (1945)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1941.*

ACUÑA, Christóbal de. ***Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*** *– Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.*

AGASSIZ, Luís Agassiz & Elizabeth Cary Agassiz. ***Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

ALMEIDA, Cândido Mendes de. ***Pinsonia: Elevação do Território Setentrional da Província do Grão Pará à Categoria de Província com essa Denominação*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Nova Tipografia de João Paulo Hildebrandt, 1873.*

ARNAUD, Expedito. ***Os Índios Munduruku e o Serviço de Proteção aos Índios*** *– Brasil – Belém, PA – CEJUP, 1989.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico Sobre a Província do Pará (1839)*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2004.*

BARATA, Frederico. ***A Arte Oleira dos Tapajó III*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista do Museu Paulista, 1954.*

BARATA, Frederico. ***A Arte Oleira dos Tapajó: I*** *– Brasil – Belém, PA – Revista do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1950.*

BARATA, Frederico. ***O Muiraquitã e as Contas dos Tapajó*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista do Museu Paulista, 1954.*

BARATA, Frederico. ***Uma Análise Estilística da Cerâmica de Santarém*** *– Brasil – Belém, PA – Revista do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1953.*

BARDI, P. M. ***Arte da Cerâmica no Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Banco Sudameris, 1980.*

BATES, Henry Walter Bates. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.*

BETTENDORF, Padre João Filipe. ***Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*** *– Brasil – Brasília, DF – Edições do Senado Federal, 2010.*

BITAR, Rosana. ***Arte e Transcendência a Obra de Ruy Meira*** *– Brasil – Belém, PA – Estacon Engenharia, 1991.*

CAPUCCI, Victor Zappi. ***Fragmentos de Cerâmica Brasileira*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Nacional, 1987.*

CARETA, N° 1.159. ***Na Fordlândia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição 1.159, 06.09.1930.*

CARNEIRO, Glauco. ***História das Revoluções Brasileiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edições O Cruzeiro, 1965.*

CARVAJAL, Gaspar de. ***Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*** *– Brasil – São Paulo, SP – Consejería de Educación – Embajada de España – Editorial Scritta, 1992.*

CAZAL, Manoel Ayres de. ***Corografia Brasílica ou Relação Histórico Geográfica do Reino do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Régia, 1817.*

CERQUEIRA E SILVA, Ignacio Accioli de. ***Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*** *– Brasil – Salvador, BA – Imprensa Oficial do Estado, 1919-1925.*

COHEN, Jacob – ***Fordlândia: a Grande Interrogação do Futuro*** *– Brasil – Belém, PA – Casa Editora Guajarina, 1929.*

CONDAMINE, Charles-Marie de La. ***Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

CORRÊA, Conceição Gentil. ***Estatuetas de Cerâmica na Cultura Santarém*** *– Brasil – Belém, PA – Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965.*

CORREIO DA MANHÃ, N° 1, 1959. ***Jacareacanga uma Cooperativa na Selva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Almanaque do Correio da Manhã, n° 1, 1959.*

CORREIO DA MANHÃ, N° 1026. ***O que se Passa nas Terras de Ford, na Região do Tapajós*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã, n° 1026, 21.08.1929.*

COSTA, Angyone. ***As Aculturações Oleiras e a Técnica da Cerâmica na Arqueologia do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais do Museu Histórico Nacional – Volume VI, 1945.*

COUDREAU, Henri Anatole. ***Viagem ao Tapajós*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1940.*

CUNHA, Euclides da. ***Entre os Seringais*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Kósmos, 03.01.1906.*

DA MATTA, Alfredo. ***Cai e Cauxi*** *– Brasil – Manaus, AM – Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 1934.*

DANIEL, João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Contraponto Editora, 2004.*

DDM, N° 982. ***A Borracha do Pará na Índia*** *– Brasil – São Luís, MA – Diário do Maranhão, n° 986, 14.11.1876.*

DE SOUZA, Gabriel Soares. ***Tratado Descritivo do Brasil em 1587*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Hedra, 2010.*

DOMINGUES, Ângela. ***Quando os Índios Eram Vassalos. Colonização e Relações de Poder no Norte do Brasil na Segunda Metade do Século XVIII*** *– Portugal – Lisboa – Comissão Nacional Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP), 2000.*

DRUMMOND, José Augusto. ***Aventuras e Desventuras de um Biopirata*** *– Brasil – Belém, PA – Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas – Volume 4 – n° 3, Setembro/Dezembro de 2009.*

DUTRA, Manuel. ***Flerte Sagrado*** *(baseado na obra de Elísio Eden Cohen) – Brasil – Santarém, PA – redemocoronga.org.br, 2013.*

EXCELSIOR, N° 32. ***Notas e Comentários*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Excelsior, Ano III, n° 32, setembro de 1930.*

FRANCO, Eymar. ***O Tapajós que eu vi*** *– Brasil – Santarém, PA – Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 1998.*

GOMES, Denise Maria Cavalcante. ***Cerâmica Arqueológica da Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2002.*

GRANDIM, Greg. ***Fordlândia: Ascensão e Queda da Cidade Esquecida de Henry Ford na Selva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Rocco, 2010.*

GRUBER, Maria Jussara Gomes. ***Os Índios Ticuna como Agentes de um Processo de Educação Integrada*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Pré Conferência do XXV Congresso Mundial da INSEA, 1984.*

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. ***Os Tapajó: Arqueologia e História*** *– www.historiaehistoria.com.br, 2004.*

HAGEN, Victor Wolfgang Von. ***South America Called Them: Explorations of the Great Naturalists: La Condamine, Humbolt, Darwin, Spruce*** *– USA – New York – Alfred A. Knopf, 1945.*

HARTT, Carlos Frederico. ***A Origem da Arte ou a Evolução da Ornamentação*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Arquivos do Museu Nacional – Volume VI, 1885.*

HELFERICH, Gerard. ***O Cosmos de Humboldt*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Objetiva, 2005.*

HERIARTE, Maurício de. ***Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas (1662–1667)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Melhoramentos, 1946.*

HESSE, Hermann. ***Sidarta*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Record, 2000.*

IHERING, Von Hermann. ***Arqueologia Comparativa do Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista do Museu Paulista – Volume VI, 1904.*

JORNAL DO COMÉRCIO, N° 9.097. ***O Que Vai pelo Mundo*** *– Brasil – Manaus, AM – Jornal do Comércio, n° 9.097, 17.08.1930.*

KAULEN, Lourenço. ***CARTA do Jesuíta Lourenço Kaulen à D. Maria Ana d'Áustria, Rainha-Mãe de Portugal, [...] para que os Padres Alemães Pudessem Trabalhar Junto aos Índios, na Região dos Rios Tapajós e Xingu*** *– Brasil – Belém, PA – Catálogo Eletrônico IEB/USP – Acervo: Alberto Lamego – Código AL-001-029 – Mapoteca 02 – Gaveta 04, 16.11.1753.*

LAPORTE, Joseph de. ***O Viajante Universal, ou Notícia do Mundo Antigo e Moderno*** *– Volume 28 – Portugal – Lisboa – Tipografia Rollandiana, 1804.*

LEITE, Serafim. ***História da Companhia de Jesus*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Civilização Brasileira, 1945.*

LEOPOLDI, José Sávio. ***A Guerra Implacável dos Mundurucu*** *– Brasil – Londrina, PR – XXIII Simpósio Nacional de História (ANPUH), 2005.*

LÉVI–STRAUSS, Claude. ***A Oleira Ciumenta*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Brasiliense, 1986.*

MENEZES FERREIRA, Lucio. ***Território Primitivo – A Institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 2010.*

MOREIRA, Pedro Rogério. ***JK, Bela Noite Para Voar: um Folhetim Estrelado por JK*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Relume Ltdª, 2006.*

MOTTIN, Antônio J. S. ***Italianos no Brasil: Contribuições na Literatura e nas Ciências: Séculos XIX e XX*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 1999.*

NIMUENDAJÚ, Curt. ***Nimongaraí: o Batismo Ritual de Nimuendajú*** *– Brasil – Brasília, DF – Revista Brasileira de Linguística Antropológica – Volume 2, julho de 2010.*

NORONHA, José Monteiro de. ***Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*** *– Brasil – Belém, PA – Typographia de Santos & Irmãos, 1862.*

O CRUZEIRO, N° 04, 06, 07. ***O Homem Domador da Natureza...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro – 28.11.1931, 12 e 19.12.1931.*

O CRUZEIRO, N° 21. ***Pequena história de uma Revolução*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro – 10.03.1956.*

O CRUZEIRO, N° 22. ***Depoimento Inédito dos três Revolucionários Desterrados em Santa Cruz de La Sierra*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, 17.03.1956.*

O IMPARCIAL, N° 2.540. ***O Caso da Fordlândia*** *– Brasil – São Luís, MA – O Imparcial, N° 2.540, 17.02.1931.*

ORICO, Osvaldo. ***Vocabulário de crendices Amazônicas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1937*

PACOTILHA, N° 188. ***A Dissolução dos Costumes na Fordlândia*** *– Brasil – São Luís, MA – Pacotilha, n° 188, 21.08.1930.*

PACOTILHA, N° 292. ***O Caso da Fordlândia*** *– Brasil – São Luís, MA – Pacotilha, n° 292, 10.12.1928.*

PENNA, Domingos Soares Ferreira. ***A Região Ocidental da Província do Pará – Resenhas Estatísticas das Comarcas de Óbidos e Santarém*** *– Brasil – Belém, PA – Tipografia do Diário de Belém, 1869.*

PEREIRA, Franz Kreuther. ***Painel de Lendas & Mitos da Amazônia*** *– Brasil – Belém, PA – Editora Academia Paraense de Letras, 2001.*

RAMOS, Arthur. ***Introdução à Antropologia Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Editora da Casa, 1961.*

RBG (Revista Brasileira de Geografia). ***Vultos da Geografia do Brasil Henri-Anatole Coudreau*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Abril-Junho de 1943.*

Ribeiro, Darcy. ***Os Índios e a Civilização*** *– Brasil – Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 1979.*

RODRIGUES DOS SANTOS, Paulo. ***Tupaiulândia*** *– Brasil – Santarém, PA – Instituto Cultural Boanerges Sena, 1999.*

RODRIGUES, João Barbosa. ***Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. O Rio Tapajós*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Nacional, 1875.*

RODRIGUES, João Barbosa. ***O Muyrakitã e os Ídolos Symbolicos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1899.*

RODRIGUES, João Barbosa. ***As Heveas ou Seringueiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1900.*

SANTOS, Francisco Jorge dos. ***Dossiê Mundurucu: uma Contribuição para a História indígena da Amazônia Colonial*** *– Brasil – Manaus, AM – Boletim Informativo do Museu Amazônico – Fundação Universidade do Amazonas, 1995.*

SCHAAN, Denise Pahl. ***A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 1997.*

SENA COSTA, João Batista. ***Neotectônica da Região Amazônica: Aspectos Tectônicos, Geomorfológicos e Deposicionais*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Instituto de Geociências – igc.ufmg.br – GEONOMOS, 4 (2): 23-44 (digital), 2013.*

SENA, Cristovam. ***Fordlândia: Breve Relato da Presença Americana na Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Cadernos de História da Ciência – volume 4 – n° 2, 2008.*

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. ***Navegação do Rio Tapajós para o Pará pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Tomo IX – 1° Trimestre de 1847 – Tipografia de João Ignácio da Silva, 1869.*

SERRÃO, Maickson Santos. ***Boim Contra os Ingerados*** *– Brasil – Santarém, PA – boim.redemocoronga.org.br, 2013.*

SERRÃO, Maickson Santos. ***Lenda da Igreja*** *– Brasil – Santarém, PA – boim.redemocoronga.org.br, 2011.*

SILVA COUTINHO, João Martins da. ***Ofício dirigido ao Presidente da Província logo Depois de ter Regressado do Purus*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Universal de Laemmert, 1865.*

SOUSA, Marechal Boanerges Lopes de. ***Do Rio Negro ao Orenoco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1959.*

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix & Carl Friedrich Philipp Von Martius. ***Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda. - Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

SUSSUARANA, Felisberto. ***Santarém antes da sua Fundação*** *– Brasil – Santarém, PA – Programa da Festa de Nossa Senhora da Conceição (PFNSC), 1991.*

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. ***No Bom da Festa: o Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora da Universidade de São Paulo, 2003.*

*TDI, N° 1.947. P***aulo Vítor, Lameirão e Gunther no Rio 4ª Feira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tribuna da Imprensa, n° 1.947, 28.05.1956.*

TDI, N° 1.950. ***Os Rebeldes de Jacareacanga Voltam a ver os seus Filhos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tribuna da Imprensa, n° 1.950, 31.05.1956.*

TDI, N° 1.959. ***Lameirão e Gunther com Novas Funções*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tribuna da Imprensa, n° 1.959, 11.06.1956.*

VARGAS & ALMEIDA - Marcelo Coutinho Vargas & Marcelo Fetz de Almeida. ***Biodiversidade, Conhecimento Tradicional E Direitos De Propriedade Intelectual No Brasil: Por Uma Abordagem Transcultural Compartilhada*** *– Brasil – São Carlos, SP – Revista de Ciência Política (digital), 2006.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.*

ZIEGLER, Maria Fernanda. ***A Derrapada do Ford*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Abril (digital), 2008.*

Convido-os a participar da malograda Expedição Langsdorff pela Bacia do Tapajós que, apesar do infortúnio que se abateu sobre seu líder, é reconhecida como uma das mais importantes do século XIX. Graças a ela pudemos tomar conhecimento dos costumes e da língua dos Mundurucu, Apiacá e Guaná.

Vamos conhecer a vida de Sir Henry Alexander Wickham, responsável pelo furto de sementes da seringueira (Hevea brasiliensis) de seu habitat amazônico provocando um total colapso no ciclo da borracha e um gradual esvaziamento econômico da região amazônica.

Acompanhemos a desdita de Henry Ford nas regiões de Fordlândia e Belterra. Um empreendimento faraônico no qual ficou patente a má gestão e a falta de compreensão das coisas e das gentes da Amazônia.

Descortinemos as maquinações da Revolta de Jacaré-Acanga, redescubramos o Berço da Humanidade e desvendemos os mistérios da Cerâmica Tapajoara dentre outros tantos segredos perdidos no longínquo pretérito tapajônico.

Coronel Hiram Reis e Silva
(Pesquisador Militar)